



Fantasma do Mercado das Sombras

Livros 1 a 8

Cassandra Clare
e
Sarah Rees Brennan

Filho do Amanhecer
Fantasmas do
Mercado das Sombras

Nova York, 2000.

Cada mundo contém outros em si. As pessoas vagam por todos os mundos que conseguem encontrar, procurando seus lares.

Alguns humanos achavam que seu mundo era o único. Mal sabiam que havia outros tão próximos do seu quanto outro cômodo, que demônios tentavam encontrar uma porta que os ligasse, ou que os Caçadores de Sombras bloqueavam essas portas. Sabiam menos ainda sobre o Submundo, a comunidade de criaturas mágicas que compartilhava de seu mundo e talhava um pequeno nicho ali.

Toda comunidade precisa de um coração. Tem de haver uma área comum onde todos podem se reunir, para trocar bens e segredos, encontrar amor e riquezas. Havia Mercados das Sombras, onde os integrantes do Submundo e aqueles com o dom da Visão se encontravam, em todo o mundo. E normalmente essas reuniões aconteciam a céu aberto.

Até a magia era um pouco diferente em Nova York.

O teatro abandonado na Canal Street estava lá desde os anos de 1920; uma testemunha silenciosa, mas que não fazia parte do fervor de atividade que era a cidade. Humanos sem Visão passavam apressados pela fachada de terracota. Se resolvessem dar uma olhada no prédio, eles o veriam escuro e silencioso como sempre.

Não eram capazes de enxergar a névoa de luz de fadas que transformava o anfiteatro destruído e os corredores de concreto vazios em ouro. O Irmão

Zachariah conseguia.

Ele caminhava, uma criatura feita de silêncio e escuridão, através dos corredores com azulejos amarelos como o sol e encimados por reluzentes painéis dourados e vermelhos. Havia bustos antigos, cheios de fuligem, em nichos na parede, mas naquela noite as fadas providenciaram flores e hera para envolvê-los. Nas janelas tapadas com tábuas, lobisomens haviam colocado enfeites brilhantes, que representavam a lua e as estrelas e emprestavam seu brilho às cortinas vermelhas deterioradas, ainda pendentes das molduras arqueadas. As lanternas em suas armações lembravam ao Irmão Zachariah que, muito tempo atrás, ele e o mundo eram diferentes. Do teto de um salão reverberante, pendia um lustre sem uso havia anos, mas, então, a magia dos feiticeiros tinha envolvido cada lâmpada com uma chama de cor diferente. Como gemas incandescentes, ametista, rubi, safira e opala, sua luz criava um mundo particular ao mesmo tempo novo e velho, e restaurava a glória de outrora do teatro. Alguns mundos duravam apenas uma noite.

Se o Mercado tivesse o poder de emprestar calor e luminosidade por apenas uma noite, o Irmão Zachariah teria aceitado.

Uma fada insistente tentara lhe vender um amuleto do amor por quatro vezes. Zachariah gostaria que um amuleto assim funcionasse. Criaturas inumanas como ele não dormiam, mas às vezes ele se deitava e descansava, torcendo por alguma coisa parecida com paz. Mas esta nunca vinha. E ele passava longas noites sentindo o amor escorrer pelos dedos; a essa altura mais uma lembrança que uma sensação.

Irmão Zachariah não pertencia ao Submundo. Era um Caçador de Sombras, e não apenas isso, mas um dos membros da Irmandade — vestidos de capa e capuz e dedicados a segredos arcaicos e aos mortos, jurados e marcados pelo silêncio e afastamento de qualquer mundo. Até mesmo seus semelhantes temiam os Irmãos do Silêncio, e os integrantes do Submundo normalmente evitavam qualquer Caçador de Sombras, mas já estavam acostumados à presença daquele, em particular, nos Mercados. O Irmão Zachariah frequentava Mercados das Sombras havia cem anos, em uma longa busca que ele próprio tinha começado a considerar infrutífera. Mesmo assim, continuava procurando. Tinha pouco, mas uma coisa da qual dispunha era tempo, e sempre tentara ser paciente.

Naquele dia, no entanto, ele já se decepcionara. O feiticeiro Ragnor Fell não tinha nada para ele. Nenhum de seus outros poucos contatos, dolorosamente reunidos ao longo de décadas, viera àquele Mercado. Ele continuava ali não por gostar do Mercado das Sombras, mas porque se lembrava de um dia já ter se divertido em um.

Eram como uma fuga, mas o Irmão Zachariah mal se lembrava do desejo de escapar da Cidade dos Ossos, que era seu lugar. Sempre no fundo da mente, frias como a maré esperando para cobrir e arrastar todo o resto, estavam as vozes de seus Irmãos.

Elas o chamavam para casa.

Irmão Zachariah se virou sob o brilho das janelas. Estava saindo do Mercado, passando pela multidão que ria e negociava, quando ouviu uma voz feminina dizer seu nome:

— Conte-me outra vez por que queremos esse Irmão Zachariah. Os Nephilim normais já são ruins. Anjo nas veias, sempre de cara amarrada, e aposto que com os Irmãos do Silêncio é muito pior. Com certeza, não podemos levá-lo ao karaokê.

A mulher falava em inglês, mas uma voz de menino respondeu em espanhol:

— Silêncio. Acabo de vê-lo.

Era uma dupla de vampiros, e, quando se virou, o menino levantou a mão para atrair sua atenção. Parecia ter, no máximo, 15 anos, e a outra parecia uma jovem de mais ou menos 19, mas isso não significava nada para Zachariah. Ele também parecia jovem.

Era raro que um desconhecido do Submundo quisesse sua atenção.

— Irmão Zachariah? — chamou o menino. — Vim aqui para encontrá-lo. A mulher assobiou.

— Agora vejo por que o queremos. Olá, Irmão Gatoariah.

Para me encontrar?, o Irmão Zachariah perguntou ao menino. Ele sentiu o que outrora teria sido surpresa, e agora era ao menos intriga. Posso lhe ser útil em alguma coisa?

— Certamente. Espero que sim — respondeu o vampiro. — Sou Raphael Santiago, segundo em comando do clã de Nova York, e não gosto de pessoas inúteis.

A mulher acenou.

— Sou Lily Chen. Ele é sempre assim.

Irmão Zachariah estudou a dupla com novo interesse. A mulher tinha cabelo com mechas amarelo-neon e usava um vestido chinês escarlate, que lhe caía bem, e, apesar da observação, ria das palavras do companheiro. O cabelo do menino era ondulado, e ele tinha um rosto doce e ar desdenhoso. Havia uma cicatriz de queimadura na base da garganta, onde estaria um crucifixo.

Acredito que temos um amigo em comum, disse o Irmão Zachariah.

— Acho que não — contradisse Raphael Santiago. — Não tenho amigos.

— Ah, muito obrigada — ironizou a mulher a seu lado.

— Você, Lily — começou Raphael com frieza —, é minha subordinada. — Ele se voltou novamente para o Irmão Zachariah. — Presumo que esteja se referindo ao feiticeiro Magnus Bane. Ele é um colega sempre mais envolvido com Caçadores de Sombras do que eu aprovo.

Zachariah ficou imaginando se Lily falava mandarim. Os Irmãos do Silêncio, conversando de uma mente para outra, não precisavam de línguas, mas, às vezes, Zachariah sentia falta da sua. Havia noites — na Cidade do Silêncio, era sempre noite — em que ele não conseguia se lembrar do próprio nome, mas conseguia se lembrar da voz da mãe, do pai ou da noiva soando em mandarim. A noiva tinha aprendido um pouco da língua por sua causa, em um tempo em que ele achava que viveria para se casarem. Não teria se importado em conversar mais tempo com Lily, mas não estava gostando particularmente da atitude do outro.

Considerando que você não parece gostar muito de Caçadores de Sombras, e não tem muito interesse em nosso conhecido, observou o Irmão Zachariah, por que me abordou?

— Gostaria de falar com um Caçador de Sombras — explicou Raphael. Por que não ir a seu Instituto?

Os lábios de Raphael se repuxaram, mostrando as presas num sorriso desdenhoso. Ninguém era melhor nisso que um vampiro, e aquele menino era particularmente bom.

— Meu Instituto, como você o chama, pertence a pessoas que são... como dizer isso sem ofender... intolerantes e assassinas.

Uma fada vendendo laços encantados passou por eles, deixando um rastro de fitas azuis e roxas.

Essa declaração é bem ofensiva, o Irmão Zachariah se sentiu obrigado a observar.

— Eu sei — concordou Rafael, pensativo. — Não sou muito talentoso nesse quesito. Nova York sempre foi um lugar de muita atividade Submundana. A luz desta cidade influencia as pessoas, como se fôssemos todos lobisomens uivando para uma lua elétrica. Um feiticeiro tentou destruir o mundo por aqui uma vez, antes de meu tempo. A líder de meu clã fez um experimento desastroso com drogas, contra meu conselho, e transformou a cidade num abatedouro. As batalhas fatais dos lobisomens pela liderança são mais frequentes em Nova York que em qualquer outro lugar. Os Whitelaw, do Instituto de Nova York, nos entendiam, e vice-versa. Eles morreram defendendo o Submundo das pessoas que agora ocupam o Instituto. Claro que a Clave não nos consultou quando nos tornou o castigo dos Lightwood. Não temos nada a ver com o Instituto de Nova York agora.

O tom de Raphael era inflexível, e o Irmão Zachariah achou que deveria se preocupar. Ele tinha lutado na Ascensão, quando um bando de jovens renegados enfrentou os próprios líderes, contra a paz com o Submundo. Ouvira a história do Círculo de Valentim caçando lobisomens em Nova York, e os Whitelaw atrapalhando, o que resultou em uma tragédia que nem mesmo aquele grupo de jovens intolerantes e odiadores do Submundo pretendia. Ele não aprovava que os Lightwood e Hodge Starkweather fossem banidos para o Instituto de Nova York, mas dizia-se que os Lightwood tinham se acertado com seus três filhos e se arrependiam verdadeiramente das ações passadas.

A dor e as brigas pelo poder do mundo pareciam muito distantes na Cidade do Silêncio.

Zachariah não imaginava que os integrantes do Submundo detestassem tanto os Lightwood a ponto de recusarem ajuda dos Caçadores de Sombras, mesmo quando precisassem. Talvez ele devesse ter pensado nisso.

Integrantes do Submundo e Caçadores de Sombras têm uma história longa e complicada, cheia de dor, e boa parte da dor foi culpa dos Nephilim, admitiu o Irmão Zachariah. Mas, mesmo assim, ao longo dos anos eles encontraram uma maneira de trabalhar juntos. Sei que, quando seguiram Valentim Morgenstern, os Lightwood fizeram coisas terríveis, mas, se realmente se arrependeram, não podem perdoá-los?

— Como alma condenada, não tenho objeção moral aos Lightwood — argumentou Raphael, com um tom profundamente moralista. — Mas tenho

fortes objeções a ter a cabeça cortada. Os Lightwood acabariam com meu clã sem pestanejar.

A única mulher que Zachariah um dia amou era uma feiticeira. Ele a viu chorar por causa do Círculo e de seus efeitos. O Irmão Zachariah não tinha motivo para apoiar os Lightwood, mas todo mundo merecia uma segunda chance se realmente a desejasse.

E uma das ancestrais de Robert Lightwood fora uma mulher chamada Cecily Herondale.

Digamos que não o fizessem, sugeriu o Irmão Zachariah. Não seria preferível restabelecer relações com o Instituto em vez de torcer para encontrar um Irmão do Silêncio no Mercado das Sombras?

— Claro que seria — concordou Raphael. — Reconheço que esta não é uma situação ideal. Não é a primeira vez que sou forçado a empregar um stratagema para uma reunião com um Caçador de Sombras. Há cinco anos, tomei café com um Ashdown de visita por aqui.

Ele e a acompanhante tiveram um calafrio de aversão.

— Detesto os Ashdown — observou Lily. — São tão chatos. Se eu me alimentasse de um deles, acho que pegaria no sono na metade, sem nem terminar.

Raphael lançou a ela um olhar de advertência.

— Não que algum dia eu sonhasse em tomar o sangue de algum Caçador de Sombras de forma não consensual, porque isso violaria os Acordos! — Lily informou ao Irmão Zachariah em voz alta. — Os Acordos são extremamente importantes para mim.

Raphael fechou os olhos com uma expressão de sofrimento no rosto, mas após um instante ele os abriu e fez que sim com a cabeça.

— Então, Irmão Bonitinhoariah, pode nos ajudar? — perguntou Lily alegremente.

Um peso frio de reprovação se fez presente, emanava de seus Irmãos do Silêncio, como pedras pressionando sua mente. Enquanto Irmão, Zachariah podia fazer muitas coisas, mas suas visitas frequentes aos Mercados das Sombras e seu encontro anual com uma dama na Blackfriars Bridge já testavam bastante os limites do que era permitido.

Se ele comesse a se relacionar com integrantes do Submundo para lidar com questões que poderiam ser perfeitamente resolvidas por um Instituto, corria o risco de ter os privilégios suspensos.

Ele não podia perder aquele encontro anual. Qualquer coisa, menos isso.

Os Irmãos do Silêncio são proibidos de interferir nas questões do mundo externo. Seja qual for o problema, disse o Irmão Zachariah, recomendo que consultem seu Instituto.

Ele abaixou a cabeça e começou a virar as costas.

— Meu problema são lobisomens contrabandeando yin fen para Nova York — revelou Raphael às suas costas. — Já ouviu falar em yin fen?

Os sinos e canções do Mercado das Sombras pareceram silenciar.

Irmão Zachariah se virou rapidamente para os dois vampiros. Raphael Santiago o encarou com olhos brilhantes, que não deixaram dúvida de que o vampiro sabia muito sobre sua história.

— Ah! — exclamou o morto-vivo. — Vejo que sim.

Zachariah normalmente tentava preservar as lembranças da vida mortal, mas agora precisou se esforçar para impedir o despertar do pavor invasivo, como uma criança cujos entes queridos estavam todos mortos, o fogo de prata queimando em suas veias.

Onde ouviu falar sobre o yin fen?

— Não pretendo lhe contar — respondeu Raphael. — Mas também não pretendo deixar que essa coisa circule livremente por minha cidade. Uma grande quantidade de yin fen está vindo para cá, a bordo de um navio trazendo cargas de Xangai, Ho Chi Minh, Viena e até mesmo Idris. O navio descarrega no terminal de passageiros de Nova York. Vai me ajudar ou não?

Raphael já havia mencionado que a líder de seu clã fizera experimentos desastrosos com drogas. O palpite de Zachariah era que muitos clientes em potencial no Submundo comentavam sobre o carregamento de yin fen no Mercado. Foi pura sorte o fato de que um de seus integrantes, com ideias conservadoras a respeito, descobrisse.

Vou ajudá-lo, disse o Irmão Zachariah. Mas temos de consultar o Instituto de Nova York. Se quiser, posso acompanhá-lo e explicar a situação. Os Lightwood vão apreciar a informação, além do fato de que você a forneceu. Esta é uma oportunidade para melhorar as relações entre o Instituto e todos os integrantes do Submundo de Nova York.

Raphael não pareceu convencido, mas, após um instante, assentiu.

— Você vai comigo? — perguntou. — Não vai faltar? Eles não dariam ouvidos a um vampiro, mas suponho que seja possível que escutem um Irmão do Silêncio.

Farei o que for possível, assegurou o Irmão Zachariah. Astúcia invadiu a voz de Raphael.

— E se eles não me ajudarem? Se eles ou a Clave se recusarem a acreditar em mim, o que você fará?

Ainda assim eu o ajudarei, prometeu o Irmão Zachariah, ignorando o uivo frio dos Irmãos em sua mente e pensando nos olhos límpidos de Tessa.

Ele morria de medo de perder um encontro com Tessa, mas, quando a encontrasse, queria olhar em seus olhos. Não poderia deixar que nenhuma criança sofresse o que ele sofrera, se pudesse evitar.

Zachariah não mais vivenciava tudo o que sentia quando era mortal, mas Tessa ainda o fazia. Não permitiria que ela se decepcionasse com ele. Era sua última estrela-guia.

— Vou ao Instituto com vocês — ofereceu Lily.

— Não vai mesmo. — Raphael se irritou. — Não é seguro. Lembre-se, o Círculo atacou Magnus Bane.

O gelo na voz de Raphael poderia ter congelado Nova York por uma semana no verão. Ele encarou o Irmão do Silêncio com ar de reprovação.

— Magnus inventou seus Portais, não que receba algum crédito dos Caçadores de Sombras. Ele é um dos feiticeiros mais poderosos do mundo e tem um coração tão mole que corre para ajudar assassinos maléficos. É o que de melhor o Submundo tem a oferecer. Se o Círculo o alvejou, eles acabariam com qualquer um de nós.

— Seria uma pena — confirmou Lily. — E Magnus também dá as melhores festas.

— Não sei — disse Raphael, lançando um olhar de desgosto à alegria do Mercado. — Não gosto de pessoas. Nem de reuniões.

Um lobisomem usando um capacete de lua cheia de papel machê encantado passou por Raphael, gritando “Auuuuu!”. Raphael se virou para encará-lo, e o lobisomem recuou com as mãos erguidas, murmurando:

— Hum, desculpe. Foi mal.

Apesar da simpatia pelo lobisomem, o Irmão Zachariah relaxou um pouco ao perceber que o menino vampiro não era totalmente terrível.

Entendo que valoriza muito Magnus Bane. Eu também. Certa vez, ele ajudou uma pessoa muito querida a...

— Não, eu não! — interrompeu Raphael. — E não me importo com sua história. Não diga a ele que eu falei essas coisas. Posso ter opiniões sobre meus colegas. Não significa que tenha sentimentos por eles.

—Oi, amigo, que bom vê-lo — cumprimentou Ragnor Fell, passando por ele.

Raphael parou para saudar o feiticeiro verde antes de Ragnor desaparecer

entre as bancadas, os sons e as luzes multicoloridas do Mercado. Lily e o Irmão Zachariah o observaram.

— Ele é outro colega! — protestou Raphael. Gosto de Ragnor, revelou o Irmão Zachariah.

— Que bom para você — Raphael se irritou. — Aproveite seu hobby de gostar e confiar em todos. A mim me parece tão bom quanto um banho de sol.

Zachariah teve a impressão de que conheceria outro motivo, além da ex vampira maldosa de Magnus, pelo qual o feiticeiro parecia ter uma enxaqueca cada vez que alguém mencionava o clã de vampiros de Nova York na sua frente. Ele, Lily e Raphael foram caminhando pelo Mercado.

— Amuleto do amor para o mais belo Irmão do Silêncio? — perguntou a fada pela quinta vez, encarando-o através do cabelo floral. Às vezes, desejava que o Mercado das Sombras não tivesse se acostumado tanto a ele.

Ele se lembrava daquela mulher, pensou, recordando-se vagamente da criatura machucando uma criança de cabelos dourados. Fazia tanto tempo. Na época, ele se importara muito.

Lily desdenhou.

— Duvido de que o Irmão Sexyariah precise de um amuleto do amor.

Não, obrigado, o Irmão Zachariah respondeu à fada. Fico muito lisonjeado, embora o Irmão Enoch seja um belo homem.

— Ou talvez você e a dama quisessem algumas lágrimas de fênix para uma noite de intensa paix... — De repente, ela se calou e a banca inteira saiu correndo pelo chão de concreto com pequenos pés de galinha. — Ops, deixe para lá! Não o vi aí, Raphael.

As sobrelhas finas do vampiro subiram e desceram como uma guilhotina.

— Mais estraga-prazeres que o Irmão do Silêncio — murmurou Lily. —

Nossa, que vergonha!

Raphael tinha um ar convencido. Na mente de Zachariah, o Irmão Enoch estava irritado por ter sido alvo de uma piada. A luz e o redemoinho do Mercado das Sombras brilhavam com um fulgor claro diante dos olhos do Irmão do Silêncio. Ele não gostava da ideia de yin fen se espalhando como um incêndio prateado em outra cidade, matando tão depressa quanto as chamas ou tão lentamente quanto a fumaça inalada. Se estava a caminho, ele tinha de impedir. Aquela ida ao Mercado fora útil, afinal. Se ele não podia sentir, podia agir.

Talvez amanhã à noite os Lightwood conquistem sua confiança, disse o Irmão Zachariah, enquanto ele e os vampiros entravam no agito mundano da Canal Street.

— Duvido — retrucou Raphael.

Sempre achei melhor ter esperança que me desesperar, retrucou Zachariah calmamente. Esperarei por você do lado de fora do Instituto.

Atrás do grupo, luzes encantadas brilhavam e o som da música das fadas ecoava pelos corredores do teatro. Uma mulher mundana se virou e observou o prédio. Um raio estranho de luz azul brilhante cruzou aqueles olhos que nada viam.

Os dois vampiros seguiam na direção leste, mas, no meio da rua, Raphael se virou para onde estava o Irmão Zachariah. À noite, longe das luzes do Mercado, a cicatriz do vampiro era branca, e seus olhos, negros. Olhos que enxergavam demais.

— Esperança é para tolos — avisou o vampiro. — Eu o encontrarei amanhã à noite, mas, lembre-se disso, Irmão do Silêncio: um ódio como aquele não desaparece. O trabalho do Círculo ainda não acabou. O legado Morgenstern fará mais vítimas. Não pretendo ser uma delas.

Espere, chamou o Irmão Zachariah. Você sabe o motivo de o navio descarregar no terminal de passageiros?

Raphael deu de ombros.

— Eu disse que o navio traz uma carga de Idris. Acho que tem algum moleque Caçador de Sombras a bordo.

Irmão Zachariah se afastou do Mercado sozinho, pensando em uma criança em um navio com uma carga letal e na possibilidade de mais vítimas.

Isabelle Lightwood não estava acostumada a se sentir nervosa com nada, mas qualquer pessoa poderia ficar apreensiva diante da perspectiva de uma nova adição à família.

Daquela vez, não era como antes do nascimento de Max, quando Isabelle e Alec fizeram apostas sobre o sexo do bebê e, depois, os pais confiaram o suficiente para deixar que o segurassem no colo, o menor e mais fofo pacotinho que se podia imaginar.

Um menino mais velho que Isabelle estava sendo jogado em sua porta e moraria lá. Jonathan Wayland, o filho do parabatai de seu pai, Michael Wayland. Muito longe, em Idris, Michael havia morrido e Jonathan precisava de um lar.

Quanto a ela, Isabelle se sentia um pouco animada. Ela gostava de aventuras e de companhia. Se Jonathan Wayland fosse tão divertido e tão bom lutador quanto Aline Penhallow, que, às vezes, os visitava com a mãe, Isabelle ficaria feliz em recebê-lo.

Mas ela não era a única a ser considerada.

Seus pais estavam brigando por causa de Jonathan Wayland desde a notícia da morte de Michael. Isabelle concluiu que a mãe não gostava de Michael Wayland. A garota também não tinha certeza se o pai gostava. Ela mesma nunca o havia encontrado. Nem soubera que o pai tinha um parabatai. Os pais jamais falavam sobre quando eram jovens, mas a mãe dissera, certa vez, que eles tinham cometido muitos erros. Às vezes, Isabelle ficava imaginando se tinham se metido na mesma encrenca que seu tutor, Hodge. Sua amiga Aline havia dito que ele era um criminoso.

Não importava o que os pais tinham ou não feito, Isabelle não achava que a mãe queria que Jonathan Wayland se tornasse um lembrete de seus erros na própria casa.

O pai não parecia feliz quando falava sobre seu parabatai, mas parecia determinado quanto a Jonathan morar com eles. O menino não tinha para onde ir, insistiu papai, e seu lugar era ali. Era isso que significava ser parabatai. Uma vez, quando estava espionando uma briga do casal, Isabelle ouviu o pai dizer “devo isso a Michael”.

A mãe concordou em deixar que Jonathan ficasse por um período de experiência, mas agora, que as gritarias tinham cessado, ela não falava com seu pai. Isabelle estava preocupada com os dois, principalmente com a mãe.

E também precisava pensar em seu irmão.

Alec não gostava de gente nova. Sempre que novos Caçadores de Sombras chegavam de Idris, o menino desaparecia misteriosamente. Uma vez Isabelle o encontrou escondido atrás de um vaso imenso, alegando ter se perdido enquanto procurava a sala de treinamento.

Jonathan Wayland vinha de navio para Nova York e deveria chegar ao Instituto em dois dias.

Isabelle estava na sala de treinamento, praticando com o chicote e refletindo sobre o problema de Jonathan, quando ouviu passos acelerados e a cabeça do irmão surgiu no vão da porta. Os olhos azuis brilhavam.

— Isabelle — chamou. — Venha depressa! Tem um Irmão do Silêncio reunido com mamãe e papai no Santuário. E trouxe um vampiro!

Isabelle correu até o quarto para tirar o uniforme e colocar um vestido. Os Irmãos do Silêncio eram uma companhia chique, quase como se o Cônsul tivesse vindo visitá-los.

Quando chegou lá embaixo, Alec já estava no Santuário, observando, e seus pais, imersos em uma conversa com o Irmão do Silêncio. Isabelle ouviu a mãe dizer algo que soou como “iogurte! Inacreditável!” para o Irmão do Silêncio.

Talvez não fosse iogurte. Talvez fosse outra palavra.

— No navio com o filho de Michael! — exclamou o pai.

Não podia ser iogurte, a não ser que Jonathan fosse muito alérgico a laticínios.

O Irmão do Silêncio era muito menos assustador do que Isabelle imaginava. Na verdade, ela conseguia enxergar por baixo do capuz, e ele parecia um dos cantores mundanos que vira em cartazes pela cidade. Pelo jeito como Robert acenava com a cabeça para ele e Maryse estava inclinada em sua direção na cadeira, Isabelle pôde perceber que se entendiam.

O vampiro não estava conversando com seus pais. Ele se reclinara sobre uma das paredes, braços cruzados, olhando com raiva para o chão. Não parecia interessado em se entender com ninguém. Parecia um menino, pouco mais velho que eles, e seria quase tão bonito quanto o Irmão do Silêncio se não fosse pela expressão amarga. Usava uma jaqueta de couro preta que combinava com sua careta. Isabelle queria poder enxergar as presas.

— Você quer um café? — ofereceu Maryse em um tom frio e supostamente formal.

— Eu não bebo... café — respondeu o vampiro.

— Estranho — retrucou Maryse. — Soube que tomou um café muito bom com Catherine Ashdown.

O vampiro deu de ombros. Isabelle sabia que vampiros estavam mortos, não tinham alma e tudo mais, mas não entendia por que precisavam ser grosseiros.

Ela cutucou Alec nas costelas.

— Olhe só o vampiro. Dá para acreditar nisso?

— Pois é! — sussurrou Alec em resposta. — Ele não é incrível?

— Quê? — exclamou Isabelle, agarrando o cotovelo do irmão.

Alec não olhou para ela. Estava examinando o vampiro. Isabelle começou a ter a mesma sensação desconfortável que tinha sempre que flagrava o irmão encarando os mesmos pôsteres de cantores mundanos que ela. Alec sempre ficava vermelho e irritado quando ela o flagrava olhando. Às vezes, Isabelle achava que seria legal conversar sobre os cantores, da forma como via meninas mundanas fazerem, mas sabia que Alec não ia querer. Uma vez a mãe perguntou a eles o que estavam olhando, e Alec pareceu apavorado.

— Não chegue perto dele — alertou Isabelle. — Vampiros são nojentos.

Ela estava acostumada a sussurrar para o irmão em uma multidão. O vampiro virou levemente a cabeça, e a menina se lembrou de que eles não tinham a audição ridícula dos mundanos. E, com certeza, era capaz de ouvi-la.

Aquela terrível percepção fez com que Isabelle relaxasse o aperto em Alec. Horrorizada, ela viu o irmão se afastar e avançar, com uma determinação nervosa, na direção do vampiro. Sem querer ficar de fora, deu alguns passos atrás do garoto.

— Olá — cumprimentou Alec. — É, hum, um prazer conhecê-lo.

O menino vampiro lhe deu um olhar que sugeria que, por mais distantes que estivessem, ainda era muito próximo e que gostaria de curtir aquela bendita solidão bem longe dali.

— Olá.

— Sou Alexander Lightwood — disse Alec.

— Eu me chamo Raphael — apresentou-se o vampiro, fazendo uma careta, como se a apresentação fosse uma informação vital extraída sob tortura.

Quando ele fez aquela cara, Isabelle viu os caninos. Não eram tão legais quanto havia imaginado.

— Eu tenho quase 12 anos — emendou Alec, que acabara de completar 11. — Você não parece muito mais velho que eu. Mas sei que é diferente com os vampiros. Acho que vocês meio que ficam na idade em que param, não é? Como se você tivesse 15 anos, mas tem 15 há cem. Há quanto tempo você tem 15 anos?

— Tenho 63 — respondeu Raphael, seco.

— Ah — disse Alec. — Ah. Ah, que legal.

Ele deu mais alguns passos em direção ao vampiro. Raphael não recuou, mas parecia querer.

— Além disso — acrescentou Alec timidamente —, sua jaqueta é legal.

— Por que você está falando com meus filhos? — perguntou a mãe rispidamente.

Ela já levantara da cadeira em frente ao Irmão do Silêncio e, enquanto falava, segurou Alec e Isabelle. Seus dedos beliscavam; ela apertava com tanta força que o medo pareceu entrar em Isabelle pelo toque, apesar de ela não ter se assustado antes.

O vampiro não estava olhando para eles como se fossem deliciosos. Mas talvez fosse assim que eles atraíam as pessoas, cogitou Isabelle. Talvez Alec só estivesse enfeitiçado pelo menino. Seria bom poder culpar os integrantes do Submundo pelas preocupações.

O Irmão do Silêncio levantou e deslizou até eles. Isabelle ouviu o vampiro sussurrando, e tinha certeza de que ele dissera: “Isto é um pesadelo.”

A menina lhe mostrou a língua. O lábio de Raphael se curvou minimamente, se afastando das presas. Alec olhou para Isabelle nesse momento, para ter certeza de que não estava assustada. Isabelle não se assustava com frequência, mas Alec vivia preocupado.

Raphael veio por estar preocupado com uma criança Caçadora de Sombras, esclareceu o Irmão do Silêncio.

— Não, não vim — desdenhou Raphael. — É melhor ficar de olho em seus filhos. Certa vez matei uma gangue inteira de meninos não muito mais velhos que seu garoto aqui. Devo interpretar isso como uma recusa em ajudar com o carregamento? Estou muito chocado. Bem, tentamos. Hora de ir, Irmão Zachariah.

— Espere — pediu Robert. — Claro que vamos ajudar. Vou encontrá-los no local de desembarque em Nova Jersey

Naturalmente seu pai ajudaria, pensou Isabelle indignada. Aquele vampiro era um idiota. Independentemente dos erros que tivessem cometido quando eram mais jovens, os pais comandavam todo o Instituto e mataram muitos e muitos demônios do mal. Qualquer pessoa sensata saberia que sempre poderia contar com seu pai.

— Pode nos consultar sobre outras questões relativas a Caçadores de Sombras a qualquer momento — acrescentou a mãe, sem soltar as duas crianças até que o vampiro e o Irmão Zachariah tivessem partido.

Isabelle achou que a visita seria divertida, mas acabou se sentindo péssima. Queria que Jonathan Wayland não viesse.

Hóspedes eram terríveis, e Isabelle nunca mais queria um.

O plano era entrar escondido no navio, prender os contrabandistas e jogar fora o yin fen. A criança jamais precisaria saber.

Era uma sensação quase agradável estar em um dos lustrosos barcos dos Caçadores de Sombras outra vez. O Irmão Zachariah tinha passeado em trimarãs — aqueles barcos com três cascos — nos lagos de Idris quando era criança, e, certa vez, seu parabatai roubou um e eles remaram pelo Tâmsa. Agora ele, um Robert Lightwood nervoso e dois vampiros estavam em um barco, que saía do porto de Camden para navegar as negras águas noturnas do rio

Delaware. Lily não parou de reclamar que estavam praticamente na Filadélfia até o barco se aproximar do navio de carga. O nome Mercador do Amanhecer estava pintado em letras azul-escuro na lateral cinzenta. Esperaram o momento, e, então, Robert lançou um gancho.

Ele, o Irmão Zachariah, Raphael e Lily entraram no barco por uma cabine deserta. O trajeto, por mais curto e rápido que tivesse sido, deixou a impressão de que não havia nenhum mundano a bordo. Escondidos, contaram as vozes dos contrabandistas e perceberam que havia muito mais do que supunham.

— Ah, não, Irmão Gostosariah — sussurrou Lily. — Acho que vamos ter de lutar.

Ela pareceu muito animada com a possibilidade. Ao falar, deu uma piscadela e pegou a tiara de melindrosa do cabelo de mechas amarelas.

— É dos anos 1920, não quero estragar — explicou, e acenou com a cabeça para Raphael.
— Tenho isso há mais tempo que tenho aquele ali. Ele é dos anos 1950. Fãs de jazz e jaquetas de couro dominam o mundo.

Raphael revirou os olhos.

— Desista dos apelidos. Estão piorando. Lily riu.

— Não desistirei. Uma vez Zachariah, nunca voltará atrásariah.

Tanto Raphael quanto Robert Lightwood pareciam em choque, mas Zachariah não se importava com os apelidos. Ele não ouvia risos com frequência.

O que o preocupava era a criança.

Não podemos permitir que Jonathan saia machucado ou ferido, avisou.

Robert fez que sim com a cabeça, e os vampiros pareciam totalmente despreocupados quando ouviram a voz de um menino do lado de fora da porta.

— Não tenho medo de nada — foi o que disse. Jonathan Wayland, supôs Zachariah.

— Então por que está perguntando sobre os Lightwood? — questionou uma voz feminina. Ela parecia irritada. — Eles vão recebê-lo. Não serão maldosos com você.

— Eu só estava curioso — respondeu Jonathan.

Era evidente que ele fazia o melhor que podia para parecer despreocupado e desinteressado, e seu melhor não era ruim. A voz quase parecia arrogante. O Irmão Zachariah pensou que ele teria convencido quase todo mundo.

— Robert Lightwood tem alguma influência na Clave — observou a mulher. — Um homem correto. Tenho certeza de que está pronto para ser um pai para você.

— Eu tinha um pai — disse Jonathan, tão frio quanto o ar noturno.

A mulher ficou calada. Do outro lado da cabine, Robert Lightwood abaixara a cabeça.

- Mas a mãe — continuou Jonathan, arriscando um pouco. — Como é a Sra. Lightwood?
- Maryse? Eu mal a conheço — respondeu a mulher. — Ela já tem três

crianças. Quatro é muito.

— Não sou criança — argumentou Jonathan. — Não vou incomodá-la. — Ele pausou e observou. — Tem muito lobisomem neste navio.

— Ah, crianças criadas em Idris são cansativas — disse a moça. — Lobisomens são um fato da vida, infelizmente. Há criaturas por todos os lados. Vá deitar, Jonathan.

Eles ouviram a outra porta se fechar e uma tranca girar.

— Agora — disse Robert Lightwood. — Vampiros, estibordo; Irmão Zachariah e eu, bombordo. Conttenham os lobisomens do jeito que for preciso. Em seguida, localizem o yin fen.

Eles foram para o deque. A noite estava difícil, o vento soprava o capuz de Zachariah ainda mais violentamente, e o deque balançava sob seus pés. Zachariah não conseguia abrir a boca para sentir o gosto do sal no ar.

Nova York era um brilho no horizonte, cintilando como as luzes do Mercado das Sombras. Não podiam permitir que o yin fen chegasse à cidade.

Havia alguns lobisomens no deque. Um deles assumira a forma de lobo, e Zachariah podia ver um tom prateado em seu pelo. O outro perdera a cor nas pontas dos dedos. O Irmão do Silêncio ficou imaginando se eles sabiam que estavam morrendo. Ele se lembrava, de forma vívida demais, da sensação de quando o yin fen o estava matando.

Às vezes, era bom não ter sensações. Às vezes, ser humano doía demais, e Zachariah não podia se dar ao luxo de sentir pena agora.

Ele bateu com seu bastão na cabeça de um deles, e, quando se virou, Robert Lightwood já tinha cuidado do outro. Ficaram ali de prontidão, ouvindo o uivo do vento e o agito do mar, esperando que os outros viessem de baixo. Em seguida, Zachariah ouviu os ruídos do outro lado do navio.

Fique onde está, ordenou a Robert. Eu vou até os vampiros.

Irmão Zachariah teve de lutar para chegar até os dois. Havia mais lobisomens do que imaginara. Por cima de suas cabeças, dava para ver Raphael e Lily, saltando como se fossem leves feito sombras, os dentes brilhando ao luar.

Também dava para ver os dentes dos lobisomens. Zachariah derrubou um deles pela lateral do navio e arrancou os dentes de outro no mesmo golpe, depois precisou se desviar de um ataque de garras que quase o derrubou. Eles eram muitos.

Foi com vaga surpresa que ele achou que aquele pudesse ser o fim. Deveria haver mais que surpresa na ideia, mas tudo o que ele conhecia era o vazio que sentia caminhando pelo Mercado e o som das vozes de seus Irmãos, mais frias que o mar. Não se importava com aqueles vampiros. Não se importava consigo mesmo.

Ouviu o rugido de um lobisomem e, depois, o barulho de uma onda quebrando. Os braços do Irmão Zachariah doíam de tanto manejar o bastão. Devia ter acabado havia muito tempo, de qualquer forma. Ele mal conseguia lembrar por que lutava.

Do outro lado do deque, um lobisomem, quase totalmente transformado, girou e esticou a garra na direção do coração de Lily. Ela já estava com as mãos no pescoço de outro licantrope. Não tinha chance de se defender.

Uma porta se abriu, e uma Caçadora de Sombras correu para cima dos licantropes. Ela não estava preparada. Um lobo abriu sua garganta, e, quando Zachariah tentou pegá-la, um lobisomem lhe bateu nas costas. O bastão caiu de seus dedos sem força. Um segundo lobisomem pulou para cima do Irmão do Silêncio, enterrando as garras em seu ombro e deixando-o de joelhos. Outro subiu, e a cabeça de Zachariah bateu na madeira. A escuridão surgiu diante de si. A voz de seus irmãos poderia desaparecer, assim como o barulho do mar e toda a luz do mundo que não mais o tocava.

Os olhos da morta o encararam, o último brilho vazio antes de a escuridão consumir tudo. Parecia que ele estava tão vazio quanto ela. Por que nem sequer lutou?

Só que ele se lembrava. Ele não se permitia esquecer. Tessa, pensou. Will.

O desespero jamais era tão forte quanto esse pensamento. Ele não podia traí-los, desistindo.

Eles são Will e Tessa, e você era Ke Jian Ming. Você era James Carstairs.

Você era Jem.

Jem sacou uma adaga do cinto. Fez um esforço para se levantar, empurrando um lobisomem pela porta aberta da cabine. E olhou para Lily.

Raphael estava na frente da vampira, o braço esticado para protegê-la, e seu sangue era um esguicho escarlata macabro pelo deque. À noite, sangue humano era negro, mas sangue de vampiro nunca era diferente de vermelho. Lily gritou seu nome.

Irmão Zachariah precisava do bastão, que rolava pelo chão de madeira, prateado sob o luar, batendo como osso. O entalhe se deslocara e agora era uma sombra escura contra a prata, enquanto o cajado rolava para os pés de um menino que acabara de chegar à cena de caos e sangue.

O garoto, provavelmente Jonathan Wayland, olhou em volta, para o Irmão Zachariah, para os lobos, para a mulher com a garganta aberta. Uma licantrope se aproximava. O menino era jovem demais até mesmo para ter símbolos de guerreiro.

Irmão Zachariah sabia que não seria veloz o bastante.

O menino virou a cabeça, os cabelos dourados brilhando sob o luar prateado, e pegou o bastão de Zachariah. Pequeno e magro, a mais frágil das possíveis barreiras contra a escuridão, ele avançou contra os dentes expostos e as garras. E venceu.

Mais dois avançaram, mas Zachariah matou um, e o menino girou e acertou o outro. Quando rodou no ar, o Irmão do Silêncio não pensou em sombras, como aconteceu ao ver os vampiros, mas em luz.

Quando o menino bateu no deque, com os pés separados e o bastão girando nas mãos, estava rindo. Não era o riso doce de uma criança, mas um som selvagem e exuberante que soava mais forte que o mar, o céu ou as vozes silenciosas. Ele era jovem, desafiador, alegre e um pouco louco.

Mais cedo, o Irmão Zachariah tinha pensado que não ouvia risos o suficiente. Fazia tempo demais que não escutava uma risada como aquela.

Ele atingiu um lobisomem que corria para cima de Jonathan, e depois outro, lançando seu corpo entre o menino e os lobos. Um passou por cima do homem e foi para cima do garoto, e Zachariah o ouviu emitir um ruído baixinho entre dentes.

Você está bem?, perguntou o Irmão.

— Estou! — gritou o menino. O Irmão Zachariah podia ouvi-lo arfando atrás de si.

Não tenha medo, disse o Irmão Zachariah. Estou lutando com você.

O sangue de Zachariah corria mais frio que o mar, e seu coração bateu forte até ele ouvir Robert Lightwood e Lily vindo em seu socorro.

Assim que os lobisomens restantes foram derrotados, Robert levou Jonathan para a ponte. Zachariah voltou a atenção para os vampiros. Raphael estava sem a jaqueta de couro, e Lily tinha rasgado um pedaço da própria camisa e amarrado o tecido no braço do chefe. Estava chorando.

— Raphael — chamou ela. — Raphael, você não devia ter feito isso.

— Sofrido um ferimento que vai se curar em uma noite em vez de perder um membro valioso do clã? — retrucou Raphael. — Agi em benefício próprio. Normalmente é o que faço.

— É bom mesmo — murmurou Lily, limpando as lágrimas violentamente com as costas da mão. — O que eu faria se alguma coisa acontecesse a você?

— Alguma coisa prática, espero — disse Raphael. — Por favor, salve material de um dos muitos lobisomens mortos da próxima vez. E pare de envergonhar o clã na frente de Caçadores de Sombras.

Lily seguiu o olhar de Raphael, por cima do ombro, até o Irmão Zachariah. Havia sangue manchado e misturado ao delineador, mas ela arreganhou as presas num sorriso.

— Talvez eu queira tirar a camisa para o Irmão Olhe-pros-meus- peitosariah.

Raphael ergueu os olhos para o céu. Como não a encarava, Lily podia olhar para ele. E foi o que fez. Irmão Zachariah a viu levantar a mão, com as unhas pintadas de vermelho e dourado, e quase tocar os cabelos cacheados do vampiro. Sua mão se movia como se ela pudesse afagar as sombras acima da cabeça de Raphael; em seguida, ela se fechou em um punho. Não se permitiu esse luxo.

Raphael fez um gesto para que se afastasse, e, depois, se levantou.

— Vamos achar o yin fen.

Não foi difícil. Estava em uma caixa grande em uma das cabines inferiores. Lily e o Irmão do Silêncio carregaram a caixa para cima, e a vampira estava pronta para fazer uma cena se Raphael tentasse ajudar.

Mesmo após todos esses anos, ver o brilho do yin fen sob o luar embrulhou o estômago de Zachariah, como se aquela imagem o tivesse jogado em um barco em outro mar, um barco no qual jamais conseguia manter o equilíbrio.

Lily fez um gesto, como se fosse jogar a caixa no mar, para que fosse engolida pelas águas famintas.

— Não, Lily! — advertiu Raphael. — Não vou permitir que sereias viciadas infestem os rios de minha cidade. E se acabarmos com jacarés prateados e reluzentes nos esgotos? Ninguém vai se surpreender, mas vou saber que a culpa é sua, e ficarei extremamente desapontado.

— Você nunca deixa que eu me divirta — resmungou Lily.

— Jamais deixo ninguém se divertir — disse Raphael, e assumiu um ar convencido.

Irmão Zachariah fitou a caixa cheia de pó prateado. Certa vez aquilo significou para ele a diferença entre uma morte lenta ou uma rápida. Ele fez fogo com um símbolo conhecido apenas pelos Irmãos do Silêncio, para queimar qualquer magia nefasta. Vida e morte não passavam de cinzas no ar.

Obrigado por me contar sobre o yin fen, agradeceu a Raphael.

— De meu ponto de vista, eu me aproveitei de sua fraqueza em relação a isso — argumentou Raphael. — Soube que você já teve de usá-lo para se manter vivo, mas, pelo que vejo, não deu certo. Enfim, seu estado emocional não me importa, e minha cidade está segura. Missão cumprida.

Ele limpou as mãos, que brilhavam com sangue e prata, sobre as ondas. Sua líder sabe alguma coisa sobre essa missão?, perguntou Zachariah a

Lily.

Ela estava de olho em Raphael.

— Claro — admitiu ela. — Meu líder contou tudo a você. Não contou?

— Lily! Isso é burrice e traição. — A voz de Raphael estava tão fria quanto a brisa do mar.
— Se eu recebesse ordens para executá-la por isso, não se engane, eu o faria. Não hesitaria.

Lily mordeu o lábio e tentou não transparecer a mágoa que evidentemente sentia.

— Ah, mas tenho uma sensação boa quanto ao Irmão Zachagostosão. Ele não vai contar nada.

— Tem algum lugar onde um vampiro possa se esconder em segurança do nascer do sol?
— perguntou Raphael.

Irmão Zachariah não tinha considerado que a luta demorada com os lobisomens significava o iminente nascer do sol. Raphael o encarou quando ele não respondeu.

— Só tem lugar para um? Lily precisa estar segura. Sou responsável por ela.

Lily virou o rosto para que Raphael não notasse sua expressão, mas

Zachariah viu. Ele reconheceu a expressão de um tempo em que ele mesmo tinha sido capaz de se sentir como ela. A vampira parecia doente de amor.

Havia espaço para os dois vampiros no porão. Enquanto caminhava para examinar o local, Lily quase tropeçou na Caçadora de Sombras morta.

— Oooh, Raphael! — exclamou alegremente. — É Catherine Ashdown.

Ver que ela pouco se importava com a vida de um ser humano foi como um borrito de água marinha fria. Irmão Zachariah a observava quando ela se deu conta, atrasada, de sua presença.

— Oh, não — acrescentou ela, em um tom nada convincente. — Que tragédia terrível!

— Vá para o porão, Lily — ordenou Raphael.

Vocês não vão juntos?, perguntou o Irmão Zachariah.

— Prefiro esperar o máximo possível até o amanhecer a fim de me testar

— respondeu Raphael.

— Ele é católico. Muito, muito católico — suspirou Lily.

A mão de Lily se movia sem parar ao lado do corpo, como se ela quisesse esticar o braço e puxar Raphael. Em vez disso, ela acenou novamente para Zachariah, o mesmo cumprimento que dera quando eles se conheceram.

— Irmão Saradoriah — brincou a vampira. — Foi um prazer.

Igualmente, disse o Irmão Zachariah, e a ouviu descendo silenciosamente a escada.

Pelo menos, ela dissera o nome da mulher. Irmão Zachariah poderia levá-la de volta à família e à Cidade dos Ossos, onde ela poderia descansar, mas ele não.

Ele se ajoelhou ao lado da falecida e lhe fechou os olhos. Ave atque vale, Catherine Ashdown, murmurou.

Zachariah se levantou e viu Raphael ainda a seu lado, embora não estivesse olhando nem para ele nem para a mulher morta. Os olhos do vampiro estavam fixos no mar negro tocado pela luz do luar, o céu escuro riscado pela linha prateada mais delicada.

Fico feliz por ter conhecido vocês dois, acrescentou Zachariah.

— Não consigo imaginar o motivo — disse Raphael. — Aqueles nomes que Lily inventou eram péssimos.

As pessoas não costumam brincar com os Irmãos do Silêncio.

A possibilidade de não ter de ouvir piadas deixou Raphael esperançoso.

— Parece bom ser um Irmão do Silêncio. Tirando o fato de que Caçadores de Sombras são irritantes e patéticos. E eu não sei se ela estava brincando. Eu ficaria de olhos abertos na próxima visita a Nova York, se fosse você.

Claro que ela estava brincando, assegurou o Irmão Zachariah. Ela está apaixonada por você.

O rosto de Raphael se contorceu.

— Por que Caçadores de Sombras sempre querem falar sobre sentimentos? Por que ninguém consegue ser só profissional? Para sua informação, não tenho interesse em romances, nem nunca terei. Agora podemos parar com esse assunto ridículo?

Eu posso, disse o Irmão Zachariah. Talvez você queira falar sobre a gangue de meninos que diz ter matado?

— Matei muita gente — respondeu Raphael de forma distante.

Um grupo de crianças?, disse Zachariah. Em sua cidade? Isso foi nos anos de 1950?

Maryse Lightwood pode ter sido enganada. O Irmão do Silêncio sabia como era quando alguém se culpava e se odiava pelo que havia acontecido com as pessoas amadas.

— Tinha um vampiro caçando crianças nas ruas em que meus irmãos brincavam — começou Raphael, a voz ainda distante. — Levei minha gangue até a toca para contê-lo. Nenhum de nós sobreviveu.

Irmão Zachariah tentou ser gentil.

Quando um vampiro é recém-nascido, ele não consegue se controlar.

— Eu era o líder — argumentou Raphael, e a voz de aço não permitia réplica. — Eu era responsável. Bem. Nós conseguimos conter o vampiro, e minha família sobreviveu.

Todos, menos um.

— Normalmente faço o que decido fazer — avisou Raphael. Isso está extremamente claro, disse o Irmão Zachariah.

Ele ouviu o ruído das ondas batendo na lateral do barco, conduzindo-os para a cidade. Na noite do Mercado, quase se havia desligado da cidade e de todos, e certamente não sentira nada por um vampiro determinado a não sentir nada.

Mas, então, veio uma risada, e o som despertou coisas que ele temia que estivessem mortas. Uma vez desperto para o mundo, Zachariah não queria deixar de enxergar nada.

Hoje você salvou algumas pessoas. Os Caçadores de Sombras salvaram pessoas, mesmo que não tenham conseguido salvá-lo quando você era uma criança tentando combater monstros.

Raphael se contorceu, como se aquela implicação quanto a seus motivos para não gostar dos Caçadores de Sombras fosse uma mosca.

— Poucos se salvam — disse Raphael. — Ninguém é poupado. Já tentaram me salvar uma vez, e um dia vou retribuir. Não quero ter outra dívida, e nem quero que alguém me deva. Todos conseguimos o que queríamos. Eu e os Caçadores de Sombras encerramos por aqui.

Sempre pode haver outro momento para ajuda ou colaboração, disse o Irmão Zachariah. Os Lightwood estão tentando. Considere permitir que os outros integrantes do Submundo saibam que você sobreviveu depois de ter lidado com eles.

Raphael emitiu um ruído incompreensível.

Existem mais tipos de amor que estrelas, continuou o Irmão Zachariah. Se você não sente um, existem muitos outros. Você sabe o que é se importar com família e amigos. O que conservamos sagrado nos mantém a salvo. Pense que, ao tentar se privar da dor, você fecha as portas para o amor e vive na escuridão.

Raphael cambaleou até a grade e fingiu vomitar. Em seguida, se levantou.

— Ah, espere, sou um vampiro e não sinto enjoo — ironizou. — Fiquei totalmente nauseado por um segundo. Não sei por quê. Até onde eu sabia, Irmãos do Silêncio são reservados. Eu estava ansioso por alguém reservado!

Não sou um Irmão do Silêncio comum, observou o Irmão Zachariah.

— Que sorte a minha cair com o Irmão do Silêncio sensível. Posso solicitar um diferente no futuro?

Então você acha que pode haver um momento quando seu caminho volte a cruzar com o dos Caçadores de Sombras?

Raphael emitiu um ruído enojado e deu as costas para o mar. Seu rosto parecia tão pálido quanto o luar, branco como a bochecha de uma criança há muito morta.

— Vou descer. A não ser, é claro, que você tenha mais alguma sugestão brilhante?

O Irmão Zachariah assentiu. A sombra de seu capuz baixou sobre a cicatriz de cruz na garganta do vampiro.

Tenha fé, Raphael. Sei que se lembra como.

Com os vampiros em segurança no andar de baixo e Robert Lightwood conduzindo o navio para Manhattan, o Irmão Zachariah assumiu a tarefa de limpar o deque, escondendo os corpos. Ele chamaria seus irmãos para ajudar a cuidar disso e dos sobreviventes, que no momento estavam trancados em uma das cabines. Enoch e os outros podiam não aprovar sua decisão de ajudar Raphael, mas, mesmo assim, cumpririam sua missão de manter o Mundo das Sombras oculto e seguro.

Depois que Zachariah terminou, só restou esperar que o navio os levasse até a cidade. Ele se sentou e aguardou, aproveitando a sensação da luz de um novo dia no rosto.

Fazia muito tempo que não sentia a luz, e mais tempo ainda que não tinha esse simples prazer.

Sentou perto da ponte, de onde podia ver Robert e o jovem Jonathan Wayland sob a luz da manhã.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Robert.

— Tenho — respondeu Jonathan.

— Você não se parece muito com Michael — acrescentou Robert, meio sem jeito.

— Não — concordou Jonathan. — Sempre quis parecer com ele. As costas magras do menino se prepararam para a decepção.

— Tenho certeza de que é um bom menino — disse Robert.

Jonathan não parecia seguro. Robert se poupou do desconforto, examinando cuidadosamente os controles.

O menino saiu da ponte com graciosidade, apesar da arrancada do barco e da exaustão que certamente sentia. Zachariah ficou espantado quando o jovem Jonathan avançou até onde ele estava.

Irmão Zachariah puxou o capuz para perto do rosto. Alguns Caçadores de Sombras ficavam inquietos com um Irmão do Silêncio que não tinha exatamente a aparência do restante de sua classe, embora os Irmãos do Silêncio parecessem suficientemente temíveis. De qualquer forma, ele não queria perturbar a criança.

Jonathan levou o bastão de volta para ele, segurando-o reto nas palmas das mãos, e o pousou com uma reverência respeitosa nos joelhos de Zachariah. O menino se movia com uma disciplina militar incomum a alguém tão jovem, mesmo entre os Caçadores de Sombras. O Irmão Zachariah não conhecera Michael Wayland, mas supôs que devia ter sido um homem duro.

— Irmão Enoch? — arriscou o menino.

Não, respondeu o Irmão Zachariah. Ele conhecia as lembranças de Enoch tão bem quanto as próprias. Enoch o tinha examinado, embora suas lembranças fossem cinzentas com a falta de interesse. Irmão Zachariah desejou brevemente que ele pudesse ser o Irmão do Silêncio ao dispor daquele menino.

— Não — repetiu o menino lentamente. — Eu devia ter sabido. Você se move de maneira diferente. Só achei que pudesse ser porque me deu o bastão.

Ele inclinou a cabeça. Zachariah lamentou que o menino não esperasse nenhuma misericórdia de um estranho.

— Obrigado por me deixar usá-lo — acrescentou Jonathan. Fico feliz que tenha sido útil, retrucou Irmão Zachariah.

O olhar do menino para seu rosto foi chocante, o brilho de sóis gêmeos quando ainda era praticamente noite. Não eram os olhos de um soldado, mas de um guerreiro. Irmão Zachariah conhecera ambos e sabia a diferença.

O menino deu um passo para trás, nervoso e ágil, mas parou com o queixo erguido. Aparentemente tinha uma pergunta.

Zachariah não a antecipou.

— O que significam as iniciais? Em seu bastão. Todos os Irmãos do Silêncio têm?

Eles olharam juntos o bastão. As letras foram gastas pelo tempo e pela pele do próprio Zachariah, mas tinham sido marcadas profundamente na madeira nos lugares precisos em que ele colocaria as mãos ao lutar. Para que, de certa forma, sempre estivessem lutando juntos.

As letras eram W e H.

Não, revelou o Irmão Zachariah. Sou o único. Marquei meu bastão em minha primeira noite na Cidade dos Ossos.

— Eram suas iniciais? — perguntou o menino, em voz baixa e um pouco tímida. — Dos tempos em que era um Caçador de Sombras, como eu?

Irmão Zachariah ainda se considerava um Caçador de Sombras, mas era evidente que Jonathan não teve a intenção de ofender.

Não, respondeu Jem, porque ele sempre era James Carstairs quando falava do que lhe era mais caro. Não as minhas. As de meu parabatai.

W e H. William Herondale. Will.

O menino parecia espantado e, ao mesmo tempo, cauteloso. Exibia alguma reserva, como se desconfiasse de qualquer coisa que Zachariah pudesse dizer, antes mesmo que ele tivesse a chance de dizê-lo.

— Meu pai diz... dizia... que um parabatai pode ser uma grande fraqueza.

Jonathan falou a palavra fraqueza com horror. Zachariah ficou imaginando o que um homem que treinara um menino para lutar daquele jeito poderia considerar fraqueza.

Irmão Zachariah decidiu que não ia ofender o pai morto de um menino órfão, então organizou cuidadosamente seus pensamentos. Aquele menino era muito solitário. Ele se lembrava de como uma nova ligação podia ser preciosa, principalmente quando não se tinha outra. Poderia ser a última ponte que o ligava a uma vida perdida.

Ele se lembrava de viajar através dos mares, após ter perdido a família, sem saber que conheceria seu melhor amigo.

Suponho que possam ser uma fraqueza, respondeu. Depende de quem é seu parabatai. Eu marquei as iniciais aqui porque sempre lutei melhor com ele.

Jonathan Wayland, o menino que lutava como um anjo guerreiro, pareceu intrigado.

— Acho que... meu pai se arrependia de ter um parabatai — explicou o menino. — Agora tenho de ir morar com o homem do qual meu pai se arrependia. Não quero ser fraco, e não quero lamentar. Quero ser o melhor.

Se você fingir não sentir nada, isso pode se tornar verdade, disse Jem. E seria uma pena.

Seu parabatai tentou não sentir nada, por um tempo. Exceto pelo que sentia por Jem. Isso quase o destruiu. E todos os dias Jem fingia sentir alguma coisa, ser gentil, para consertar o que estava quebrado, para se lembrar de nomes e vozes quase esquecidos, e torcia para que se tornasse verdade.

O menino franziu o rosto.

— Por que seria uma pena?

Lutamos mais vigorosamente quando aquilo que nos importa mais que nossas próprias vidas corre risco, explicou Jem. Um parabatai é, ao mesmo tempo, lâmina e escudo. Vocês pertencem um ao outro não por serem iguais, mas porque seus corpos diferentes se encaixam para formar um inteiro melhor, um grande guerreiro com um propósito maior. Sempre achei que não éramos apenas melhores juntos, mas que éramos muito melhores que o melhor que qualquer um de nós pudesse se tornar sozinho.

Um sorriso lento se formou no rosto do menino, como o nascer do sol explodindo como uma surpresa brilhante na água.

— Eu gostaria disso — admitiu Jonathan Wayland, acrescentando rapidamente: — Ser um grande guerreiro.

Ele jogou a cabeça para trás, em um gesto súbito e apressado de arrogância, como se ele e Jem pudessem ter imaginado que ele tinha querido dizer que gostaria de pertencer a alguém.

Aquele menino, determinado a lutar em vez de encontrar uma família. Os Lightwood, se protegendo contra um vampiro quando deveriam ter demonstrado alguma confiança. O vampiro, afastando qualquer amigo. Todos eles tinham suas feridas, mas o Irmão Zachariah não podia deixar de se lamentar, ainda que fosse pelo privilégio de sentirem dor.

Todas essas pessoas lutando para não sentir, tentando congelar os corações no peito até o frio rachá-los e quebrá-los. Jem daria cada amanhã gelado em troca de mais um dia com o coração quente, para amá-los como um dia amou.

Mas Jonathan era uma criança que ainda tentava orgulhar um pai distante, mesmo quando a morte tornara a distância entre eles impossível. Jem deveria ser generoso.

Ele pensou na velocidade do menino, nos golpes destemidos com uma arma desconhecida em uma noite estranha e sangrenta.

Tenho certeza de que será um grande guerreiro, assegurou Zachariah.

Jonathan Wayland abaixou a cabeça dourada e desgrenhada para disfarçar a cor nas bochechas.

O desamparo do menino fez com que Jem se lembrasse vividamente da noite em que marcara aquelas iniciais no bastão, uma noite longa e fria com toda a estranheza gélida dos Irmãos do Silêncio muito recente em sua cabeça. Ele não queria morrer, mas teria escolhido a morte em lugar da separação do amor e do calor. Se ao menos pudesse ter uma morte nos braços de Tessa, segurando a mão de Will. Ele tinha sido privado de sua morte.

Parecia impossível ser qualquer coisa humana entre os ossos e a escuridão infinita.

Quando a cacofonia estranha dos Irmãos do Silêncio ameaçou engolir tudo o que já fora, Jem se agarrou a isso. Não havia nada mais forte, e só mais uma coisa tão forte quanto. O nome de seu parabatai era um grito no abismo, um choro que sempre tinha resposta. Mesmo na Cidade do Silêncio, mesmo com o uivo silencioso insistindo que a vida de Jem não era mais sua, mas uma vida compartilhada. Não eram mais seus pensamentos, mas nossos pensamentos. Não mais sua vontade, mas nossa vontade.

Ele não aceitaria essa despedida. Meu Will. Essas palavras significavam algo diferente para Jem, elas significavam: meu desafio a essa escuridão dominante. Minha rebeldia. Meu, para sempre.

Jonathan arrastou o sapato contra o deque e olhou para Jem, e Jem percebeu que ele tentava ver o rosto do Irmão Zachariah sob o capuz. Puxou o capuz, e as sombras, para perto. Mesmo tendo sido rejeitado, Jonathan Wayland lhe deu um pequeno sorriso.

Jem não tinha procurado nenhuma gentileza naquela criança ferida. Fez com que o Irmão Zachariah pensasse que Jonathan Wayland poderia crescer para ser mais que um grande guerreiro.

Talvez Jonathan tivesse um parabatai um dia, para ensinar que tipo de homem ele queria ser.

Essa é a ligação mais forte que qualquer mágica, disse Jem a si mesmo naquela noite, com a faca na mão, fazendo cortes profundos. Esse é o laço que eu escolho.

Ele tinha feito sua marca. Tinha escolhido o nome Zachariah, que significava lembrar. Lembre-se dele, pediu Jem a si mesmo. Lembre-se deles. Lembre-se do motivo. Lembre-se da única resposta para a única pergunta. Não se esqueça.

Quando olhou novamente, Jonathan Wayland não estava mais lá.

Gostaria de poder agradecer à criança tê-lo ajudado a lembrar.

Isabelle jamais entrara no terminal de passageiros do porto de Nova York. Não ficou muito impressionada. O terminal era como uma cobra de vidro e metal, e eles tinham de se sentar na barriga e esperar. Os navios eram como armazéns na água, mas Isabelle imaginava um barco de Idris como um navio pirata.

Estava escuro quando acordaram, e agora mal tinha amanhecido, fazia muito frio. Alec se encolhera no casaco por causa do vento que soprava da água azul, e Max reclamava com a mãe, de mau humor por ter sido acordado tão cedo. Basicamente tanto ela quanto os irmãos estavam de mau humor, e Isabelle não sabia o que esperar.

Ela viu o pai caminhando pelo passadiço com um menino. O amanhecer traçava uma linha dourada e fina sobre a água. O vento formava pequenas cristas brancas em cada onda no rio e brincava com os cachos dourados do cabelo do menino. Suas costas eram retas e esguias, como uma rapieira. Ele usava roupas escuras e justas que pareciam um uniforme de combate. E estavam sujas de sangue. Ele, de fato, tinha participado da luta. O pai e a mãe ainda não haviam deixado ela e Alec combaterem um único demoniozinho!

Isabelle se virou para Alec, certa de que ele compartilharia de seu senso de traição por tal injustiça, e o viu encarando o recém-chegado com olhos arregalados, como se observassem uma revelação da manhã.

— Uau! — suspirou Alec.

— E o vampiro? — Isabelle quis saber, indignada.

— Que vampiro? — retrucou Alec. A mãe mandou que se calassem.

Jonathan Wayland tinha olhos e cabelos dourados, e aqueles olhos não tinham profundidade, apenas uma superfície brilhante e refletida, exibindo tão pouco quanto portas metálicas de um templo fechado. Ele nem sequer sorriu ao parar diante deles.

Tragam de volta aquele Irmão do Silêncio, foi o pensamento de Isabelle.

Ela olhou para a mãe, mas a mulher encarava aquele novo menino com uma expressão estranha no rosto.

O menino estava olhando para ela.

— Sou Jonathan — apresentou-se, com firmeza.

— Olá, Jonathan — retrucou a mãe de Isabelle. — Sou Maryse. É um prazer.

Ela esticou a mão e tocou o cabelo do menino. Jonathan se encolheu, mas ficou parado, e Maryse ajeitou as ondas douradas e brilhantes que o vento bagunçara.

— Acho que precisamos cortar seu cabelo — disse a mãe.

Era uma frase tão maternal que fez com que Isabelle sorrisse enquanto revirava os olhos. Na verdade, o menino Jonathan, de fato, precisava de um corte de cabelo. As pontas estavam caindo pelo colarinho, tão desgrenhadas que era como se quem o cortara pela última vez — havia muito tempo — não tivesse se importado em fazer um bom trabalho. Ele tinha um ar singelo de vira-lata, com os pelos compridos e prestes a rosnar, embora isso não fizesse sentido para uma criança.

A mãe deu uma piscadela.

— Aí você vai ficar ainda mais bonito.

— Tem como? — perguntou Jonathan secamente.

Alec riu. Jonathan pareceu surpreso, como se não tivesse notado o outro menino até então. Isabelle achava que ele não tinha prestado atenção em mais ninguém além de sua mãe.

— Meninos, digam oi para Jonathan — pediu o pai de Isabelle.

Max encarou Jonathan com fascínio. Largou o coelho de pelúcia no chão de cimento, correu para a frente e abraçou a perna do menino. Jonathan se encolheu novamente, mas dessa vez foi um instinto, até o gênio perceber que não estava sendo atacado pelo garotinho de 3 anos.

— Oi, Jonathing — disse Max, abafado pelo tecido da calça de Jonathan. Ele afagou as costas de Max, com muito cuidado.

Os irmãos de Isabelle não estavam demonstrando a menor solidariedade fraterna na questão de Jonathan Wayland. Foi pior ainda quando chegaram ao Instituto e ficaram jogando conversa fora quando, na verdade, todo mundo queria voltar a dormir.

— Jonathing pode dormir em meu quarto porque a gente se ama — propôs Max.

— Jonathan tem o próprio quarto. Diga “durma bem, Jonathan” — pediu Maryse. — Você poderá vê-lo depois que todos tivermos descansado um pouco mais.

Isabelle foi para o quarto, mas ainda estava agitada e não conseguia dormir. Pintava as unhas do pé quando ouviu um pequeno rangido na porta no final do corredor.

Levantou, as unhas de um dos pés pintadas de preto, o outro pé ainda enfiado em uma meia cor-de-rosa felpuda, e correu para a porta. Abriu-a, colocou a cabeça para fora e notou Alec fazendo a mesma coisa do próprio quarto. Ambos viram a silhueta de Jonathan Wayland percorrendo sorratamente o corredor. Isabelle fez uma série de gestos complicados para saber se Alec queria segui-lo junto com ela.

O menino a encarou com total espanto. Isabelle amava o irmão mais velho, no entanto, às vezes temia suas caçadas a demônios no futuro. Ele era péssimo em decorar seus sinais militares superlegais.

Ela desistiu, e os dois se apressaram atrás de Jonathan, que não conhecia o Instituto e só conseguiu refazer seus passos até a cozinha.

Onde os dois o encontraram. Jonathan estava com a camisa levantada e passava uma toalha úmida sobre o corte na lateral do corpo.

— Pelo Anjo! — exclamou Alec. — Você está machucado. Por que não avisou?

Isabelle bateu no braço de Alec por ele não ter sido furtivo.

Jonathan os encarou, com o rosto cheio de culpa, como se estivesse roubando um biscoito, em vez de estar ferido.

— Não contem para seus pais — pediu ele.

Alec saiu de perto de Isabelle e correu para o outro menino. Examinou o corte, em seguida, levou-o até um banquinho, fazendo com que se sentasse. Isabelle não se surpreendeu. Alec sempre ficava nervoso quando ela ou Max caíam.

— É superficial — decretou o irmão após um instante. — Mas nossos pais iam querer saber. Mamãe aplicaria um iratze ou coisa do tipo...

— Não! É melhor que seus pais não saibam o que aconteceu. Foi só por azar que um deles me atingiu. Sou um bom lutador — protestou Jonathan vorazmente.

Ele foi tão veemente que pareceu quase alarmante. Se não tivesse 10 anos, Isabelle pensaria que estava com medo de ser punido por não ser um bom soldado.

— É óbvio que você é muito bom — disse Alec. — Só precisa de alguém na retaguarda.

Ele colocou a mão gentilmente no ombro de Jonathan ao falar. Foi um pequeno gesto que Isabelle nem teria notado, exceto pelo fato de que jamais vira Alec fazer isso por ninguém que

não fosse da família, e por Jonathan Wayland ter ficado imóvel com o toque, como se temesse que o menor dos movimentos pudesse afastá-lo.

— Está doendo muito? — perguntou Alec, solidário.

— Não — sussurrou Jonathan.

Isabelle achou que estava bem claro que Jonathan Wayland diria que ter sua perna amputada não doía, mas Alec era muito honesto.

— Certo — disse o irmão. — Deixe-me pegar algumas coisas da enfermaria. Vamos cuidar disso juntos.

Alec assentiu encorajadoramente e foi buscar os suprimentos na enfermaria, deixando Isabelle e o estranho menino ensanguentado a sós.

— Você e seu irmão parecem... muito próximos — falou Jonathan. Isabelle piscou os olhos.

— Evidente.

Que estranho, ser próximo da família. Isabelle conteve o sarcasmo, tendo em vista que Jonathan estava mal e era um convidado.

— Então... suponho que vão ser parabatai — arriscou ele.

— Ah, não, acho que não — disse ela. — Ser parabatai é um pouco fora de moda, não é? Além do mais, não gosto da ideia de abrir mão de minha independência. Antes de ser filha de meus pais ou irmã de meus irmãos, sou uma pessoa independente. Já sou alguma coisa de muita gente. Não preciso ser mais nada de ninguém, não por um bom tempo, sabe?

Jonathan sorriu. Ele tinha um dente quebrado. Isabelle ficou imaginando como aquilo teria acontecido, e torceu para que tivesse quebrado em uma luta incrível.

— Não sei. Não sou nada de ninguém.

Ela mordeu o lábio. Jamais se dera conta de que tinha como certa a sensação de segurança.

Jonathan havia olhado para Isabelle ao falar, mas, no mesmo instante, voltou os olhos para a porta através da qual Alec desaparecera.

Isabelle não podia deixar de observar que esse menino morava em sua casa havia menos de três horas e já estava tentando garantir um parabatai.

Em seguida, ele se esticou mais na cadeira, retomando sua atitude de sou legal demais para o Instituto, e ela esqueceu o pensamento ao se irritar por Jonathan ser tão exibido. Ela, Isabelle, era a única exibida de que aquele Instituto precisava.

Os dois ficaram se encarando até Alec voltar.

— Ah... prefere que eu faça os curativos ou você mesmo quer fazer?

A expressão de Jonathan era impenetrável.

— Posso fazer sozinho. Não preciso de nada.

— Ah — disse Alec, descontente.

Isabelle não sabia dizer se o rosto sem expressão de Jonathan era para afastá-los ou se proteger, mas ele estava machucado. Alec ainda era tímido com estranhos, e Jonathan era um ser humano fechado, então eles ficariam constrangidos apesar de ela perceber que gostavam um do outro. Ela suspirou. Meninos não tinham jeito, e ela precisava tomar as rédeas da situação.

— Fique parado, idiota — ordenou a Jonathan, pegando a pomada das mãos de Alec e começando a espalhar sobre o corte. — Vou ser sua boa samaritana.

— Hum — disse Alec. — É muita pomada.

Era como quando você aperta com força o meio da pasta de dentes, mas Isabelle não acreditava em resultados sem a disposição para fazer bagunça.

— Tudo bem — disse Jonathan rapidamente. — Está ótimo. Obrigado, Isabelle.

A menina levantou o olhar e sorriu para ele. Alec desenrolou de forma eficiente uma atadura. Quando as coisas engrenaram, Isabelle se afastou. Seus pais protestariam se acidentalmente transformasse o convidado em uma múmia.

— O que está acontecendo? — disse Robert Lightwood da porta. — Jonathan! Você disse que não tinha se machucado.

Quando Isabelle olhou, viu a mãe e o pai parados na entrada da cozinha, com os braços cruzados e os olhos semicerrados. Imaginou que eles teriam ressalvas quanto a ela e Alex brincarem de médico com o garoto novo. Fortes ressalvas.

— Só estávamos ajustando o Jonathan — anunciou Alec ansiosamente, se colocando diante do banquinho. — Nada demais.

— Foi minha culpa ter me machucado — explicou Jonathan. — Sei que desculpas são para os incompetentes. Não vai acontecer de novo.

— Não vai? — perguntou a mãe. — Todos os guerreiros se ferem de vez em quando. Você está planejando fugir e se tornar um Irmão do Silêncio?

Jonathan Wayland deu de ombros.

— Eu queria ser uma Irmã de Ferro, mas elas me enviaram uma recusa dolorosa e sexista.

Todo mundo riu. Jonathan pareceu ligeiramente espantado outra vez, depois, divertido, antes de congelar sua expressão, como se estivesse fechando a tampa de um baú do tesouro. A mãe de Isabelle foi quem cuidou do machucado enquanto seu pai continuava perto da porta.

— Jonathan? — disse Maryse. — Alguém o chama de outra coisa?

— Não — respondeu o menino. — Meu pai costumava fazer uma piada sobre ter outro Jonathan, caso eu não fosse bom o suficiente.

Isabelle não achou uma boa piada.

— Sempre achei que chamar um de nossos filhos de Jonathan seria como os mundanos chamando os filhos de Jebediah — comentou a mãe de Isabelle.

— John — disse o pai. — Mundanos frequentemente chamam os filhos de John.

— Chamam? — perguntou Maryse, e deu de ombros. — Eu jurava que era Jebediah.

— Meu nome do meio é Christopher — disse Jonathan. — Você pode... pode me chamar de Christopher, se quiser.

Maryse e Isabelle trocaram um olhar eloquente. Ela e a mãe sempre conseguiram se comunicar assim. Isabelle achava que era porque eram as únicas meninas e eram especiais uma para a outra. Ela não conseguia imaginar sua mãe lhe dizendo nada que ela não quisesse ouvir.

— Não vamos mudar seu nome — disse a mãe, com voz triste.

Isabelle não sabia ao certo se a mãe estava triste por Jonathan pensar que fariam isso, mudar seu nome como se ele fosse um animal de estimação, ou triste porque ele teria deixado que mudassem.

O que Isabelle sabia era que a mãe olhava Jonathan do mesmo jeito que olhava para Max quando ele estava aprendendo a andar, e não haveria mais conversa sobre período de experiência. Jonathan obviamente tinha vindo para ficar.

— Talvez um apelido — propôs Maryse. — O que acha de Jace?

Ele ficou quieto por um instante, observando cuidadosamente a mãe de Isabelle com o canto do olho. Finalmente deu um sorriso, fraco e frio como a luz do início da manhã, mas que se aqueceu com esperança.

— Acho que Jace vai funcionar — concordou Jonathan Wayland.

Enquanto um menino era apresentado a uma família e vampiros dormiam com frio, mas aninhados no porão de um navio, o Irmão Zachariah caminhava por uma cidade que não era sua. As pessoas apressadas não conseguiam vê-lo, mas ele enxergava a luz em seus olhos, como se fossem novas. O barulho das buzinas dos carros e dos pneus dos táxis amarelos e as

conversas de muitas vozes em muitas línguas formavam uma canção longa e viva. O Irmão Zachariah não podia cantar a música, mas podia ouvi-la.

Não era a primeira vez que isso acontecia com ele, ver um traço do passado no presente. As cores eram diferentes. O menino não tinha nada a ver com Will, de fato. Jem sabia disso. Jem — pois nos momentos em que se lembrava de Will, ele sempre era Jem — estava acostumado a ver seu Caçador de Sombras mais querido e perdido em milhares de rostos e gestos de Caçadores de Sombras, nos movimentos de cabeça e em algumas notas vocais. Nunca a cabeça amada, nunca a voz há muito silenciada, mas, às vezes, mais e mais raramente, algo próximo.

A mão de Jem estava cerrada firmemente em torno do bastão. Ele não parara para prestar atenção às marcas sob sua palma havia muito tempo.

Isso é um lembrete de minha fé. Se tem alguma parte de Will que pode estar comigo, e eu acredito que tenha, então ele está a meu alcance. Nada pode nos separar. Ele se permitiu um sorriso. Sua boca não podia se abrir, mas ele ainda podia sorrir. Ainda podia falar com Will, apesar de não poder mais ouvir a resposta.

A vida não é um barco, a maré cruel e implacável nos afastando de todos que amamos. Você não se perdeu de mim para sempre em uma costa distante. A vida é uma roda.

Do rio, ele podia ouvir as sereias. Todas as faíscas da cidade ao amanhecer acendiam um novo fogo. Um novo dia nascia.

Se a vida é uma roda, ela vai trazê-lo de volta para mim. Tudo que preciso fazer é manter a fé.

Mesmo quando ter um coração parecia insuportável, era melhor que a alternativa. Mesmo quando o Irmão Zachariah sentia que estava perdendo a batalha, perdendo tudo o que um dia fora, havia esperança.

Às vezes, você parece muito distante de mim, meu parabatai.

A luz na água não rivalizava com o sorriso ardente e contraditório do menino, que, de algum jeito, era, ao mesmo tempo, indomável e muito facilmente ferido. Ele era uma criança indo para uma casa nova, assim como Will e o menino que Zachariah foi, que viajaram em uma tristeza solitária para um lugar onde se encontraram. Jem torcia para que ele encontrasse felicidade.

E sorriu para um menino que havia muito tempo não existia. Às vezes, Will, disse então, você parece muito próximo.

Longas Sombras

Fantasma do
Mercado das Sombras

Longas Sombras

Pecados antigos lançam longas sombras - Provérbio Inglês

Londres, 1901

O viaduto ferroviário passava apenas a um fio de distância da igreja de São Salvador. Houve discussão entre os mundanos sobre a possibilidade de demolir a igreja para abrir caminho para a ferrovia, mas encontraram uma oposição inesperadamente feroz. Em vez disso, a ferrovia tomava uma rota um pouco mais tortuosa, e a torre da igreja ainda permanecia, um punhal de prata contra o céu noturno.

Sob os arcos, cruzeiros e trilhos, um mercado mundano era mantido durante o dia, a maior associação de mercearias da cidade.

De noite, o mercado pertencia ao submundo.

Vampiros e lobisomens, feiticeiros e feéricos, se encontram sob as estrelas e sob o glamour que os olhos humanos não conseguiam furar. Eles tiveram seus com sinos e fitas, berrantes de cor: cobra verde, febre vermelha e o alarmante laranja das chamas. O irmão Zachariah sentiu o cheiro de incenso queimando e ouviu as canções de lobisomens pela beleza distante da lua, e fadas chamando as crianças para ir embora, ir embora.

Foi o primeiro ano novo no Mercado das Sombras pelos padrões ingleses, embora ainda fosse o ano antigo na China. O irmão Zachariah havia deixado Xangai quando ele era criança, e Londres quando ele tinha dezessete anos, para ir à Cidade do Silêncio, onde não havia reconhecimento do tempo, a não ser que as cinzas de mais guerreiros fossem depositadas. Ainda assim, ele se lembrava das comemorações do ano novo em sua vida humana, desde a gemada e a adivinhação em Londres até o início dos fogos de artifício e a mordiscada de bolinhos de lua em Xangai.

Agora, a neve caía sobre Londres. O ar estava fresco e frio como uma maçã fresca, e se sentia bem contra o rosto dele. As vozes de seus irmãos eram um zumbido baixo em sua cabeça, deixando o irmão Zachariah um pouco distante.

Zachariah estava aqui em uma missão, mas ele demorou um pouco para ficar feliz por estar em Londres, no Mercado das Sombras, para respirar com a poeira do que havia partido. Parecia algo como liberdade, como ser jovem novamente.

Ele se alegrou, mas isso não significava que as pessoas do Mercado das Sombras alegraram-se com ele. Ele observou muitos Submundanos, e até mundanos com a Visão, lançando-lhe olhares que eram o oposto de boas-vindas. Enquanto ele se movia, um murmúrio sombrio atravessou o zumbido da conversa ao redor dele.

Os habitantes do submundo consideraram este tempo do mercado como um espaço arrancado dos anjos. Eles claramente não gostavam de sua presença entre eles. O irmão Zachariah era um dos Irmãos do Silêncio, uma fraternidade sem voz que vivia muito tempo em

meio a ossos velhos, jurando reclusão com corações dedicados ao pó de sua cidade e seus mortos. Ninguém deveria ser esperado para abraçar um Irmão do Silêncio, e essas pessoas não seriam propensas a ter prazer na aparência de qualquer Caçador de Sombras.

Mesmo que ele duvidasse, ele viu uma visão mais estranha do que qualquer outra que ele esperava no mercado.

Havia um menino Caçador de Sombras dançando um cancan com três fadas. Ele era o filho mais novo de Charlotte e Henry Fairchild, Matthew Fairchild. Sua cabeça estava jogada para trás, seu cabelo claro brilhante à luz do fogo, e ele estava rindo.

O irmão Zachariah teve um instante para se perguntar se Matthew estava enfeitiçado antes que Matthew o visse e avançasse, deixando as fadas atrás dele parecendo desconcertadas. The Fair Folk não estavam acostumados a ter mortais pulando em suas danças.

Matthew não pareceu notar. Ele correu até o irmão Zachariah, jogou um braço exuberante em volta do pescoço e abaixou a cabeça sob o capuz do Irmão do Silêncio para lhe dar um beijo na bochecha.

"Tio Jem!" Matthew exclamou alegremente. "O que você está fazendo aqui?"

Idris, 1889

Matthew Fairchild quase nunca perdeu a paciência. Quando ele fez, ele tentou tornar a ocasião memorável.

A última vez tinha sido há dois anos, durante a curta temporada de Matthew na Academia dos Caçadores de Sombras, uma escola destinada a produzir em massa um perfeito combate a demônios.

Tudo começou com metade da escola lotada no topo de uma torre, observando os pais chegarem depois de um incidente na floresta com um demônio.

O bom humor habitual de Matthew já havia sido tentado com muita dificuldade. Seu melhor amigo, James, estava sendo culpado pelo incidente, simplesmente porque James por acaso tinha uma quantidade minúscula e insignificante de sangue de demônio— Matthew pensou prodigiosamente sortudo— e a capacidade de se transformar em uma sombra.. James estava sendo expulso. As pessoas reais para culpar, a verruga não mitigada Alastair Carstairs e seus amigos podres, não estavam sendo expulsos. A vida em geral, e a Academia em particular, era um desfile positivo de injustiça.

Matthew nem sequer teve a chance de perguntar a James se ele queria ser parabatai ainda. Ele estava planejando pedir-lhe para ser jurado parceiros guerreiros de uma forma muito elaborada e elegante para que Jamie ficaria muito impressionado para recusar.

Sr. Herondale, pai de James, estava entre os primeiros pais a chegar. Eles o viram atravessar as portas com o cabelo negro turbulento do vento e da raiva. O Sr. Herondale inegavelmente tinha um ar.

As poucas meninas autorizadas a ir à Academia lançavam olhares especulativos para James. James mexeu no lugar com a cabeça em um livro e teve um corte de cabelo infeliz e um comportamento despretensioso, mas ele tinha uma semelhança muito marcante com o pai.

James, o Anjo abençoe sua alma alheia, não percebeu a atenção de ninguém. Ele fugiu para ser expulso, afundado em desespero.

"Deus", disse Eustace Larkspear. "Seria algo ter um pai assim." "Ouvi dizer que ele estava zangado", disse Alastair e soltou uma gargalhada. "Você teria que ser louco, se casar com uma criatura com sangue infernal e ter filhos que eram~.

"Não", disse o pequeno Thomas em voz baixa. Para surpresa de todos, Alastair revirou os olhos e desistiu.

Matthew queria ser aquele que fizera Alastair parar, mas Thomas já havia feito isso e Matthew não conseguia pensar em nenhuma maneira de impedir Alastair de desafiá-lo para um duelo. Ele não tinha certeza se isso funcionaria. Alastair não era um covarde e provavelmente aceitaria o desafio e falaria duas vezes mais. Além disso, entrar em brigas não era exatamente o estilo de Matthew. Ele poderia lutar, mas ele não achava que a violência resolvia muitos problemas.

Além do problema dos demônios devastando o mundo, foi era.

Matthew saiu abruptamente da torre e vagou pelos corredores da Academia de mau humor. Apesar de seu compromisso com a ninhada sombria, ele sabia que tinha o dever de não perder o rastro de Christopher e Thomas Lightwood por muito tempo.

Quando ele tinha seis anos, o irmão mais velho de Matthew, Charles Buford, e sua mãe saíram de casa para uma reunião no Instituto de Londres. Charlotte Fairchild era a Cônsul, a pessoa mais importante de todos os Caçadores de Sombras, e Charles sempre se interessou por seu trabalho, em vez de se ressentir com o aborrecido Nephilim por ter tomado seu tempo. Enquanto se preparavam para ir, Matthew estava no corredor chorando e se recusando a deixar o vestido de sua mãe.

Mamãe se ajoelhou e pediu que Matthew, por favor, cuide de papai para ela enquanto ela e Charles estavam fora.

Matthew levou essa responsabilidade a sério. Papai era um gênio e o que a maioria das pessoas considerava inválido, porque ele não conseguia andar. A menos que ele fosse cuidadosamente observado, ele esqueceria de comer na excitação da invenção. Papai não

podia seguir sem Matthew, e era por isso que era absurdo que Matthew tivesse sido enviado para a Academia em primeiro lugar.

Matthew gostava de cuidar das pessoas, e ele era bom nisso. Quando tinham oito anos, Christopher Lightwood fora descoberto no laboratório de papai, executando o que papai descreveu como uma experiência muito intrigante. Matthew notara que agora faltava uma parede no laboratório e ele levou Christopher sob sua asa.

Christopher e Thomas eram primos reais, irmãos de seus pais.

Matthew não era um primo de verdade: só chamava os pais de Christopher e Thomas, tia Cecily e tio Gabriel, e tia Sophie e tio Gideon, respectivamente, por cortesia. Seus pais eram apenas amigos. Mamãe não tinha família próxima e a família de papai não aprovava que mamãe fosse cônsul.

James era primo de sangue de Christopher. A tia Cecily era a irmã do sr. Herondale. Sr. Herondale dirigia o Instituto de Londres e os Herondales tendiam a se manter. Pessoas cruéis disseram que era porque eram esnobes ou se consideravam superiores, mas Charlotte disse que essas pessoas eram ignorantes. Ela disse a Matthew que os Herondales tendiam a se manter para si mesmos, pois haviam experimentado indelicadeza, porque a sra. Herondale era uma feiticeira.

Ainda assim, quando você administrava um instituto, não conseguia ficar completamente invisível. Matthew tinha visto James em várias festas antes e tentou adquiri-lo como amigo, apenas Matthew foi impedido porque ele achava que deveria contribuir para que as festas fossem um sucesso e James tendia a estar em um canto, lendo.

Geralmente era uma questão simples para Matthew fazer amigos, mas ele não via o ponto a menos que fosse um desafio. Amigos que eram fáceis de obter poderiam ser fáceis de perder, e Matthew queria manter as pessoas.

Tinha sido bastante desagradável quando James parecia não gostar de Matthew, mas Matthew o conquistara. Ele ainda não tinha certeza de como, o que o deixava desconfortável, mas James havia se referido a ele mesmo, Matthew, Christopher e Thomas como os três Mosqueteiros e D'Artagnan, a partir de um livro de que ele gostava. Tudo estava indo esplendidamente além de perder o pai, mas agora James foi expulso e tudo estava arruinado. Ainda assim, Matthew não pôde esquecer suas responsabilidades.

Christopher tinha um relacionamento tempestuoso com a ciência, e o professor Fell ordenara a Matthew que não permitisse que Christopher entrasse em contato com materiais inflamáveis depois da última vez. Thomas era tão quieto e pequeno que estavam sempre perdendo-o, mais ou menos como um mármore humano, e, se fosse deixado à vontade, iria inevitavelmente rolar em direção a Alastair Carstairs.

Esta era uma situação hedionda com apenas um lado positivo.

Era uma questão simples localizar Thomas quando ele estava perdido. Matthew só precisou seguir o som da voz irritante de Alastair.

Infelizmente isso significava ser forçado a ver o rosto irritante de Alastair.

Ele encontrou Alastair logo, olhando por uma janela, com Thomas timidamente parado em seu cotovelo.

O culto ao herói de Thomas era inexplicável. As únicas coisas que Matthew podia gostar de Alastair eram suas sobrancelhas extraordinariamente expressivas, e as sobrancelhas não faziam o homem.

"Você está muito triste, Alastair?" Matthew ouviu Thomas perguntar como ele se aproximou, empenhados em recuperação.

"Pare de me incomodar, insignificante", disse Alastair, embora sua voz fosse tolerante. Mesmo ele não podia se opor fortemente a ser adorado.

"Você ouviu a serpente baixa e sinuosa", disse Matthew. "Venha embora, Tom."

"Ah, mãe Hen Fairchild", zombou Alastair. "Que esposa adorável você fará para alguém um desses bons dias."

Matthew ficou indignado ao ver o pequeno sorriso de Thomas, embora Thomas rapidamente o ocultasse em respeito aos sentimentos de Matthew. Tom era manso e muito afligido pelas irmãs. Ele parecia achar que Alastair sendo rude com todo mundo era ousado.

"Eu gostaria de poder dizer o mesmo para você", disse Matthew. "Nenhuma alma gentil pensou em informá-lo que seu penteado é, para usar as palavras mais gentis disponíveis para mim, mal aconselhado? Um amigo? Seu pai? Ninguém se importa o suficiente para impedir que você faça um espetáculo de si mesmo? Ou você está simplesmente ocupado demais perpetrando atos de maldade sobre os inocentes para se incomodar com sua aparência infeliz?"

"Matthew!", Disse Thomas. "Seu amigo morreu."

Matthew desejava enfaticamente mostrar que Alastair e seus amigos tinham sido os que desencadearam um demônio em James, e que a travessura desagradável deles deu errado não foi mais do que seus meros desertos. Ele podia ver, no entanto, que afligia Thomas extremamente.

"Oh, muito bem. Vamos", ele disse. "Embora eu não possa deixar de me perguntar de quem foi a maldita idéia."

"Espere um pouco, Fairchild", retrucou Alastair. "Você pode ir em frente, Lightwood."

Thomas parecia profundamente preocupado quando ele se foi, mas Matthew podia ver que ele estava relutante em desobedecer seu ídolo. Quando os preocupados olhos cor de avelã de Thomas se voltaram para Matthew, Matthew assentiu e Thomas partiu relutante.

Quando ele se foi, Matthew e Alastair se enfrentaram. Matthew entendeu que Alastair mandara Thomas embora com um propósito. Ele mordeu o lábio, resignado a uma briga.

Em vez disso, Alastair disse: "Quem é você para jogar o moralista, falando sobre truques e papais, considerando as circunstâncias do seu nascimento?"

Matthew franziu a testa. "Sobre que diabos você está divagando, Carstairs?"

"Todo mundo fala sobre sua mãe e suas buscas não femininas", disse o horrível e impensável verme Alastair Carstairs. Matthew zombou, mas Alastair levantou a voz, persistindo. "Uma mulher não pode ser uma boa cônsul. Não obstante, sua mãe pode continuar sua carreira, é claro, já que ela tem um forte apoio dos poderosos Lightwoods."

"Certamente nossas famílias são amigas", disse Matthew. "Você não está familiarizado com o conceito de amizade, Carstairs? Quão trágico para você, embora compreensível por parte de todos os outros no universo."

Alastair ergueu as sobrancelhas. "Oh, ótimos amigos, sem dúvida. Sua mãe precisa de amigos, já que seu pai é incapaz de representar a parte do homem."

"Eu imploro seu perdão?", disse Matthew.

"É estranho que você tenha nascido muito tempo depois do terrível acidente de seu pai", disse Alastair, quase girando um bigode imaginário. "Estranho que a família do seu papai não tenha nada a ver com você, a ponto de exigir que sua mãe renuncie ao seu nome de casada. É notável que você não tem nenhuma semelhança com seu papai, e sua coloração é tão parecida com a de Gideon Lightwood."

Gideon Lightwood era o pai de Thomas. Não é de admirar que Alastair tenha mandado Thomas embora antes de fazer uma acusação ridícula como essa.

Foi um absurdo. Talvez fosse verdade que Matthew tinha cabelos louros, enquanto o de mamãe era marrom e o de seu pai e de Charles Buford era vermelha. A mãe de Matthew era pequena, mas Cook disse que achava que Matthew seria mais alto que Charles Buford. Tio Gideon estava frequentemente com mamãe. Matthew sabia que ele havia falado por ela quando ela estava em desacordo com a Clave. Mamãe certa vez o chamara de amigo bom e fiel.

Matthew nunca tinha pensado muito sobre isso antes.

Sua mãe disse que seu pai tinha um rosto tão querido, amigável e sardento. Matthew sempre desejou parecer com ele.

Mas ele não parecia.

Matthew disse, sua voz estranha em seus próprios ouvidos: "Eu não entendo o que você quer dizer."

"Henry Branwell não é seu pai", cuspiu Alastair. "Você é o bastardo de Gideon Lightwood. Todo mundo sabe disso, menos você."

Em uma raiva branca e ofuscante, Matthew atingiu-o no rosto.

Então ele foi encontrar Christopher, limpou a área e deu-lhe fósforos. Um tempo curto mas cheio de acontecimentos passou antes que

Matthew deixasse a escola, para nunca mais voltar. Nesse intervalo, uma ala da Academia explodiu.

Matthew percebeu que tinha sido uma coisa muito chocante de se fazer, mas enquanto ele estava demente, ele também exigiu que James fosse seu parabatai e, por algum milagre, James concordou. Matthew e seu papai combinaram de passar mais tempo na casa dos Fairchild, em Londres, para que Matthew pudesse ficar com seu pai e seu parabatai. Tudo o que, pensou Matthew, funcionou muito bem.

Se ele pudesse esquecer.

Mercado das Sombras, Londres, 1901

Jem parou no meio das chamas dançantes e dos arcos de ferro preto do Mercado de Londres, assustado pela aparição de um rosto familiar em um contexto inesperado, e ainda mais pelo calor da saudação de Matthew.

Ele conhecia o filho de Charlotte, claro. Seu outro menino, Charles, sempre foi muito legal e distante quando encontrou o irmão Zachariah em negócios oficiais. O irmão Zachariah sabia que os Irmãos do Silêncio deveriam ser separados do mundo. O filho de seu tio Elias, Alastair, deixou isso muito claro quando o irmão Zachariah se aproximou dele.

É assim que deve ser, disse o irmão em sua mente. Ele nem sempre conseguia distinguir uma de suas vozes das outras. Eles eram um refrão quieto, uma música silenciosa e sempre presente.

Jem não teria segurado contra Matthew se ele se sentisse da mesma maneira que muitos outros, mas ele não parecia. Seu rosto brilhante e delicado mostrava desalento com muita clareza. "Estou sendo muito familiar?", Ele perguntou ansiosamente. "Eu só supus que desde que eu era parabatai de James e é assim que ele chama você, eu poderia fazê-lo também."

É claro que você pode, disse o irmão Zachariah.

James o fez, e a irmã de James, Lucie, e a irmã de Alastair, Cordelia, também o fizeram. Zachariah considerou que eles eram as três crianças mais doces do mundo. Ele sabia que poderia ser um pouco parcial, mas a fé criou a verdade.

Matthew brilhou. Zachariah se lembrou da mãe de Matthew e da bondade que havia recebido em três órfãos quando ela não era mais do que uma criança.

"Todos eles falam sobre você o tempo todo no Instituto de Londres", confessou Matthew. "James e Lucie e tio Will e tia Tessa também. Eu sinto como se eu te conhecesse muito melhor do que eu realmente conheço, então eu imploro perdão se eu transgredir sua gentileza."

Não pode haver transgressão quando você é sempre bem-vindo, disse Jem.

O sorriso de Matthew se espalhou. Foi uma expressão extraordinariamente envolvente. Seu calor estava mais próximo da superfície do que o de Charlotte, pensou Jem. Ele nunca fora ensinado a se fechar, a fazer qualquer outra coisa além de deliciar-se e confiar no mundo.

"Eu gostaria de ouvir tudo sobre as suas aventuras e do tio Will e da tia Tessa do seu ponto de vista", propôs Matthew. "Você deve ter tido um momento muito emocionante! Nada emocionante nos acontece. Do jeito que todo mundo fala sobre isso, pode-se pensar que você teve uma paixão dramática com tia Tessa antes de se tornar um Irmão do Silêncio." Matthew se conteve. "Desculpa! Minha língua fugiu comigo. Eu estou desatento e animado para falar com você corretamente. Tenho certeza que é estranho pensar em sua vida passada. Espero não ter incomodado ou ofendido você. Eu choro paz."

Paz, ecoou o irmão Zachariah, divertido.

"Tenho certeza de que você poderia ter tido um caso tórrido com qualquer pessoa que quisesse, é claro", disse Matthew. "Qualquer um pode ver isso. Oh Senhor, isso foi uma coisa desatenta para dizer também, não foi?"

É muito gentil da sua parte dizer isso, disse o irmão Zachariah.

Não é uma boa noite?

"Eu posso ver que você é um sujeito muito diplomático", disse Matthew, e bateu nas costas do irmão Zachariah.

Eles vagaram pelas barracas do Mercado das Sombras. O irmão Zachariah estava procurando um feiticeiro em particular, que concordara em ajudá-lo.

"O tio Will sabe que você está em Londres?" Perguntou Matthew. "Você vai vê-lo? Se o tio Will descobrir que você estava em Londres e não foi vê-lo, e eu soube disso, isso será uma barreira para mim! Jovem vida cortada em seu auge. Uma flor brilhante de masculinidade murchava prematuramente. Você pode pensar em mim e meu destino, tio Jem, você realmente pode."

Posso? perguntou o irmão Zachariah.

Era bastante óbvio o que Matthew estava querendo saber. "Também seria muito gentil da sua parte se você se abstivesse de mencionar que você me viu no Mercado das Sombras", Matthew murmurou, com seu sorriso envolvente e um ar distinto de apreensão.

Irmãos do Silêncio são terríveis fofoqueiros como regra, disse o

irmão Zachariah. Para você, Matthew, vou abrir uma exceção.

"Obrigado, tio Jem!" Matthew uniu o braço ao de Jem. "Eu posso ver que vamos ser grandes amigos."

Deve ser um contraste horrível para o Mercado contemplar, Jem pensou, vendo esta criança brilhante pendurada tão descuidadamente no braço de um Irmão do Silêncio, encapuzada, camuflado e envolto em trevas. Matthew parecia alegremente inconsciente da incongruência.

Eu acredito que nós seremos, disse Jem.

"Minha prima Anna diz que o Mercado das Sombras é muito divertido", disse Matthew alegremente. "Claro que você conhece a Anna. Ela é sempre muito divertida e tem o melhor gosto em coletes em Londres. Conheci algumas fadas muito agradáveis que me convidaram e achei que viria ver."

As fadas Matthew estavam dançando com o passado previamente batido, faixas de luz em coroas de flores. Um menino de fada, lábios manchados com o suco de frutas estranhas, fez uma pausa e piscou para Matthew. Ele parecia não se ressentir de estar abandonado em sua dança, embora as aparências raramente fossem confiáveis com as fadas. Matthew hesitou, lançando um olhar cauteloso sobre o irmão Zachariah, depois piscou de volta.

O irmão Zachariah sentiu que tinha que advertir: S eus amigos podem significar travessuras. Faeries costumam fazer.

Matthew sorriu, a expressão adorável se tornando perversa. "Eu quero dizer travessura frequentemente eu mesmo."

Isso não é exatamente o que quero dizer. Nem pretendo insultar quaisquer Submundanos. Há tantos Submundanos confiáveis quanto há Caçadores de Sombras, o que significa que o oposto também é verdadeiro. Pode ser sábio lembrar que nem todos os que estão no Mercado das Sombras olham com favor para os Nephilim.

"Quem pode culpá-los?", Disse Matthew com ar. "Muito abafado. Empresa presente isenta, tio Jem! Meu pai tem um amigo feiticeiro do qual ele fala frequentemente. Eles inventaram o Portal juntos, você sabia? Eu também gostaria de ter um amigo íntimo do Submundo."

Magnus Bane seria um bom amigo para qualquer um ter, concordou o irmão Zachariah.

Teria parecido desrespeitoso com Magnus, que tinha sido um bom amigo do parabatai de Jem, para continuar o assunto com Matthew. Talvez ele estivesse sendo muito cauteloso. Muitos dos Submundanos certamente seriam levados com o charme de Matthew.

Will havia deixado claro que seu Instituto estava lá para ajudar os Submundanos que buscavam ajuda, tão certo quanto era para mundanos e Caçadores de Sombras. Talvez essa nova geração possa crescer em mais caridade com os Submundanos do que qualquer outra antes deles.

"Anna não está aqui esta noite", acrescentou Matthew. "Mas você está, então tudo está bem. O que vamos fazer juntos? Você está à procura de algo especial? Eu achei que poderia comprar um livro para Jamie e Luce. Qualquer livro. Eles amam todos. "

Isso deixou Jem ainda mais quente para ouvi-lo falar de James e Lucie com uma afeição tão óbvia.

Se virmos um livro adequado, ele disse, vamos comprar para eles. Eu prefiro não lhes comprar um tomo de encantamento perigoso.

"Pelo anjo, não", disse Matthew. "Luce leria com certeza. Pouco ousada de uma forma tranquila, Lu."

Quanto a mim, disse Jem, tenho uma comissão de outra pessoa que tenho em alta conta. Por respeito a eles, não posso dizer mais nada.

"Eu entendo completamente", disse Matthew, parecendo satisfeito por estar tão longe na confiança de Jem. "Eu não pergunto, mas há algo que eu possa fazer para ajudar? Você poderia confiar em mim, se quisesse. Nós amamos as mesmas pessoas, não é?"

Obrigado sinceramente pela oferta.

Não havia como essa criança ajudá-lo, não nessa busca atual, mas sua presença fez Zachariah sentir-se como se pudesse emprestar um pouco da admiração de Matthew enquanto olhava ao redor do Mercado, e eles passeavam por seus sons e visões. Juntos.

Havia barracas vendendo frutas de fadas, embora houvesse também um lobisomem fora do estábulo fazendo comentários sombrios sobre ser enganado e não fazer acordos com homens goblins. Havia barracas com toldos listrados de vermelho e branco vendendo toffee de caramelo, embora o irmão Zachariah tivesse dúvidas sobre sua procedência. Matthew parou e riu por pura alegria com uma feiticeira de pele azul que fazia malabarismos com unicórnios de brinquedo, conchas de sereias e pequenas rodas em chamas, e ele flertou até ela dizer que se chamava Catarina. Ela acrescentou que ele certamente não poderia chamá-la, mas quando ele sorriu ela sorriu de volta. O irmão Zachariah imaginava que as pessoas geralmente o faziam.

O Mercado das Sombras como um todo parecia bastante confuso com Matthew. Eles estavam acostumados a Caçadores de Sombras chegando à caça de testemunhas ou culpados, não demonstrando grande entusiasmo.

Matthew aplaudiu quando outra baía se aproximou dele, andando sobre os pés de galinha. Uma mulher fada com cabelo de dente-de-leão espiava entre frascos de luzes e líquidos multicoloridos.

"Olá, lindo", disse ela, sua voz rouca como casca.

"Com qual de nós você está falando?", Perguntou Matthew, rindo e apoiando o cotovelo no ombro do irmão Zachariah.

A mulher fada olhou para Zachariah com desconfiança. "Oooh, um Irmão do Silêncio no nosso humilde mercado. Os Nephilim considerariam que estávamos sendo honrados".

Você se sente honrada? perguntou Zachariah, mudando sua postura ligeiramente para ficar protetoramente diante de Matthew.

Alheio, Matthew passou por Zachariah para examinar as taças dispostas antes dele.

"Poções bonitas," ele disse, mostrando seu sorriso para a mulher. "Você fez você mesmo? Bom show. Isso faz de você uma espécie de inventora, não é? Meu pai é um inventor."

"Estou feliz por ter alguém no mercado que tenha interesse em meus produtos", disse a mulher, inflexível. "Eu vejo que você tem uma língua de mel para combinar com seu cabelo. Quantos anos você tem?"

"Quinze", Matthew respondeu prontamente.

Começou a separar os frascos, os anéis tilintando contra o vidro e as tampas de madeira e ouro ou prata, conversando sobre o pai e as poções das fadas que ele havia lido.

"Ah, quinze verões, e pelo seu aspecto tem sido tudo verão. Alguns diriam que apenas um rio raso poderia brilhar tanto", disse a mulher fada, e Matthew olhou para ela, uma criança desprotegida surpreendida por qualquer ferida que sofresse. Seu sorriso cintilou por um instante.

Antes que Jem pudesse intervir, o sorriso recomeçou.

"Ah bem. 'Ele não tem nada, mas ele ter parece tudo. O que mais alguém pode desejar?'" Citou Matthew. "Oscar Wilde. Você conhece o trabalho dele? Eu ouvi que fadas gostam de roubar poetas. Você definitivamente deveria ter tentado roubá-lo."

A mulher riu. "Por acaso nós fizemos. Você quer ser roubado, querido garoto doce?"

"Eu não acho que minha mãe, a Cônsul, gostaria disso, não".

Matthew continuou a brilhar radiante sobre ela. A fada pareceu desconcertada por um momento, depois sorriu de volta. As fadas podiam picar como espinhos porque era sua natureza, não porque significavam mal.

"Este é um encanto de amor", disse a mulher fada, acenando para um frasco cheio de uma substância rosa delicadamente espumante. "Não funciona em você, filho mais justo dos Nephilim. Agora isso cega seus oponentes em uma batalha."

Imagino que iria, disse o irmão Zachariah, estudando o frasco cheio de areia cor de carvão.

Matthew ficou satisfeito em ouvir sobre as poções. Zachariah tinha certeza de que o menino de Henry tinha sido presenteado com histórias dos elementos durante o jantar e outra vez.

"O que é este aqui?" Matthew perguntou, apontando para um frasco roxo.

"Oh, outro que não seria do interesse dos Nephilim", disse a mulher com desdém. "Que necessidade você teria de uma poção que faria a pessoa que a levou contar toda a verdade? Seus Caçadores de Sombras não têm segredos entre si, eu ouvi. Além disso, você tem aquela Espada Mortal para provar que um de vocês está dizendo a verdade. Embora eu chame isso de um negócio brutal."

"É brutal", Matthew concordou veementemente.

A mulher fada parecia quase triste. "Você vem de um povo brutal, doce criança."

"Não eu", disse Matthew. "Eu acredito em arte e beleza." "Você pode ser impiedoso um dia, por tudo isso."

"Não, nunca", insistiu Matthew. "Eu não ligo para os costumes dos Caçadores de Sombras. Eu gosto muito das maneiras dos Submundanos."

"Ah, você lisonjeia uma velha", disse a fada, acenando com a mão, mas seu rosto se enrugou como uma maçã satisfeita enquanto sorria mais uma vez. "Agora, já que você é um menino querido, deixe-me mostrar uma coisa muito especial. O que você diria a um frasco de estrelas destiladas, garantindo a quem a levasse vida longa?"

Chega, disseram as vozes na cabeça de Zachariah.

Caçadores de Sombras não fazem barganhas com suas próprias vidas, disse o Irmão Zachariah, e puxou Matthew para longe por sua manga.

Matthew se debateu e gritou um protesto.

As poções da mulher provavelmente tinham água e areia coloridas, disse Zachariah. Não desperdice seu dinheiro nem faça outra barganha com os feéricos. Você deve ter cuidado no mercado. Eles vendem desgostos como sonhos.

"Oh, muito bem", disse Matthew. "Olha, tio Jem! Aquele lobisomem está dirigindo uma banca de livros. Lobisomens são leitores surpreendentemente ardentes, você sabe."

Ele correu e começou a fazer perguntas indelicadas de uma dama lobisomem em um vestido empertigado, que logo estava acariciando seus cabelos e rindo de suas tolices. A atenção do irmão Zachariah foi subitamente detida pelo feiticeiro que ele estava procurando.

Espere por mim aqui, ele disse a Matthew, e foi ao encontro de Ragnor Fell ao lado de um incêndio construído sob um dos arcos da estrada de ferro.

Quando o fogo saltou, gerou fagulhas verdes que combinavam com a face inteligente do feiticeiro e acendiam seu cabelo branco como a neve, curvando-se ao redor da curva mais dura de seus chifres.

"Irmão Zachariah", disse ele, assentindo. "Um prazer, mas gostaria de ter notícias melhores para você. Ah bem. Más notícias chegam como chuva e boas notícias como relâmpagos, quase nunca vistos antes de um acidente."

Um pensamento alegre, disse o irmão Zachariah, seu coração afundando.

"Eu fui a várias fontes sobre a informação que você pediu", disse Ragnor. "Eu tenho uma pista, mas tenho que lhe dizer - fui avisado que essa busca pode ser fatal: que já se provou fatal para mais de uma pessoa. Você realmente quer que eu siga a pista?"

Eu quero, disse o irmão Zachariah.

Ele esperava por mais. Quando ele encontrou Tessa na ponte naquele ano, ela parecia preocupada enquanto conversava com ele. Foi um dia cinzento. O vento tinha soprado o cabelo castanho para trás do rosto que o problema poderia tocar como o tempo não podia. Às vezes parecia que o rosto dela era todo o coração que ele tinha deixado. Ele não podia fazer muito por ela, mas ele uma vez prometeu passar a vida protegendo-a do vento do céu.

Ele pretendia manter sua palavra nisso pelo menos. Ragnor Fell assentiu. "Vou continuar procurando." Eu também, disse o irmão Zachariah.

O rosto de Ragnor mudou para um olhar de profundo alarme. O irmão Zachariah se virou e viu Matthew, que havia voltado para a barraca de poções da mulher fada.

Matthew! O irmão Zachariah chamou. Venha aqui.

Matthew assentiu e avançou com relutância, alisando o colete.

O olhar de alarme no rosto de Ragnor se aprofundou. "Por que ele está vindo? Por que você faria isso comigo? Eu sempre tinha considerado você um dos Caçadores de Sombras mais sensatos, não que isso esteja dizendo muito!"

Irmão Zachariah estudou Ragnor. Era incomum ver o feiticeiro agitado, e ele geralmente era muito discreto e profissional.

Pensei que você tivesse uma longa e querida história de estima mútua com os Fairchilds, disse o irmão Zachariah.

"Oh, certamente", disse Ragnor. "E eu tenho uma longa e querida história de não ser explodido."

O que? perguntou Zachariah.

O mistério foi explicado quando Matthew avistou Ragnor e sorriu.

"Oh, olá, professor Fell." Ele olhou na direção de Jem. "O professor Fell me ensinou na Academia antes de eu ser expulso. Muito expulso."

Jem sabia que James havia sido expulso, mas ele não sabia que Matthew também havia sido. Ele achava que Matthew tinha simplesmente escolhido seguir seu parabatai, como qualquer um faria se pudesse.

"O seu amigo está com você?", perguntou Ragnor Fell e se contorceu. Christopher Lightwood está no local? Nosso mercado está prestes a ser envolvido em chamas?"

"Não", disse Matthew, parecendo divertido. "Christopher está em casa."

"Em casa em Idris?"

"Na casa dos Lightwoods em Londres, mas está longe."

"Não longe o suficiente!", Decidiu Ragnor Fell. "Vou me mudar para Paris imediatamente."

Ele acenou para o irmão Zachariah, visivelmente estremeceu com Matthew, e se virou. Matthew acenou desolado atrás dele.

"Adeus, professor Fell!" Ele chamou. Ele olhou para o irmão Zachariah. "Christopher não quis causar nenhum dos acidentes, e a grande explosão foi totalmente minha culpa."

Eu vejo, disse o irmão Zachariah.

O irmão Zachariah não tinha certeza se viu.

"Você deve conhecer Gideon muito bem", observou Matthew, sua mente imprevisível piscando em outro tópico.

Eu conheço, disse o irmão Zachariah. Ele é o melhor dos bons companheiros.

Matthew encolheu os ombros. "Se você diz. Eu gosto mais do meu tio Gabriel. Não tanto quanto o tio Will, claro."

Will sempre foi meu favorito também, Jem concordou solenemente.

Matthew mordeu o lábio inferior, claramente considerando alguma coisa. "Você se importaria em aceitar uma aposta, tio Jem, que eu possa limpar o fogo com um pé de sobra?"

Eu não me importaria, disse o irmão Zachariah com convicção.

Matthew, espere—Matthew atacou as chamas cintilando com a luz de jade e saltou. Ele se contorceu no ar, o corpo magro de preto como um punhal jogado por uma mão experiente, e caiu de pé na sombra da torre da igreja. Depois de um momento, vários membros do Mercado das Sombras começaram a aplaudir. Matthew imitou a idéia de tirar um chapéu imaginário e fez uma reverência com um floreio.

Seu cabelo era dourado até mesmo por chamas estranhas, seu rosto brilhante mesmo na sombra. O irmão Zachariah observou-o rir e

o pressentimento penetrou em seu coração. Ele experimentou um medo súbito por Matthew, por todos os filhos amados e brilhantes pertencentes a seus queridos amigos. Na época em que ele era da idade de Matthew, ele e Will passaram pelo fogo e queimaram prata. Sua geração havia sofrido para que pudessem trazer o próximo a um mundo melhor, mas agora ocorreu a Jem que aquelas crianças, ensinadas a esperar amor e andar sem medo através das sombras, ficariam chocadas e traídas pelo desastre. Alguns deles podem estar quebrados.

Rezem para que o desastre nunca venha.

Residência dos Fairchild, Londres, 1901

Matthew ainda estava pensando em sua visita ao Mercado das Sombras no dia seguinte. De certa forma, era uma sorte podre vir sobre o tio Jem assim, embora tivesse ficado feliz pela chance de conhecê-lo melhor. Talvez o tio Jem pensasse que Jamie não tinha feito uma má escolha com seu parabatai.

Ele se levantou cedo para ajudar a cozinhar com o fermento.

Cook teve artrite, e a mãe de Matthew perguntou se ela não se dava bem há anos e desejava se aposentar, mas Cook não queria se aposentar e ninguém precisava saber que Matthew dava uma mão no início da manhã. Além disso, Matthew gostava de ver seu pai e sua mãe e até Charles tomando o café da manhã que ele preparava. Sua mãe sempre trabalhava demais, linhas de preocupação gravadas entre as sobrancelhas e a boca que nunca desapareciam, mesmo que Matthew conseguisse fazê-la rir. Ela gostava de scones com cranberries assados, então ele tentou fazê-los sempre que podia.

Matthew não podia fazer mais nada por ela. Ele não era um forte apoio para ela como Charles.

"Charles Buford é tão sério e confiável", um dos amigos de sua mãe disse quando tomavam chá juntos em Idris. Ela havia mordido um dos scones especiais da minha mãe. "E Matthew, bem, ele é... encantador."

Naquela manhã, no café da manhã, Charles Buford pegou o prato de bolinhos de mamãe. Matthew deu-lhe um sorriso e uma sacudida decidida da cabeça, movendo o prato para o cotovelo da mãe. Charles Buford fez uma careta na direção de Matthew.

Charlotte deu-lhe um sorriso distraído, depois voltou a contemplar a toalha de mesa. Ela estava em um estudo marrom. Matthew queria poder dizer que isso era uma ocorrência incomum nos dias de hoje, mas não era. Durante meses havia algo errado na atmosfera do lar, não apenas com a mãe, mas com o pai e até com Charles Buford parecendo absorto e ocasionalmente mordendo Matthew. Às vezes, Matthew temia a idéia do que poderia lhe dizer: que já era hora de saber a verdade, que sua mãe iria embora para sempre. Às vezes, Matthew pensava que, se ele soubesse, ele poderia suportar.

"Minha querida", disse papai. "Você está se sentindo bem?" "Perfeitamente, Henry", disse a mãe.

Matthew amava seu pai além da razão, mas ele o conhecia. Ele estava bem ciente de que havia momentos em que toda a família poderia ter suas cabeças substituídas por cabeças de periquitos e papai simplesmente contaria aos periquitos tudo sobre seu último experimento.

Agora seu pai observava a mãe com olhos preocupados.

Matthew podia imaginá-lo dizendo: Por favor, Charlotte. Não me deixe.

Seu coração balançou em seu peito. Matthew dobrou o guardanapo três vezes nas mãos e disse: "Alguém poderia me dizer —"

Então a porta se abriu e Gideon Lightwood entrou. Sr.

Lightwood. Matthew se recusou a pensar ou falar dele como tio Gideon por mais tempo.

"O que você está fazendo aqui?", Disse Matthew.

"Senhor!" Mamãe disse bruscamente. "Realmente, Matthew, chame-o de senhor."

"O que você está fazendo aqui?", Disse Matthew. "Senhor."

O Sr. Gideon Lightwood teve a bochecha de dar um breve sorriso a Matthew antes de se aproximar e colocar a mão no ombro de mamãe. Na frente do pai de Matthew.

"É sempre um prazer vê-lo, senhor", disse Charles Buford, aquele desgraçado. "Posso servir alguns pescados?"

"Não, não, de jeito nenhum, eu já tomei café da manhã", disse o Sr. Lightwood. "Eu apenas pensei em acompanhar Charlotte através do Portal para Idris."

Mamãe sorriu adequadamente para o Sr. Lightwood, como ela não fizera para Matthew. "Isso é muito gentil, Gideon, embora não seja necessário."

"É muito necessário", disse o Sr. Lightwood. "Uma dama deve sempre ter a escolta de um cavalheiro."

Sua voz estava provocando. Matthew costumava esperar até depois do café da manhã para levar seu pai na cadeira até seu laboratório, mas ele não suportava isso.

"Preciso ver James imediatamente depois de um assunto urgente!", declarou ele, empertigado.

Ele bateu a porta do salão do café da manhã atrás dele, mas não antes de ouvir a mamãe se desculpar por ele, e o sr. Lightwood dizer: "Ah, tudo bem. A idade em que ele está é difícil. Acredite, lembro bem disso."

Antes de partir, Matthew correu até o espelho do quarto para ajeitar os cabelos, algemas e alisar o novo colete verde. Ele olhou para o rosto no vidro, emoldurado em ouro. Um rosto bonito, mas não inteligente como todo mundo da família dele. Ele se lembrou da mulher fada dizendo: Alguns diriam que apenas um rio raso poderia brilhar tanto.

Ele inclinou a cabeça enquanto olhava para o vidro. Muitas pessoas achavam que seus olhos eram escuros como os de sua mãe, mas não eram. Eles eram de um verde tão escuro que enganavam as pessoas, exceto quando a luz atingia a escuridão de um certo modo e as profundezas brilhavam como esmeralda. Como o resto dele, seus olhos eram um truque.

Ele tirou o frasco da poção da verdade da manga. O tio Jem não o viu comprá-lo. Mesmo que o tio Jem suspeitasse que ele tinha, o tio Jem não reclamaria com ele. Quando o tio Jem diz alguma coisa, você acredita: ele era esse tipo de pessoa.

Matthew se absteve de nunca mencionar seus pensamentos sobre Gideon a James, porque Matthew era a alma da discrição e Jamie tinha um temperamento terrível, às vezes. No verão passado, um caçador de sombras perfeitamente amável chamado Augustus Pounceby foi ao Instituto de Londres em sua tour no exterior, e Matthew havia deixado Pounceby na companhia de James por menos de meia hora. Quando Matthew retornou, descobriu que Jamie havia jogado Pounceby no Tâmis. Tudo o que James diria era que Pounceby o insultara. Foi um feito e tanto, já que Pounceby era um Caçador de Sombras totalmente crescido e Jamie tinha quatorze anos na época. Ainda assim, por mais impressionante que seja, não poderia ser considerado boas maneiras.

Nem James nem o tio Jem comprariam poções como se fossem esgueirar-se, ou considerariam administrá-las. Apenas, que mal faria finalmente saber a verdade? Matthew havia considerado acrescentar uma gota do frasco ao café da manhã de hoje; então o pai e a mãe teriam que contar a eles tudo o que estava acontecendo. Agora que o Sr. Gideon Lightwood tinha começado a aparecer de manhã, ele desejou que tivesse.

Matthew sacudiu a cabeça para o reflexo e decidiu banir o tratamento melancólico e monótono.

"Eu pareço elegante?", Perguntou ao sr. Oscar Wilde. "Eu pareço arrojado e afável?"

O Sr. Oscar Wilde lhe deu uma lambida no nariz, porque o Sr.

Oscar Wilde era um cachorrinho que Jamie havia dado a Matthew em seu aniversário. Matthew tomou isso como aprovação.

Matthew apontou para seu reflexo.

"Você pode ser um desperdício de espaço em um colete", disse Matthew Fairchild, "mas pelo menos o seu colete é fantástico."

Ele checou seu relógio de bolso, depois enfiou o relógio de bolso e o frasco no colete. Matthew não pôde se demorar. Ele teve um compromisso importante em um clube mais exclusivo.

Primeiro, Matthew teve que entrar no Instituto de Londres para coletar um pacote conhecido como James Herondale. Ele tinha uma idéia perspicaz de onde James provavelmente estaria, então ele disse a Oscar para ficar e guardar um poste de luz. Oscar obedeceu: ele se comportava muito bem com um cachorrinho, e as pessoas diziam que Matthew devia tê-lo treinado bem, mas Matthew só o amava. Matthew jogou um gancho na janela da biblioteca, subiu enquanto tomava cuidado com as calças e bateu no vidro.

James estava no assento da janela, a cabeça preta inclinada - que surpresa! - um livro. Ele olhou para a torneira e sorriu.

James nunca realmente precisou de Matthew. James tinha sido tão tímido, e Matthew queria cuidar dele, mas agora que James estava crescendo em suas feições angulares e acostumado a ter a companhia certa de três bons amigos, ele era muito mais colecionado durante reuniões

sociais. Mesmo quando Jamie era tímido, ele nunca parecia duvidar ou querer se alterar. Ele nunca olhou para Matthew para resgate. Havia uma certeza tranquila e profunda para James que Matthew desejava ter ele mesmo. Desde o início, havia algo entre eles que era mais igual do que entre ele e Thomas, ou ele e Christopher. Algo que fez Matthew querer se provar para James. Ele não tinha certeza se ele realmente tinha.

James nunca pareceu aliviado ao ver Matthew, ou expectante.

Ele só parecia satisfeito. Ele abriu a janela e Matthew entrou, aborrecendo James e o livro do assento da janela.

"Olá, Matthew", disse James do chão, em tons ligeiramente sarcásticos.

"Olá, Matthew!", Lucie bateu na escrivaninha.

Ela era uma imagem de delicada desordem, claramente no meio da composição. Seus cachos castanhos claros estavam meio puxados para fora de uma fita azul, com um sapato pendurado precariamente nos dedos dos pés. Tio Will frequentemente dava leituras dramáticas do livro que escreveu sobre a varíola demoníaca, que eram muito divertidas. Lucie não mostrava as coisas que escrevia. Matthew costumava pensar em perguntar se ela poderia ler uma página para ele, mas não conseguia pensar em nenhuma razão para que Lucie fizesse uma exceção especial para ele.

"Abençoe vocês, meus Herondales", disse Matthew grandiosamente, levantando-se do chão e fazendo a Lucie sua reverência. "Eu me deparo com uma missão urgente. Diga-me, seja honesta! O que você acha do meu colete?"

Lucie ondulou. "Devastador."

"O que Lucie disse", James concordou pacificamente. "Não é fantástico?", Perguntou Matthew. "Positivamente deslumbrante?"

"Eu suponho que estou atordoado", disse James. "Mas eu estou positivamente atordoado?"

"Abster-se de jogar jogos de palavras cruéis com o seu primeiro e único parabatai ", pediu Matthew. "Assista ao seu próprio traje, por favor. Levante aquele livro bestial. Os Senhores Lightwood nos esperam. Nós precisamos segurar isso."

"Não posso ir como estou?", Perguntou James.

Ele olhou para Matthew com grandes olhos dourados de sua posição no chão. Seus cabelos negros estavam tortos, a camisa de linho amarrotada e ele nem estava usando um colete. Matthew nobremente reprimiu um arrepio convulsivo.

"Com certeza você está brincando", disse Matthew. "Eu sei que você só diz essas coisas para me machucar. Fora você. Escove seu cabelo!"

"O motim de escova de cabelo está chegando", avisou James, indo para a porta.

"Volte vitorioso ou nas escovas de cabelo de seus soldados!" Matthew chamou atrás dele.

Quando Jamie voou, Matthew se virou para Lucie, que estava rabiscando atentamente, mas que olhou para cima como se sentisse seu olhar e sorriu. Matthew se perguntou como seria, ser autossuficiente e acolhedor com ela, como uma casa com paredes resistentes e uma luz de farol sempre acesa.

"Devo escovar meu cabelo?" Lucie brincou.

"Você está, como sempre, perfeita", disse Matthew.

Ele desejou poder fixar a fita no cabelo dela, mas isso seria uma liberdade.

"Você deseja participar da nossa reunião secreta do clube?", Perguntou Matthew.

"Eu não posso, estou fazendo aulas com minha mãe. Mamãe e eu estamos nos ensinando farsi", disse Lucie. "Eu deveria ser capaz de falar as línguas que minha parabatai fala, não deveria?"

James tinha começado a chamar sua mãe e pai, de mãe e pai, em vez de mamãe e papai, já que parecia mais crescido. Lucie havia instantaneamente copiado ele nesse assunto. Matthew gostava muito de ouvir a cadência galesa em suas vozes quando chamavam seus pais, suas vozes suaves como músicas e sempre amorosas.

"Com certeza", disse Matthew, tossindo e fazendo uma resolução particular para retornar às lições galesas.

Não havia nenhuma pergunta de Lucie frequentando a Academia dos Caçadores de Sombras. Ela nunca demonstrou nenhuma habilidade como a de James, mas o mundo era cruel o suficiente para mulheres que eram até mesmo suspeitas de serem um pouco diferentes.

"Lucie Herondale é uma criança doce, mas com suas desvantagens, quem se casaria com ela?" Lavinia Whitelaw perguntou à mãe de Matthew uma vez durante o chá.

"Eu ficaria feliz se qualquer um dos meus filhos quisesse", disse Charlotte, em sua maneira mais cônsul.

Matthew pensou que James tinha muita sorte de ter Lucie. Ele sempre quis uma irmãzinha.

Não que ele quisesse que Lucie fosse sua irmã.

"Você está escrevendo o seu livro, Luce?" Matthew perguntou timidamente.

"Não, uma carta para Cordelia", respondeu Lucie, quebrando o enredo frágil de Matthew. "Espero que Cordelia venha visitar, muito em breve", acrescentou Lucie com séria ansiedade. "Você vai gostar muito dela, Matthew. Eu sei que você vai."

"Hmm", disse Matthew.

Matthew tinha suas dúvidas sobre Cordelia Carstairs. Lucie ia ser parabatai de Cordelia um dia, quando a Clave decidir que eram mulheres adultas que conheciam suas próprias mentes. Lucie e James estavam familiarizados com Cordelia de aventuras de infância que Matthew não tinha feito parte, e que Matthew sentiu um pouco de ciúmes. Cordelia deve ter algumas qualidades redentoras, ou Lucie não a quereria para parabatai, mas ela era a irmã de Alastair Verme Repulsivo Carstairs, então seria estranho se ela fosse inteiramente amável.

"Ela me enviou uma foto dela em seu último. Esta é Cordelia" continuou Lucie em tom de orgulho. "Ela não é a garota mais bonita que você já viu?"

"Oh, bem", disse Matthew. "Possivelmente."

Ele ficou particularmente surpreso com a foto. Ele teria pensado que a irmã de Alastair poderia compartilhar o olhar desagradável de Alastair, como se ele estivesse comendo limões que ele menosprezou. Ela não. Em vez disso, Matthew se lembrou de uma linha em um poema que James lera para ele uma vez, sobre um amor não correspondido. " Aquela criança de chuva e brilho " descreveu

o rosto vívido rindo para ele da moldura exatamente.

"Tudo o que sei é", continuou Matthew, "você tem todas as outras garotas de Londres batidas em flinders".

Lucie coloriu um rosa fraco. "Você está sempre provocando, Matthew."

"Cordelia pediu para você ser parabatai ", Matthew disse casualmente, "ou você perguntou a ela?"

Lucie e Cordelia queriam ser feitas parabatai antes de se separarem, mas foram avisadas de que às vezes você se arrepende de um vínculo feito jovem, e às vezes um parceiro ou outro mudava de idéia. Particularmente, observou Laurence Ashdown, já que as damas podiam ser tão insípidas.

Lucie não era volúvel. Ela e Cordelia escreviam umas para as outras fielmente todos os dias. Lucie chegou a dizer a Matthew que estava escrevendo uma longa história para manter Cordelia divertida, já que Cordelia estava sempre tão longe. Matthew não se perguntou por que alguém como Lucie achava difícil levar alguém como Matthew a sério.

"Eu perguntei a ela, é claro", disse Lucie prontamente. "Eu não queria perder minha chance."

Matthew assentiu, confirmado em sua nova crença de que Cordelia Carstairs deveria ser algo especial.

Ele tinha certeza de que se ele não tivesse pedido a James para ser parabatai, James nunca teria pensado em perguntar a ele.

James voltou para o quarto. "Satisfeito?" Ele perguntou.

"Essa é uma palavra forte, Jamie", disse Matthew. "Considere a minha ira colete um pouco apaziguada."

James ainda tinha seu livro debaixo do braço, mas Matthew sabia que não deveria lutar contra batalhas condenadas. Ele contou a Matthew sobre o livro enquanto caminhavam pelas ruas de Londres.

Matthew gostava do moderno e bem-humorado, como as obras de Oscar Wilde ou a música de Gilbert e Sullivan, mas a história grega não era tão ruim quando Jamie contava. Matthew tinha começado a ler mais e mais literatura antiga, histórias de amor condenado e batalhas nobres. Ele não conseguia se encontrar neles, mas viu James neles, e isso foi o suficiente.

Eles caminharam sem clamor, como Matthew sempre insistiu que eles fariam em sua busca para fazer Jamie se sentir menos constrangido após os desastres da Academia. Uma jovem senhora, presa pela estrutura óssea de Jamie, parou no caminho de um ônibus. Matthew agarrou sua cintura e a girou em segurança, dando-lhe uma ponta do chapéu e um sorriso.

Jamie pareceu perder todo o incidente inteiramente, mexendo em algo sob o punho da camisa.

Havia multidões protestando contra a guerra mundana fora das Casas do Parlamento.

"A Guerra Fria?", Perguntou Matthew. "Isso não pode estar certo."

"A guerra dos bôeres ", disse James. "Honestamente, Matthew." "Isso faz mais sentido", admitiu Matthew.

Uma senhora com um chapéu disforme pegou a manga de Matthew.

"Posso ser de alguma ajuda, madame?", Perguntou Matthew. "Eles estão cometendo atrocidades indescritíveis", disse a senhora. "Eles têm filhos confinados nos campos. Pense nas crianças."

James colocou a mão na manga de Matthew e puxou-o para longe, com uma gorjeta de chapéu de desculpas para a senhora. Matthew olhou por cima do ombro.

"Espero que as coisas dêem certo para as crianças", ele falou. James parecia pensativo enquanto iam. Matthew sabia que

James desejava que os Caçadores de Sombras pudessem resolver problemas como a guerra mundana, embora Matthew sentisse que eles estavam um pouco sobrecarregados como era com todos os demônios.

Para animar Jamie, ele roubou seu chapéu. Jamie soltou uma gargalhada assustada e perseguiu Matthew, os dois correndo e pulando alto o suficiente para surpreender os mundanos, sob a sombra da torre de St. Stephen. O cachorrinho de Matthew perdeu a cabeça, esqueceu seu treinamento e correu sob os pés, latindo com a pura alegria de estar vivo. Seus passos apressados superaram o tique-taque constante do Grande Relógio, sob o qual estava escrito no amado latim de James, ó Senhor, mantenha a Rainha Victoria I, e

o riso deles se misturou com o som alegre e o rugido dos sinos.

Mais tarde, Matthew olharia para trás e recordaria como seu último dia feliz.

"Eu durmo, sonho ou são essas visões que vejo?", Perguntou Matthew. "Por que a tia Sophie e as duas irmãs de Thomas estão tomando chá no mesmo estabelecimento que nosso clube privado e exclusivo?"

"Elas me seguiram", disse Thomas em tom de assédio. "Mamãe estava entendendo, ou elas teriam nos seguido diretamente para a sala do clube."

Tia Sophie era um bom esporte, mas isso não fez com que Matthew se sentisse menos desconfortável com o advento das irmãs de Thomas. Elas não eram espíritos afins, e elas eram susceptíveis de considerar todos os feitos de seu irmão mais novo muito bobo.

Matthew amava o quarto do clube e não admitia interferência.

Ele próprio escolhera os materiais para as cortinas, assegurou-se de que James pusesse os trabalhos de Oscar Wilde em sua extensa coleção de livros e reforçou o canto que era o laboratório de Christopher com chapas de aço nas paredes.

O que levou Matthew a outra queixa. Ele olhou Christopher com um olhar de aço.

"Você dormiu com essas roupas, Christopher? Eu sei que a tia Cecily, o tio Gabriel e a prima Anna nunca permitiriam que você infligisse esses horrores à população. Quais são essas manchas peculiares de lavanda na sua camiseta? Você colocou suas mangas em chamas?"

Christopher olhou as mangas como se nunca as tivesse visto antes. "Um pouco", ele disse culpado.

"Ah, bem", disse Matthew. "Pelo menos as manchas roxas combinam com seus olhos."

Christopher piscou os olhos, o improvável tom de violetas no verão e sorriu com um sorriso lento. Ele claramente não entendia as objeções de Matthew, mas ficou vagamente satisfeito por terem sido superados.

Não foi como com James, que realmente apresentou uma aparência muito boa para o mundo. Christopher era incorrigível. Ele poderia enrolar botas de couro.

Ele certamente poderia incendiar qualquer coisa. Matthew não pretendia que Christopher fosse convidado a deixar a Academia dos Caçadores de Sombras, mas, como surgiu, eles não permitiram que você permanecesse na escola se você explodisse qualquer parte dela. Além disso, o professor Fell ameaçara deixar a Academia para sempre, se Christopher permanecesse.

Thomas ficou fora o ano inteiro, mas não encontrou razão para voltar com seus amigos que se foram e Alastair Deus-Nos-Ajude Carstairs se formou.

Então, por sorte, a proximidade entre as famílias e uma atitude irresponsável em relação a materiais inflamáveis, na maioria das vezes, todos os amigos mais chegados de Matthew poderiam morar juntos em Londres. Eles treinaram juntos no Instituto de Londres e tiveram aulas juntos em várias salas de aula, e Lavinia Whitelaw se referiu a eles como “aquele notório bando de garotos hooligan”.

Matthew e James se chamavam Shadowhooligans por algum tempo depois daquela observação. Decidiram que já passara da hora de ter um quarto próprio, inviolável dos pais - por mais bem intencionados que fosse - e preservado dos irmãos; embora a prima Anna e Luce fossem sempre bem-vindas, devido a serem espíritos afins. Então eles alugaram um quarto do proprietário da Caverna do Diabo, que devia aos Herondales algum tipo de favor. Eles pagaram uma taxa mensal e tinham tudo para si.

Matthew considerou seu quarto com profunda satisfação. Parecia muito bem, pensou ele, e melhor com todos os quatro sentados nele. Em homenagem ao Apollo Club de Ben Jonson, que uma vez realizou suas reuniões nessa mesma taverna, um busto do deus pairava sobre a lareira com palavras cortadas no mármore sob a cabeça e os ombros:

Bem-vindo a todos, que lideram ou seguem Para o Oráculo de Apollo

Todas as suas respostas são divinas A própria verdade flui no vinho.

Havia, é claro, um assento na janela para Jamie, e Jamie já estava instalado com o livro no colo. Christopher se sentou em seu laboratório, adicionando um alarmante líquido laranja a um líquido roxo borbulhante, seu rosto uma imagem de contentamento. Thomas estava sentado de pernas cruzadas no sofá e sinceramente praticando seu trabalho de lâmina. Thomas era muito consciencioso e preocupado em não ser um bom Caçador de Sombras devido a ser subdimensionado.

As irmãs de Thomas eram bem mais altas do que ele. Então foi todo mundo. Tia Sophie, a mãe de Tom, disse que Thomas iria disparar um dia. Ela disse acreditar que um de seus avós era ferreiro e um homem gigante, pequeno como uma ervilha até os dezessete anos.

Tia Sophie era uma mulher gentil, muito bonita e muito interessante com seus contos de mundanos. Matthew não sabia como o Sr. Gideon Lightwood poderia viver consigo mesmo.

Matthew entregou o frasco da poção da verdade em seu colete. "Amigos, agora estamos todos reunidos, devemos compartilhar segredos?"

Jamie brincou com o punho da camisa novamente, o que ele sempre fez em certas ocasiões, e fingiu não ouvir. Matthew suspeitou que ele tivesse um amor secreto. Ele às vezes se perguntava se James teria confiado nele se ele fosse um tipo diferente de pessoa, mais sério e confiável.

Matthew riu. "Venha agora. Algum ódio mortal que você guarda em seu seio? Senhoras do seu coração?"

Thomas ficou vermelho e largou a faca. "Não."

Oscar saltou para pegar a faca para Thomas, e Thomas acariciou suas orelhas frouxas.

Matthew aproximou-se do canto do laboratório, embora soubesse que era imprudente.

"Alguém chamou sua atenção?", Perguntou ele a Christopher.

Christopher olhou para Matthew com alarme. Matthew suspirou e se preparou para explicar mais.

"Existe uma senhora que você se acha pensando com mais frequência do que outras mulheres?", Perguntou Matthew. "Ou um companheiro", acrescentou timidamente.

O rosto de Christopher se limpou. "Oh! Oh sim, eu vejo. Sim, há uma dama."

"Christopher!" Matthew exclamou, encantado. "Seu cachorro manhoso! Eu a conheço?"

"Não, não posso pensar assim", disse Christopher. "Ela é uma mundana."

"Christopher, seu cavalo negro", disse Matthew. "Qual é o nome dela?"

"Sra.-"

"Uma senhora casada!" Matthew disse, oprimido. "Não não. Eu imploro seu perdão. Por favor continue."

"Sra. Marie Curie", disse Christopher. "Acredito que ela seja uma das cientistas mais proeminentes da época. Se você ler os documentos dela, Matthew, acredito que seria mais interessante—"

"Você já conheceu esta senhora?", disse Matthew em tom perigoso.

"Não?", Disse Christopher, sem se importar com o perigo, como ele sempre estava em torno de professores irados e chamas nuas.

Christopher teve a audácia de parecer surpreso quando Matthew começou a insistir poderosamente sobre a cabeça e o rosto.

"Assista os tubos de ensaio!", Gritou Thomas. "Há um buraco no chão da Academia que o professor Fell chama de Christopher Lightwood Chasm."

"Eu suponho que eu odeie algumas pessoas", ofereceu James. "Augustus Pounceby. Lavinia Whitelaw. Alastair Carstairs."

Matthew considerou seu próprio parabatai com profunda aprovação.

"É por isso que somos escolhidos parceiros guerreiros, porque compartilhamos um vínculo perfeito de simpatia. Venha até mim, Jamie, para que possamos compartilhar um abraço viril."

Ele fez incursões na pessoa de Jamie. James o espancou na cabeça com o livro dele. Foi um livro grande.

"Traidor", disse Matthew, se contorcendo no chão. "É por isso que você insiste em carregar enormes volumes em todos os lugares, para que você possa exercer violência contra pessoas inocentes?"

Feita a morte pelo meu melhor amigo — irmão do meu coração — meu querido parabatai —"

Ele agarrou James pela cintura e o levou a cair no chão pela segunda vez naquele dia. James bateu em Matthew com o livro de novo, depois se acalmou, apoiando o ombro no de Matthew. Ambos estavam completamente amarrotados, mas Matthew não se importava de ser amarrotado por uma boa causa.

Matthew empurrou James, muito grato por ter mencionado Alastair e providenciado a Matthew uma abertura para contar seu segredo.

"Alastair não é tão ruim", disse Thomas inesperadamente do sofá.

Todos olharam para ele, e Tom se enrolou como uma tesourinha sob o escrutínio deles, mas persistiu.

"Eu sei o que Alastair fez com James estava errado", disse Thomas. "Alastair também sabe disso muito bem. Era por isso que ele era espinhoso sempre que era mencionado."

"Como isso é diferente de seu comportamento horrível habitual?" Matthew exigiu. "Além de ele ser particularmente nocivo no dia em que todos os pais vieram para a Academia."

Ele parou para pensar em como contar, mas isso deu a Thomas uma chance de falar.

"Sim, exatamente. Todo mundo é pai, mas Alastair," Thomas disse calmamente. "Alastair estava com ciúmes. Sr. Herondale correu para a defesa de Jamie e ninguém veio para Alastair."

"Alguém pode realmente culpar o homem?", Perguntou Matthew. "Se eu tivesse um sapo tão insuportável, e ele fosse abençoado para ser mandado para a escola, não tenho certeza se conseguiria explodir minha visão com seu rosto até que as férias amaldiçoadas o levassem de volta para mim."

Thomas não parecia convencido pelo argumento do som de Matthew. Matthew respirou fundo.

"Você não sabe o que ele me disse no dia em que fomos expulsos."

Tom encolheu os ombros. "Algumas tolices, eu espero. Ele sempre fala o absurdo mais chocante quando está sobrecarregado. Você não deveria ouvi-lo."

O ombro de James estava tenso contra o de Matthew. James tinha sido o principal objetivo da malícia de Alastair. Thomas claramente pretendia defender Alastair com firmeza. Essa linha de argumentação estava fadada a perturbar James ou Thomas. Matthew não estava disposto a acalmar seus próprios sentimentos às custas de Jamie ou Tom.

Matthew desistiu. "Eu não posso imaginar por que alguém iria ouvi-lo."

"Oh bem", disse Tom. "Eu gosto do absurdo dele." Ele parecia melancólico. "Eu acho que Alastair mascara sua dor com frases habilmente transformadas."

"Que tolice absoluta", disse Matthew.

Thomas era bom demais, esse era o problema de Thomas.

Realmente, as pessoas deixariam você ser o pior tipo de canalha se simplesmente tivesse uma tristeza secreta ou não se desse muito bem com seu pai.

Foi definitivamente algo para se olhar.

Seu pai era o melhor papai do mundo, então Matthew não teve oportunidade de ser cruelmente oprimido ou tristemente negligenciado. Talvez Matthew devesse gastar seu tempo meditando sobre uma paixão proibida como James estava fazendo atualmente.

Matthew decidiu dar uma chance ao amor não correspondido.

Ele olhou pela janela com toda a força pensativa que ele poderia reunir. Ele estava se preparando para passar a mão sobre a testa febril e murmurar "Ai, meu amor perdido" ou algum outro tipo de podridão quando ele foi abruptamente batido na cabeça com um livro.

Honestamente, Jamie era letal com essa coisa.

"Está bem, Matthew?" Perguntou Jamie. "Seu rosto sugere que você está sofrendo de uma febre."

Matthew assentiu, mas abaixou a cabeça contra o casaco de Jamie e ficou lá por um momento. Nunca ocorrera a Matthew que Alastair pudesse estar com ciúmes do pai de James. Ele não podia imaginar ter ciúmes do pai de ninguém. Tendo o melhor papai do mundo, Matthew ficaria perfeitamente satisfeito com ele.

Se ao menos ele pudesse ter certeza de que Henry era seu pai.

No início da manhã, Matthew destampou o frasco do faerie e colocou uma gota entre os cranberries para os bolinhos de sua mãe. Os bolinhos saíram do forno, dourados e cheirosos.

"Você é o melhor garoto de Londres", disse Cook, dando um beijo em Matthew.

"Eu sou totalmente egoísta", declarou Matthew. "Eu te amo, Cook. Quando nos casaremos?"

"Acompanhe-se com você", disse Cook, acenando com a colher de pau de forma ameaçadora.

Quando Jamie era um garotinho, ele tinha sua própria colher especial amada. A família sempre relembrou isso. Envergonhou Jamie até a morte, especialmente quando o tio Gabriel lhe presenteou com uma colher em reuniões de família. Os pais pensavam que todo tipo de piedade era uma ótima idéia.

Jamie ficou com as colheres que o tio Gabriel lhe deu. Quando perguntado por que, ele disse que era porque ele amava seu tio Gabriel. James foi capaz de dizer essas coisas com uma sinceridade que envergonharia qualquer outra pessoa.

Depois que James disse isso, Tio Will perguntou em voz alta qual era o ponto em ter um filho, mas o tio Gabriel parecia tocado. Tio Gabriel amava Anna e Christopher, mas Matthew não tinha certeza se entendia completamente seus filhos. James se parecia muito com sua tia Cecily, e tentou muito ser uma Caçadora de Sombras, enquanto Christopher talvez não soubesse que nenhum deles era Caçador de Sombras. O tio Gabriel gostava especialmente de James. Claro, quem não gostaria?

Matthew roubou a colher para dar a James.

"Suponho que seja por alguma brincadeira absurda", disse Charles Buford quando viu a colher no café da manhã. "Eu gostaria que você crescesse, Matthew."

Matthew considerou isso, então mostrou a língua para Charles.

Seu filhote não era permitido na sala de café da manhã, porque Charles Buford disse que Oscar não era higiênico.

"Se você simplesmente fizesse um esforço para ser sensato", disse Charles.

"Eu não", disse Matthew. "Eu poderia sustentar uma tensão da qual nunca me recuperaria."

Sua mãe não sorria para a sua teatralidade. Ela estava olhando para a xícara de chá, para todas as aparências perdidas em pensamentos. Seu pai estava olhando para ela.

"O senhor Gideon Lightwood vem conduzi-la a Idris esta manhã?" perguntou Matthew, empurrando o prato de bolinhos para a mãe.

Mamãe pegou um bolinho, passou manteiga na manteiga e deu uma mordida.

"Sim", ela disse. "Eu gostaria de agradecer a você ser civilizado com ele desta vez. Você não pode ter ideia, Matthew, o quanto eu..."

Mamãe parou de falar. Sua pequena mão voou até a boca. Ela ficou de pé como se tentasse agir em uma emergência, da maneira que sempre fazia. Sob o olhar horrorizado de Matthew, lágrimas brilhavam em seus olhos e abruptamente se espalharam por dois longos rastros brilhantes pelo rosto dela. Na luz da manhã, Matthew percebeu um leve toque de violeta em suas lágrimas.

"Charlotte", murmurou papai, como se estivesse rezando. "Querida. Por favor."

"Mamãe", Matthew sussurrou. "Papai. Charlie!"

Ele se voltou para o irmão do jeito que era quando era pequeno, quando seguiu Charlie por toda parte e acreditou que seu irmão poderia fazer qualquer coisa no mundo.

Charles havia pulado da cadeira e gritava por ajuda. Ele voltou para a porta, olhando para seus pais com uma expressão infeliz que era muito diferente dele. "Eu sabia como seria,

atravessando o portal de ida e volta de Londres para Idris, para que Matthew pudesse estar perto de seu precioso parabatai ...”

"O quê?", Perguntou Matthew. "Eu não sabia. Eu juro que não sabia..."

Cook apareceu na porta em resposta aos gritos de Charles. Ela ofegou. "Sra. Fairchild!"

A voz de Matthew tremeu. "Precisamos do irmão Zachariah—"

O irmão Zachariah saberia o que ele dera à mamãe e o que fazer. Matthew começou a explicar a coisa maligna que havia feito, mas depois houve um barulho de Charlotte e o quarto ficou imóvel.

"Oh, sim", vacilou a mãe, sua voz terrivelmente fraca. "Oh, por favor. Busque o Jem."

Charles e Cook saíram correndo da sala. Matthew não se atreveu a aproximar-se de sua mãe e pai. Finalmente, depois de algum tempo longo e terrível, o irmão Zachariah veio, com um manto cor de pergaminho girando em torno dele como se as vestes de uma presença caída viessem para julgar e castigar.

Matthew sabia que os olhos fechados do irmão Zachariah ainda viam. Ele podia ver Matthew, através de seu coração pecaminoso.

O irmão Zachariah se curvou e pegou a mãe de Matthew em seus braços. Ele a levou embora.

Durante todo o dia, Matthew ouviu os sons de idas e vindas. Viu a carruagem do Instituto de Londres chegar à porta e a tia Tessa sair com uma cesta de remédios. Ela estava aprendendo alguma magia de feiticeiro.

Matthew compreendeu que eles precisavam de um Irmão do Silêncio e um feiticeiro, e eles ainda poderiam não salvar sua mãe.

Charles não retornou. Matthew ajudou o pai a voltar para a cadeira. Eles se sentaram juntos na sala de café da manhã enquanto a luz passava do brilho da manhã para o dia, depois desaparecia nas sombras da noite.

O rosto de papai parecia esculpido em pedra antiga. Quando ele falou finalmente, ele soou como se estivesse morrendo por dentro. "Você deveria saber, Matthew", disse ele. "Sua mãe e eu estamos..."

Separando. Terminando nosso casamento. Ela amou outro.

Matthew se preparou para o horror, mas quando chegou, era maior do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar.

"Estávamos antecipando - de um acontecimento feliz", disse o pai, com a voz presa na garganta.

Matthew olhou para ele com uma incompreensão inexpressiva.

Ele simplesmente não conseguia entender. Doeria muito.

"Sua mãe e eu tivemos que esperar algum tempo por Charles Buford e por você, e achamos que vocês dois mereciam a espera", disse o pai, e mesmo no meio do horror ele tentou sorrir para Matthew. "Desta vez Charlotte estava esperando por - por uma filha."

Matthew engasgou em seu horror. Ele pensou que nunca poderia falar outra palavra ou comer outra mordida. Ele ficaria sufocado pelo horror por anos.

Nós pensamos. Nós estávamos em antecipação. Era totalmente claro que o pai tinha certeza e tinha motivos para acreditar que seus filhos eram dele.

"Nós estávamos preocupados, já que você e Charles agora estão bastante crescidos", disse Henry. "Gideon, bom companheiro, tem dançado em Charlotte durante as reuniões da Clave. Ele sempre se manteve amigo de sua mãe, emprestando-lhe o nome e a consequência de Lightwood sempre que ela precisava de apoio e aconselhando-a quando desejava um bom conselho. Receio nunca ter entendido verdadeiramente o funcionamento de um instituto, muito menos da Clave. Sua mãe é uma maravilha."

Gideon estava ajudando sua mãe. Matthew foi quem a atacou. "Eu pensei que poderíamos chamá-la de Matilda", disse o pai em uma voz lenta e triste. "Eu tive uma tia-avó Matilda. Ela era muito velha quando eu ainda era um adolescente, e os outros garotos costumavam me provocar. Ela me dava livros e me dizia que eu era mais esperto do que qualquer um deles. Ela tinha esplêndido cabelo ondulado branco-amanteigado, mas era ouro quando era menina.

Quando você nasceu, você já tinha os mais queridos belos amores. Eu chamei sua tia Matty. Eu nunca te disse, porque achei que você não gostasse de receber o nome de uma dama. Você já tem muita coisa para suportar com seu pai tolo e com aqueles que criticam sua mãe e seu parabatai. Você aguenta tudo tão graciosamente."

O pai de Matthew tocou seu cabelo com uma mão gentil e amorosa. Matthew desejou que ele pegasse uma lâmina e cortasse a garganta de Matthew.

"Eu gostaria que você conhecesse sua tia-avó. Ela era muito parecida com você. Ela era a mulher mais doce que Deus já fez", disse o pai. "Exceto sua mãe."

O irmão Zachariah deslizou então, uma sombra em meio a todas as outras sombras que se aglomeravam naquela sala, para convocar o pai de Matthew para o lado da cama de sua mãe.

Matthew foi deixado sozinho.

Ele olhou para a escuridão que se aproximava da cadeira virada da mãe, o bolinho caído e o rastro de migalhas que não levava a lugar nenhum, os restos gordurosos de café da manhã sobre a mesa desarrumada. Ele, Matthew, estava sempre arrastando seus amigos e familiares para galerias de arte, sempre ansioso para dançar ao longo da vida, sempre tagarelando a verdade e a beleza como um tolo. Ele

tinha corrido de cabeça em um Mercado das Sombras e confiou em um Submundano, porque os Submundanos pareciam empolgantes, porque ela tinha chamado os Caçadores de Sombras

de brutais e Matthew tinha concordado, acreditando que ele sabia melhor do que eles. Não foi culpa da mulher fada, ou de Alastair, ou a culpa de qualquer outra alma. Foi ele quem escolheu desconfiar de sua mãe. Ele havia alimentado sua mãe com veneno com suas próprias mãos. Ele não era bobo. Ele era um vilão.

Matthew inclinou a cabeça da feira que lhe fora passada por seu pai, do parente mais amado de seu pai. Ele sentou-se naquele quarto escuro e chorou.

O irmão Zachariah desceu as escadas depois de uma longa batalha com a morte, para contar a Matthew Fairchild que sua mãe viveria.

James e Lucie vieram com Tessa e esperaram no corredor todo esse longo dia. As mãos de Lucie estavam geladas quando ela se agarrou a ele.

Ela perguntou: "Tia Charlotte, ela está segura?"

Sim, meus queridos, disse Jem. Sim.

"Graças ao anjo", respirou James. "O coração de Matthew iria quebrar. Todos os nossos corações iriam."

O irmão Zachariah não tinha tanta certeza do coração de Matthew, depois do mal que Matthew havia causado, mas queria oferecer a James e Lucie o conforto que pudesse.

Vá para a biblioteca. Há um fogo aceso. Vou mandar Matthew para você.

Quando ele entrou na sala do café da manhã, encontrou Matthew, que era todo de ouro e riso, encolhido na cadeira como se não pudesse suportar o que estava por vir.

"Minha mãe", ele sussurrou de uma vez, sua voz quebradiça e seca como ossos velhos.

Ela vai viver, disse Jem, e suavizou vendo a dor do menino. James conhecia o coração de seu parabatai melhor que Jem.

Houve um tempo em que Will era um garoto que todos assumiam o

pior, com boas razões, exceto Jem. Ele não queria aprender o julgamento severo dos Irmãos do Silêncio, ou um coração menos indulgente.

Matthew levantou a cabeça para encarar o irmão Zachariah.

Seus olhos diziam agonia, mas ele manteve a voz firme. "E a criança?"

O irmão Zachariah disse: A criança não viveu.

As mãos de Matthew se fecharam na beira da cadeira. Seus dedos estavam brancos. Ele parecia mais velho do que ele tinha apenas duas noites atrás.

Matthew, disse o irmão Zachariah, e fechou seus irmãos em sua cabeça o melhor que pôde.

"Sim?"

Confie em um Irmão do Silêncio para o silêncio, disse Jem. Não vou contar a ninguém sobre o Mercado das Sombras, ou qualquer barganha que você possa ter feito lá.

Matthew engoliu em seco. Jem achou que ele poderia estar prestes a ser agradecido, mas Jem não tinha feito isso por agradecer.

Eu não vou contar a ninguém, ele disse, mas você deveria. Um segredo mantido por muito tempo pode matar uma alma por centímetros. Eu vi um segredo quase destruir um homem uma vez, o melhor homem de todos os tempos. Tal segredo é como guardar tesouros em um túmulo. Pouco a pouco, o veneno corrói o ouro. No momento em que a porta é aberta, pode não restar nada além de poeira.

O irmão Zachariah olhou para o rosto jovem que tinha sido tão brilhante. Ele esperou e esperou ver aquele rosto aceso novamente.

"Tudo isso sobre o Mercado das Sombras", Matthew hesitou.

Sim? disse Jem.

O garoto jogou a cabeça dourada para trás.

"Sinto muito", disse Matthew friamente. "Eu não sei do que você está falando."

O coração de Zachariah caiu.

Assim seja, ele disse. James e Lucie estão esperando por você na biblioteca. Deixe-os dar-lhe todo o conforto que puderem.

Matthew levantou-se da cadeira, movendo-se como se tivesse

envelhecido subitamente ao longo do dia. Às vezes, a distância que os Irmãos do Silêncio possuíam os movia para uma observação desapaixonada e muito longe da pena.

Seria um longo tempo, o irmão Zachariah sabia, antes que houvesse algum conforto para Matthew Fairchild.

A biblioteca na casa de Matthew era muito menor e menos amada e habitada do que a biblioteca do Instituto de Londres, mas naquela noite havia um incêndio e Herondales esperando lá dentro. Matthew tropeçou no quarto como se estivesse caminhando no frio do meio do inverno, com os membros frios demais para se mexer.

Como se, como se eles estivessem apenas esperando por sua vinda, James e Lucie olharam para ele. Eles foram pressionados juntos em um sofá na lareira. Sob a luz do fogo, os olhos de

Lucie eram tão sinistros quanto os de James, seus olhos mais pálidos e ardentemente azuis do que os de seu pai. Era como se o ouro de James fosse a coroa de uma chama e o azul de Lucie fosse seu coração ardente.

Eles eram um par estranho, esses dois Herondales, plantas misteriosas e espinhosas na estufa dos Nephilim. Matthew não poderia ter amado nenhum deles mais.

Lucie ficou de pé e correu para ele com as mãos estendidas.

Matthew estremeceu. Ele percebeu, com uma dor surda, que não se sentia digno de ser tocado por ela.

Lucie olhou para ele bruscamente, depois assentiu. Ela sempre viu muito, sua Luce.

"Vou deixar vocês dois juntos", disse ela decisivamente. "Tome o tempo que você puder."

Ela estendeu a mão para tocar a dele, e Matthew se afastou dela novamente. Desta vez ele viu que doía, mas Lucie apenas murmurou seu nome e se retirou.

Ele não podia contar isso a Lucie e vê-la com nojo dele, mas ele e James estavam presos. Talvez James tentasse entender.

Matthew avançou, a cada passo um esforço terrível em direção ao fogo. Uma vez que ele estava perto o suficiente, James estendeu

a mão e apertou o pulso de Matthew, puxando Matthew para perto do sofá. Ele colocou a mão de Matthew sobre o coração de James e cobriu-o com o seu próprio. Matthew olhou para os olhos dourados de fogo de James.

"Matthew", disse Jamie, pronunciando seu nome no caminho galês e com a cadência galesa que deixou Matthew saber que ele quis dizer isso como um carinho. "Eu sinto muitíssimo. O que eu posso fazer?"

Ele sentiu que não poderia viver com essa pedra maciça de um segredo esmagando seu peito. Se ele fosse contar a alguém, ele deveria contar ao parabatai dele.

"Ouça-me", disse ele. "Eu estava falando sobre Alastair Carstairs ontem. O que eu quis dizer é que ele insultou minha mãe. Ele disse-"

"Eu entendo", disse James. "Você não tem que me dizer." Matthew deu um pequeno suspiro trêmulo. Ele se perguntou se

James realmente poderia entender.

"Eu sei o tipo de coisa que eles dizem sobre a tia Charlotte", disse James com uma ferocidade silenciosa. "Eles dizem coisas parecidas sobre minha mãe. Você se lembra daquele homem Augustus Pounceby, ano passado? Ele esperou até estarmos sozinhos para lançar insultos sobre o bom nome da minha mãe." Um pequeno sorriso sombrio curvou a boca de James. "Então eu o joguei no rio."

Tia Tessa estava tão feliz por ter um visitante dos Caçadores de Sombras, Matthew lembrou-se entorpecido. Ela exibiu brasões da família Caçadores de Sombras em suas paredes para receber qualquer viajante no Instituto de Londres.

"Você nunca me disse", disse Matthew.

Jamie estava dizendo a ele agora. Tom disse a ele que, o que quer que Alastair dissesse, era bobagem. Se Matthew perguntara a seu pai sobre o que Alastair havia dito, seu pai poderia contar-lhe sobre a tia-avó Matty, e eles até riram de como era absurdo pensar que algum garoto malicioso e estúpido pudesse fazê-los duvidar de sua família.

A boca de Jamie se curvou um pouco. "Ah bem. Eu sei que você

tem que ouvir muito sobre mim e meus antecedentes infelizes já. Eu não quero que você pense que eu sou um incômodo insuportável e você tem um mau negócio com o seu parabatai."

"Jamie", disse Matthew em uma respiração ferida, como se tivesse sido atingido.

"Eu sei que deve sentir-se miserável para lembrar de qualquer coisa dolorosa que verme Carstairs disse sobre sua mãe", James continuou. "Especialmente quando ela está — ela não está bem. Da próxima vez que o virmos, vamos dar um soco na cabeça dele. O que você diz sobre isso, Matthew? Vamos fazê-lo juntos."

O pai de Matthew, sua mãe, seu irmão e seu parabatai estavam tentando não sobrecarregá-lo, enquanto Matthew se dedicava a pensar que ele não era o fim de um bom sujeito e lidava notavelmente com ele mesmo. James não teria feito o que Matthew tinha feito. Nem Christopher ou Thomas. Eles eram leais. Eles eram honrados.

Quando alguém insultou a mãe de Jamie, Jamie o jogou no rio.

Matthew pressionou a palma contra a camisa de linho de James, sobre a batida constante de seu coração leal. Então Matthew cerrou a mão em um punho.

Ele não podia dizer a ele. Ele nunca poderia fazer isso.

"Tudo bem, meu velho", disse Matthew. "Nós vamos fazer isso juntos. Você acha que eu poderia ter um momento a sós?"

James hesitou, depois recuou. "É isso que você quer?"

"É", disse Matthew, que nunca quis estar sozinho em sua vida, e nunca quis ficar sozinho menos do que neste momento.

James hesitou novamente, mas respeitou os desejos de Matthew. Ele abaixou a cabeça e saiu, Matthew assumiu a se juntar a sua irmã. Eles eram bons e puros. Eles devem estar juntos e confortar um ao outro. Eles mereciam conforto como ele não.

Depois que James se foi, Matthew não pôde continuar em pé.

Ele caiu de joelhos em frente ao fogo.

Havia uma estátua acima do fogo mostrando Jonathan Caçador de Sombras, o primeiro Caçador de Sombras, rezando para que o mundo fosse lavado do mal. Atrás dele estava o Anjo Raziel voando para lhe dar força para derrotar as forças das trevas. O primeiro

Caçador de Sombras ainda não pôde vê-lo, mas ele estava firme, porque tinha fé.

Matthew virou o rosto para longe da luz. Ele rastejou, enquanto seu pai se arrastava pelo outro andar no começo desse dia interminável, até que ele estava no canto mais escuro e mais distante da sala. Ele não acreditou. Ele deitou sua bochecha contra o chão frio e se recusou a se deixar chorar novamente. Ele sabia que não poderia ser perdoado.

Já passou da hora do irmão Zachariah retornar à Cidade dos Ossos. Tessa ficou com ele no corredor, e tocou sua mão antes dele ir.

A mulher mais doce que Deus já fez, ele ouviu Henry dizer mais cedo. Jem amava Charlotte, mas ele tinha sua própria imagem do mais doce que este mundo poderia oferecer.

Ela sempre foi sua âncora em mares frios, sua mão quente, seus olhos firmes, e era como se uma chama saltasse entre eles e uma louca esperança. Por um momento Jem foi como ele tinha sido. Parecia possível estar juntos em tristeza, unidos como família e amigos, para dormir sob o teto do Instituto e descer de manhã para o café da manhã, triste, mas seguro no calor de um lar compartilhado e corações humanos.

Ele pensou: sim, peça-me para ficar. Adeus, Tessa, ele disse.

Ele não podia. Ambos sabiam que ele não podia.

Ela engoliu em seco, seus longos cílios escondendo o brilho de seus olhos. Tessa sempre foi corajosa. Ela não deixaria que ele lembrasse de suas lágrimas para a Cidade do Silêncio, mas ela o chamava pelo nome de que sempre tomava o cuidado de não ligar para ele quando ninguém mais pudesse ouvir. "Adeus, Jem."

O irmão Zachariah inclinou a cabeça, o capuz caindo sobre o rosto e saiu para o frio de inverno de Londres.

Finalmente você vai embora, disse o irmão Enoch em sua mente.

Todos os Irmãos do Silêncio se calaram quando o irmão Zachariah estava com Tessa, como pequenos animais nas árvores ouvindo a aproximação daquilo que eles não entendiam. De certa forma, todos estavam apaixonados por ela, e alguns se ressentiam por isso. O irmão Enoch deixara claro que estava cansado de dois nomes que ecoavam incessantemente em suas mentes.

O irmão Zachariah estava na metade da rua onde os Fairchilds moravam quando uma sombra alta atingiu-o pelas ruas pálidas.

O irmão Zachariah ergueu os olhos da sombra e viu Will Herondale, chefe do Instituto de Londres. Ele carregava uma bengala que outrora fora de Zachariah, antes que Zachariah levasse um cajado para suas mãos.

Charlotte viverá, disse o irmão Zachariah. A criança nunca teve a chance.

"Eu sei", disse Will. "Eu já sabia. Eu não vim a você por essas notícias."

Ele deveria realmente ter aprendido melhor agora. É claro que Tessa teria mandado uma mensagem para Will, e enquanto Will frequentemente trocava a posição do irmão Zachariah como um Irmão do Silêncio para comandar seus serviços e assim sua presença, ele raramente falava com Zachariah de seus deveres como um Irmão do Silêncio, como se ele pudesse fazer Zachariah o que ele era por força de pura determinação.

Se alguém pudesse ter feito isso, Will teria sido aquele.

Will lhe jogou a bengala, que ele deve ter roubado do quarto de James, e confiscou a equipe do irmão Zachariah. Jem pediu a eles que dessem a James seu quarto no Instituto, preenchendo-o com a brilhante presença de seu filho, e não o mantendo como um santuário sombrio. Ele não estava morto. Ele se sentiu quando o fizeram um Irmão do Silêncio como se ele tivesse sido aberto, e todas as coisas dentro dele arrancadas.

Só que havia aquilo que eles não podiam tirar.

"Levem um tempo", disse Will. "Isso ilumina meu coração para ver você com isso. Todos poderíamos fazer com corações mais claros esta noite."

Ele traçou uma escultura sobre a equipe, o anel Herondale

piscando ao luar.

Onde devo levá-lo?

"Onde quer que você queira. Eu pensei em andar com você um pouco, meu parabatai."

Quão longe? perguntou Jem.

Will sorriu. "Você precisa perguntar? Eu irei com você o mais longe que puder."

Jem sorriu de volta. Talvez houvesse mais esperança e menos tristeza para Matthew Fairchild do que ele temia. Ninguém sabia melhor que Jem que alguém não era totalmente conhecido e ainda assim totalmente amado. Perdoou todos os pecados e querido na escuridão. James não deixaria seu parabatai viajar sozinho por caminhos sombrios. Não importa que catástrofe viesse, Jem acreditava que o filho tinha um coração tão grande quanto seu pai.

Novos postes de luz mostravam as silhuetas de Will e Jem, caminhando juntas pela cidade, como antigamente. Mesmo que ambos soubessem que deviam se separar.

Por toda Londres, os sinos tocavam todos juntos num súbito clamor aterrorizante. Aves amedrontadas, em vôo louco, lançavam sombras mais profundas pela cidade à noite, e Jem sabia que a Rainha estava morta.

Uma nova era estava começando.

Todas as coisas

Extraordinárias

Fantasmas do
Mercado das Sombras

Todas as coisas extraordinárias

Esta foi manchado com algo roxo. Esta tinha um buraco na manga.

Esta estava faltando... as costas. As costas inteiras. Era apenas uma frente de uma camisa e duas mangas agarradas à sua vida.

"Christopher", disse Anna, virando a roupa em suas mãos, "como você faz essas coisas?"

Todo mundo tinha seu pequeno país das maravilhas. Para seu irmão Christopher e tio Henry, era o laboratório. Para o primo James e o tio Will, a biblioteca. Para Lucie, sua escrivãzinha onde ela escreveu suas longas aventuras para Cordelia Carstairs. Para Matthew Fairchild, era qualquer canto problemático de Londres.

Para Anna Lightwood, era o guarda-roupa de seu irmão.

De muitas maneiras, era muito bom ter um irmão que não sabia nada sobre suas roupas. Anna poderia ter tirado o casaco de Christopher das costas dele e ele dificilmente teria notado. A única desvantagem era que as roupas de Christopher haviam sofrido destinos que nenhuma roupa deveria sofrer. Eles foram mergulhados em ácidos, escovados pelo fogo, cutucados com objetos afiados, deixados na chuva... Seu guarda-roupa era como um museu de experimentos e desastres, esfarrapado, manchado, carbonizado e fedendo a enxofre.

Para Anna, porém, as roupas ainda eram preciosas.

Christopher estava visitando o Instituto e o tio Henry, então ele estaria fora por horas. Sua mãe e seu pai estavam ambos no parque com seu irmãozinho, Alexander. Aquela era sua hora de ouro e não havia tempo a perder. Christopher era mais alto que ela agora e crescia o tempo todo. Isso significava que as calças mais velhas combinavam com o corpo dela. Ela escolheu um par, encontrou a camisa menos danificada e um colete aceitável de listras cinza. Ela vasculhou a pilha de gravatas, cachecóis, lenços, punhos e golas que estavam no fundo do guarda-roupa de Christopher e selecionou os itens mais aceitáveis. No curativo, encontrou um chapéu que tinha um sanduíche. Era presunto, notou Anna, enquanto dava a gorjeta para fora e limpava as migalhas. Uma vez que ela tinha tudo o que precisava, ela enfiou tudo debaixo do braço e saiu para o corredor, fechando a porta silenciosamente.

O quarto de Anna era tão diferente do do irmão dela. Suas paredes estavam cobertas por um rosa empoeirado. Havia uma colcha de renda branca, um vaso rosa com lilases ao lado da cama. Sua prima Lucie achou seu quarto bastante charmoso. Anna tinha gostos diferentes. Dada a sua escolha, o papel seria um rico, verde profundo, sua decoração preta e dourada. Ela teria uma chaise longue profunda onde pudesse ler e fumar.

Ainda assim, ela tinha um longo espelho de vestir, e isso era tudo o que importava agora. (O espelho de Christopher encontrou seu destino em um experimento no qual ele tentou aumentar o efeito dos glamoures. Ele não havia sido substituído.) Ela puxou as cortinas contra o sol quente do verão e começou a se trocar. Anna usava um

espartilho por muito tempo, e não tinha interesse em apertar seus órgãos internos em um caroço ou empurrar seu pequeno peito para cima. Ela tirou o vestido de chá, deixando-o cair no chão. Ela o chutou para longe. As meias foram, caiu o cabelo. As calças estavam enfiadas no tornozelo para ajustar a altura. Alguns ajustes do colete esconderam o dano na camisa. Ela colocou uma de suas pretas ascetas em volta do pescoço esguio e amarrou habilmente. Então, ela pegou o derby que estava hospedando o sanduíche de presunto e colocou-o em sua cabeça, enfiando os cabelos negros cuidadosamente sob ele e arrumando-o até parecer que seu cabelo estava curto.

Anna ficou diante do espelho, examinando o efeito. O colete achatou um pouco o peito dela. Ela puxou e ajustou até que o ajuste estivesse certo. Ela rolou as pernas das calças e derrubou o chapéu sobre o olho.

Aí. Mesmo com essas roupas - manchas e sanduíches de presunto e tudo mais -, sua confiança aumentava. Ela não era mais uma garota desengonçada que parecia desajeitada em fitas e babados. Em vez disso, ela parecia elegante, seu corpo magro complementado por alfaiataria mais severa, o colete beliscando em sua cintura fina e chamejando sobre seus estreitos quadris.

Imagine o que ela poderia fazer com o guarda-roupa de Matthew Fairchild! Ele era um verdadeiro pavão, com seus coletes e gravatas coloridas, e os lindos ternos. Ela andou de um lado para o outro, inclinando o chapéu para mulheres imaginárias. Ela se curvou, fingindo estar segurando a mão de uma donzela, mantendo os olhos virados para cima. Mantenha sempre o olho da donzela quando pressiona os lábios na mão dela.

"Encantada", ela disse para sua dama imaginária. "Você se importaria de uma dança?"

A moça adoraria dançar.

Anna torceu o braço ao redor da cintura de sua beleza fantasma; ela dançou com ela muitas vezes. Embora Anna não pudesse ver seu rosto, ela jurou que podia sentir o tecido do vestido de sua amante, o ruído suave que fazia quando escovava o chão. O coração da dama estava vibrando quando Anna apertou a mão dela.

Sua senhora usaria um perfume delicado. Flor de laranjeira, talvez. Anna apertava o rosto mais perto do ouvido da senhora e sussurrava.

"Você é a garota mais bonita daqui", Anna diria. A dama iria corar e chegar mais perto.

"Como você está mais linda em todas as luzes?" Anna continuaria. "O jeito que o veludo do seu vestido esmaga sua pele. A maneira como você..."

"Anna!"

Ela deixou cair sua companheira arejada no chão em sua surpresa.

"Anna!", Sua mãe chamou novamente. "Onde está você?" Anna correu para a porta e abriu apenas uma fresta. "Aqui!" Ela disse em pânico.

"Você pode descer, por favor?"

"Claro", Anna respondeu, já puxando a conta em volta do pescoço. "Chegando!"

Anna teve que passar por sua parceira de dança caído em sua pressa. Fora com o colete, as calças. Tudo saindo, saindo. Ela empurrou as roupas no fundo do seu guarda-roupa. O vestido descartado foi rapidamente colocado de volta, seus dedos tateando nos botões. Tudo sobre roupas femininas era complicado e complicado.

Vários minutos depois, ela desceu as escadas correndo, tentando parecer composta. Sua mãe, Cecily Lightwood, examinava uma pilha de cartas em sua mesa na sala de estar.

"Nós encontramos o Inquisidor Bridgestock enquanto estávamos caminhando", disse ela. "Os Bridgestocks acabaram de chegar de Idris. Eles nos pediram para jantar com eles esta noite."

"Jantar com o inquisidor", disse Anna. "Que maneira emocionante de passar uma noite."

"É necessário", sua mãe disse simplesmente. "Nós devemos ir."

Você pode ficar de olho em Christopher enquanto estamos conversando? Certifique-se de que ele não incendeie alguma coisa. Ou alguém."

"Sim", Anna disse automaticamente, "é claro."

Seria um assunto terrível. Negócio da Clave acompanhado de carne cozida demais. Havia tantas outras coisas que ela poderia estar fazendo em uma boa noite de verão em Londres. E se ela pudesse andar pelas ruas, bem vestida, com uma linda menina no braço?

Algum dia a senhora não seria imaginária. As roupas não seriam emprestadas e desajustadas. Algum dia ela passaria pela rua e as mulheres cairiam a seus pés (sem deixar de notar seus brogues perfeitamente polidos) e os homens dariam seus chapéus a uma dama assassina mais realizada do que eles.

Só não esta noite.

Ainda estava ensolarado quando a família Lightwood entrou na carruagem deles naquela noite. Havia vendedores ambulantes, vendedores de flores e botas de borracha... e tantas garotas adoráveis, andando em seus vestidos leves de verão. Elas sabiam o quão amáveis elas eram? Elas olhavam para Anna e viam o jeito que ela olhava para elas?

Seu irmão Christopher bateu suavemente contra ela enquanto cavalgavam.

"Esta parece ser uma rota longa para o Instituto", observou ele. "Não vamos ao Instituto", disse Anna.

"Não vamos?"

"Estamos indo jantar com o inquisidor", disse o pai dela. "Oh", disse Christopher. E com isso, ele estava em seus próprios pensamentos, como sempre, inventando algo em sua mente, elaborando um cálculo. Nisto, Anna se sentia perto de seu irmão.

Ambos estavam em algum outro lugar em suas mentes em todos os momentos.

Os Bridgestocks moravam em Fitzrovia, perto da Praça Cavendish. A casa deles era uma bela casa de três andares. A pintura na porta preta brilhante parecia que ainda poderia estar molhada, e havia luzes elétricas do lado de fora. Um criado os levou para uma sala de recepção escura e fechada onde o Inquisidor e sua esposa os cumprimentavam. Pouco notaram Anna, exceto para dizer que moça encantadora ela era. Ela e Christopher sentaram-se educadamente em cadeiras rígidas e acrescentaram um elemento decorativo a uma ocasião triste.

O gongo do jantar finalmente soou e todos embarcaram para a sala de jantar. Anna e Christopher estavam sentados na outra ponta da mesa e havia um lugar vazio em frente a ela. Anna comeu sua sopa de espargos e ficou olhando para uma pintura de um navio na parede. O navio estava no meio de uma tempestade, os mastros em chamas e prestes a se desintegrar no mar.

"Você ouviu que eles estão construindo um Portal no Gard?", O Inquisidor perguntou aos pais de Anna.

"Oh, querido", disse a sra. Bridgestock, balançando a cabeça, "é uma boa ideia? E se fosse deixar os demônios passarem?"

Anna invejou o navio na pintura e todos os que afundaram nela. "É claro", o Inquisidor disse, "há também a questão do dinheiro.

O Cônsul rejeitou a proposta de criar uma moeda oficial da Idris. Uma decisão sábia. Muito esperto. Como eu estava dizendo antes..."

"Sinto muito pelo meu atraso", disse uma voz.

Na porta da sala de jantar havia uma menina, provavelmente da idade de Anna, em um vestido azul-escuro. Seu cabelo era preto como o de Anna, mas mais cheio, mais luxuoso, profundo como o céu noturno contra sua pele macia e marrom. Mas o que capturou Anna foram seus olhos - olhos da cor do topázio - grandes, os cílios grossos.

"Ah", disse o inquisidor. "Esta é nossa filha, Ariadne. Estes são os Lightwoods."

"Eu estava me encontrando com meu tutor", disse Ariadne enquanto um servo puxava sua cadeira. "Nós estávamos atrasados. Eu peço desculpas. Parece que eu entrei exatamente quando você estava debatendo a nova moeda. Caçadores de Sombras são um grupo internacional. Temos de nos misturar perfeitamente com muitas economias internacionais. Ter nossa própria moeda seria um desastre".

Nisso, ela pegou o guardanapo e se virou para Anna e Christopher e sorriu.

"Nós não nos conhecemos", disse ela.

Anna teve que se esforçar para engolir, depois para respirar.

Ariadne era algo além do reino da humanidade ou do Caçador das Sombras. O próprio anjo deve tê-la feito.

"Anna Lightwood", disse Anna.

Christopher empurrava ervilhas na parte de trás de seu garfo de louça, dizendo que uma deusa se sentara em frente a ele.

"E esse é meu irmão Christopher. Ele pode ser um pouco distraído."

Ela deu-lhe uma cotovelada.

"Oh", disse ele, notando Ariadne. "Eu sou Christopher."

Mesmo Christopher, agora que ele tinha visto Ariadne, não podia deixar de ser hipnotizado por ela. Ele piscou, absorvendo a visão.

"Você é... você não é inglesa, não é?"

Anna morreu várias mortes dentro, mas Ariadne simplesmente riu.

"Eu nasci em Bombaim", disse ela. "Meus pais administraram o

Instituto Bombay até serem mortos. Fui adotada pelos Bridgestocks em Idris."

Ela falou muito claramente, no tom de alguém que há muito aceita um conjunto de fatos.

"O que matou seus pais?" Christopher perguntou, em conversação.

"Um grupo de demônios Vetis", disse Ariadne.

"Oh! Eu conheci alguém na Academia que foi morto por um demônio Vetis!"

"Christopher", disse Anna.

"Você vai para a Academia?" Ariadne perguntou.

"Não mais. Eu fiz uma das salas explodir." Christopher pegou um pão de um prato e alegremente começou a passá-lo.

Anna olhou para a pintura do navio novamente, tentando entrar no convés e depois nas águas negras e impiedosas. A garota mais adorável do mundo tinha acabado de entrar em sua vida e, em trinta segundos, seu querido irmão conseguira trazer a morte de sua família, a morte na escola e o fato de ter explodido parte da Academia.

Mas Ariadne não estava olhando para Christopher, mesmo quando inadvertidamente colocou o cotovelo no prato de manteiga. “Você causou alguma explosão?” Ela perguntou a Anna. “Ainda não”, respondeu Anna. “Mas a noite é jovem.”

Ariadne riu e a alma de Anna cantou. Ela estendeu a mão e tirou o cotovelo do irmão da manteiga, nunca tirando o olhar de Ariadne.

Ela sabia como ela era linda? Ela sabia que seus olhos eram da cor de ouro líquido, e que as músicas poderiam ser escritas sobre o jeito que ela tirou o pulso para alcançar seu copo?

Anna já tinha visto garotas bonitas antes. Ela tinha visto algumas garotas bonitas que olhavam para ela do jeito que ela olhava para elas. Mas isso sempre foi de passagem. Elas passaram na rua, ou o olhar delas demorou um pouco em uma loja. Anna havia praticado a arte do olhar prolongado, aquele que as convidava: Venha. Me fale sobre você. Você é adorável.

Havia algo no jeito que Ariadne estava olhando para Anna que sugeria...

Não. Anna tinha que estar imaginando isso. Ariadne estava sendo educada e atenta. Ela não estava olhando Anna romanticamente sobre a mesa de jantar, sobre as batatas assadas e o pato. A perfeição de Ariadne fez Anna ter alucinações.

Ariadne continuou a contribuir para a conversa do outro lado da mesa. Anna nunca se interessara tanto pelas políticas econômicas de Idris. Ela os estudaria noite e dia se pudesse se juntar a Ariadne para discuti-los.

De vez em quando, Ariadne se voltava para Anna e a olhava conscientemente, sua boca se contorcendo em um sorriso como um arco. E cada vez que isso acontecia, Anna se perguntava de novo o que estava acontecendo e por que aquele olhar em particular fazia a sala girar. Talvez ela estivesse doente. Talvez ela tivesse desenvolvido febre ao olhar para Ariadne.

O pudim veio e foi embora, e Anna lembrou-se vagamente de comê-lo. Quando os pratos foram limpos e as mulheres se levantaram para deixar a mesa, Ariadne veio e passou o braço por Anna.

"Temos uma boa biblioteca", disse ela a Anna. "Talvez eu pudesse mostrar para você?"

Anna, com uma demonstração de autocontrole supremo, não caiu imediatamente no chão. Ela conseguiu dizer sim, a biblioteca, sim, ela adoraria ver, sim, biblioteca, sim, sim...

Ela disse a si mesma para parar de dizer que queria ver a biblioteca e olhou para a mãe. Cecily sorriu. “Vá em frente, Anna. Christopher, você se importaria de nos acompanhar na estufa? A Sra. Bridgestock tem uma coleção de plantas venenosas que eu acho que você vai gostar muito.”

Anna lançou um olhar agradecido a Cecily quando Ariadne a conduziu da sala. Sua cabeça estava cheia do perfume de flor de laranjeira de Ariadne e da maneira como seu cabelo estava presa em um pente de ouro.

"É assim", disse Ariadne, levando Anna a um conjunto de portas duplas em direção à parte de trás da casa. A biblioteca estava escura e estava gelada. Ariadne soltou o braço de Anna e acendeu uma das luzes elétricas.

"Você usa eletricidade?" Anna disse. Ela tinha que dizer alguma coisa, e isso era tão bom quanto qualquer outro.

"Eu convenci o pai", disse Ariadne. "Eu sou moderna e possuo todos os tipos de noções avançadas."

A sala estava cheia de caixotes, e apenas alguns livros haviam sido retirados da estante e arquivados. Os móveis, no entanto, haviam sido colocados. Havia uma ampla escrivaninha e muitas cadeiras de leitura confortáveis.

"Ainda estamos nos acomodando aqui", disse Ariadne, sentando-se bonita (ela não tinha outro jeito) em uma cadeira vermelha. Anna estava nervosa demais para se sentar e passeava pelo lado oposto da sala. Era quase demais olhar para Ariadne aqui neste lugar escuro e privado.

"Eu entendo que sua família tem uma história muito interessante", disse Ariadne.

Anna teve que falar. Ela tinha que descobrir um jeito de estar perto de Ariadne. Em sua mente, ela vestiu suas roupas reais - as calças, a camisa (a camisa mental não tinha manchas), o colete justo. Ela passou os braços pelas mangas. Assim vestida, ela se sentiu confiante. Ela conseguiu se sentar em frente a Ariadne e encontrar seu olhar.

"Meu avô era um verme, se é isso que você quer dizer", disse Anna.

Ariadne riu alto. "Você não gostou dele?"

"Eu não o conhecia", disse Anna. "Ele era, literalmente, um verme".

Claramente, Ariadne não sabia muito sobre os Lightwoods.

Normalmente, quando um parente que ama demônio desenvolve um caso sério de catapora e se transforma em um verme gigante com dentes enormes, a notícia se espalha. As pessoas vão falar.

"Sim" disse Anna, examinando agora a borda dourada de uma escrivaninha. "Ele comeu um dos meus tios."

"Você é engraçada", disse Ariadne para Anna. "Estou feliz que você pense assim", respondeu Anna.

"Os olhos do seu irmão são extraordinários", observou Ariadne.

Anna ouviu muito isso. Os olhos de Christopher eram de cor lavanda.

"Sim", disse Anna. "Ele é o bonitão da família."

"Eu discordo bastante!" Ariadne exclamou, parecendo surpresa. "Os cavalheiros devem cumprimentá-lo o tempo todo à sombra dos seus olhos."

Ela corou e olhou para baixo, e o coração de Anna pulou uma batida. Não era possível, ela disse a si mesma. Simplesmente não havia chance de que a linda filha do Inquisidor fosse... como ela. Que ela olhasse para os olhos de outra garota e notasse a cor deles como adorável, em vez de simplesmente perguntar a ela quais tecidos ela usava para realçar melhor sua sombra.

"Estou com medo de estar muito atrasada no meu treinamento", disse Ariadne. "Talvez pudéssemos... treinar juntas?"

"Sim", disse Anna, talvez muito rapidamente. "Sim... claro. Se você..."

"Você pode me achar desajeitada." Ariadne torceu as mãos juntas.

"Eu tenho certeza que não vou", disse Anna. "Mas esse é o ponto de treinamento, em qualquer caso. É uma coisa delicada, treinar, apesar da óbvia violência, é claro."

"Você terá que ser delicada comigo, então", disse Ariadne, muito

suavemente.

Assim como Anna pensou que poderia desmaiar, as portas se abriram e o inquisidor Bridgestock entrou, com Cecily, Gabriel e Christopher a reboque. Os Lightwoods pareciam vagamente esgotados. Anna estava consciente dos olhos da mãe sobre ela - um olhar penetrante e pensativo.

"...e nós temos nossa coleção de mapas... ah. Ariadne. Ainda aqui, claro. Ariadne é uma leitora diabólica."

"Absolutamente diabólica". Ariadne sorriu. "Anna e eu estávamos discutindo meu treinamento. Achei que seria sensato fazer parceria com outra garota."

"Muito sensato", disse Bridgestock. "Sim. Uma ótima ideia.

Vocês serão parceira. De qualquer forma, Lightwood, vamos ver os mapas em algum momento. Agora, Ariadne, entre na sala de visitas. Eu gostaria que você tocasse piano para os nossos convidados."

Ariadne olhou para Anna. "Parceiras", disse ela. "Parceiras", respondeu Anna.

Foi só a caminho de casa que Anna percebeu que Ariadne a convidara para a biblioteca e não lhe mostrara um único livro.

"Você gostou da jovem Ariadne Bridgestock?" perguntou Cecily, enquanto a carruagem dos Lightwoods entrava em casa pelas ruas escuras da cidade.

"Eu a achei muito amável", disse Anna, olhando pela janela para Londres brilhando na vasta noite. Ansiava por estar entre as estrelas da Terra, andando pelas ruas do Soho, vivendo uma vida de música, aventura e dança. "Muito bonita também."

Cecily colocou uma mecha de cabelo atrás do ouvido da filha. Em surpresa, Anna olhou para a mãe por um momento - havia um pouco de tristeza nos olhos de Cecily, embora ela não pudesse adivinhar por quê. Talvez ela estivesse simplesmente cansada depois de ter ficado entediada pelo Inquisidor a noite toda. Papai, por exemplo, estava bem adormecido no outro canto da carruagem, e

Christopher estava encostado nele, piscando sonolento. "Ela não é tão bonita como você."

"Mãe ", disse Anna, exasperada, e voltou para a janela da carruagem.

Sob os arcos do viaduto ferroviário, perto do extremo sul da ponte de Londres, uma grande reunião estava acontecendo.

Era meio do verão, então o sol se pôs sobre Londres a quase dez horas. Isso significava que o tempo para vender no Mercado das Sombras foi reduzido, e todo o lugar tinha um ar um pouco frenético. Havia vapor e fumaça agitando as sedas. Mãos estendiam-se, empurrando mercadorias sob o nariz dos compradores - gemas e bugigangas, livros, pingentes, pós, óleos, jogos e brinquedos para crianças do Submundo, e itens que não podiam ser classificados.

Houve um zumbido de cheiros. O cheiro do rio e a fumaça dos trens acima misturavam os restos dos produtos do dia do mercado mundano - produtos amassados, pedaços de carne, o odor que vinha dos barris de ostras. Vendedores queimaram incenso, que se emaranhou com especiarias e perfumes. O miasma pode ser avassalador.

O irmão Zachariah passou pela multidão de baías, imune aos cheiros e às multidões. Muitos Submundanos recuaram na aproximação do Irmão do Silêncio. Ele tinha vindo aqui há semanas para conhecer Ragnor Fell. Hoje à noite, ele também olhou ao redor para ver se ele viu o vendedor que ele tinha visto em uma de suas visitas anteriores. A barraca que ele estava procurando podia se mover sozinha; tinha pés como uma galinha. A mulher por trás era uma mulher de fadas idosa com uma massa selvagem de cabelos. Ela vendia poções coloridas, e Matthew Fairchild comprou uma e deu para sua mãe. Levou todos os esforços de Jem para trazer Charlotte de volta da porta da morte. Ela não era a mesma desde então, nem Matthew.

A barraca não estava presente esta noite, nem, ao que parecia, Ragnor. Ele estava prestes a dar uma volta final no mercado antes de partir quando viu alguém que ele conhecia inclinado sobre uma bancada de livros. O homem tinha um choque de cabelos brancos e olhos roxos marcantes. Era Malcolm Fade.

"É você, James Carstairs?", Ele disse.

Como você está meu amigo?

Malcolm simplesmente sorriu. Havia sempre algo um pouco triste sobre Malcolm: Jem tinha ouvido fofocas sobre um trágico caso de amor com uma Caçadora de Sombras que escolhera ser uma Irmã de Ferro, em vez de estar com aquele que ela amava. Jem sabia que, para alguns, a lei era mais importante que o amor. Mesmo como ele estava agora, ele não conseguia entender. Ele teria dado qualquer coisa para estar com quem ele amava.

Qualquer coisa, exceto o que era mais sagrado do que a própria vida de Jem: a vida de Tessa ou de Will.

"Como vai a sua busca?" Disse Malcolm. "Ragnor encontrou alguma informação sobre um certo demônio que você está procurando?"

Jem deu a Malcolm um olhar reprovador; ele preferia que não muitas pessoas soubessem da missão que ele havia empreendido.

"Malcolm! Eu tenho o livro que você queria!" Uma mulher feiticeira carregando um livro amarrado em veludo amarelo se aproximou de Malcolm.

"Obrigado, Leopolda", disse Malcolm.

A mulher olhou para o rosto de Jem. Jem estava acostumado com isso. Embora ele fosse um Irmão do Silêncio, seus lábios e olhos não haviam sido costurados. Ele não via ou falava como os humanos, mas o fato de que sem runas ele poderia ter feito isso parecia afligir algumas pessoas mais do que a visão de um Irmão do Silêncio que se ligara com menos relutância à escuridão silenciosa.

Nós não nos conhecemos.

"Não", respondeu a mulher. "Nós não. Meu nome é Leopolda Stain. Eu faço uma visita aqui de Viena."

Ela tinha um sotaque alemão e uma voz suave e ronronante. "Este é o irmão Zachariah", disse Malcolm.

Ela assentiu. Não houve mão estendida, mas ela continuou a olhar.

"Você deve me perdoar", disse ela. "Nós não costumamos ver

Irmãos do Silêncio no nosso mercado. Londres é um lugar estranho para mim. O mercado em Viena não é tão movimentado. Está na Wienerwald, sob as árvores. Aqui, você está sob esta ferrovia. É uma experiência bem diferente."

"Zachariah não é como os outros irmãos do silêncio", disse Malcolm.

Leopolda parecia concluir o estudo que estava fazendo do rosto de Jem e sorriu.

"Eu devo lhe oferecer uma boa noite", disse ela. "É bom ver você, Malcolm. Já faz muito tempo, mein Liebling. Demasiado longo. E foi muito interessante conhecer você, James Carstairs. Auf Wiedersehen."

Ela escapuliu pela multidão. Jem a observou ir. Ela decidira chamá-lo de James Carstairs, não do irmão Zachariah, e a escolha pareceu deliberada. Certamente havia muitos habitantes do Submundo que conheciam seu nome de Caçador de Sombras - não era segredo - mas de repente Jem se sentiu como uma borboleta sob um alfinete, presa no olhar do lepidopterista.

Você pode me falar sobre ela? ele perguntou a Malcolm, que havia voltado a examinar o livro em sua mão.

"Leopolda é um pouco estranha", disse Malcolm. "Eu a conheci enquanto viajava em Viena. Eu não acho que ela saia da cidade com frequência. Ela parece se dar bem com alguns mundanos famosos.

Ela é..."

Ele hesitou.

Sim?

"... mais conectada, suponho, ao seu lado demoníaco do que ao seu lado humano do que a maioria de nós. Mais do que eu, certamente. Ela me faz sentir desconfortável. Fico feliz que você tenha vindo. Eu estava procurando uma maneira de fugir educadamente."

Jem olhou na direção que Leopolda tinha ido. Alguém mais ligado ao lado demoníaco...

Era alguém com quem ele poderia precisar falar. Ou assistir.

Anna estava deitada em sua cama, de olhos fechados, tentando se obrigar a dormir. Em sua mente, ela estava dançando novamente. Ela usava seu vestido de noite mais imaginário - um terno cinza escuro, um colete de amarelo ensolarado com luvas combinando. Em seu braço estava Ariadne, como ela estava esta noite, no vestido azul.

O sono não estava chegando. Ela se levantou da cama e foi até a janela. A noite estava quente e perto. Ela tinha que fazer algo com ela mesma. As roupas de seu irmão ainda estavam no guarda-roupa. Ela as pegou e as alisou na cama. Ela planejou devolvê-los, mas...

Quem sentiria falta deles? Não Christopher. Sua lavadeira poderia, mas ninguém questionaria que Christopher poderia simplesmente perder as calças, possivelmente no meio de uma pista de dança lotada. E as roupas mais velhas, ele não precisaria delas, não no ritmo que ele estava crescendo. As calças eram compridas demais, mas podiam ser cercadas. A camisa poderia ser passada na parte de trás. Alguns pontos simples eram tudo o que precisaria.

Anna não era uma costureira natural, mas como todos os Caçadores de Sombras, ela possuía as habilidades básicas para reparar equipamentos. Ela não poderia ter feito renda ou alfaiataria precisa, mas ela poderia fazer esse trabalho. Ela pregou a camisa e o colete nas costas para ajustá-los e adular seu torso. A jaqueta era um pouco mais complexa, exigindo dobras nas costas e na lateral. Os ombros estavam um pouco errados, e o efeito um pouco triangular, mas apesar de tudo, foi um esforço razoável. Ela praticou andar nas calças justas, agora que já não arranhavam o chão.

Ela sempre gostara de equipamentos quando criança, sua facilidade de manobra, o modo como permitia que ela se movesse sem restrições. Ela sempre se surpreendeu com o fato de que outras garotas, ao contrário dela, não se ressentiam de serem empurradas de volta para vestidos e saias quando o treinamento terminava. Que elas não se ressentiam da perda de liberdade.

Mas era mais do que o conforto das roupas. Em sedas e babados Anna se sentia tola, como se estivesse fingindo ser alguém que não era. Quando ela usava vestidos na rua, ela era ignorada como uma garota desajeitada, ou encarada pelos homens de uma

forma que ela não gostava. Ela só tinha saído com as roupas do irmão duas vezes, ambas as vezes tarde da noite - mas oh, mulheres olhavam para ela então, mulheres sorridentes, mulheres conspiratórias, mulheres que sabiam que ao vestir as roupas dos homens, Anna andava em seu poder e privilégio. Eles olhavam para seus lábios macios, seus longos cílios, seus olhos azuis; eles olhavam para seus quadris com calças apertadas, a curva de seus seios sob a camisa de algodão de um homem, e seus olhos falavam com ela na linguagem secreta das mulheres: Você tomou o poder deles por conta própria. Você roubou fogo dos deuses. Agora venha e faça amor comigo, como Zeus fez amor com Danae, em uma chuva de ouro.

Em sua mente, Anna se inclinou para pegar a mão de Ariadne e a mão parecia real.

"Você está tão linda hoje à noite", disse ela para Ariadne. "Você é a garota mais linda que eu já vi."

"E você", Ariadne respondeu em sua mente, "é a pessoa mais bonita que eu já conheci."

No dia seguinte, Anna passou duas horas escrevendo uma nota para Ariadne que acabou lendo:

Cara Ariadne,

Foi muito bom conhecer você. Espero que possamos treinar juntas algum dia. Por favor, pague uma chamada.

Saudações, Anna Lightwood.

Duas horas inteiras para isso e uma pilha de rascunhos. O tempo não tinha mais significado e talvez nunca tivesse significado novamente.

À tarde, ela tinha planos de encontrar seus primos, James, Lucie e Thomas, junto com Matthew Fairchild. James, Matthew, Thomas e Christopher eram inseparáveis e sempre se encontravam em uma casa ou em um esconderijo. Eles estavam invadindo a casa da tia Sophie e do tio Gideon hoje. Anna só comparecia às suas pequenas reuniões de vez em quando, assim como Lucie - as garotas tinham muitas ocupações para se divertirem; hoje, ela precisava desesperadamente de algo para fazer, algo para amarrar sua mente no lugar, para impedi-la de brigar e andar pelo seu quarto.

Ela caminhou com Christopher, que estava animadamente falando de algum tipo de dispositivo que voaria pelo ar por meio de quatro lâminas rotativas. Parecia que ele estava descrevendo um inseto mecânico. Anna fez alguns ruídos que indicavam que ela estava ouvindo, embora, com toda certeza, não estivesse ouvindo.

Não era longe da casa de seus primos. As primas dela, Bárbara e Eugenia, estavam na sala da manhã. Bárbara estava estendida em um sofá, enquanto Eugenia trabalhava furiosamente como se realmente a odiasse, e a única maneira de expressar seu ódio era esfaqueando o tecido esticado com a agulha o mais vigorosamente que podia.

Anna e Christopher foram até os quartos que haviam sido reservados para o uso dos filhos de Sophie e Gideon. James estava lá, sentado em seu assento na janela, lendo. Lucie estava sentada à escrivaninha, rabiscando. Tom estava jogando uma faca na parede oposta.

Christopher cumprimentou a todos e imediatamente sentou-se no canto com um livro. Anna caiu ao lado de Lucie.

"Como está Cordelia?", Ela perguntou.

"Oh, ela é maravilhosa! Eu estava apenas escrevendo para ela rapidamente antes que Thomas me ajudasse a repassar minha aula persa." Lucie estava sempre escrevendo para sua futura parabatai, Cordelia Carstairs. Lucie estava sempre escrevendo. Lucie poderia escrever em uma sala cheia de pessoas conversando, gritando, cantando. Anna tinha certeza de que Lucie provavelmente poderia escrever no meio da batalha. Anna aprovou isso muito bem - era muito bom ver duas garotas tão dedicadas umas às outras, até platonicamente. As mulheres devem valorizar outras mulheres, mesmo que a sociedade muitas vezes não o faça.

Ariadne entrou em sua mente novamente. "O que está errado, Anna?" James disse.

Ele estava olhando para ela com curiosidade. Anna amava todos os seus primos, mas ela tinha um fraco por James. Ele tinha sido um garoto meio desajeitado, gentil, calmo e estudioso. Ele havia crescido em um jovem que Anna podia ver que era extraordinariamente bonito, como seu pai. Ele teve uma queda suave do cabelo preto de Herondale; de sua mãe, ele herdara sua característica demoníaca - seus olhos dourados inumanos. Anna sempre achara que eram bastante bonitos, embora Christopher tivesse dito a ela que James tinha sido provocado implacavelmente na Academia por causa deles. Foi a provocação que levou Matthew a fazer os explosivos com Christopher e conseguissem que uma ala do prédio explodisse.

Foi honroso defender seu amigo, seu parabatai. Anna estava orgulhosa dele por fazer isso. Ela teria feito o mesmo. James era um menino tão tímido e delicioso - deixou Anna furiosa ao pensar que ele havia sido ridicularizado. Ele era mais velho agora, dado um pouco mais a pensar e olhar para a distância, mas ainda gentil sob tudo isso.

"Nada", disse ela. "Eu só... preciso de um novo livro para ler." "Um pedido mais sensato", disse James, balançando as pernas longas de seu poleiro de leitura. "Que tipo de livro? Felizmente, a tia Sophie e o tio Gideon têm uma coleção respeitável. Aventura?

História? Romance? Poesia?"

Todo o conjunto mais jovem era assustadoramente reservado. Anna atribui isso à influência de tio Will e tia Tessa. Eles raramente deixam alguém sair do Instituto sem um livro que eles acham que é necessário ler.

Agora que eles estavam falando sobre isso, talvez isso fosse útil para conversar com Ariadne. Ela era uma leitora diabólica, afinal de contas.

"Estou treinando com alguém novo", disse Anna. "O nome dela é Ariadne. Ela lê bastante, então..."

"Ah! Ariadne. Esse é um nome da mitologia. Nós poderíamos começar você em um curso disso. Você gostaria de começar com *The Golden Bough*, de Frazer? Há uma nova edição de três volumes. A menos que você queira começar com o básico. Há sempre a Biblioteca Classica de Lemprière..."

James virou graciosamente através dos livros na parede. Ele era um lutador talentoso e excelente dançarino. Talvez fossem essas características, combinadas com o fato de que ele estava crescendo em sua aparência, que explicava por que ele parecia ser tão popular entre as garotas. Ele não podia andar por um quarto delas sem elas suspirando e rindo. Anna supôs que ela estava satisfeita por ele, ou estaria se ele notasse que estava acontecendo.

Ele logo pegou uma dúzia de livros da prateleira, passando um para Christopher quase como uma reflexão tardia. Um bracelete de prata brilhou em seu pulso quando ele estendeu o braço - um presente de amor, Anna se perguntou? Talvez um dos risos suspirantes tenha atraído seu interesse, afinal. Anna supôs que deveria ser mais caridosa com elas - sentia-se à beira de suspirar e rir para Ariadne a qualquer momento.

A porta se abriu e Matthew Fairchild entrou na sala e se jogou dramaticamente sobre as costas de uma cadeira. "Boa tarde, seu maravilhoso bando de vilões. James, por que você está limpando as prateleiras?"

"Anna me pediu algo para ler", disse James, examinando uma tabela de conteúdo com um olho furioso. Ele colocou o livro de lado.

"Anna? Lendo? Que magia negra é essa?"

"Eu não sou um analfabeta", disse Anna, jogando uma maçã para ele. Ele pegou facilmente e sorriu. Matthew era normalmente muito exigente. Ele e Anna muitas vezes falavam de moda de cavalheiros juntos, mas hoje Anna notou que seu cabelo estava meio desganhado e que um dos botões de seu colete estava desfeito.

Estas eram pequenas coisas, com certeza, mas em Matthew, elas falavam de algo maior.

"Qual é o seu interesse?", Perguntou Matthew. "É um crime querer se tornar mais alfabetizado?"

"De forma alguma", disse Matthew. "Eu amo literatura. Na verdade, encontrei um lugar maravilhoso. É um salão cheio de escritores e poetas. Mas é um pouco... desonroso."

Anna inclinou a cabeça em interesse.

"Aqui vamos nós", disse James, trazendo uma pilha de uma dúzia de livros e colocando-a para baixo com um baque pesado. "Algum desses apelos? Olhe e veja. Claro, posso recomendar outros. Espere. Não. Não estes. Não estes."

Ele pegou os livros e voltou para as prateleiras. James estava claramente absorvido em sua tarefa. Christopher estava feliz lendo seu livro, que tinha um título horrivelmente científico. Lucie e Thomas estavam na recepção, Thomas ajudando Lucie a ler algumas frases: Lucie estava aprendendo com Cordelia, e Tom gostava de idiomas, já que falava espanhol com tio Gideon e galês com seus primos. O Anjo abençoe suas almas estudiosas doces, nenhum deles parecia provável ouvir Anna e Matthew, a partir de uma trama sombria. No entanto, Matthew lançou sua voz muito baixa.

"Por que eu não vou busca-lá à meia-noite", disse Matthew. "Nós podemos ir juntos. Eu poderia usar um companheiro que sabe se divertir um pouco. Você pode precisar de um disfarce, no entanto. Nenhuma jovem respeitável caminha pelas ruas de Londres à meia-noite."

"Oh", disse Anna. "Eu acho que posso gerenciar alguma coisa."

Pouco antes da meia-noite, como prometido, Anna ouviu uma batida na janela do quarto. Matthew Fairchild estava lá, dançando ao longo da borda. Anna abriu-a.

"Meu meu!" Ele disse com aprovação. "São os de Christopher?"

Anna se vestiu com as roupas de seu irmão. A costura ajudara bastante.

"Um disfarce", ela disse simplesmente.

Ele riu, girando descuidadamente no peitoril. Ela podia ver que ele estava bebendo - seus reflexos eram lentos, e ele só se pegou meio segundo antes de cair de volta ao chão.

"Eles combinam melhor com você do que com ele, mas ainda assim... precisamos te dar algo melhor do que isso. Aqui."

Ele puxou a gravata de seu pescoço e entregou a ela.

"Eu insisto", disse ele. "Eu nunca poderia deixar uma dama sair em roupas masculinas inferiores."

Anna sentiu-se exalando devagar e sorrindo ao colocar a gravata. Os dois pularam da janela, aterrissando silenciosamente no pátio em frente à casa.

"Onde é este lugar?" Anna disse.

"Um canto nefasto do Soho", disse ele com um sorriso. "Soho!" Anna ficou encantada. "Como você ficou sabendo disso?"

"Oh, apenas através de minhas andanças." "Você faz muito disso."

"Eu tenho uma alma perifrástica."

Matthew estava mais bêbado do que pareceu pela primeira vez.

Ele rolou de volta em seus calcanhares e girou em torno do poste ocasional enquanto andavam. Ele tinha sido assim muito nas últimas semanas - o que era divertido e leve sobre Matthew tinha tomado uma vantagem. Em algum nível, ela sentiu um pouco de preocupação aumentando. Mas este foi Matthew, e ele não se saiu bem em confinamento. Talvez a noite de verão tivesse acabado de deixar seus espíritos particularmente altos.

A casa em que Matthew levou Anna estava nas profundezas do Soho, saindo da Brewer Street. Era pintado de preto, com uma porta verde.

"Você vai gostar daqui", disse Matthew, sorrindo para Anna.

A porta foi aberta por um homem alto e pálido com uma sobrecasaca marrom.

"Fairchild", disse ele, olhando para Matthew. "E..." "Bom amigo de Fairchild", respondeu Matthew.

Anna podia sentir a inteligência do olhar do vampiro, quando ele a encarou por um longo tempo. Ele parecia intrigado, tanto por ela como por Matthew, embora sua expressão fosse ilegível.

Por fim, ele se afastou e permitiu que entrassem.

"Você vê?" Matthew disse. "Ninguém pode resistir a nossa companhia."

O vestíbulo estava totalmente escuro - a lanterna estava coberta por uma cortina de veludo. A única luz vinha das velas. A casa era decorada em um estilo que Anna aprovava completamente - papel verde pesado corria com ouro, cortinas de veludo e móveis. Cheirava a charutos e estranhos cigarros cor-de-rosa e gim. A sala estava lotada com uma mistura de Submundanos e mundanos, todos elaboradamente vestidos.

Anna notou que muitas pessoas a viam na roupa de seus

homens e acenavam apreciativamente. Os homens pareciam satisfeitos ou divertidos, as mulheres admirando ou interessadas. Alguns juntaram Anna corajosamente com os olhos deles, os olhares deles agarrando ao corpo feminino revelado pelas roupas ajustadas dela. Era como se, ao rejeitar vestidos, ela tivesse rejeitado a expectativa da sociedade pela modéstia de uma mulher e pudesse se permitir ser admirada, desejada. Sua alma subiu com nova confiança: ela se sentia uma criatura maravilhosa, nem um cavalheiro nem uma dama. Uma fidalga, ela pensou, e piscou para uma das únicas pessoas que ela reconheceu: o lobisomem

Woolsey Scott, chefe do Praetor Lupus. Ele usava uma jaqueta verde-mamadeira e fumava cachimbo narguilé enquanto segurava um grupo de mundanos fascinados.

“É claro”, Anna o ouviu dizer, “eles tiveram dificuldade em colocar minha banheira em uma das casas na árvore, mas eu dificilmente deixaria para trás. É preciso sempre trazer a própria banheira.”

"Isso é Alguém Alguém Yeats lá", Matthew disse, indicando um homem alto e de óculos. "Ele leu um novo trabalho na última vez que estive aqui."

"E foi maravilhoso", disse uma voz. Veio de uma mulher sentada perto de onde Matthew e Anna estavam. Ela era uma belíssima feiticeira com a pele escamada de uma serpente, de cor prateada, quase opalescente. Seus longos cabelos verdes caíam sobre os ombros e passavam por uma fina rede de ouro. Ela usava um vestido vermelho que se agarrava ao seu corpo. Ela inclinou a cabeça elegantemente em direção a Matthew e Anna.

“Todos os Caçadores de Sombras de Londres são tão bonitos quanto você?” Ela perguntou. Ela tinha um sotaque alemão.

"Não", disse Anna simplesmente. "Definitivamente não", concordou Matthew. A feiticeira sorriu.

"Seus caçadores de sombras de Londres são mais interessantes que os nossos", disse ela. "Nossos são muito tediosos. Você é linda e divertida."

Alguém resmungou alguma coisa com isso, mas o resto do grupo riu apreciativamente.

"Sente-se e junte-se a nós", disse a mulher. "Eu sou Leopolda Stain".

A maioria das pessoas ao redor de Leopolda parecia estar bajulando mundanos, como o grupo em torno de Woolsey Scott. Um homem usava um manto negro coberto de símbolos que Anna não reconheceu. Matthew e Anna sentaram-se no tapete, contra uma pilha de almofadas que serviam de sofá. Ao lado deles estava uma mulher vestindo um cachecol de turbante de ouro preso com uma safira.

"Vocês são dois dos escolhidos?", ela perguntou a Matthew e Anna.

"Certamente", disse Matthew.

“Ah. Eu poderia dizer pelo jeito que Leopolda reagiu a você. Ela é maravilhosa, não é? Ela é de Viena e conhece simplesmente todos

- Freud, Mahler, Klimt, Schiele...”

"Maravilhoso", disse Matthew. Ele provavelmente achava que era maravilhoso - Matthew adorava arte e artistas.

"Ela vai nos ajudar", disse a mulher. “Obviamente, tivemos esses problemas aqui. Ora, Crowley nem foi reconhecido aqui em Londres! Ele teve que ir ao Templo Ahathoor em Paris para ser iniciado no grau de Adeptus Minor, o qual eu tenho certeza que você ouviu falar.”

"No momento em que aconteceu", mentiu Matthew.

Anna mordeu o lábio e olhou para baixo para não rir. Sempre foi divertido conhecer mundanos que tinham noções fantásticas de como a magia funcionava. Leopolda, ela notou, sorria indulgentemente para todo o grupo, como se fossem crianças adoráveis, mas um pouco desequilibradas.

"Bem", continuou a mulher, "eu era adepta do templo Ísis-Urânia e posso assegurar-lhe que estava convencido de que..."

Isso foi interrompido por um homem parado no meio da sala e levantando um copo de algo verde.

"Meus amigos!" Ele disse. "Eu exijo que nos lembremos de Oscar. Você deve levantar seus óculos!"

Houve um ruído geral de concordância e os óculos foram levantados. O homem começou a recitar "A balada da leitura da prisão" de Oscar Wilde. Anna ficou impressionada com uma das estrofes:

Alguns amam muito pouco, alguns muito Alguns vendem e outros compram; Alguns fazem o ato com muitas lágrimas, E alguns sem um suspiro:

Para cada homem mata a coisa que ele ama, No entanto, cada homem não morre.

Ela não sabia bem o que significava, mas o espírito disso a assombrava. Parecia ter um efeito ainda mais acentuado sobre Matthew, que caiu.

"É um mundo podre que permitiria que um homem como Wilde morresse", disse Matthew. Havia uma dureza em sua voz que era nova e um pouco alarmante.

"Você está soando um pouco terrível", disse Anna.

"É verdade", respondeu ele. "Nosso maior poeta, e ele morreu na pobreza e na obscuridade, não muito tempo atrás. Eles o jogaram na cadeia porque ele amava outro homem. Eu não acho que o amor possa estar errado."

"Não", disse Anna. Ela sempre soube que amava as mulheres da maneira que se esperava que ela amasse os homens. Que ela achava as mulheres bonitas e desejáveis, enquanto os homens eram bons amigos, irmãos de armas, mas nada mais. Ela nunca fingira o contrário, e todos os seus amigos próximos pareciam aceitar isso sobre ela como um fato conhecido.

Mas era verdade que embora Matthew e os outros frequentemente brincassem com ela sobre matar os corações de garotas bonitas, não era algo que ela e sua mãe tivessem falado. Ela se lembrou de sua mãe tocando seu cabelo com carinho na carruagem. O que Cecily realmente achou de sua estranha filha?

Não agora, ela disse a si mesma. Ela se virou para a mulher no turbante, que estava tentando chamar sua atenção. "Sim?"

"Minha querida", disse a mulher. "Você deve ter certeza de estar aqui em uma semana. Os fiéis serão recompensados, eu prometo a você. Os antigos, tão escondidos de nós, serão revelados."

"Claro", disse Anna, piscando. "Sim. Não perderia por nada no mundo."

Enquanto ela estava simplesmente conversando, Anna descobriu que gostaria de voltar a este lugar. Ela tinha vindo aqui vestida como ela era, e ela só tinha recebido aprovação. Na verdade, ela tinha certeza de que uma das vampiras estava examinando-a com um olhar que não era inteiramente saudável. E Leopolda, a bela feiticeira, não tirara os olhos de Anna. Se a mente e a alma de Anna não estivessem cheias de Ariadne...

Bem, isso só poderia ser deixado para a imaginação.

Quando Matthew e Anna saíram de casa naquela noite, eles não notaram uma figura do outro lado da rua, parada nas sombras.

Jem reconheceu Matthew imediatamente, mas a princípio ficou confuso quanto a quem estava com ele. A pessoa se parecia com seu parabatai, Will Herondale - não Will como ele era agora, mas Will aos dezessete anos, com sua arrogância confiante e queixo virado para cima. Mas isso não poderia ser. E a pessoa obviamente não era James, filho de Will.

Levou vários minutos para perceber que o jovem não era um homem jovem. Era Anna Lightwood, sobrinha de Will. Ela havia herdado o cabelo escuro e o perfil do lado Herondale de sua família e, claramente, ela herdara a arrogância de seu tio. Por um momento, Jem sentiu uma pontada no coração. Era como ver seu amigo como um jovem novamente, como os dois tinham sido quando moravam juntos no Instituto e lutavam lado a lado, como tinham sido quando Tessa Gray chegou pela primeira vez à porta deles.

Foi realmente há muito tempo?

Jem sacudiu o pensamento e focou no presente. Anna estava em algum tipo de disfarce, e ela e Matthew tinham acabado de estar com um Submundano reunindo-se com um feiticeiro que ele tinha vindo observar. Ele não tinha ideia do que estavam fazendo lá.

Uma semana inteira passou. Uma semana inteira de Anna correndo para o correio, olhando da janela, caminhando para a

Cavendish Square antes de voltar. Uma vida inteira. Era uma agonia, e quando estava se voltando para a aceitação, Anna foi chamada no andar de baixo na manhã de sexta-feira para encontrar Ariadne esperando por ela em um vestido amarelo e um chapéu branco.

"Bom dia", disse Ariadne. "Por que você não está pronta?" "Pronta?" Anna disse, sua garganta ficou seca com a aparição repentina de Ariadne. "Para treinar!" "Eu-"

"Bom dia, Ariadne!" Cecily Lightwood disse, entrando com Alexander.

"Oh!" Os olhos de Ariadne se iluminaram quando ela viu o bebê. "Oh, eu devo segurá-lo, eu simplesmente adoro bebês."

A aparição de Alexandre deu a Anna tempo suficiente para subir as escadas, recuperar o fôlego, jogar água no rosto e pegar o equipamento. Cinco minutos depois, Anna estava sentada ao lado de Ariadne na carruagem de Bridgestock, rumando em direção ao Instituto. Elas estavam sozinhas agora, perto uma da outra na carruagem quente. O cheiro do perfume de flor de laranjeira de Ariadne flutuou e envolveu Anna.

"Eu te perturbei?", Disse Ariadne. "Eu simplesmente esperava... que você pudesse estar livre para treinar comigo..." Ela parecia preocupada. "Espero não ter presumido errado. Você está brava?"

"Não", respondeu Anna. "Eu nunca poderia estar com raiva de você."

Anna tentou fazer com que soasse leve, mas uma nota rouca de verdade soou.

"Bom." Ariadne parecia radiantemente contente com isso e cruzou as mãos no colo. "Eu odiaria te desagradar."

Quando chegaram ao Instituto, Anna mudou muito mais rapidamente que Ariadne. Ela esperou na sala de treinamento, nervosamente andando, pegando facas nas paredes e jogando-as para acalmar seus nervos.

Apenas treinando. Treinamento simples. "Você tem um bom braço", disse Ariadne.

Ariadne estava deslumbrante em seus vestidos; a engrenagem

revelou outra coisa. Ela ainda era feminina, com seus longos cabelos e curvas exuberantes, mas livre de quilos de tecido, ela se movia com graça e velocidade.

"Como você gostaria de começar?" Anna disse. "Você tem uma arma preferida? Ou devemos fazer alguma escalada? Trabalhar no raio?"

"Tudo o que você achar que é melhor", respondeu Ariadne. "Vamos começar com lâminas?" Anna disse, tirando uma da parede.

O que quer que Ariadne estivesse fazendo em Idris, não envolvia muito treinamento. Ela tinha sido exata nisso. Quando ela jogou, seu braço estava fraco. Anna aproximou-se e guiou-a, obrigando-se a manter a postura enquanto pegava a mão de Ariadne na dela e guiava o lance. Ela era surpreendentemente boa em escalar, mas uma vez no feixe do teto, ela deu uma queda ruim. Anna pulou por baixo e a pegou nitidamente.

"Oh, muito impressionante!" Ariadne disse, sorrindo.

Anna ficou lá por um momento, Ariadne em seus braços, sem saber o que fazer. Havia algo no olhar de Ariadne, no jeito que ela estava olhando para Anna... como se hipnotizada...

Como ela perguntou? Como isso aconteceu com alguém como Ariadne?

Foi demais.

"Uma tentativa muito boa", disse Anna, colocando suavemente Ariadne em seus pés. "Somente... observe seu pé."

"Acho que já tive o suficiente disso hoje", disse Ariadne. "Como se divertir em Londres?"

De muitas maneiras.

"Bem", disse Anna. "Há o teatro, e o zoológico é..."

"Não". Ariadne segurou um dos pilares e girou suavemente em torno dele. "Diversão. Com certeza você conhece um lugar."

"Bem", Anna disse, procurando em sua mente freneticamente: "Eu conheço um lugar cheio de escritores e poetas. É bem louche. Está no Soho e começa depois da meia-noite."

"Então eu suponho que você vai me levar", disse Ariadne, os olhos brilhando. "Eu vou esperar por você pela minha janela à meia-noite hoje à noite."

A espera naquela noite era excruciante.

Anna pegou o jantar e observou o relógio do outro lado da sala.

Christopher estava formando suas cenouras em uma pirâmide e trabalhando alguma coisa em sua cabeça. Sua mãe estava alimentando Alexander. Anna estava contando seus batimentos cardíacos.

Ela teve que tentar não parecer conspícua. Ela passou algum tempo na sala de estar com seu irmãozinho; Ela pegou um livro e olhou fixamente para as páginas. Às nove, ela conseguiu se alongar e dizer que ia tomar um banho e se deitar.

De volta ao quarto, Anna esperou até ouvir os outros membros da casa irem para a cama antes de trocar de roupa. Ela tinha tido tempo para limpar sua roupa e consertar o melhor que podia. Quando ela se vestiu, ela parecia elegante e perigosa. Ela decidira agora que era assim que se vestia se escapasse das aventuras, até mesmo para encontrar Ariadne.

Ela saiu da janela às onze, deslizando por uma corda que jogou de volta para dentro. Ela poderia ter pulado, mas demorou algum tempo para arrumar o cabelo sob o chapéu corretamente. Caminhou até Belgravia e, desta vez, não se incomodou em evitar as poças de iluminação da rua. Ela queria ser vista. Ela endireitou as costas e ampliou o passo. Quanto mais ela andava, mais ela se sentia escorregando no passo, a atitude. Ela inclinou o chapéu para uma senhora que passava em uma carruagem; a dama sorriu e desviou o olhar timidamente.

Anna sabia agora que nunca voltaria a usar vestidos. Ela sempre amou o teatro, sempre amou a ideia de uma performance. A primeira vez que ela usou as roupas de seu irmão, foi uma apresentação, mas a cada vez que ela fazia isso de novo, tornava-se mais realidade dela. Ela não era um homem e não queria ser - mas por que os homens deveriam manter todos os bons pedaços de masculinidade para si mesmos por causa de um acidente de

nascimento? Por que ela, Anna, não deveria usar suas roupas e seu poder e confiança também?

Você roubou fogo dos deuses.

A arrogância de Anna diminuiu um pouco quando ela virou a esquina para a Cavendish Square. Adriane aceitaria ela assim? Tinha se sentido tão bem um momento antes, mas agora...

Ela quase se voltou atrás, mas então se virou e se forçou a ir em frente.

A casa dos Bridgestock estava às escuras. Anna olhou para cima, temendo que Ariadne estivesse brincando. Mas então ela viu um movimento de cortina e a janela de guilhotina se abriu. Ariadne olhou para ela.

E ela sorriu.

Uma corda saiu pela janela, e Ariadne deslizou para baixo, mais graciosamente do que em treinamento. Ela usava um vestido azul claro, que tremulou quando ela caiu.

"Oh meu", disse ela, caminhando até Anna. "Você parece... bastante devastadora."

Anna não teria trocado o jeito que Ariadne olhava para ela naquele momento por mil libras.

Eles pegaram uma carruagem para Soho. Embora ela e Ariadne estivessem encantadas para esconder suas marcas dos mundanos, Anna gostou do olhar que recebeu do motorista quando percebeu que o jovem e gentil cavalheiro de sua cabine era uma bela jovem. Ele tirou o boné enquanto ela e Ariadne desceram do táxi, murmurando algo sobre "jovens hoje em dia".

Eles chegaram na casa, mas desta vez, quando Anna bateu na porta, a pessoa que atendeu foi menos complacente. Ele olhou para Anna e depois para Ariadne.

"Caçadores de Sombras não", disse ele.

"Essa não foi sua política anterior", disse Anna. Ela notou que as janelas estavam agora cobertas por pesadas cortinas de veludo.

"Vá para casa, Caçadores de Sombras", disse ele. "Eu me fiz claro."

A porta estava batida em seus rostos.

"Agora estou curiosa", disse Ariadne. "Precisamos entrar, você

não acha?"

Ariadne certamente tinha um mau presságio nela que complementava sua alegria borbulhante, um amor por coisas que eram apenas um pouco... danadinhas. Anna sentiu que deveria encorajar esse impulso.

Não havia nenhum ponto de acesso claro na frente plana da casa, então elas se moveram até o fim da rua e encontraram um beco estreito abrigando as casas. Isto foi emparedado até o terceiro andar. Havia, no entanto, um cano de esgoto. Anna pegou isso e fez a escalada. Não conseguiu chegar às janelas do terceiro andar de lá, mas podia subir no telhado. Ela olhou para baixo para ver Ariadne subindo atrás dela, novamente mostrando mais habilidade do que na sala de treinamento. Eles conseguiram abrir uma janela do sótão. De lá, eles desceram as escadas sinuosas, Anna primeiro, com Ariadne para trás. Ariadne manteve a mão na cintura de Anna, possivelmente para orientação enquanto andavam, ou...

Anna não pensaria nisso.

Eles estavam queimando uma grande quantidade de incenso na casa hoje à noite. Ele zumbiu pelo corredor e subiu as escadas, quase fazendo Anna tossir. Não era um cheiro agradável - era ácido e duro. Anna detectou o absinto, a artemísia e outra coisa - algo com uma borda metálica, como sangue. O grupo geralmente estava quieto. Havia apenas uma voz falando baixo. Uma voz feminina com o sotaque germânico. Ela ouviu os encantamentos.

Anna conhecia uma convocação quando ouviu uma. Ela se virou para Ariadne, que tinha um olhar de preocupação em seu rosto.

Ela pegou sua lâmina de serafim e indicou a Ariadne que iria em frente para olhar. Ariadne assentiu. Anna rastejou até o final dos degraus e depois pelo corredor. Ela empurrou para trás um pouco da cortina de veludo que fechava a sala de estar principal. Todos estavam virados para o centro da sala, por isso, na maior parte do tempo, ela viu as costas e o leve brilho da luz das velas.

Anna conseguiu distinguir a forma de um círculo desenhado no chão. A mulher no turbante estava à beira, o rosto inclinado em êxtase. Ela usava um longo manto preto e segurava um livro com um pentagrama sobre a cabeça. O livro estava preso em algo estranho. Parecia pele.

Acima de tudo estava a feiticeira Leopolda, de olhos fechados e braços erguidos. Ela segurava uma adaga curva em suas mãos. Ela estava cantando em uma língua demoníaca. Então ela olhou para a mulher no turbante e assentiu. A mulher deu um longo passo para o círculo. A chama verde brilhou ao redor, fazendo os mundanos murmurarem e se afastarem. Não havia, Anna notou, muitos Submundanos presentes.

"Vamos lá!", Exclamou a mulher. "Venha adiante, linda morte. Venha adiante, criatura, para que possamos te adorar! Venha adiante!"

Havia um cheiro terrível e a sala estava cheia de escuridão.

Anna sabia que não podia mais ficar parada.

"Saia!" Anna gritou, empurrando seu caminho para o quarto. "Todos vocês!"

O grupo não teve tempo de se surpreender. Um enorme demônio Ravener saiu da escuridão. A mulher do turbante caiu de joelhos diante dele.

"Meu senhor", disse ela. "Meu sombrio".

O Ravener chicoteava o rabo e facilmente cortava a cabeça de turbante da mulher do pescoço dela. Os reunidos soltaram um grito coletivo e houve uma corrida para a porta. Anna teve que lutar contra o demônio. O Ravener estava fazendo um trabalho curto dos restos da mulher.

Leopolda Stain simplesmente olhou para a cena com um divertimento gentil.

Era difícil lutar contra um demônio em lugares tão próximos sem matar todas as pessoas também. Anna empurrou vários mundanos para o lado e lançou-se ao demônio, a lâmina de serafim levantada.

Ele fez um barulho estridente e irritado. Isso foi porque algo tinha acabado de arrancar um dos seus olhos. Ariadne estava ao lado dela, segurando um chicote e sorrindo.

"Muito boa pontaria," Anna disse como o demônio bravo girou ao redor. Ele deu um salto e atravessou uma das janelas da frente. Anna e Ariadne foram logo em seguida, Anna fazendo o pulo facilmente em suas roupas novas. Ariadne passou pela porta, mas ela estava em pé rápido, batendo o chicote no ar. Entre elas, elas rapidamente fizeram um trabalho curto da besta.

Houve um barulho estranho e crepitante. Elas se viraram para ver que o demônio não tinha vindo sozinho - um grupo de Raveners menores atravessou a janela quebrada, suas mandíbulas pingando líquido verde. Anna e Ariadne se viraram para enfrentá-los, com as armas desembainhadas. Um pequeno Ravener pulou para frente primeiro. Ariadne cortou com o chicote. Outro surgiu, mas assim que apareceu, um cajado voou pelo ar ao lado de Anna, batendo a cabeça para dentro. Ela se virou quando desapareceu, para se encontrar olhando para o irmão Zachariah. Ela estava bem familiarizada com o antigo parabatai de seu tio, embora ela não tivesse ideia do que ele estava fazendo aqui.

Quantos? ele perguntou.

"Eu não sei", disse ela quando outro demônio saiu da casa. "Eles estão vindo de um círculo dentro da casa. Há pessoas feridas."

Ele assentiu e indicou que iria prosseguir para dentro, enquanto Anna e Ariadne lutavam do lado de fora. Uma das criaturas estava prestes a descer em um dos mundanos em fuga. Anna pulou de costas, desviando do rabo balançando furiosamente, e mergulhou a lâmina de serafim na parte de trás do pescoço. O atordoado caranguejo mundano rastejou para trás enquanto o Ravener caía morto no chão. Ela se virou para olhar para Ariadne, que estava fazendo um trabalho curto com um dos Raveners, cortando seu elétron no ar e depois atravessando as pernas do demônio. Anna ficou surpresa - o único outro chicote elétrico que ela já tinha visto era de propriedade do cônsul, Charlotte Fairchild.

Ariadne e Anna ficaram de costas, lutando como parabatai, seus movimentos em sincronia. Embora elas certamente não fossem parabatai. Seria muito errado sentir por uma parabatai como Anna se sentia em relação a Ariadne. Não havia dúvidas, Anna pensou, embora fosse uma revelação estranha para ter no meio de uma briga de demônios.

Ela estava definitivamente apaixonada por Ariadne Bridgestock. Jem entrou na casa pela porta aberta, sua bengala pronta. O quarto parecia vazio, quieto. Havia uma tremenda quantidade de sangue no chão e os restos de um humano.

"Aqui! ", Disse uma voz. "Eu estava esperando que você viesse."

Jem se virou. Leopolda Stain estava sentada na antessala de uma grande poltrona de brocado, segurando a cabeça de uma mulher no colo. Jem levantou sua bengala.

Você assassinou mundanos inocentes, disse Jem.

"Eles se mataram", disse Leopolda. "Eles estavam brincando com fogo. Eles foram queimados. Você conhece essas criaturas. Eles acreditam que entendem a magia. Eles precisam entender sua verdadeira natureza. Eu faço um serviço. Eles não vão chamar outro demônio. Se eu quisesse ensinar-lhes uma lição, onde está o mal?

Há um inferno de fogo em mim, mas não acho que seja sua principal preocupação."

Jem estava rasgado. Seu instinto era derrubá-la pelo que ela fizera e, no entanto...

"Você hesita, James Carstairs", disse ela com um sorriso.

Meu nome é irmão Zachariah.

"Você era James Carstairs, o Caçador das Sombras que era viciado em yin fen. Você estava familiarizado com Axel Mortmain, o que eles chamavam de Magistrado, eu acho?"

Ao som do nome de Mortmain, Jem abaixou sua bengala. "Ah", disse Leopolda com um sorriso. "Você se lembra do querido Axel."

Você conheceu ele?

"Muito bem", disse ela. "Eu sei muitas coisas. Eu sei que uma feiticeira ajuda a administrar o Instituto aqui, sim? Chamada Tessa Herondale. Ela é uma Caçadora de Sombras e não pode carregar nenhuma Marca. Ela é casada com o seu parabatai."

Por que você estaria me perguntando sobre Tessa? Jem disse.

Era como se dedos frios estivessem tocando sua espinha. Ele não gostou desta feiticeira. Ele não gostou do interesse dela em Tessa e Will.

"Porque você esteve no Mercado das Sombras, fazendo muitas perguntas sobre ela. Sobre o pai dela. Seu pai demoníaco."

Ela deixou a cabeça rolar de seu colo.

“Como eu disse, conheci Mortmain”, ela disse. “Desde que você tem perguntado sobre ele e como Tessa foi criada, as notícias voltaram para mim - um de seus únicos amigos restantes. Eu acredito que você está curioso sobre como Mortmain criou Tessa. Você procura o demônio que ele convocou para ser seu pai. Se você guardar sua arma, talvez possamos conversar.”

Jem não pousou sua bengala.

“Ela pode não ter sido muito curiosa sobre seu pai demônio antes...” Leopolda brincou com a rede de ouro nos cabelos, “mas agora que ela tem filhos... e essas crianças mostram sinais de sua herança demoníaca... Eu imagino que as coisas são muito diferentes?”

Jem ficou friamente atingido. Era como se ela tivesse entrado em sua mente e tocado sua memória. De pé na ponte Blackfriars com Tessa em um janeiro frio dois anos atrás. O medo no rosto dela. Eu não quero incomodar Will... mas eu me preocupo tanto com Jamie e Lucie... James se desespera, chama as portas para o Inferno, como se ele odiasse o próprio rosto, sua própria linhagem. Se eu soubesse quem era meu pai demônio, talvez eu pudesse saber, prepará-los e a mim mesmo... e a Will. Jem temia mesmo então que era uma tarefa perigosa, que o conhecimento lhes daria apenas mais preocupações e dúvidas. Mas era algo que Tessa queria para Will e as crianças, e ele as amava demais para dizer não.

"As perguntas de seu amigo Ragnor finalmente deram frutos", disse Leopolda. "Eu sei quem era o pai de Tessa." Ela estreitou os olhos. “Em troca, só preciso de algo pequeno. Apenas a menor quantidade de sangue de um Shadowhunter vivo. Você nem vai sentir isso. Eu ia pegar da garota, aquela que se veste de menino. Eu gosto muito dela. Eu gostaria de pegá-la, se pudesse.”

Você vai ficar longe dela.

"Claro que vou", disse Leopolda. “Eu vou ajudar você também.

Apenas a menor quantidade de sangue, e posso contar sobre o verdadeiro pai de Tessa Herondale.”

"Irmão Zachariah!" Ele ouviu Anna gritar.

Jem se virou por um momento e Leopolda se aproximou dele.

Ele levantou a bengala, repelindo-a. Ela soltou um silvo e se afastou mais rápido do que parecia possível. Ela levantou a lâmina curva.

“Não brinque comigo, James Carstairs. Você não quer saber da sua Tessa?”

Houve outro grito do lado de fora. Jem não teve escolha. Ele correu na direção da voz de Anna.

Do lado de fora, Anna e outra garota estavam em uma luta feroz com pelo menos seis Raveners. Elas foram pressionados contra a parede, lutando de volta para trás. Jem saltou para

fora com sua bengala e colocou-a na parte de trás do mais próxima. Ele continuou balançando até Anna e a garota serem capazes de recuperar algum terreno. Jem derrubou outro, enquanto Anna fez um breve trabalho de dois ao mesmo tempo com um longo balanço de sua lâmina. Havia apenas um Ravener à esquerda. Estendeu a cauda espetada e apontou para o peito da outra garota. Em um segundo, Anna estava mergulhando no ar, tirando a outra garota do caminho. Elas rolaram juntos, os braços de Anna em volta da garota, protegendo-a. Jem atacou este último demônio, pousando um golpe em sua cabeça.

A rua ficou quieta. Anna estava nos braços da garota, muito quieta.

Anna, Jem disse. A menina Caçadora de Sombras já estava arrancando a manga de Anna para chegar ao ferimento. Anna assobiou quando o veneno feriu a superfície de sua pele.

Atrás deles, Leopolda saiu da casa e começou a simplesmente se afastar.

"Estou bem", disse Anna. "Vá atrás dela, Ariadne."

A outra garota, Ariadne, exalou e sentou-se. "O veneno não entrou no seu sistema. Mas entrou em sua pele. Devemos lavar o local com ervas imediatamente. E sua ferida é profunda. Você precisará de várias iratzes."

A garota olhou para Jem.

"Eu vou cuidar dela", disse ela. "Estou bem treinada em cura."

Fui ensinado pelos Irmãos do Silêncio enquanto eu morava em Idris. Anna está certa. Vá atrás de Stain."

Você tem certeza? Anna vai precisar de um amissio, uma runa de reposição de sangue.

"Com certeza", disse a menina, facilitando Anna a seus pés. "Acredite em mim quando digo que Anna prefere perder um pouco de sangue do que os pais dela descobrirem o que fizemos esta noite."

"Ouça, ouça", concordou Anna.

Cuide dela, disse Jem.

"Eu vou." Ariadne falou com uma firme confiança, e do jeito que ela estava lidando com a ferida, suas palavras pareciam verdade.

"Venha", disse Ariadne para Anna. "Minha casa não está longe."

Você pode andar?"

"Com você", disse Anna, "eu posso ir a qualquer lugar." Assim assegurado, Jem virou na direção de Leopolda Stain.

Elas voltaram para a casa de Ariadne, Anna ocasionalmente se apoiando em sua amiga. O veneno em sua pele estava começando a ter um efeito, o que era um pouco como ter muito vinho, muito rápido. Ela tentou se manter firme. Elas estavam encantadas agora, andando sem serem vistas pela rua.

Quando chegaram, Ariadne as deixou entrar em silêncio pela porta da frente. Elas subiram as escadas gentilmente, para não acordar ninguém. Por sorte, o quarto de Ariadne ficava no lado oposto da casa do quarto dos pais dela. Ariadne levou Anna e fechou a porta.

O quarto de Ariadne era como a pessoa que o habitara - perfumada, perfeita, delicada. Havia cortinas de renda nas grandes janelas. As paredes estavam forradas de papel prateado e rosa, e havia lilases e rosas recém-cortadas em vasos ao redor da sala.

"Venha", disse Ariadne, levando Anna ao seu escritório, onde havia uma bacia de água. Ariadne tirou a jaqueta de Anna e levantou a manga. Tendo misturado algumas ervas na bacia, ela derramou a mistura sobre a ferida, que doeu.

"É uma lesão desagradável", disse Ariadne, "mas eu sou uma boa enfermeira."

Ela umedeceu um pano e gentilmente limpou a ferida com movimentos suaves, com cuidado para limpar qualquer veneno que tivesse espirrado na pele de Anna. Então ela pegou sua estela e desenhou uma runa amissio para acelerar a reposição de sangue e um iratze para encorajar a cura. A ferida começou a fechar.

Ao longo de tudo isso, Anna ficou em silêncio, sem fôlego. Ela não sentiu dor. Ela sentiu apenas as mãos cuidadosas de Ariadne sobre ela.

"Obrigada", ela finalmente disse.

Ariadne baixou a estela. "Não é nada. Você sofreu essa ferida enquanto me salvava. Você entrou na minha frente. Você me protegeu."

"Eu iria protegê-la sempre", disse Anna.

Ariadne olhou para Anna por um longo momento. A única luz entrava pelo padrão na renda.

"Meu vestido", disse Ariadne suavemente. "Eu acho que está bastante arruinado. Eu pareço um susto."

"Bobagem", respondeu Anna. Então, depois de uma batida, ela acrescentou: "Você nunca pareceu mais bonita."

"Tem sangue e icor. Ajude-me a removê-lo, por favor."

Com os dedos trêmulos, Anna desabotoou os vários botões na parte da frente do vestido e deslizou para o chão em uma pilha.

Ariadne se virou para que Anna pudesse desfazer as estadias de seu espartilho. Ariadne usava uma camisa de algodão por baixo, enfeitada com um laço delicado. Sua camisa e calça estavam totalmente brancas contra a pele morena. Seus olhos brilhavam.

"Você deve descansar um pouco, Anna", disse Ariadne. "Você não pode sair agora. Venha."

Ela pegou Anna pela mão e levou-a para a cama. Anna percebeu como ela se afundou nela como estava exausta da luta, e também que ela nunca esteve tão acordada e viva.

"Se incline para trás", disse Ariadne, acariciando o cabelo de Anna.

Anna colocou a cabeça no travesseiro. Suas botas tinham sumido. O cabelo dela havia caído, e ela empurrou de volta impacientemente.

"Eu gostaria de beijar você", disse Ariadne. Sua voz tremeu com um medo que Anna entendeu muito bem. Ariadne estava com medo que Anna fosse afastá-la, rejeitá-la, correr gritando. Mas como poderia Ariadne não saber como ela se sentia? "Por favor, Anna, posso te beijar?"

Incapaz de falar, Anna assentiu.

Ariadne se inclinou para frente e pressionou seus lábios contra os de Anna.

Anna vivera esse momento em sua mente cem vezes ou mais. Ela não sabia que seu corpo ficaria tão quente, que Ariadne teria um gosto tão doce. Ela devolveu o beijo, depois beijou Ariadne pela bochecha, pelo queixo e pelo pescoço. Ariadne fez um som baixo de prazer. Ela trouxe seus lábios para Anna novamente, e elas caíram de costas contra os travesseiros. Elas estavam emaranhadas juntas, rindo e mornas, concentrados apenas uma na outra. A dor foi embora, substituída pelo arrebatamento.

Durante o dia, as ruas e becos do Soho podem ser difíceis de navegar. À noite, eles se tornaram um perigoso e confuso labirinto. Jem manteve sua bengala no ar. A esta hora tardia, as únicas pessoas eram bêbados e senhoras da noite. As velas cheiravam a lixo, e havia vidros quebrados e os detritos variados de um dia de Londres.

Jem foi até uma loja na Wardour Street. Ele bateu e a porta foi aberta por dois lobisomens jovens, nenhum dos quais parecia surpreso ao vê-lo.

Woolsey Scott está me esperando.

Eles balançaram a cabeça e o guiou através de uma loja escura e vazia que vendia botões e fitas e através de uma porta. Do outro lado estava um quarto mal iluminado, mas decorado com bom gosto. Woolsey Scott estava estendido em um divã baixo. Sentado à sua frente estava Leopolda Stain, cercada por meia dúzia de lobisomens a mais. Ela parecia calma e composta, e estava tomando uma xícara de chá.

"Ah, Carstairs", disse Scott. "Finalmente. Eu pensei que estaríamos aqui a noite toda."

Obrigado, disse Jem, por cuidar dela por mim.

"Não foi um problema", disse Scott. Ele inclinou o queixo para Leopolda. "Como você sabe, esta chegou há algumas semanas. Nós estamos de olho nela desde então. Eu não acho que ela

iria tão longe como ela fez esta noite. Não pode tê-la incitando sobre idiotas mundanos para criar demônios. É o tipo de coisa que inspira o sentimento anti-Submundano.”

Leopolda parecia não se ofender com a maneira como ele falava.

Woolsey levantou-se. "Você disse que queria falar com ela", disse ele. "Devo deixar o assunto com você?"

Sim, Jem disse.

"Boa. Eu tenho um compromisso com uma garrafa de vermelho bastante desconcertante. Tenho certeza de que ela não causará mais confusão, vai, Leopolda?"

"Claro que não", disse Leopolda.

Scott assentiu e os lobisomens saíram da sala como um só.

Leopolda olhou para Jem e sorriu.

"É bom vê-lo novamente", disse ela. "Nós fomos tão rudemente interrompidos mais cedo."

Você vai me dizer o que sabe sobre Tessa.

Leopolda estendeu a mão para um bule em uma mesa baixa e encheu sua xícara.

"Essas feras terríveis", disse ela, acenando para a porta. "Eles me trataram bastante rudemente. Eu gostaria de deixar este lugar agora."

Você não vai sair até que você me diga o que eu quero saber.

"Oh, eu vou. Sua Tessa... e ela era sua, não era ela? Posso não conseguir ver seus olhos, mas posso ver isso em seu rosto."

Jem endureceu. Ele não era mais aquele menino, o jovem que planejara um casamento com Tessa, que a amava tanto quanto seu coração podia suportar. Ele a amava ainda, mas ele sobreviveu por ter afastado aquele jovem, colocando seus amores humanos como se ele tivesse guardado o violino. Instrumentos para outro tempo, outra vida.

Ainda assim, não havia alegria em ser tão cruelmente lembrado. "Eu imagino que seus poderes são ótimos", disse Leopolda, mexendo o chá. "Eu invejo ela. Axel foi... muito orgulhoso."

Não havia nada além do som da colher batendo nas laterais da xícara de porcelana. Nas profundezas de sua mente, Jem ouviu o murmúrio dos outros Irmãos do Silêncio. Ele ignorou isso. Esta foi sua missão sozinho.

Me conte sobre o pai de Tessa.

"O sangue", disse ela. "Você vai me dar o sangue primeiro. É uma quantia muito pequena."

Isso nunca acontecerá.

"Não", ela disse. "Você sabe, eu sou apenas a filha humilde de um demônio Vetis, mas sua Tessa..."

Ela esperou para ver o efeito em Jem.

"Sim", ela disse. "Eu sei tudo. Você vai colocar o seu braço. Eu vou pegar o sangue, vou te contar o que você quer saber e eu vou sair. Nós dois ficaremos satisfeitos. Garanto-te que o que te dou é muito mais do que eu peço. É uma barganha da mais alta ordem."

Você não tem as vantagens que acha que tem, Leopolda Stain, ele disse. Eu sabia que você estava aqui desde que pôs os pés nessas praias. Eu sabia que você era amiga de Mortmain. Eu sei que você quer que esse sangue continue suas obras, e eu nunca permitirei isso.

Seu lábio enrolado. "Mas você é gentil", disse ela. "Você é famoso por isso. Você não vai me machucar."

Jem pegou sua bengala, girando-a entre as mãos e segurou-a levemente entre ele e Leopolda. Ele sabia centenas de maneiras diferentes de matá-la com isso. Ele poderia quebrar o pescoço dela.

Esse foi o meu eu Shadowhunter, ele disse. Eu matei com essa bengala, embora prefira não fazê-lo. Ou você me diz o que eu quero saber ou você morre. É a sua escolha.

Ele viu, pela expressão nos olhos dela, que ela acreditava nele.

Diga-me o que eu quero saber e deixarei você ir com sua vida.

Leopolda engoliu em seco. "Primeiro, jure pelo seu Anjo que você me permitirá sair hoje à noite."

Eu juro pelo Anjo.

Leopolda deu um longo sorriso vulgar.

"O ritual que criou sua Tessa foi magnífico", disse ela. "Essa

glória. Eu nunca pensei que tal coisa pudesse ser feita, acasalando um Caçador de Sombras com um demônio..."

Não atrase. Conte-me.

"O pai de sua Tessa foi o maior dos demônios de Eidolon. A criatura mais bonita em qualquer inferno, porque ele tem mil formas."

Um demônio maior? Jem temia isso. Não é de admirar que James pudesse se transformar em fumaça e a própria Tessa pudesse assumir qualquer forma, mesmo a de um anjo. Uma linha de Nephilim e Demônios Maiores. Não havia história de tais seres impossíveis.

Mesmo agora, ele não conseguia pensar neles como novas e estranhas criações com incríveis poderes. Eles eram simplesmente Tessa e James. Pessoas que ele amava além da medida. Você está dizendo que o pai de Tessa era um demônio maior?

A Clave nunca poderia saber. Ele não podia dizer a eles. Seu coração se agitou. Ele poderia dizer a Tessa? Seria melhor que ela soubesse ou não?

“Eu estou dizendo”, Leopolda disse, “que ele era um Príncipe do Inferno. Que honra nascer dele. Mais cedo ou mais tarde, Jem Carstairs, o sangue vai sair, e um poder tão bonito vai brilhar através desta cidade.”

Ela levantou-se.

O maior dos Eidolons? Eu preciso de mais do que isso. Qual era o nome dele?

Ela balançou a cabeça. “O preço do nome é sangue, James Carstairs, e se você não pagar, outro vai.”

Ela tirou a mão de trás das costas e jogou um punhado de pó em Jem. Se seus olhos não tivessem sido protegidos por magia, provavelmente o teriam cegado. Assim, ele cambaleou para trás o tempo suficiente para ela passar por ele até a porta. Ela chegou em segundos e abriu-a.

Do outro lado havia dois enormes lobisomens, flanqueando Woolsey Scott.

"Como esperado", disse Woolsey, olhando para Leopolda com desprezo. “Mate ela, meninos. Deixe que ela seja um exemplo para os outros que derramariam sangue livremente em nossa cidade.”

Leopolda gritou e se virou para Jem, de olhos arregalados.

“Você disse que me deixaria sair! Você jurou!”

Jem se sentiu muito cansado. Eu não sou aquele que está te impedindo.

Ela gritou quando os lobisomens, já meio transformados, se jogaram sobre ela. Jem se virou enquanto o som de carne e gritos estridentes rasgou a sala.

O amanhecer de verão chegou cedo. Ariadne estava dormindo gentilmente, e Anna ouviu a criada se mexendo no andar de baixo. Ela não dormira ainda, mesmo depois de Ariadne ter caído no sono. Anna não queria sair desse lugar quente. Ela brincou com as bordas do travesseiro e observou os cílios de Ariadne piscar como se estivesse no fundo de um sonho.

Mas o céu estava mudando de preto para a cor suave do nascer do sol. Logo haveria uma empregada na porta com uma bandeja.

Logo, a vida se intrometeria.

Só machucaria Ariadne se ela fosse encontrada aqui. Era seu dever deixar este lugar.

Ela beijou Ariadne suavemente, para não acordá-la. Então ela se vestiu e saiu pela janela de guilhotina. A escuridão não a obscurecia agora enquanto caminhava pela manhã enevoadada de Londres com as roupas de seus homens. Algumas pessoas viraram a cabeça para dar uma segunda olhada nela, e ela tinha quase certeza de que alguns daqueles olhares estavam admirando, mesmo que ela estivesse perdendo uma de suas mangas e tivesse perdido o chapéu. Ela decidiu seguir o caminho mais longo para casa, através do Hyde Park. As cores eram suaves no nascer do sol, as águas da Serpentina ainda. Ela sentiu amizade para com os patos e os pombos. Ela sorriu para estranhos.

Isso era o que o amor era. Foi total. Isso a trouxe junto com tudo. Anna mal se importava se ela chegasse em casa antes que alguém notasse sua falta. Ela queria se sentir assim para sempre - exatamente isso, esta manhã suave e perfumada e amigável, com a sensação de Ariadne ainda em sua pele. Seu futuro, tão confuso

antes, era claro. Ela estaria com Ariadne para sempre. Elas viajariam pelo mundo, lutariam lado a lado.

Eventualmente, ela teve que caminhar em direção a sua casa, onde ela subiu para a janela com facilidade. Ela tirou a roupa do irmão e foi para a cama. Em poucos segundos, ela caiu no abraço fácil do sono e sentiu-se de volta nos braços de Ariadne.

Ela acordou pouco antes do meio dia. Alguém lhe trouxe uma bandeja de chá e a deixou ao lado de sua cama. Ela bebeu o chá agora frio. Ela tomou um banho frio e examinou a ferida em seu braço. As runas curativas que Ariadne havia desenhado haviam feito o seu trabalho. A área ainda estava vermelha e zangada, mas ela poderia cobri-lo com um xale. Vestiu seu vestido mais simples e mais severamente cortado - tão engraçado agora, se vestir como uma menina - e colocou um xale de seda sobre os ombros, enrolando-o cuidadosamente sobre o braço machucado. Ela desceu as escadas. Sua mãe estava sentada em um canto ensolarado da sala de estar, com o pequeno Alexander no colo.

"Aí está você", disse a mãe. "Você está doente?"

"Não", disse Anna. "Eu fui tola. Fiquei acordada até tarde lendo um livro."

"Agora eu sei que você está doente", sua mãe disse com um sorriso, que Anna retornou.

"Eu preciso dar um passeio ao sol. É um dia tão lindo. Vou ver Lucie e James, acho, e discutir meu livro com eles."

Sua mãe lhe deu um olhar curioso, mas concordou.

Anna não andou até a casa dos Herondale. Ela se virou para Belgravia, parando para comprar um monte de violetas de uma velha vendendo-as na rua. Seus passos eram leves. O mundo estava perfeitamente organizado, e todas as coisas e seres nele eram dignos de amor. Anna

poderia ter feito qualquer coisa naquele momento - lutar contra cem demônios de uma vez, levantar uma carruagem sobre a cabeça, dançar em um fio. Ela passou pelas calçadas que tinha estado apenas algumas horas antes, de volta ao seu amor.

Na casa ao lado da Praça Cavendish, Anna bateu uma vez e depois ficou nervosa no degrau, olhando para cima. Ariadne estava no quarto dela? Ela olharia para baixo?

A porta foi aberta pelo servo carrancudo dos Bridgestocks. "A família está recebendo convidados no momento, Srta.

Lightwood. Talvez você gostaria de esperar no..."

Naquele momento, a porta da sala de recepção se abriu e o Inquisidor saiu com um rapaz que tinha feições familiares e cabelos ruivos - Charles Fairchild, irmão de Matthew. Anna raramente via Charles. Ele estava sempre em algum lugar, geralmente Idris. Ele e o Inquisidor estavam no meio da conversa.

"Oh." O inquisidor Bridgestock disse, vendo Anna. "Senhorita Lightwood. Que fortuito. Você conhece Charles Fairchild?"

"Anna!" Charles disse com um sorriso caloroso. "Sim, claro." "Charles será o chefe interino do Instituto de Paris", o Inquisidor disse.

"Oh", disse Anna. "Parabéns. Matthew não me contou."

Charles revirou os olhos. "Imagino que ele pense em coisas como aspirações políticas como grosseiras e burguesas. O que você está fazendo aqui, afinal?"

"Anna e Ariadne estão treinando juntas", explicou o inquisidor. "Ah", disse Charles. "Excelente. Você deve nos visitar em Paris algum dia, Anna."

"Oh", disse Anna, sem saber o que Charles estava falando. "Sim. Obrigada. Eu devo."

Ariadne saiu do salão da manhã. Ela usava um vestido de rosa peônia, e seu cabelo estava enrolado em sua cabeça. Ao ver Anna, suas bochechas coraram. Charles Fairchild deu um passo à frente com o Inquisidor Bridgestock e Ariadne se aproximou dela.

"Eu não esperava ver você tão cedo", disse ela para Anna em voz baixa.

"Como eu poderia ficar longe?" Anna respondeu. Ariadne estava usando seu perfume novamente, e ele flutuou levemente pelo ar. A flor de laranjeira era o perfume favorito de Anna agora.

"Talvez possamos nos encontrar mais tarde", disse Ariadne. "Nós estamos-"

"Eu voltarei daqui a um ano", disse Charles, concluindo qualquer conversa que estivesse tendo com o Inquisidor Bridgestock. Ele voltou para eles, curvou-se, pegou a mão de Ariadne e beijou-a formalmente.

"Espero ver mais de você quando eu voltar", disse ele. "Não deve ser mais do que um ano."

"Sim", respondeu Ariadne. "Eu gostaria muito disso." "Anna!", Disse a Sra. Bridgestock. "Nós temos um papagaio."

Você deve ver isso. Venha."

De repente, Anna descobriu que a Sra. Bridgestock a havia enganchado pelo braço e a levava gentilmente até uma das outras salas, onde havia um grande papagaio multicolorido em uma enorme gaiola de ouro. O pássaro grunhiu alto em sua aproximação.

"É um pássaro muito bom", disse Anna, confusa, como a Sra.

Bridgestock fechou a porta atrás deles.

"Eu peço desculpas, Anna", disse ela. "Eu só precisava dar aos dois a chance de dizer adeus corretamente. Essas coisas podem ser tão delicadas. Eu tenho certeza que você entende."

Anna não entendeu, mas havia um entorpecimento rastejando sobre ela.

"É nossa esperança que eles possam se casar daqui a alguns anos", continuou a Sra. Bridgestock. "Nada foi resolvido, mas é um bom jogo."

O papagaio gritou e a Sra. Bridgestock continuou falando, mas Anna ouviu apenas um zumbido nos ouvidos. Ela ainda podia sentir o beijo de Ariadne em seus lábios; ela viu os cabelos escuros de Ariadne espalhados no travesseiro. Aquelas coisas aconteceram apenas algumas horas antes, e ainda assim era como se cem anos tivessem passado e o mundo tivesse ficado frio e desconhecido.

A porta se abriu de novo e uma silenciosa Ariadne se juntou a eles.

"A mãe te apresentou a Winston?", perguntou ela, olhando para o papagaio. "Ela adora ele. Você não é uma fera desagradável, Winston?"

Ela disse isso calorosamente, e Winston, o papagaio, dançou ao longo de sua amurada e estendeu um pé para Ariadne.

"Você teve uma discussão proveitosa?", Perguntou a mãe. "Mãe!" Ariadne protestou. Ela estava um pouco pálida, mas sua mãe parecia não notar. "Por favor, posso falar com Anna?"

"Sim, claro", disse a sra. Bridgestock. "Vocês garotas têm uma boa conversa. Vou fazer o cozinheiro preparar uma limonada de morango e alguns biscoitos."

Quando ela saiu, Anna olhou fixamente para Ariadne. "Você vai se casar?", Ela disse, com a voz seca. "Você não pode se casar com ele."

"Charles é um bom jogo", disse Ariadne como se estivesse discutindo a qualidade de um pedaço de pano. "Nada foi resolvido, mas devemos chegar a um acordo em breve. Mas vem Anna, vem. Sente-se"

Ariadne pegou a mão de Anna e levou-a para um dos sofás. "Isso não será por pelo menos mais um ano", disse Ariadne.

"Você ouviu Charles. É um ano antes de eu voltar a vê-lo. Todo esse tempo, vou passar com você."

Ela desenhou um pequeno círculo nas costas da mão de Anna com o dedo, um movimento gentil que tirou o fôlego de Anna. Ariadne era tão linda, tão quente. Anna sentiu como se estivesse sendo despedaçada.

"Certamente você não pode querer se casar com Charles", disse Anna. "Não há nada de errado com ele, mas ele é - você o ama?"

"Não", disse Ariadne, apertando a mão de Anna com mais força. "Eu não o amo desse jeito, ou qualquer homem assim. Toda a minha vida, eu olhei para as mulheres e sabia que só elas poderiam perfurar meu coração. Como você perfurou, Anna."

"Então por quê?" Anna disse. "Por que casar com ele? Por causa de seus pais?"

"Porque é assim que o mundo é", disse Ariadne, sua voz tremendo, do jeito que tinha quando perguntou a Anna se ela poderia beijá-la. "Se eu dissesse aos meus pais a verdade sobre mim, se eu fosse revelar quem eu realmente sou, eles me desprezariam. Eu ficaria sem amigos, sozinha."

Anna sacudiu a cabeça.

"Eles não fariam isso", disse ela. "Eles amariam você. Você é filha deles."

Ariadne retirou a mão de Anna. "Eu sou adotada, Anna. Meu pai é o inquisidor. Eu não tenho pais que sejam tão compreensivos quanto os seus devem ser."

"Mas o amor é o que importa", disse Anna. "Eu não teria ninguém além de você. Você é tudo para mim, Ariadne. Eu não vou casar com um homem. Eu só quero você."

"E eu quero filhos", disse Ariadne, abaixando a voz para o caso de a mãe voltar. "Anna, eu sempre quis ser mãe, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Se eu tivesse que suportar o toque de Charles, valeria a pena por isso." Ela estremeceu. "Eu nunca, nunca o amarei como amo você. Eu pensei que você entenderia - que isso seria um pouco de felicidade que poderíamos roubar para nós mesmos antes que o mundo nos separasse. Podemos nos amar pelo próximo ano, antes que Charles volte - poderíamos ter esse tempo e sempre lembrar, ficar perto de nós mesmas..."

"Mas quando Charles voltasse, tudo estaria acabado", disse Anna friamente. "Ele iria reivindicar você. É isso que você está dizendo."

"Eu não seria infiel a ele, não", disse Ariadne calmamente. "Eu não sou uma mentirosa."

Anna levantou-se. "Eu acho que você está mentindo para si mesma."

Ariadne levantou seu lindo rosto. Lágrimas escorriam por suas bochechas; ela enxugou-os com as mãos trêmulas. "Oh, Anna, você não vai me beijar?", Ela disse. "Oh, por favor, Anna. Não me deixe. Por favor, me beije."

Ela olhou para Anna suplicante. As respirações de Anna eram curtas e seu coração batia com uma tatuagem no peito. O mundo perfeito com que ela sonhara se despedaçou em um milhão de pedaços, virou pó e foi embora. O que substituiu foi algo cruel e estranho. Não havia ar suficiente para respirar. Lágrimas quentes picaram seus olhos.

"Adeus, Ariadne", ela conseguiu, e cambaleou fora da sala.

Anna sentou-se na beira da cama e chorou por um longo tempo.

Ela chorou até que não houvesse lágrimas e seu corpo subiu reflexivamente.

Houve uma batida suave em sua porta e seu irmão espiou a cabeça para dentro.

"Anna", disse ele, piscando os olhos de lavanda. "Você está bem? Eu pensei ter ouvido alguma coisa."

Oh, Christopher. Doce Christopher. Anna quase enxugou o rosto.

"Estou bem, Christopher", disse ela, limpando a garganta. "Tem certeza?" Perguntou Christopher. "Não há nada que eu possa fazer para ajudá-la? Eu poderia realizar um ato salvador da ciência."

"Christopher, se dê bem com você." Era a mãe de Anna, aparecendo silenciosamente como um gato no corredor atrás de seu filho. "Vá e faça outra coisa. Algo sem explosivos", acrescentou ela, enxotando o segundo filho no corredor.

Anna apressadamente limpou os últimos traços de lágrimas de seus olhos quando sua mãe entrou em seu quarto, carregando uma longa caixa de fitas. Ela sentou-se na cama e olhou para a filha placidamente.

Como sempre, Cecily estava perfeitamente vestida e parecia perfeitamente calma, o cabelo escuro em um coque liso na parte de trás do pescoço, o vestido tornando-se azul. Anna não pôde deixar de pensar em quão horrível ela deve ser em sua camisola com o rosto manchado e vermelho.

"Você sabe por que eu chamei você de Anna?" Cecily disse. Anna sacudiu a cabeça, intrigada.

"Eu estava muito doente durante a minha gravidez", disse Cecily. Anna piscou, ela não sabia disso. "Eu estava preocupada o tempo todo que você não viveria para nascer, ou você estaria doente e doente. E então você nasceu, e você era a criança mais linda, saudável e perfeita." Ela sorriu. "Anna significa favor, como em Deus me favoreceu. Eu pensei que o Anjo tinha me favorecido com você, e eu me certificaria que você estivesse sempre feliz, sempre contente."

Ela estendeu a mão para tocar suavemente a bochecha de Anna. "Ela partiu seu coração, não foi? Ariadne?"

Anna ficou sem fala. Então a mãe dela sabia. Ela sempre achara que a mãe sabia que amava as mulheres e que o pai também sabia... mas eles nunca tinham falado disso até agora.

"Eu sinto muito." Cecily beijou a testa de Anna. "Minha querida adorável. Sei que não ajuda ser informada, mas alguém virá e ela tratará seu coração como o presente precioso que é."

"Mamãe", disse ela. "Você não se importa - que eu não me case ou tenha filhos?"

"Há muitas crianças órfãs de Caçadores de Sombras, como Ariadne, procurando lares amorosos, e não vejo razão para que você não as providencie algum dia. Quanto ao casamento..." Cecily encolheu os ombros. "Eles disseram que seu tio Will não poderia estar com sua tia Tessa, que sua tia Sophie e tio Gideon não poderiam estar juntos. E, no entanto, acho que você descobrirá que eles estavam errados, e eles estariam errados, mesmo que o casamento lhes fosse proibido. Mesmo onde as leis são injustas, os corações podem encontrar uma maneira de estar juntos. Se você ama alguém, não tenho dúvidas de que você encontrará uma maneira de passar sua vida com ela, Anna. Você é a criança mais determinada que conheço."

"Eu não sou uma criança", disse Anna, mas ela sorriu, em algum espanto. Ariadne poderia tê-la desapontado, mas sua mãe a surpreendia de maneira totalmente oposta.

"Ainda assim", sua mãe disse. "Você não pode continuar usando as roupas do seu irmão."

O coração de Anna caiu. Aqui estava. O entendimento de sua mãe só poderia ir tão longe.

"Eu pensei que você não sabia", disse ela em voz baixa. "Claro que eu sabia. Sou sua mãe", disse Cecily como se

estivesse anunciando que era a rainha da Inglaterra. Ela bateu na longa caixa com fitas. "Aqui está uma roupa nova para você. Espero que você ache adequado acompanhar sua família no parque hoje. "

Antes que Anna pudesse protestar, um grito alto e exigente soou pela casa. "Alexander!" Cecily exclamou, correndo para a porta, instruindo Anna a encontrá-la na sala de estar quando ela estava vestida.

Mal humorada, Anna desatou as fitas segurando a caixa fechada. Ela havia recebido muitas roupas de sua mãe no passado. Outra seda pastel? Outro vestido astuciosamente construído, destinado a aproveitar ao máximo suas ligeiras curvas?

As fitas e o papel caíram e Anna ofegou.

Dentro da caixa estava o terno mais lindo que ela já tinha visto.

O tweed de carvão com uma fina faixa azul, o paletó estava bem costurado. Um lindo colete de seda em tons radiantes de azul complementava uma camisa branca. Sapatos, cinto - nada fora esquecido.

Em transe, Anna se vestiu e olhou para o espelho. As roupas se encaixam perfeitamente - sua mãe deve ter dado suas medidas ao alfaiate. E ainda havia uma coisa que não estava certa.

Ela apertou a mandíbula, então atravessou a sala para pegar a tesoura. De pé diante do espelho, ela agarrou um punhado grosso de cabelo.

Ela hesitou por apenas um momento, a voz suave de Ariadne em seus ouvidos.

Eu pensei que você entenderia - que isso seria um pouco de felicidade que poderíamos roubar para nós mesmas antes que o mundo nos separasse.

O cabelo fez um som satisfatório quando ela o cortou. Choveu no carpete. Ela pegou outro punhado, depois outro, até que o cabelo dela estava no queixo. O corte trouxe suas características em relevo acentuado. Ela aparou mais na frente, cortando na parte de trás, até que havia apenas o suficiente para voltar a ser uma onda cavalheiresca.

E agora estava perfeito. Seu reflexo olhou de volta para ela, os lábios curvados em um sorriso incrédulo. O colete trouxe seus olhos; as calças, a magreza das pernas. Ela sentiu que podia respirar, mesmo com a dor da perda de Ariadne em seu peito: ela poderia ter perdido a garota, mas ela ganhou a si mesma. Uma nova Anna, confiante, elegante, poderosa.

Corações foram quebrados em Londres todos os dias. Talvez

Anna possa quebrar um coração ou dois. Haveria outros - adoráveis garotas iam e vinham, e ela permaneceria no controle de seu coração. Ela nunca seria rasgada assim novamente.

Ela era uma Caçadora de Sombras. Ela levaria o golpe. Ela se endureceria e riria diante da dor.

Anna desceu as escadas logo depois. Já era fim de tarde, embora o sol ainda estivesse brilhando através das janelas. Este dia duraria para sempre.

Sua mãe estava na sala de estar com uma bandeja de chá, o bebê Alex em uma cesta ao lado dela. Seu pai sentou-se em frente, ocupado em ler o jornal.

Anna entrou no quarto.

Ambos os pais ergueram os olhos. Ela viu as roupas novas, assim como o cabelo curto. Ela estava na porta, se preparando para qualquer resposta que estivesse chegando.

Um longo momento passou.

"Eu disse a você que o colete azul era o certo", Gabriel disse a Cecily. "Isso realça os olhos dela."

"Eu não discordei", disse Cecily, balançando o bebê. "Eu acabei de dizer que ela também ficaria muito bem em vermelho."

Anna começou a sorrir.

"Muito melhor do que as roupas do seu irmão", disse Gabriel. "Ele faz coisas terríveis para elad com enxofre e ácidos."

Cecily examinou as madeixas tosadas de Anna.

"Muito sensata", disse ela. "O cabelo pode ser complicado na batalha. Eu gosto muito disso." Ela se levantou. "Venha sentar", ela acrescentou. "Fique com seu irmão e pai por um momento. Há algo que eu pretendia buscar para você."

Quando sua mãe saiu do quarto, Anna sentiu seus membros se despedaçarem enquanto se sentava no sofá. Ela estendeu a mão para Alex. Ele tinha acabado de acordar e estava olhando ao redor da sala, absorvendo todas as maravilhas do jeito que os bebês fazem quando acordam e descobrem que o mundo ainda está lá, para ser entendido em todas as suas inúmeras complexidades.

"Eu entendo como você se sente", disse ela para seu irmão. Ele sorriu um sorriso desdentado para ela e alcançou uma mão gordinha. Ela estendeu a sua e ele agarrou o dedo dela.

Sua mãe voltou apenas alguns minutos depois com uma pequena caixa azul.

"Você sabe", disse Cecily, sentando-se e enchendo sua xícara de chá, "meus pais não queriam que eu fosse uma Caçadora de Sombras. Eles fugiram da Clave. E seu tio Will..."

"Eu sei", disse Anna. Gabriel olhou carinhosamente para a esposa.

"Mas eu era uma Caçador de Sombras. Eu sabia disso quando tinha quinze anos. Eu sabia que estava no meu sangue. Pessoas tolas dizem muitas coisas. Mas sabemos quem somos por dentro."

Ela colocou a caixa azul na mesa e empurrou-a para Anna. "Se você aceitar," sua mãe disse.

Dentro da caixa havia um colar com uma joia vermelha cintilante. Palavras latinas foram gravadas nas costas.

"Para sua proteção", disse ela. "Você sabe o que faz."

"Ele sente os demônios", disse Anna, surpresa. Sua mãe usava quase todas as vezes que saía para lutar, embora isso fosse mais raro agora que Alexander aparecera.

"Não pode proteger o seu coração, mas pode proteger o resto de você", disse Cecily. "É uma herança. Deve ser seu."

Anna lutou contra as lágrimas que procuravam encher seus olhos.

Ela pegou o colar e apertou-o sobre a garganta. Ela se levantou e olhou para si mesma no espelho sobre a lareira. Um reflexo bonito olhou para ela. O colar parecia certo, assim como o cabelo curto dela. Eu não tenho que ser apenas uma coisa, pensou Anna. Eu posso escolher o que combina comigo quando me convier. As calças e o casaco não me fazem homem, e o colar não me faz mulher. Eles são apenas o que me faz sentir bonita e poderosa neste momento. Eu sou exatamente como escolho ser. Eu sou uma Caçadora de Sombras que usa ternos lindos e um pingente lendário.

Ela olhou para o reflexo da mãe no vidro. "Você estava certa", disse ela. "O vermelho me serve."

Gabriel riu baixinho, mas Cecily apenas sorriu.

"Eu sempre conheci você, meu amor", disse Cecily. "Você é a gema do meu coração. Minha primogênita. Minha Anna."

Anna pensou em toda a dor do dia novamente - a ferida que havia aberto seu peito e expusera seu coração. Mas agora era como se a mãe dela tivesse puxado uma runa e a fechado. A cicatriz estava lá, mas ela estava inteira.

Era como se estivesse sendo Marcada de novo, definindo quem ela era. Essa era Anna Lightwood.

Cassandra Clare

e

Kelly Link

Aprendendo Sobre Perdas

Fantasmas do Mercado das Sombras

Aprendendo sobre perdas

Na manhã de 23 de outubro de 1936, os habitantes de Chattanooga, no Tennessee, acordaram e encontraram cartazes nas laterais dos prédios de todas as ruas. POR TEMPO LIMITADO, era o que se lia, MAGIA, MÚSICA E O MAIS MISTERIOSO BAZAR DE MERCADORES. PAGUE SÓ O QUE PUDE E ENTRE NA TERRA DAS FADAS. VEJA O QUE MAIS DESEJA. TODOS SÃO BEM-VINDOS.

Algumas pessoas passavam por esses cartazes balançando a cabeça. Era o auge da Grande Depressão, e mesmo que o presidente, Franklin Delano Roosevelt, promettesse mais empregos em projetos como o túnel, os trilhos e o acampamento no Parque Nacional Great Smoky Mountains, as vagas eram escassas e os tempos, difíceis, e a maioria das pessoas não tinha dinheiro para gastar em bobagens e diversão. Além disso, quem desejaria chegar até o alto da Lookout Mountain apenas para ser barrado, pois o que podia pagar era nada? Ninguém liberaria a passagem a troco de nada.

Mas muitos habitantes de Chattanooga viram os cartazes e pensaram que talvez tempos melhores estivessem por vir. Havia uma nova política, o New Deal, e talvez também houvesse nova diversão. E não tinha uma única criança que visse os cartazes e não desejasse de todo o coração o que eles prometiam. Vinte e três de outubro foi uma sexta-feira. No sábado, pelo menos metade da cidade de Chattanooga correu para a feira. Alguns levaram colchonetes e lonas para acampar. Se houvesse música e festividades, talvez ficassem mais de um dia. As igrejas de Chattanooga mal receberam pessoas na manhã de domingo. Mas a feira na Terra das Fadas de Lookout Mountain estava mais apinhada do que uma colmeia.

No topo da montanha, um rapaz que morava por ali e se chamava Garnet Carter recentemente havia estabelecido a comunidade da Terra das Fadas, que incluía o Golfe Tom Thumb, o primeiro campo de minigolfe dos Estados Unidos. Havia a estranha paisagem natural de Rock City, onde a esposa de Garnet, Freida Carter, abria caminho entre rochas altas, cobertas de musgo, plantando flores silvestres e importando estátuas alemãs para que as trilhas fossem vigiadas por gnomos e personagens de contos de fadas, como a Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos.

Pessoas abastadas vinham nos feriados e passeavam no funicular, que também eram os trilhos mais íngremes do mundo, o quilômetro de Chattanooga até o hotel Lookout Mountain. O local era conhecido como o Castelo Sobre as Nuvens, e, se todos os quartos estivessem ocupados... bem, havia também a Estalagem da Terra das Fadas. Para os ricos, tinha golfe, dança de salão e caçadas. Para os interessados em história, tinha o campo da Batalha Entre as Nuvens, onde o Exército da União tinha vencido, há pouco tempo e com muito esforço, os Confederados. Ainda era possível encontrar cápsulas de balas e outros vestígios dos mortos por toda a montanha, além de pontas de flechas utilizadas pelos Cherokee. Mas os nativos foram expulsos, e a Guerra Civil já tinha acabado. Uma guerra ainda maior ocupava a memória recente, e muitas famílias de Chattanooga perderam seus filhos e pais nela. Humanos faziam coisas terríveis uns contra os outros, e havia traços dessas coisas terríveis para todos os lados.

Se seu gosto pendesse mais para bourbon do que para história, bem, também havia muitas destilarias em Lookout Mountain. E quem poderia saber que outros prazeres ilegais ou imorais seriam encontrados em um Misterioso Bazar de Mercadores?

Naquele primeiro sábado na feira, homens e mulheres com dinheiro e bom gosto se misturavam às crianças de rosto fino e às esposas dos fazendeiros. Os brinquedos eram gratuitos para todos. Havia jogos com prêmios e um zoológico interativo com um cão de três cabeças e uma serpente alada tão grande que era capaz de engolir um boi inteiro todos os dias ao meio-dia. Os violinistas tocavam músicas tão bonitas e melancólicas em seus instrumentos que todos que ouviam ficavam com lágrimas nos olhos.

Uma mulher dizia que conseguia falar com os mortos e não queria nada em troca. Havia também um mágico, Roland, o Surpreendente, que fez uma semente virar árvore em pleno palco, e depois a fez florescer, perder as folhas e secar, como se todas as estações passassem em um piscar de olhos. Era um homem bonito, aparentando uns sessenta anos, com olhos azul-claros, bigode branco lustroso e cabelos brancos como a neve com uma mecha preta, como se algum demônio o tivesse tocado com a mão suja.

Havia coisas deliciosas para comer a preços muito baixos ou mesmo distribuídas gratuitamente, e todas as crianças comiam até passar mal. Como prometido, o Bazar era cheio de objetos notáveis em exibição, cuidados por pessoas ainda mais notáveis. Alguns dos clientes também atraíam olhares curiosos. Havia pessoas em terras distantes com rabos enrolados ou chamas em suas pupilas?

Uma das barracas mais populares oferecia um produto local: um licor claro e potente que diziam ser capaz de produzir em quem o tomasse sonhos de uma floresta ao luar cheia de lobos correndo. Os homens naquela barraca eram taciturnos e não sorriam com frequência; mas, quando o faziam, tinham dentes perturbadoramente brancos. Eles habitavam as montanhas e eram discretos, mas, no Bazar, pareciam estar em casa.

Uma das tendas tinha enfermeiras tão adoráveis que não era nenhum sacrifício deixar que coletassem seu sangue. Elas enchiam um ou dois frascos, “para fins de pesquisa”, diziam. E os doadores recebiam moedas que podiam ser utilizadas no Bazar como dinheiro.

Logo além das tendas, uma placa levava ao Labirinto de Espelhos. Dizia:

VEJA VOCÊ MESMO. O MUNDO VERDADEIRO E O FALSO LADO A LADO. Aqueles que atravessavam o labirinto saíam um pouco atordoados. Alguns chegavam ao centro, onde recebiam a oferta de uma entidade que cada um descrevia de forma diferente. Para uns, a pessoa no recinto aparecia como uma criança pequena; para outros, uma senhora com um vestido elegante — ou até mesmo como uma pessoa amada e há muito morta. A entidade usava uma máscara, e, se você confessasse um de seus desejos, a máscara era colocada em você e, bem, deveria conferir pessoalmente. Isso, é claro, se conseguisse encontrar o caminho pelo labirinto até o local onde o mascarado o esperava.

Ao final do primeiro fim de semana, a maior parte de Chattanooga tinha subido para ver pessoalmente os estranhos encantos da feira. E muitos voltaram no segundo fim de semana, apesar dos rumores sobre o comportamento preocupante que aqueles que haviam frequentado o espaço nos primeiros dias, àquela altura, começavam a apresentar. Uma mulher alegou que o homem com quem era casada era um impostor que havia assassinado seu verdadeiro marido, o que teria sido facilmente esquecido caso não tivessem encontrado no rio

um corpo exatamente igual ao do rapaz. Um jovem se levantou na igreja e disse que conseguia ver e conhecia os segredos de toda a congregação, só de olhar para as pessoas. Quando resolveu revelá-los em voz alta, o pastor tentou fazê-lo parar, até o sujeito começar a dizer o que sabia sobre o pastor. Com isso, o líder espiritual se aquietou, deixou a igreja, foi para casa e cortou a própria garganta.

Outro homem ganhou sucessivamente um jogo de pôquer até que, bêbado, confessou, soando espantado, que conseguia enxergar as cartas de todos como se fossem as próprias. Ele comprovou a afirmação nomeando cada carta em ordem, e depois disso foi espancado e largado inconsciente e ensanguentado na rua por seus amigos de infância.

Um menino de dezessete anos, que ficara noivo recentemente, voltou da feira e naquela noite, aos berros, acordou a casa inteira. Ele destruiu os próprios olhos com dois carvões quentes, mas se recusou a dizer por quê. Aliás, ele nunca mais voltou a falar, e sua pobre noiva acabou terminando o relacionamento e indo morar com a tia em Baltimore.

Uma menina linda apareceu na Estalagem da Terra das Fadas ao anoitecer alegando ser a Sra. Dalgrey, mas os funcionários da estalagem sabiam muito bem que a Sra. Dalgrey era uma viúva de quase oitenta anos. Ela se hospedava lá todo outono, e nunca dava gorjeta para ninguém, por melhor que fosse o serviço.

Outros terríveis incidentes foram relatados nos arredores de Chattanooga, e, durante a semana, depois que a feira tinha sido anunciada, notícias sobre esses acontecimentos chegaram aos ouvidos daqueles cuja função era evitar que o mundo humano fosse incomodado e atormentado pelos caprichos maliciosos dos habitantes do Submundo e dos demônios.

É normal que alguns problemas surjam com uma feira. Prazer e encrenca são irmãos. Mas havia indícios de que essa feira, em particular, era mais do que aparentava ser. Para começar, o Bazar Bizarro não consistia apenas em enfeites e bugigangas. O Bazar era um verdadeiro Mercado das Sombras, num local, onde nunca tinha havido outro antes, e os humanos estavam percorrendo os corredores e mexendo livremente nas mercadorias. E tinha também rumores de que havia um artefato de adamas nas mãos de alguém que não deveria tê-lo. Por este motivo, na quinta-feira, 29 de outubro, um portal se abriu em Lookout Point, e dois indivíduos que tinham acabado de se conhecer entraram sem sequer serem notados por nenhum dos humanos ali presentes.

Uma das pessoas era uma jovem ainda não totalmente transformada em Irmã de Ferro, apesar das mãos já apresentarem as cicatrizes e os calos de quem manuseava adamas. Seu nome era Emilia, e essa era a última missão à qual suas Irmãs a enviaram antes que se juntasse a elas: recuperar o adamas e trazê-lo de volta para a Cidadela Adamant. Seu rosto era atento e sorridente, como se ela gostasse do mundo, mas não acreditasse que ele fosse corresponder.

Seu acompanhante era um Irmão do Silêncio que tinha Marcas no rosto, embora não tivesse os olhos nem a boca costurados. Em vez disso, estavam apenas fechados, como se ele tivesse preferido se recolher no próprio mundo. O Irmão era bonito o suficiente para que, se alguma das mulheres do Lookout Point visse seu rosto, pensasse nos contos de fadas nos quais um beijo é o suficiente para despertar alguém de um encantamento. Irmã Emilia, que conseguia enxergar muito bem o Irmão Zachariah, achou que ele era um dos homens mais bonitos que já

vira. Certamente era o primeiro que Emilia via em muito tempo. E se a missão fosse bem-sucedida e os dois voltassem para a Cidadela com o adamas, bem, certamente não seria ruim se o belo Irmão do Silêncio fosse o último homem que visse na vida. Não havia problema algum em admirar a beleza quando a encontrava por acaso.

— Bela vista, não? — indagou ela. Do lugar onde estavam, dava para ver a Georgia, o Tennessee, o Alabama, as Carolinas do Sul e do Norte, e, no horizonte, Virginia e o Kentucky também, todos espalhados como uma

tapeçaria bordada em azul e verde, com alguns pontos vermelhos, dourados e laranja, onde as árvores começavam a mudar de cor.

A resposta do Irmão Zachariah surgiu dentro da mente da mulher:

É extraordinário. Mas confesso que imaginei que os Estados Unidos fossem diferentes. Alguém que eu... conheci... me contou sobre Nova York. Foi onde ela cresceu. Falávamos sobre um dia visitarmos as coisas e os lugares que ela amava. Mas conversamos sobre muitos assuntos que eu sabia, mesmo naquela época, que provavelmente nunca aconteceriam. E é um país muito grande.

Irmã Emilia não sabia ao certo se gostava de ter alguém falando em sua mente. Ela já tinha encontrado Irmãos do Silêncio antes, mas era a primeira vez que um deles falava diretamente em sua cabeça. Era como receber uma visita quando a louça estava empilhada na pia, e o quarto, uma bagunça. E se a pessoa pudesse enxergar os pensamentos desorganizados que você, às vezes, tentava esconder?

Sua mentora, Irmã Lora, garantiu a Emilia que, apesar de os Irmãos do Silêncio normalmente conseguirem ler as mentes daqueles que os cercavam, isso não acontecia com elas. Mas, por outro lado, e se isso fosse parte do teste que tinha que cumprir? E se a tarefa do Irmão Zachariah também fosse examinar seu cérebro, para se certificar de que Emilia era uma candidata apta? Com licença! Você pode me ouvir?, pensou, o mais alto que pôde.

— É sua primeira vez nos Estados Unidos, então? — acrescentou ela, aliviada, quando o Irmão Zachariah não respondeu.

Sim. Em seguida, como que por educação, Zachariah completou: E você?

— Nascida e criada na Califórnia — disse Irmã Emilia. — Cresci no Conclave de São Francisco.

São Francisco é parecido com esse lugar?, perguntou o Irmão Zachariah. Ela quase engasgou.

— Na verdade, não. Nem as árvores são as mesmas. E o chão de lá costuma tremer. Algumas vezes, só o bastante para mover a sua cama por alguns centímetros enquanto você tenta dormir. Outras, derruba prédios sem aviso. Ah, mas as frutas são as melhores que você pode provar. E o sol brilha todos os dias.

Seu irmão mais velho voltou a ser uma criança nos braços da mãe durante

o terremoto de 1906. Metade da cidade pegou fogo, e o pai de Emilia disse que até mesmo os demônios mantiveram distância durante a destruição. A mãe, que estava grávida, sofreu um aborto. Se aquele bebê tivesse sobrevivido, Emilia teria tido sete irmãos, todos homens. Em sua primeira noite na Cidadela de Ferro, ela acordou de hora em hora porque tudo estava muito quieto e pacífico.

Você parece ter saudade disso, observou o Irmão Zachariah.

— Eu tenho. Mas nunca foi minha casa. Bem. Acho que a feira é por ali, e nós aqui conversando quando temos trabalho a fazer — respondeu a Irmã Emilia.

#

Apesar de seus olhos, orelhas e boca terem sido fechados pela magia da Cidade do Silêncio, Jem ainda conseguia sentir o cheiro e ouvir a feira muito melhor do que qualquer mortal. Tinha cheiro de açúcar e metal quente, e, sim, de sangue também, e o som de vendedores, música e gritos animados. Logo ele também poderia ver.

A feira acontecia sobre um terreno em que provavelmente ocorrera uma grande batalha em algum momento. Jem conseguia sentir a presença dos humanos mortos. Os restos esquecidos estavam agora enterrados sob um campo gramado, onde uma espécie de cerca tinha sido erguida em torno de muitas tendas coloridas e estruturas elaboradas. Uma roda-gigante pairava acima de tudo, com os carrinhos pendurados na roda central, apinhados de pessoas sorridentes. Através de dois grandes portões totalmente abertos, uma ampla avenida podia ser vista entre eles, recebendo todos que se aproximavam.

Namorados em trajes dominicais cruzavam os portões, enlaçando a cintura um do outro. Dois meninos passaram correndo. Um deles tinha cabelos pretos e desgrenhados. Pareciam ter a idade que Will e Jem tiveram há muito tempo, quando se conheceram. Mas o cabelo de Will estava branco agora, e Jem não era mais Jem. Era o Irmão Zachariah. Algumas noites atrás,

sentado ao lado da cama de Will Herondale, ele vira seu velho amigo lutar para respirar. A mão de Jem sobre a coberta ainda era jovem, e Tessa, é claro, jamais envelheceria. Como se sentiria Will, que amava os dois, ter que seguir para tão longe deles? Mas Jem deixou o amigo primeiro, e Will nunca o deixou. Só haveria justiça quando, em breve, fosse Jem quem ficasse para trás.

Em sua mente, o Irmão Enoch se pronunciou:

Vai ser difícil. Mas você vai conseguir suportar. Nós vamos ajudá-lo a superar.

Vou suportar porque devo, respondera Jem.

Irmã Emilia parou e ele a alcançou. Ela observava a feira, com as mãos nos quadris.

— Que interessante! — falou. — Você já leu Pinóquio?

— Acredito que não — retrucou Jem. Apesar de ter a impressão de que certa vez, quando visitara o Instituto de Londres, talvez tivesse escutado Tessa lendo a história para um jovem James.

— Um boneco de madeira que quer ser um menino de verdade — disse a Irmã Emilia. — Então uma fada lhe concede um desejo, mais ou menos, e ele se mete em diversas encrencas em um lugar que eu sempre imaginei ser como esse.

E ele consegue?, perguntou Jem, quase contra a vontade.

— Consegue o quê? — repetiu a Irmã Emilia.

Consegue se tornar um menino de verdade?

— Bem, é claro — respondeu a Irmã. Depois, animadamente, emendou: — Que tipo de história seria se ele só fosse um boneco? O pai de Pinóquio o ama, e é assim que ele começa a se tornar um menino de verdade, suponho. Essas sempre foram minhas histórias favoritas, aquelas em que as pessoas conseguem fazer coisas, ou esculpir em madeira e fazer com que se tornem reais. Como Pigmalião.

Ela é um tanto animada para uma Irmã de Ferro, disse o Irmão Enoch na mente de Jem. Não era uma crítica, mas também nenhum elogio.

— Claro — continuou a Irmã Emilia —, você mesmo me parece uma espécie de história ambulante, Irmão Zachariah.

O que sabe sobre mim?, Jem perguntou.

Ela respondeu, impertinente:

— Que combateu Mortmain. Que já teve um parabatai e ele se tornou diretor do Instituto de Londres. Que a mulher dele, a feiticeira Tessa Gray, usa um pingente dado por você. Mas eu sei algo a seu respeito que talvez você mesmo não saiba.

Isso me parece improvável, disse Jem. Mas prossiga. Diga-me o que sabe sobre mim.

— Me dê seu bastão — pediu a Irmã Emilia.

Ele o entregou, e ela o examinou cuidadosamente.

— Sim — falou. — Foi o que pensei. Feito pela Irmã Dayo, cujas armas eram tão incrivelmente forjadas que se dizia que um anjo havia tocado sua fornalha. Veja. A marca dela.

Tem me servido muito bem, falou Jem. Talvez um dia você também encontre reconhecimento nas coisas que fizer.

— Um dia — disse a Irmã Emilia. Ela devolveu o bastão. — Talvez. — Havia um brilho alegre em seus olhos. Jem percebeu que isso a fazia parecer muito jovem.

O mundo parecia um tipo de prova de fogo, e nele todos os sonhos eram alterados e testados. Muitos ruíam por completo, levando você a prosseguir sem eles. Na mente de Jem, os irmãos murmuraram em concordância. Após quase setenta anos, ele já estava praticamente acostumado a isso. Em vez de música, ele tinha um coro severo de irmãos. Há muito tempo, ele imaginou cada um deles como um instrumento musical. O Irmão Enoch, pensara, seria um fagote ouvido através da janela mais alta de um farol desolado, com as ondas batendo embaixo. Sim, sim, o Irmão Enoch disse. Muito poético. E o que você seria, Irmão Zachariah?

Jem tentou não pensar no seu violino. Mas não podia guardar segredo dos Irmãos. E aquele violino já fora abandonado e negligenciado por muito tempo.

Ele falou, tentando pensar em outras coisas enquanto caminhavam:

Pode me dizer se sabe alguma coisa sobre Annabel Blackthorn? Uma Irmã de Ferro? Ela e um amigo meu, o feiticeiro Malcolm Fade, se apaixonaram e fizeram planos de fugirem juntos, mas, quando a família descobriu, ela foi forçada a entrar para a Irmandade de Ferro. Ele ficaria mais sossegado se soubesse alguma coisa sobre a vida dela na Cidadela Adamant.

— É evidente que você sabe muito pouco sobre as Irmãs de Ferro! Nenhuma delas é forçada a ingressar na Irmandade. Inclusive, é uma grande honra, e muitas que tentam são recusadas. Se essa Annabel se tornou uma Irmã de Ferro, foi o que ela escolheu para si. Não sei nada sobre ela, mas a maioria de nós muda de nome quando é consagrada.

Se souber de alguma coisa, meu amigo ficaria muito grato. Ele não fala muito sobre ela, mas acredito que Annabel sempre esteja em seus pensamentos, concluiu Jem.

#

Quando Jem e a Irmã Emilia passaram pelos portões da feira, a primeira coisa estranha que viram foi um lobisomem comendo algodão-doce em um cone de papel. Pedacos grudentos cor-de-rosa estavam presos em sua barba.

— A noite de hoje é de lua cheia — lembrou a Irmã Emilia. — A Praetor Lupus mandou alguns integrantes, mas dizem que os lobisomens aqui fazem o que querem. Eles controlam as destilarias e patrulham as montanhas. Deveriam ficar longe de mundanos nessa época do mês, não comer algodão-doce e se embriagar.

O lobisomem fez careta e se afastou.

— Atrevido! — disse a Irmã Emilia, e por pouco não foi atrás do licantrope.

Tenha calma. Há coisas piores do que integrantes do Submundo mal-educados e que gostam de doce. Está sentindo o cheiro?

Irmã Emilia franziu o nariz.

— Demônios.

Eles seguiram o cheiro através dos becos sinuosos da feira, a versão mais estranha que Jem já vira de um Mercado das Sombras. O Mercado era, é claro, muito maior do que se esperaria de uma feira, mesmo uma com essa dimensão. Ele reconheceu uns poucos vendedores. Outros observaram, tensos, enquanto ele e Emilia passavam. Um ou dois, com olhares de resignação, começaram a guardar as coisas. Não havia regras estabelecidas no Mercado das Sombras, seu funcionamento era regulado por costumes antigos. Mas tudo ali parecia errado para Jem, e os Irmãos do Silêncio debatiam em sua mente como isso poderia ter acontecido. Mesmo que fosse correto e adequado ter um Mercado das Sombras neste lugar, não deveria haver mundanos passeando e exclamando ao verem objetos estranhos sendo oferecidos. Um homem cruzou por eles, parecendo pálido e entorpecido, com sangue ainda gotejando dos dois furinhos em seu pescoço.

— Eu nunca estive em um Mercado das Sombras — observou a Irmã Emilia, diminuindo o passo. — Minha mãe sempre disse que não era lugar para Caçadores de Sombras e insistia que eu e meus irmãos deveríamos ficar longe dali. — Ela pareceu particularmente interessada em uma barraca que vendia facas e armas.

Suvenires depois, disse Jem, prosseguindo. Primeiro, o trabalho.

De repente, estavam fora do Mercado das Sombras e diante do palco onde o mágico contava piadas enquanto transformava um cachorrinho peludo em uma melancia e depois cortava a melancia ao meio com uma carta de baralho. Dentro da fruta havia uma esfera de fogo, que se ergueu e pairou no ar como um minissol. O mágico — identificado como Roland, o Surpreendente — entornou água de sua cartola sobre a esfera, que se transformou em um rato e correu do palco para uma plateia que, primeiro, entrou em pânico e, depois, aplaudiu.

Irmã Emilia tinha parado para assistir, e Jem fez o mesmo.

— Mágica de verdade? — perguntou ela.

Ilusões de verdade, pelo menos, disse Jem. Ele gesticulou para uma mulher que estava na lateral do palco observando o mágico executar seus truques.

O homem aparentava uns sessenta anos, mas sua acompanhante poderia ter qualquer idade. Sem dúvida, era de alta linhagem Fey e tinha um bebê nos braços. O jeito como ela observava o mágico no palco fez Jem sentir um aperto no peito. Ele já tinha visto Tessa olhar para Will do mesmo jeito, com aquela atenção extasiada e amor misturados ao conhecimento de uma tristeza futura que terá que ser suportada um dia.

Quando o dia chegar, vamos ajudá-lo, soou o Irmão Enoch, mais uma vez, em sua mente.

Um pensamento atingiu Jem como uma flecha; quando o dia chegasse e Will deixasse o mundo, ele não queria compartilhar a tristeza com seus irmãos. Que outros estivessem ali com ele quando Will partisse. E também tinha Tessa. Quem ficaria para ajudá-la a suportar quando Jem levasse o corpo de Will para a Cidade do Silêncio?

A fada olhou para a multidão e então, de repente, se escondeu atrás de uma cortina de veludo. Quando Jem tentou identificar o que ela tinha visto, avistou um duende empoleirado sobre uma bandeira no topo de uma barraca próxima. Ele parecia estar farejando o vento como se cheirasse algo particularmente delicioso. O único cheiro que Jem sentia agora era de demônio.

Irmã Emilia se empertigou para ver para onde Jem estava olhando e a avistou:

— Outra fada! É bom estar novamente no mundo. Terei muitas coisas para escrever no meu diário quando voltar para a Cidadela de Ferro.

Irmãs de Ferro escrevem diários?, Jem perguntou educadamente.

— Foi uma piada — disse a Irmã Emilia. Ela pareceu verdadeiramente decepcionada. — Irmãos do Silêncio têm algum senso de humor ou costuram isso também?

Colecionamos piadas de toc-toc. Ela se animou.

— Sério? Você tem alguma preferida?

Não, retrucou o Irmão. Foi uma piada. E se pudesse, teria sorrido.

Irmã Emilia era tão humana que ele percebeu que isso estava despertando parte da humanidade que ele tinha posto de lado há tanto tempo. Esse também devia ser o motivo pelo qual estava pensando em Will e Tessa, e na pessoa que ele fora antes. Seu coração doeria um pouquinho menos, ele tinha certeza, depois que cumprissem a missão e voltassem para o lugar de onde vieram. Irmã Emilia tinha parte daquela faísca que Will já teve, quando resolveram ser parabatai. Jem foi atraído por aquele fogo e pensou que ele e a Irmã Emilia também poderiam ter sido amigos em outras circunstâncias.

Ele estava pensando nisso quando um menino pequeno puxou sua manga.

— Você faz parte da feira? — perguntou. — É por isso que está vestido assim? É por isso que seu rosto é assim?

Jem olhou para o menino e depois para as marcas do braço para se certificar de que elas não tinham se apagado de algum jeito.

— Você consegue nos ver? — perguntou a Irmã Emilia ao menino.

— Claro que consigo — respondeu ele. — Não tem nada de errado com meus olhos. Mas acho que tinha antes. Porque agora vejo todo tipo de coisa que eu nunca tinha visto.

Como?, Jem perguntou, se abaixando para olhar nos olhos do menino.

Qual é o seu nome? Quando começou a ver coisas que não via antes?

— Meu nome é Bill — respondeu o garoto. — Tenho oito anos. Por que seus olhos estão fechados assim? E como você consegue falar se a sua boca não está aberta?

— Ele é um homem de talentos especiais — explicou a Irmã Emilia. — Você deveria provar a torta de frango dele. Onde está a sua família, Bill?

— Eu moro na St. Elmo, e vim naquela ferrovia inclinada junto com a minha mãe. Hoje eu comi um saco inteiro de balas e não tive que dividir nada com ninguém.

— Talvez a bala tivesse propriedades mágicas — cochichou a Irmã Emilia para Jem.

— Minha mãe falou para eu não andar por aí — prosseguiu o menino —, mas nunca presto atenção nela, a não ser que esteja furiosa feito touro bravo. Eu atravessei o labirinto de espelhos sozinho e cheguei até o meio, onde fica a moça chique. Ela disse que como prêmio eu podia pedir o que quisesse.

E o que você pediu?, Jem perguntou.

— Pensei em pedir uma batalha com cavaleiros de verdade, cavalos de verdade e espadas de verdade, como no Rei Arthur, mas a moça disse que se o que eu queria era uma aventura de verdade, deveria pedir a chance de enxergar o mundo como ele realmente é, então foi o que fiz. E depois disso ela colocou uma máscara em mim, e agora está tudo estranho, e ela também não era uma moça. Era uma coisa da qual eu não queria mais ficar perto, então fugi. Já vi todo o tipo de gente estranha, menos minha mãe. Vocês viram? Ela é pequena, mas bem feroz. Tem cabelos vermelhos como os meus, e um gênio de cão quando está preocupada.

— Sei tudo sobre esse tipo de mãe — confessou a Irmã Emilia. — Ela deve estar procurando você por todo canto.

— Eu sou uma provação constante para ela. Ou, pelo menos, é o que ela diz — constatou Bill.

Ali, apontou Jem. É aquela?

Uma mulher baixinha estava perto de uma tenda onde se lia MISTÉRIOS DO VERME DEMONSTRADOS TRÊS VEZES POR DIA e olhava na direção deles.

— Bill Doyle! — falou ela, avançando. — Você está muito encrencado, meu garotinho!

A mulher tinha uma voz forte.

— Vejo que meu destino se aproxima — disse Bill em um tom grave. — Vocês devem fugir antes que se tornem parte da batalha.

— Não se preocupe conosco, Bill — respondeu a Irmã Emilia. — Sua mãe não pode nos ver. E eu não nos mencionaria para ela. Ela vai achar que você está inventando coisas.

— Parece que estou em uma situação muito complicada — disse Bill. — Felizmente sou tão bom em me livrar de encrencas quanto sou em entrar nelas. Tenho muita experiência. Foi um prazer conhecê-los.

Então a Sra. Doyle pegou o braço do filho, puxando-o para a saída da feira, e fazendo uma careta para a criança enquanto se afastavam.

Jem e Irmã Emilia se viraram para observá-los em silêncio. Finalmente, a Irmã Emilia disse:

— O labirinto de espelhos, então.

Independente de terem encontrado o jovem Bill Doyle, ao chegarem ao labirinto de espelhos, estavam certos de que aquele era o lugar que procuravam. Era uma estrutura pontiaguda, toda pintada com tinta preta brilhosa e ameaçadora, com riscos vermelhos. A tinta vermelha estava tão fresca e molhada que a construção parecia sangrar. Cruzando a entrada, espelhos e luzes cegavam. O MUNDO VERDADEIRO E O FALSO, dizia a placa. VOCÊ SABERÁ ATÉ COMO É CONHECIDO. AQUELES QUE ME PROCURAM SE ENCONTRAM.

O fedor de maldade demoníaca era tão forte que até Jem e a Irmã Emilia, que tinham marcas que os protegiam contra o cheiro, se retraíram.

Cuidado, as vozes na cabeça de Jem alertaram. Esse não é um demônio Eidolon comum.

Irmã Emilia já tinha sacado a espada.

Temos que ter cuidado. Pode haver perigos aqui para os quais não estamos preparados, alertou Jem.

— Acho que conseguimos, pelo menos, ser tão corajosos quanto o pequeno Bill Doyle foi diante do perigo — retrucou a Irmã de Ferro.

Ele não sabia que estava lidando com um demônio.

— Eu me referia à mãe dele — disse a Irmã Emilia. — Vamos. Então Jem a seguiu para dentro do labirinto de espelhos.

#

Eles se viram em um corredor longo e brilhante com muitas companhias. Havia outra Irmã Emilia e outro Irmão Zachariah, compridos e monstruosamente magros e ondulados. Em um momento, estavam eles novamente, achatados e horrorosos. Em outro, viam-se os reflexos de suas costas. Em um dos espelhos, estavam na costa de um mar roxo e raso, mortos e inchados, mas parecendo muito satisfeitos assim, como se tivessem morrido de uma grande felicidade. Em outro, começaram a envelhecer rapidamente e depois ruir até os ossos, que viraram poeira.

Irmã Emilia nunca gostou muito de espelhos. Mas por estes, ela tinha o interesse de uma artesã. Quando um espelho é fabricado, deve ser coberto por algum metal que reflete. Prata podia ser usada, mas vampiros não gostavam muito desse tipo. Os espelhos no Labirinto de Espelhos, ela pensou, deviam ter sido tratados com alguma espécie de metal demoníaco. Dava para sentir o cheiro. A cada respirada ela enchia a boca, a língua, a garganta com uma espécie de resíduo gorduroso de desespero e horror.

Ela avançou lentamente, com a espada à frente do corpo, e esbarrou em um espelho, pensando que fosse espaço aberto.

Cuidado, disse o Irmão Zachariah.

— Você não vem até a feira para ter cuidado — falou ela.

Foi tempestuoso e talvez ele soubesse disso. Mas ser tempestuosa também é uma espécie de armadura, tanto quanto ter cuidado. Irmã Emilia apreciava as duas coisas.

— Se é um labirinto, como vamos saber qual é o caminho que devemos seguir? — perguntou. — Eu poderia quebrar os espelhos com a minha espada. Se eu quebrasse todos, encontraríamos o centro.

Segure sua espada, respondeu Irmão Zachariah.

Ele parou na frente de um espelho no qual a Irmã Emilia não estava presente. Em vez disso, havia um menino magro, de cabelos brancos, segurando a mão de uma menina alta com um rosto lindo e solene. Estavam em uma avenida.

— Isso é Nova York — disse Irmã Emilia. — Pensei que não tivesse ido!

O Irmão Zachariah avançou pelo espelho, que permitiu sua passagem como se ele jamais tivesse estado lá. A imagem desapareceu como bolhas de sabão estouradas.

Vá até os reflexos que mostram o que mais quer ver, disse o Irmão Zachariah. Mas que sabe que são impossíveis.

— Ah — disse a Irmã Emilia involuntariamente. — Ali!

Havia um espelho onde uma Irmã muito parecida com ela, mas de cabelos grisalhos, segurava uma lâmina brilhante entre pinças. Ela a colocou na água fria, e o vapor subiu em forma de dragão, que se contorcia esplendidamente. Todos os seus irmãos também estavam lá, observando admirados.

Também passaram por aquele espelho. Foram passando por todos os espelhos, até a Irmã Emilia sentir o peito apertado de desejo. Suas bochechas ruborizaram, pois o Irmão Zachariah podia enxergar seus desejos mais vaidosos e frívolos. Mas ela também viu os dele. Um homem e uma mulher que achou que fossem seus pais ouvindo o filho tocar violino em um grande salão de concerto. Um homem de cabelos pretos, olhos azuis e marcas de expressão em torno da boca, resultado de muitos sorrisos, fazendo uma fogueira em uma sala enquanto a menina solene, que agora sorria, ficava sentada no colo do Irmão Zachariah, que não era mais um Irmão, mas um marido e parabatai na companhia daqueles que mais amava.

Chegaram a um espelho onde o homem de cabelos negros, agora velho e frágil, estava deitado em uma cama. A menina estava ao lado dele, acariciando sua testa. De repente, o Irmão Zachariah entrou, mas quando tirou o capuz, tinha os olhos abertos, claros, e uma boca

sorridente. Ao ver isso, o velho sentou na cama e rejuvenesceu cada vez mais, como se a alegria tivesse renovado sua juventude. Ele se levantou da cama e abraçou seu parabatai.

— É terrível — disse a Irmã Emilia. — Não deveríamos ver o coração um do outro assim!

Atravessaram aquele espelho e ficaram cara a cara com um que mostrava a mãe da Irmã Emilia sentada diante de uma janela, segurando a carta da filha. Ela tinha o olhar mais triste no rosto, mas então a mãe no reflexo começou a compor lentamente uma mensagem de fogo para a filha. Tenho tanto orgulho de você, minha querida. Fico tão feliz que tenha encontrado o trabalho de sua vida.

Não vejo nada de constrangedor em você, disse o Irmão Zachariah com sua voz tranquila. Ele estendeu a mão, e, após um instante, a Irmã Emilia desviou o olhar do reflexo da mãe que escrevia todas as coisas que nunca falara. Ela aceitou com gratidão a mão oferecida.

— É constrangedor ser vulnerável — admitiu. — Ou, pelo menos, foi o que eu sempre achei.

Eles passaram pelo espelho e ouviram uma voz:

— E isso é exatamente o que uma fabricante de armas e armaduras

pensaria. Não concorda?

Eles tinham chegado ao coração do labirinto, e havia um demônio ali — um homem bonito, com um terno feito sob medida, o pior que a Irmã Emilia já tinha visto.

Belial, reconheceu Irmão Zachariah.

— Velho amigo! — exclamou o demônio. — Estava torcendo para que mandassem você atrás de mim.

Esta era a primeira vez que Irmã Emilia encontrava um Demônio Maior. Ela empunhava a espada que tinha feito em uma das mãos, e, com a outra, segurava a mão quente do Irmão Zachariah. Não fosse por essas duas coisas, teria retornado e corrido.

— Isso é pele humana? — perguntou, com voz trêmula.

Qualquer que fosse a matéria-prima do terno, ele tinha a aparência brilhosa e ligeiramente rachada de couro mal-acabado. Tinha uma aparência rosa, cheia de bolhas. E, sim, ela concluiu que aquilo que acreditava tratar-se de uma flor estranha na lapela era, na verdade, uma boca contraída em agonia, com um montinho cartilaginoso de nariz por cima.

Belial olhou para o punho manchado despontando sob a manga e com um peteleco afastou a sujeira.

— Você tem um bom olho, querida — falou.

— De quem é essa pele? — perguntou a Irmã Emilia. Ela percebeu, aliviada, que sua voz estava mais firme agora. Não era tanto o fato de que quisesse saber as respostas, mas, sim, por ter descoberto desde o princípio do seu treinamento na Cidadela de Ferro que fazer

perguntas era uma forma de disciplinar o medo. Receber novas informações significava que você tinha algo em que se concentrar, além do quão assustadores eram suas professoras e seu entorno.

— Um alfaiate que eu empregava — informou Belial. — Era um péssimo alfaiate, sabe, mas no fim das contas fez um bom terno. — Ele deu o sorriso mais charmoso para os outros dois. Mas, nos espelhos à sua volta, os reflexos rangiam os dentes e se enfureciam.

Irmão Zachariah aparentava calma, mas a Irmã Emilia conseguia sentir o quanto o aperto em sua mão estava mais forte. Ela perguntou:

— Você é amigo dele?

Já nos encontramos, disse o Irmão Zachariah. Irmãos do Silêncio não escolhem suas companhias. Mas devo confessar que gosto mais da sua do que da dele.

— Isso doeu! — exclamou Belial, com um olhar malicioso. — E, temo, é verdade. E eu só gosto de uma dessas duas coisas.

Qual é o seu assunto aqui?, perguntou o Irmão Zachariah.

— Assunto nenhum — disse Belial. — Isso é puro divertimento. Veja, encontraram adamas nas cavernas sob Ruby Falls. Um pequeno rastro na pedra. Você sabia que as pessoas vêm de todos os cantos do país para verem

Ruby Falls? Uma cachoeira subterrânea! Eu mesmo ainda não vi, mas ouvi dizer que é espetacular. No entanto, joguei algumas partidas de minigolfe. E me enchi das famosas balas. Tive que comer o vendedor de balas depois para tirar o gosto da boca. Acho que ainda tem um pouco dele preso entre meus dentes. Chattanooga, Tennessee! O slogan deveria ser “Venha pelo adamas, fique pela bala!” Poderiam pintar essa frase em celeiros.

“Vocês sabiam que existe uma cidade embaixo de Chattanooga? Sofreram inundações tão terríveis no último século que finalmente construíram outra por cima das estruturas originais. As construções antigas ainda estão lá, subterrâneas, ocas como dentes podres. E, claro, tudo está em terreno mais alto agora, mas as tempestades ainda acontecem. Elas desgastam as rochas, e o que vai acabar acontecendo? Os alicerces vão ruir, e tudo será destruído. Tem alguma metáfora aí em algum lugar, Caçadorezinhos de Sombras. Você constrói e luta, mas um dia a escuridão e o abismo chegarão em uma onda e varrerão tudo que você ama.”

Não tivemos tempo para fazer turismo em Chattanooga, disse o Irmão Zachariah. Estamos aqui para pegar o adamas.

— O adamas! Claro! — exclamou Belial. — Vocês são tão apegados às coisas.

— Está com você? — perguntou Irmã Emilia. — Achei que significasse a morte dos demônios, só de tocar.

— Os comuns explodem, sim — confirmou Belial. — Mas eu sou um príncipe do Inferno. Sou mais resistente.

Demônios Maiores dão conta de adamas, explicou o Irmão Zachariah. Mas pelo que eu saiba, é agonizante para eles.

— Agonia, agonia — repetiu Belial. Seus reflexos nos diversos espelhos choravam lágrimas de sangue. — Sabe o que nos causa dor? O fato de nosso criador ter dado as costas para nós. Não somos permitidos perante o trono. Mas adamas, isso é material angelical. Quando tocamos, a dor da ausência do divino é indescritível. Mas mesmo assim é o mais próximo que chegamos de sua presença. Então tocamos o adamas, sentimos a ausência do nosso criador, e nessa ausência sentimos uma faísca mínima do que já fomos. Ah, essa dor é a coisa mais maravilhosa que pode se imaginar.

E Deus disse: não guardarei Belial no coração, observou Jem. Um lampejo tímido de dor passou pelo rosto do demônio.

— Claro, você também, meu querido Irmão Zachariah, foi cortado daqueles que ama. Nós nos entendemos. — E então ele disse algo em uma língua que a Irmã Emilia não reconheceu, quase cuspiendo as sílabas terríveis e sibiladas.

— O que ele está dizendo? — perguntou ela. E teve a impressão de que o recinto estava ficando mais quente. Os espelhos brilhavam com mais intensidade.

Está falando abismal, o Irmão Zachariah respondeu calmamente. Nada de importante.

— Ele está fazendo alguma coisa — sibilou a Irmã Emilia. — Temos que contê-lo. Algo está acontecendo.

Em todos os espelhos Belial estava inchando, e o terno estourava como pele de linguíça. As versões espelhadas da Irmã Emilia e do Irmão Zachariah diminuía, encolhendo e escurecendo como se tivessem sido queimadas pelo calor de Belial.

Toc-toc, disse o Irmão Zachariah.

— O quê? — perguntou a Irmã Emilia. Ele repetiu:

Não preste atenção em Belial. Ele se fortalece assim. Não é real. São ilusões.

Nada mais. Demônios não matam aqueles com quem têm dívidas. Toc-toc.

— Quem é?

Soletre.

A garganta da Irmã Emilia estava tão seca que ela mal conseguia falar. O punho da sua espada estava fervendo, como se ela estivesse com a mão no forno.

— Soletre quem?

Se você insiste, disse o Irmão Zachariah. Q-U-E-M.

E quando a Irmã Emilia finalmente entendeu a piada, foi tão ridícula que, apesar de tudo, ela riu.

— Péssima! — falou.

Irmão Zachariah olhou para ela com seu rosto sério e sem expressão. Você

não me perguntou se os Irmãos do Silêncio têm um bom senso de humor.

Belial tinha parado de falar abismal. Parecia incrivelmente decepcionado com os dois.

— Isso não tem a menor graça — falou.

O que você fez com o adamas?, perguntou o Irmão Zachariah.

Belial alcançou o colarinho da camisa e pegou uma corrente. Pendurada na ponta havia uma meia-máscara de adamas. Irmã Emilia viu a pele do demônio ficar vermelha e depois em carne viva, e então amarelada de pus onde a máscara o tocou. E onde ele tocou a máscara, o metal acendeu em ondas flamejantes em turquesa, escarlate e verde-azulado. Mas a expressão de indiferença orgulhosa do demônio não se modificou.

— Tenho usado em nome dos seus preciosos mundanos — falou. — Fortalece o meu poder enquanto eu fortaleço os deles. Alguns querem ser pessoas diferentes das que são, então dou a eles essa ilusão. Forte o bastante para que possam enganar os outros. Outras pessoas querem ver algo que cobiçam, que perderam ou que não podem ter, e eu também posso fazer isso. Outro dia, um jovem, um menino, na verdade, ia se casar, mas estava com medo. Ele queria saber as piores coisas que poderiam acontecer com ele e com a menina que amava, para que pudessem se preparar e seguir em frente. Soube que ele não foi tão corajoso, afinal.

— Arrancou os próprios olhos — disse a Irmã Emilia. — E quanto a Bill Doyle?

— Esse vai ter uma vida incrível, eu acho — disse Belial. — Ou vai acabar em um hospício. Quer fazer uma aposta?

Não devia ter um Mercado de Sombras neste lugar, afirmou o Irmão Zachariah.

— Muitas coisas não deveriam existir, mas existem — disse Belial. — E muitas coisas ainda não existem, mas podem existir, se você desejar o suficiente. Admito, torcia para que o Mercado das Sombras oferecesse um disfarce melhor. Ou, pelo menos, que os distraísse quando vocês aparecessem para arruinar minha diversão. Mas vocês não se distraíram nem um pouco.

A Irmã Emilia vai pegar o adamas, disse o Irmão Zachariah. E depois disso, você vai tirar o Mercado daqui porque estou pedindo.

— Se eu fizer isso, acaba a dívida que tenho com você? — Belial quis saber.

— Ele lhe deve um favor? — perguntou a Irmã Emilia. E pensou, não é à toa que costuram as bocas dos Irmãos do Silêncio. Eles têm muitos segredos.

Não, o Irmão Zachariah informou a Belial. Para Emilia, ele disse sim, e é por isso que não precisa ter medo dele. Um demônio não pode matar alguém com quem tem uma dívida.

— Mas eu posso matá-la — retrucou Belial, dando um passo na direção da Irmã Emilia. Ela ergueu a espada, determinada a morrer com honra.

Mas não vai, o Irmão Zachariah disse calmamente. Belial ergueu uma sobrancelha.

— Não vou? Por que não?

Porque você acha que ela é interessante. Eu certamente acho.

Belial ficou calado. Em seguida, assentiu.

— Pegue. — Ele entregou a máscara para a Irmã Emilia, que soltou a mão do Irmão Zachariah para pegá-la. Era mais leve do que imaginava. — Mas suponho que não vão deixar que você a utilize. Vão temer que eu a tenha corrompido de alguma forma. E quem pode saber?

Já acabamos, disse o Irmão Zachariah. Vá embora e não volte mais.

— Pode deixar! — respondeu Belial. — Mas quanto àquele favor... Me dói ficar endividado com você quando posso ser útil. Fico imaginando se não existe algo que eu possa oferecer. Por exemplo, o yin fen para o seu sangue. Os Irmãos do Silêncio ainda não descobriram a cura, não é?

Irmão Zachariah não disse nada, mas a Irmã Emilia viu como suas juntas ficaram brancas quando o punho cerrou. Finalmente, ele falou:

Prossiga.

— Talvez eu conheça uma cura — disse Belial. — Sim, acho que conheço uma cura garantida. Você pode voltar a ser quem já foi. Você pode voltar a ser Jem. Ou...

Ou?

A língua comprida de Belial se esticou para fora, como se ele estivesse sentindo o gosto do ar e o achasse delicioso.

— Ou eu poderia contar algo que você não sabe. Existem alguns Herondale, não os que você conhece, mas da mesma linhagem do seu

parabatai. Eles correm grave perigo, a vida deles está por um fio, e eles estão mais próximos de nós do que você pode imaginar. Eu posso contar algo sobre eles e colocá-lo no caminho para encontrá-los, se quiser. Mas você precisa escolher. Ajudar alguém ou voltar a ser quem

era. Voltar a ser aquele que deixou as pessoas que mais ama para trás. Aquele de quem eles ainda sentem saudade. Você pode ser ele, se escolher. Escolha, Irmão Zachariah.

Irmão Zachariah hesitou por um longo instante.

Nos espelhos que os cercavam, Emilia teve visões das promessas de Belial, de tudo que a cura significaria. A mulher que o Irmão Zachariah adorava não ficaria sozinha. Ele estaria com ela, capaz de compartilhar sua dor e amá-la plenamente mais uma vez. Poderia correr para perto do amigo que amava, ver os olhos azuis dele brilharem como estrelas em uma noite de verão quando abraçasse o Irmão Zachariah transformado. Eles poderiam dar as mãos sem uma sombra de luto ou dor sobre eles, pelo menos uma vez. Passaram a vida esperando por esse momento, e temiam que nunca fosse chegar.

Em centenas de reflexos, os olhos do Irmão Zachariah se abriram, cegos e prateados de agonia. Seu rosto se contorcia como se ele fosse forçado a suportar uma dor terrível, ou pior, forçado a abrir mão da mais perfeita felicidade.

Os olhos do verdadeiro Irmão Zachariah permaneciam fechados. Seu rosto continuava sereno. Finalmente, ele disse:

Os Carstairs têm uma dívida vitalícia com os Herondale. Essa é a minha escolha.

— Então eis o que tenho a contar sobre esses Herondale perdidos. Há poder no sangue deles, e também muito perigo. Eles estão se escondendo de um inimigo que não é nem demônio nem mortal. Esses perseguidores são engenhosos, estão chegando e vão matá-los se os encontrarem.

— Mas onde eles estão agora? — perguntou a Irmã Emilia.

— A dívida não é tão grande assim, minha querida. E agora já está paga — retrucou Belial.

Irmã Emilia olhou para o Irmão Zachariah, que balançou a cabeça.

Belial é o que ele disse, falou. Um adúltero, avarento e poluidor de santuários. Um criador de ilusões. Se eu tivesse feito a outra escolha, você realmente acha que eu estaria melhor?

— Quão bem nos conhecemos! — disse Belial. — Todos nós desempenhamos um papel, e você ficaria surpreso, acho, se soubesse o quanto ajudei. Acredita que só ofereci truques e ilusões, mas eu realmente estendi a mão da amizade. Ou você pensa que posso simplesmente fazer aparecer esses Herondale como se fossem coelhos na cartola? Quanto a você, Irmã Emilia, eu não lhe devo nada, mas faria uma gentileza. Ao contrário do nosso conhecido aqui, você escolheu o caminho que está seguindo.

— Escolhi — disse a Irmã Emilia. Tudo o que ela sempre quis foi fazer coisas. Moldar lâminas serafim e ser conhecida como uma mestre da forja. Caçadores de Sombras, parecia, só tinham glória na destruição. O que ela queria era poder criar.

— Eu poderia fazer com que você fosse a maior manipuladora de adamas que aquela Cidadela de Ferro já viu. Seu nome seria repetido através de gerações.

Nos espelhos, a Irmã Emilia viu as lâminas que poderia fazer. Viu como seriam usadas em batalha, como aqueles que as empunhavam agradeciam a quem fabricou. Abençoavam seu nome, e acólitos vinham estudar com ela, e eles também abençoavam seu nome.

— Não! — exclamou a Irmã Emilia para seus reflexos. — Eu vou ser a maior manipuladora de adamas que a Cidadela de Ferro já viu, mas não será porque aceitei sua ajuda. Vai ser por causa do trabalho que farei com a ajuda das minhas irmãs.

— Louca — respondeu Belial. — Não sei nem por que perco o meu tempo.

Roland, o Surpreendente!, gritou o Irmão Zachariah.

E antes que a Irmã Emilia pudesse perguntar o que queria dizer com isso, ele estava correndo para fora do labirinto. Ela conseguia ouvi-lo batendo em um espelho atrás do outro com seu bastão, apressado demais para achar o caminho de volta do mesmo jeito que encontrou o de ida. Ou talvez ele soubesse que a magia dificultaria a possibilidade de chegar ao centro, mas acreditava que derrubar coisas na volta funcionaria bem.

— Um pouco lento na sacada — disse Belial para a Irmã Emilia. — Enfim, tenho que me arrumar. Nos vemos por aí, menininha.

— Espere! — pediu a Irmã Emilia. — Tenho uma oferta para você.

Ela não conseguia parar de pensar no que tinha visto nos espelhos do Irmão Zachariah. O quanto ele queria estar com seu parabatai e com a menina que devia ser a feiticeira Tessa Gray.

— Prossiga — disse Belial. — Estou ouvindo.

— Sei que as coisas que nos oferece não são reais — começou a Irmã Emilia. — Mas talvez a ilusão de algo que não podemos ter seja melhor do que nada. Quero que você proporcione uma visão ao Irmão Zachariah. Algumas horas com a pessoa de quem ele mais sente saudade.

— Ele ama a feiticeira — respondeu Belial. — Eu poderia dá-la para ele.

— Não! Feiticeiros duram. Acredito que um dia ele terá suas horas com Tessa Gray, mesmo que não ouse esperar por isso. Mas o parabatai, Will Herondale, é velho e frágil, e está se aproximando do fim da vida. Quero que lhes dê alguns momentos. Em um tempo e um lugar onde possam ser felizes e ficar juntos.

— E o que receberei em troca? — perguntou Belial.

— Se eu tivesse concordado com sua oferta anterior — disse a Irmã Emilia

—, acho que meu nome teria vivido em infâmia. E mesmo que eu um dia fosse celebrada pelo meu trabalho, mesmo assim, cada lâmina que eu fizesse seria manchada pela ideia de que você teve alguma participação no meu sucesso. Todas as vitórias teriam sido envenenadas.

— Você não é tão burra quanto a maioria dos Caçadores de Sombras — afirmou Belial.

— Ah, pare de tentar me lisonjear! — respondeu a Irmã Emilia. — Você está usando um terno feito de pele humana. Ninguém que tenha discernimento vai se importar com o que você tem a dizer. E é isso. Prometo que se você não der ao Irmão Zachariah e a Will Herondale o que estou pedindo, meu objetivo de vida será fabricar uma lâmina capaz de matá-lo. E continuarei fabricando até conquistar meu objetivo. E esteja certo, não só sou talentosa como sou obstinada. Pergunte à minha mãe, se não acredita em mim.

Belial encarou-a. Ele piscou duas vezes e desviou o olhar. A Irmã Emilia conseguia enxergar, agora, a forma como ele a via refletida nos outros

espelhos, e ela gostou, pela primeira vez, de sua aparência.

— Você é interessante — disse ele. — Como o Irmão Zachariah falou. Mas talvez também seja perigosa. Você é pequena demais para um terno. Mas um chapéu. Você daria um belo chapéu. E talvez um par de polainas. Por que eu não deveria matá-la?

Irmã Emilia se empertigou.

— Porque você está entediado. Está curioso para saber se vou ser boa ou não no meu trabalho. E se minhas espadas falharem com aqueles que as empunharem, você vai se divertir bastante.

— Verdade. Irei.

— Então temos um acordo?

— Sim — respondeu Belial. E desapareceu, deixando Irmã Emilia em uma sala com paredes espelhadas, segurando uma máscara de adamas em uma das mãos, enquanto a outra mantinha uma espada incrível, mas que não era páreo para as que ela fabricaria um dia.

Quando Irmã Emilia emergiu na feira, muitas barracas já tinham desaparecido ou simplesmente sido abandonadas. Havia poucas pessoas em volta, e as que viu pareciam tontas e entorpecidas, como se tivessem acabado de acordar. O Bazar Bizarro tinha desaparecido por completo, e não havia lobisomens por ali, apesar de a máquina de algodão-doce ainda girar lentamente, com fios de açúcar flutuando pelo ar.

Irmão Zachariah estava na frente do palco vazio, onde se apresentaram o mágico e sua esposa fada.

Todos nós desempenhamos um papel, e você ficaria surpreso, acho, se soubesse o quanto ajudei, ele disse.

Irmã Emilia percebeu que citava Belial.

— Não faço ideia do que isso signifique — disse ela.

Jem acenou para a placa acima do palco. ROLAND, O SURPREENDENTE.

— Papel. Rolo — repetiu ela. — Surpreso.

Truques e ilusões. Ele me ofereceu a mão da amizade. Habilidades manuais. Truques de mágica. Eu deveria ter percebido logo. Achei que o mágico parecia meu amigo Will. Mas ele e a esposa fugiram.

— Você vai encontrá-los de novo — disse Irmã Emilia. — Tenho certeza.

Eles são Herondale e estão em apuros, respondeu o Irmão Zachariah. Então eu vou encontrá-los, porque preciso. E Belial disse algo importante para os meus irmãos.

— Prossiga.

Sou o que sou, começou o Irmão Zachariah, um Irmão do Silêncio, mas não totalmente parte da Irmandade, pois por muito tempo fui dependente de yin fen contra a minha vontade. E agora sou, ainda que não totalmente por minha vontade, um Irmão do Silêncio; para conseguir sobreviver apesar do yin fen no meu sangue, que já deveria ter me matado. Irmão Enoch e os outros há muito tempo procuram uma cura e não encontram nada. Começamos a achar que talvez não houvesse uma. Mas o Irmão Enoch ficou muito interessado na escolha que Belial me ofereceu. Ele disse que já está pesquisando curas demoníacas associadas a Belial.

— E se você se curasse — perguntou a Irmã Emilia —, escolheria não ser quem é?

Sem hesitar, respondeu o Irmão Zachariah. Mas não sem gratidão pelo que meus Irmãos da Cidade do Silêncio fizeram por mim. E você? Vai se arrepender de escolher uma vida na Cidadela de Ferro?

— Como posso saber? Mas acho que não. Tenho a oportunidade de ser quem eu sempre soube que deveria ser. Vamos. Já concluímos o que viemos fazer aqui.

Ainda não. Hoje a lua estará cheia, e não sabemos se os lobisomens voltaram para as montanhas. Enquanto houver mundanos aqui, temos que esperar e observar. Os Irmãos do Silêncio enviaram mensagens para a Praetor Lupus. Eles têm um posicionamento rígido de Proibição, sem contar que são severos com quem come mundanos.

— Parece pesada — disse a Irmã Emilia. — O posicionamento de Proibição. Entendo que comer pessoas em geral é errado.

Lobisomens vivem sob um código rigoroso, observou o Irmão Zachariah. Olhando para ele, a Irmã Emilia não era capaz de dizer se ele estava brincando. Mas tinha quase certeza de que sim.

Mas agora que passou no seu teste, sei que deve estar ansiosa para voltar para a Cidadela de Ferro. Sinto muito por mantê-la aqui.

Ele não estava errado. Ela queria, de todo o coração, voltar para o único lugar no qual já tinha se sentido em casa. E sabia que parte do Irmão Zachariah devia estar temeroso de voltar para

a Cidade do Silêncio. Ela vira o suficiente nos espelhos para saber onde o coração e a casa dele estavam.

— Não lamento ficar mais um pouco aqui com você, Irmão Zachariah — falou ela. — E não lamento tê-lo conhecido. Se nunca mais nos encontrarmos, espero que um dia uma arma que eu fabrique com minhas mãos seja útil para você de alguma forma. — Em seguida, bocejou. As Irmãs de Ferro, ao contrário dos Irmãos do Silêncio, precisavam de coisas como sono e comida.

Irmão Zachariah se sentou na beira do palco e bateu no espaço ao seu lado.

Eu fico de olho. Se está cansada, durma. Nada vai acontecer enquanto eu estiver vigiando.

— Irmão Zachariah? Se alguma coisa estranha acontecer hoje à noite, se você vir alguma coisa que achou que não fosse voltar a ver, não se assuste. Nada de mal ocorrerá.

O que quer dizer?, o Irmão Zachariah perguntou. O que você e Belial discutiram depois que saí?

No fundo da mente, seus irmãos murmuraram:

Tenha cuidado, tenha cuidado, tenha cuidado. Ah, tenha cuidado.

— Nada muito importante. Mas acho que Belial está com um pouco de medo de mim agora, e tem mesmo que estar. Ele me ofereceu algo para que eu não seja sua arqui-inimiga.

Diga o que isso significa, pediu o Irmão Zachariah.

— Mais tarde — respondeu a Irmã Emilia com firmeza. — Agora estou tão cansada que mal consigo falar.

Apesar de faminta, a Irmã Emilia estava tão cansada que não conseguia comer. Dormiria primeiro. Ela subiu no palco ao lado do Irmão Zachariah, tirou a capa e a transformou em um travesseiro. A noite ainda estava quente, e se ela sentisse frio, bem, acordaria, e ela e o Irmão Zachariah poderiam fazer a vigília juntos.

Ela torceu para que seus irmãos, agora homens feitos, fossem tão gentis e corajosos quanto este homem era. Dormiu se lembrando das brincadeiras de

luta antes de eles terem idade suficiente para treinar, rindo, tropeçando e jurando serem grandes heróis. Seus sonhos foram muito doces, apesar de ela não ter conseguido se lembrar de nada ao acordar, já de manhã.

#

Irmãos do Silêncio não dormem como os mortais, mas mesmo assim o Irmão Zachariah, ao sentar e escutar a feira deserta, teve a sensação de estar sonhando quando a noite, enfim, caiu. Irmãos do Silêncio não sonham, mas lentamente as vozes do Irmão Enoch e dos outros se dissiparam em sua mente e foram substituídas por música. Não música de feira, mas o som de um qinqin. Não deveria ter nenhum qinqin na montanha acima de Chattanooga, mas mesmo assim ele escutou. Enquanto ouvia, descobriu que não era mais o Irmão Zachariah. Era apenas Jem. E não estava sentado em um palco. Em vez disso, estava empoleirado em um telhado, e os sons, cheiros e visões ao redor eram todos familiares. Não era a Cidade do Silêncio. Não era Londres. Ele era Jem outra vez, e estava na cidade onde nasceu. Xangai.

— Jem? Estou sonhando?

E, mesmo antes de virar a cabeça, Jem soube quem estava sentado ao seu lado.

— Will? — chamou.

E era Will. Não o Will velho, cansado e desgastado como Jem o vira pela última vez, nem mesmo o Will de quando conheceram Tessa Gray. Não, esse era o Will dos primeiros anos em que viveram e treinaram juntos no Instituto de Londres. De quando fizeram o juramento e se tornaram parabatai. Pensando nisso, Jem olhou para o seu ombro, onde a marca de parabatai tinha sido feita. A pele não estava marcada. Ele percebeu que Will fazia o mesmo, ao procurar embaixo do colarinho pelo símbolo no peito.

— Como isso é possível? — quis saber Jem.

— Essa é a época em que juramos ser parabatai e passamos pelo ritual. Olha. Está vendo a cicatriz aqui? — indagou Will. Ele mostrou a Jem uma marca no pulso.

— Foi um demônio Iblis que fez — respondeu Jem. — Eu me lembro. Duas noites depois que decidimos. E foi a primeira luta que tivemos depois que resolvemos ser parabatai.

— Então esse é o nosso quando — disse Will. — Mas o que não sei é onde estamos. Ou como isso está acontecendo.

— Eu acho — falou Jem — que uma amiga fez um acordo por mim. Acho que estamos aqui juntos porque o demônio Belial tem medo dela, e ela pediu isso. Porque eu não tive coragem de pedir por mim mesmo.

— Belial! — repetiu Will. — Bem, se ele tem medo de sua amiga, espero jamais conhecê-la.

— Gostaria que a conhecesse — disse Jem. — Mas não vamos perder tempo conversando sobre pessoas pelas quais você não se interessa. Pode não saber onde estamos, mas eu sei. E receio que o tempo que nos resta não seja suficiente.

— Sempre foi assim conosco — lamentou Will. — Mas vamos agradecer por sua amiga assustadora, porque qualquer que seja o nosso tempo aqui, estamos juntos e não vejo nenhum sinal de yin fen em você, e sabemos que eu nunca fui amaldiçoado. Não importa o quanto dure, não há sombra sobre nós.

— Não há sombra — Jem concordou. — E estamos em um lugar onde sempre quis estar com você. Em Xangai, onde nasci. Você se lembra de quando conversávamos sobre viajar juntos? Eram tantos lugares que eu queria mostrar.

— Eu me lembro de como você gostava muito de um ou dois templos — retrucou Will. — Você me prometeu jardins, embora eu não saiba por que você pensa que eu me importo com eles. E tinha algo sobre algumas vistas, formações rochosas famosas ou coisas do tipo.

— Esqueça as formações rochosas — falou Jem. — Tem um restaurante de bolinhos no fim da rua e eu não como comida humana há quase um século. Vamos ver quem consegue comer mais em menos tempo. E pato! Você tem que experimentar o pato! É uma iguaria incrível.

Jem olhou para Will, contendo um sorriso. Seu amigo retribuiu o olhar, mas nenhum deles conseguiu conter a risada. Will foi o primeiro a se pronunciar:

— Nada é tão doce quanto me deliciar com os ossos dos meus inimigos.

Principalmente com você ao meu lado.

Havia uma leveza no peito de Jem que ele mesmo percebeu, finalmente, se tratar de alegria. E viu a alegria refletida no rosto de seu parabatai. O rosto da pessoa amada é o melhor espelho de todos. Ele mostra sua própria felicidade e sua própria dor, e o ajuda a suportar ambas, pois enfrentar qualquer uma delas sozinho é como ser vencido por uma correnteza.

Jem se levantou e estendeu a mão para Will. Sem perceber, ele prendeu a respiração. Talvez aquilo fosse um sonho, afinal, e, talvez quando Jem o tocasse, Will desaparecesse outra vez. Mas a mão de Will era sólida, quente e forte, e Jem o segurou com facilidade. Juntos, começaram a correr sobre as telhas.

A noite estava muito bonita e quente, e eles eram jovens.

um amor mais profundo

Fantasmas do
Mercado das Sombras

Um amor mais profundo

29 de dezembro, 1940

“Acho que primeiro”, disse Catarina, “bolo de limão. Oh limões.

Acho que sinto mais falta deles.”

Catarina Loss e Tessa Gray estavam andando por Ludgate Hill, passando apenas pela Old Bailey. Este era um jogo que às vezes jogavam - o que você come primeiro quando esta guerra acabar? De todas as coisas terríveis que estavam acontecendo, às vezes as mais comuns eram as mais profundas. A comida era racionada e as rações eram pequenas - uma onça de queijo, quatro pedaços finos de bacon e um ovo por semana. Tudo veio em pequenas quantidades. Algumas coisas simplesmente foram embora, como limões. Havia laranjas às vezes - Tessa os via no mercado de frutas e verduras -, mas eles eram apenas para crianças, que poderiam ter um para cada um. As enfermeiras foram alimentadas no hospital, mas as porções eram sempre pequenas, e nunca o suficiente para acompanhar todo o trabalho que realizavam. Tessa teve sorte de ter a força que ela tem. Não era toda a força física de um Caçador de Sombras, mas algum traço de resistência angélica permanecia dentro dela e a sustentava; ela não tinha ideia de como as enfermeiras mundanas continuavam.

"Ou uma banana", disse Catarina. "Eu nunca gostei muito delas antes, mas agora que elas se foram, eu me vejo ansiando por elas.

Esse é sempre o caminho, não é?"

Catarina Loss não se importou com comida. Ela quase não comeu nada. Mas ela estava conversando enquanto caminhavam pela rua. Isso é o que você fez - você fingiu que a vida era normal, mesmo quando a morte choveu de cima. Era o espírito de Londres. Você manteve suas rotinas o máximo que podia, mesmo que dormisse em uma estação de metrô à noite em busca de abrigo, ou voltasse para casa para encontrar a casa do vizinho ou a sua não estivesse mais lá. As empresas tentaram permanecer abertas, mesmo se todo o vidro tivesse explodido das janelas ou uma bomba tivesse atravessado o telhado. Alguns colocariam cartazes dizendo: "Mais aberto que o normal".

Você continuou. Você falou sobre bananas e limões.

A essa altura, em dezembro, Londres estava no seu pior momento. O sol se pôs logo depois das três da tarde. Por causa dos ataques aéreos, Londres estava sob ordens de blecaute todas as noites. Cortinas de blecaute bloqueavam a luz de todas as janelas.

Os postes de luz foram desligados. Carros diminuía suas luzes. As pessoas andavam pelas ruas carregando suas lanternas para encontrar o caminho através da escuridão aveludada. Toda Londres era sombra e canto e recanto, todas as ruas cegas, todas as paredes, um espaço vazio. Isso tornou a cidade misteriosa e triste.

Para Tessa, parecia que a própria Londres sofria por sua vontade, sentiu sua perda, apagou todas as luzes.

Tessa Gray não gostava particularmente do Natal este ano. Era difícil aproveitar as coisas com os alemães chovendo bombas no alto sempre que o capricho lhes servia. A Blitz, como era chamada, foi projetada para trazer terror a Londres, para forçar a cidade a ficar de joelhos. Havia bombas mortais que poderiam esmagar uma casa, deixando uma pilha de escombros onde crianças dormiam e famílias riam juntas. De manhã, viam-se paredes perdidas e o funcionamento interno das casas, expostas como uma casa de bonecas, pedaços de tecido batendo contra tijolos quebrados, brinquedos e livros espalhados em pilhas de entulho. Mais de uma vez, ela viu uma banheira pendurada ao lado do que restava de uma casa. Coisas extraordinárias aconteceriam, como a casa onde a chaminé caía, quebrando a mesa da cozinha onde uma família comia, quebrando-a, mas sem prejudicar ninguém. Os ônibus seriam virados para cima.

Escombros caíam, matando instantaneamente um membro da família, deixando o outro atordoado e ileso. Era uma questão de chance, de centímetros.

Não havia nada pior do que ficar sozinho, aquele que você amava arrancou de você.

"Você teve uma boa visita esta tarde?", Perguntou Catarina. "A geração mais jovem ainda está tentando me convencer a sair", Tessa respondeu, andando em torno de um buraco no asfalto, onde parte dele tinha sido explodido. "Eles acham que eu deveria ir para Nova York."

"Eles são seus filhos", Catarina disse gentilmente. "Eles querem o que é melhor para você. Eles não entendem."

Quando Will morreu, Tessa sabia que não havia lugar para ela entre os Caçadores das Sombras. Durante algum tempo, parecia que não havia lugar para ela em todo o mundo, com tanto de seu coração no chão frio. Então Magnus Bane levou Tessa para sua casa quando ela estava quase louca de pesar, e quando Tessa emergiu lentamente, os amigos de Magnus, Catarina Loss e Ragnor Fell, cercaram-na.

Ninguém entendeu a dor de ser imortal, exceto outro imortal. Ela só podia ser grata por eles a terem levado.

Foi Catarina quem apresentou Tessa à enfermagem quando a guerra estourou. Catarina sempre foi uma curadora: de Nephilim, de Submundanos, de humanos. Onde quer que ela fosse necessária, ela foi. Ela havia amamentado na última Grande Guerra, apenas vinte anos antes, a guerra que nunca deveria acontecer novamente. As duas pegaram um pequeno apartamento na Farrington Street, perto do London Institute e do St. Bart's Hospital. Não era tão luxuosa quanto suas casas anteriores - apenas um pequeno andar no segundo andar com um banheiro compartilhado no corredor. Foi mais fácil assim e mais aconchegante. Tessa e Catarina dividiam um pequeno quarto, pendurando um lençol no meio para a privacidade.

Muitas vezes trabalhavam à noite e dormiam durante o dia. Pelo menos os ataques eram apenas à noite agora - não mais sirenes e aviões e bombas e canhões antiaéreos ao meio-dia.

A guerra tinha causado aumento na atividade demoníaca - como todas as guerras fizeram, demônios se aproveitando do caos causado pela batalha - que estava quase sobrecarregando os Caçadores de Sombras. Embora fosse um pensamento terrível, Tessa considerava a guerra

como uma espécie de bênção pessoal. Aqui, ela poderia ser útil. Uma das coisas boas de ser enfermeira era que sempre havia algo que precisava ser feito. Sempre. A atividade constante mantinha o sofrimento à distância porque não havia tempo para pensar. Ir a Nova York, sentada em segurança, seria infernal. Não haveria nada a fazer além de pensar em sua família. Ela não sabia como fazer isso, como continuar sem idade enquanto seus descendentes cresciam mais do que ela.

Ela olhou para a grande cúpula da Catedral de São Paulo, dominando a cidade exatamente como havia feito por centenas de anos. Como se sentiu, vendo sua cidade abaixo, seu enorme filho, explodido em pedaços?

"Tessa?" Catarina disse.

"Estou bem", respondeu Tessa, acelerando o passo.

Naquele momento, um grito estourou por toda a cidade - a sirene do ataque aéreo. Momentos depois veio o zumbido. Parecia a aproximação de um exército de abelhas zangadas. A Luftwaffe estava no alto. As bombas caíam em breve.

"Eu pensei que poderíamos ser poupados por mais alguns dias", disse Catarina severamente. "Foi tão bom ter apenas dois ataques aéreos nesta semana. Suponho que até a Luftwaffe queira celebrar o feriado."

As duas aceleraram seus passos. Então veio aquele som estranho. Quando as bombas caíram, elas assobiaram. Tessa e Catarina pararam. O assobio estava logo acima deles, ao redor. O assobio não era o problema - o problema era quando ele parava. O silêncio significava que as bombas estavam a menos de trinta metros de altura. Era quando você esperava. Você seria o próximo? Onde você poderia ir quando a morte estivesse em silêncio e viesse do céu?

Houve um som estridente e um assobio à frente, e a rua foi subitamente iluminada com luz fosforescente.

"Incendiárias", disse Catarina.

Tessa e Catarina correram para a frente. As bombas incendiárias eram vasilhas que pareciam suficientemente inofensivas de perto, semelhantes a um longo frasco térmico. Quando elas atingem o chão, elas espalham fogo. Elas estavam sendo espalhadas por toda a rua pelos aviões, destacando a estrada e cuspidando chamas nos edifícios. Os guardas do fogo começaram a correr de todas as direções, amortecendo as incendiárias o mais rápido possível.

Catarina se inclinou para uma. Tessa viu um clarão azul; então a bomba se extinguiu. Tessa correu para o outro e bateu as faíscas até que um guarda de fogo derramou um balde de água sobre ela. Mas agora havia centenas por todo o caminho.

"É preciso seguir em frente", disse Catarina. "Parece ser um longo hoje à noite."

Passando londrinos derrubaram seus chapéus. Eles viram o que Tessa e Catarina queriam que eles vissem - apenas duas bravas jovens enfermeiras indo para o hospital, não dois seres imortais tentando conter uma onda interminável de sofrimento.

Do outro lado do rio Tâmisa, uma figura percorria a escuridão sob o viaduto, além de onde o normalmente florescente Mercado Borough era mantido durante o dia. Normalmente, esse lugar estava lotado de atividades e recados do mercado do dia. Hoje à noite, tudo estava mudo e quase não havia nada no chão. Cada velho repolho e pedaço de fruta machucado fora arrancado por pessoas famintas. As cortinas de blecaute, a falta de luz nas ruas e a ausência de mundanos nas ruas faziam deste canto o mau presságio de Londres. Mas a figura encapuzada andou sem hesitação, mesmo quando a sirene do ataque aéreo atravessou a noite. Seu destino estava ao virar da esquina.

Mesmo com a guerra, o Mercado das Sombras continuou, embora fosse fragmentário. Como os mundanos com seus cartões de racionamento, seus suprimentos limitados de comida, de roupa e até mesmo de água do banho, as coisas eram escassas. As bancas dos livros antigos tinham sido escolhidas. Em vez de centenas de poções e pós, apenas uma dúzia deles agraciou as mesas dos fornecedores. O brilho e o fogo não eram nada comparados com as chamas que assolavam a margem oposta, ou as máquinas que derrubavam a morte do céu, de modo que parecia pouco útil colocar luzes. As crianças ainda corriam - os jovens lobisomens, os meninos de rua e os órfãos que haviam se Transformado nos cantos escuros do blecaute e agora vagavam, buscando alimento e orientação dos pais. Um pequeno vampiro, muito jovem, arrastou-se ao lado do Irmão Zachariah, puxando sua capa para se divertir. Zachariah não o perturbou. A criança parecia solitária e suja, e se lhe agradava ir atrás de um Irmão do Silêncio, então Zachariah permitia isso.

"O que você é?", Disse o garotinho.

Uma espécie de Caçador das Sombras, o irmão Zachariah respondeu.

"Você veio nos matar? Eu ouvi que é isso o que eles fazem."

Não. Isso não é o que fazemos. Onde está sua família?

"Foi embora", disse o garotinho. "Uma bomba caiu sobre nós e meu mestre veio e me pegou."

Tinha sido muito fácil arrancar esses pequeninos dos destroços de uma casa, levá-los pela mão para algum beco escuro e transformá-los. A atividade demoníaca também estava no auge de todos os tempos. Afinal, quem poderia dizer se aquele membro rasgado era de alguém morto por uma bomba ou alguém dilacerado por um demônio? Isso fez diferença? Mundanos tinham seus próprios caminhos demoníacos.

Uma multidão de outras crianças vampiras passou correndo e o garotinho saiu correndo com elas. O céu rugiu, grosso com o som dos aviões. O irmão Zachariah ouviu o barulho do bombardeio com o ouvido de um músico. As bombas assobiaram quando caíram, mas houve aquele estranho silêncio pontuado quando se aproximaram da terra. Silêncios na música eram tão importantes quanto o som. Neste caso, os silêncios contaram muito da história que está por vir. Hoje à noite, as bombas estavam caindo do outro lado do rio como chuva - uma sinfonia trovejante com muitas notas. Essas bombas estariam caindo perto do Instituto, perto

do hospital de St. Bart, onde Tessa trabalhava. O medo por ela percorreu Zachariah, frio como o rio atravessando a cidade. Nestes dias vazios desde a morte de Will, a emoção era um visitante raro para ele, mas quando se tratava de Tessa, sentia-se sempre florescida.

"Ruim esta noite", disse uma mulher fada com pele prateada e escamada que vendia sapos de brinquedo encantados. Eles pularam em sua mesa, projetando línguas douradas. "Como um sapo?"

Ela apontou para um dos sapos de brinquedo. Ficou azul, depois vermelho, depois verde, depois virou de costas e girou, antes de se transformar numa pedra. Então explodiu em forma de sapo novamente e o ciclo continuou.

Não, obrigado, Zachariah disse.

Ele se virou para continuar se movendo, mas a mulher falou novamente.

"Ele está esperando por você", disse ela.

Quem é ele?

"Aquele que você veio se encontrar."

Durante meses, ele vinha lentamente arrastando uma série de contatos pelo mundo das fadas, tentando descobrir os Herondales perdidos que ele havia aprendido no Mercado das Sombras e no carnaval no Tennessee. Ele não veio especificamente para encontrar alguém hoje à noite - ele tinha um número de contatos que forneceu informações conforme eles chegavam. Mas alguém veio ao seu encontro.

Obrigado, ele disse educadamente. Para onde eu vou?

"The King's Head Yard", ela disse, sorrindo amplamente. Seus dentes eram pequenos e pontiagudos.

O irmão Zachariah assentiu. O King's Head Yard era um beco próximo - um ramo em forma de ferradura da Borough High Street. Foi acessado através de um arco entre os edifícios. Quando ele se aproximou, ouviu o som de aviões no alto, depois o assobio de uma carga sendo derrubada.

Nada a fazer, mas continue. Zachariah atravessou a arcada parcialmente e parou.

Eu estou aqui, ele disse para a escuridão. "Caçador de Sombras", disse uma voz.

Da curva no final do pátio, surgiu uma figura. Era uma fada, e claramente uma da corte. Ele era extremamente alto, quase humano na aparência, exceto por suas asas, que eram marrons e brancas e espalhadas, quase tocando as paredes opostas.

Eu entendo que você gostaria de falar comigo, disse o Irmão Zachariah educadamente.

A fada se aproximou, e Zachariah viu uma máscara de cobre na forma de um falcão cobrindo a metade superior de seu rosto.

"Você tem interferido", disse a fada.

Em que, precisamente? Zachariah perguntou. Ele não se moveu para trás, mas apertou ainda mais o cajado.

"Coisas que não lhe dizem respeito."

Eu tenho feito perguntas sobre uma família perdida dos Caçadores de Sombras. Isso é muito algo que me preocupa.

"Você vem para meus irmãos. Você pergunta ao Faerie."

Isso foi verdade. Desde o seu encontro com Belial no carnaval no Tennessee, o irmão Zachariah estava perseguindo muitas pistas em Faerie. Ele tinha visto, afinal, um descendente de Herondale com uma fada esposa e filho. Eles fugiram assim que os reconheceu, mas não era ele que eles temiam. Qualquer que fosse o perigo que ameaçava a perda de Herondale, Zachariah havia aprendido que era de Faerie.

"O que é que você sabe?" A fada perguntou, dando um passo à frente.

Eu aconselho você a não se aproximar.

"Você não tem ideia do perigo do que você procura. Este é o negócio das fadas. Cesse sua intromissão naquilo que afeta nossas terras e nossas terras apenas."

Eu repito, Zachariah disse calmamente, embora seu aperto no cajado fosse firme agora, peço aos Caçadores de Sombras. Isso é muito da minha conta.

"Então você faz isso por sua conta e risco."

Uma lâmina brilhou na mão da fada. Ele girou para Zachariah, que se moveu imediatamente, rolando para o chão e se aproximando da fada, golpeando seu braço e soltando a espada.

O assobio das bombas havia parado. Isso significava que elas estavam bem no alto.

Então elas caíram. Três delas bateram nas pedras na abertura da arcada e começaram a cuspir suas chamas fosforescentes. Isso distraiu a fada por um momento, e Zachariah aproveitou a oportunidade para correr para o outro lado da ferradura e sair pelo outro lado. Ele não tinha vontade de continuar esta luta, para causar problemas entre os Irmãos do Silêncio e os Faerie. Zachariah não tinha ideia do motivo pelo qual a fada se tornara tão violenta. Espero que ele simplesmente retorne de onde veio. Zachariah escorregou para a Borough High Street, desviando dos cilindros que caíam. Mas ele mal havia começado seu voo quando a fada estava atrás dele.

Zachariah girou, sua bengala pronta.

Eu não tenho desavenças com você. Vamos seguir caminhos separados.

Abaixo da máscara de falcão, os dentes da fada estavam cerrados. Ele cortou com sua espada, rasgando o ar na frente do irmão Zachariah, cortando sua capa. Zachariah saltou e girou, seu

bastão girando no ar para bater contra a espada. Enquanto lutavam, os botijões caíram cada vez mais perto, tossindo fogo. Nem se encolheu.

O irmão Zachariah tomou cuidado para não ferir a fada, apenas para bloquear o ataque. Seu propósito deve permanecer em segredo, mas a fada estava chegando com força crescente. Ele cortou para cima com sua espada, significando cortar a garganta de Zachariah - e Zachariah esmagou-a de suas mãos, lançando-a voando através da estrada.

Vamos terminar com isso. Chame isso de uma luta justa terminou. Vá embora.

A fada estava sem fôlego. O sangue escorria de uma ferida em sua têmpora.

"Como quiser", disse ele. "Mas tome meu aviso."

Ele se virou para ir embora. O irmão Zachariah afrouxou o aperto em sua equipe por um momento. A fada voltou-se, com uma pequena lâmina na mão, apontada para o coração de Zachariah. Com a velocidade dos Irmãos do Silêncio, ele se virou, mas não conseguiu se mover rápido o suficiente. A lâmina afundou em seu ombro e saiu do outro lado.

A dor. A ferida começou imediatamente a assobiar como se o ácido estivesse dissolvendo a carne de Zachariah. Dor e dormência percorreram seu braço, fazendo com que ele largasse o cajado. Ele cambaleou para trás, e a fada recuperou sua espada e avançou em direção a ele.

"Você interferiu com os Faerie pela última vez, Grigori", disse ele. "Nosso povo é nosso povo e nossos inimigos, nossos inimigos. Eles nunca serão seus!"

As incendiárias pousaram ao redor deles agora, batendo ruidosamente contra asfalto e paralelepípedos, acendendo a luz e lambendo as chamas dos edifícios. Zachariah tentou fugir, mas sua força estava desaparecendo. Ele não podia correr - só conseguia cambalear bêbado. Esta não foi uma ferida normal. Havia veneno inundando seu corpo. A fada estava vindo para ele, e ele não iria embora.

Não. Não sem ver Tessa mais uma vez.

Ele olhou para baixo e viu uma das incendiárias que havia caído

do céu. Esta não tinha detonado.

O irmão Zachariah usou sua última força para girar, balançando com a vasilha. Pequenas bombas ainda estavam caindo. Vários mais caíram nas proximidades. A vasilha voou pelo ar e atingiu a fada no peito. Ele se partiu e a fada gritou quando o ferro foi liberado.

Zachariah caiu de joelhos quando a chama de ferro queimou.

O hospital estava ressoando.

Em St. Bart, os andares superiores do hospital eram considerados inseguros demais para serem usados. A atividade era toda no nível inferior e no porão, onde médicos e enfermeiros corriam para atender os feridos e doentes. Os guardas de incêndio estavam sendo trazidos, a pele coberta de fuligem, ofegando por ar. Houve ferimentos nos ataques - as queimaduras, as quedas, as pessoas cortadas com vidro explodindo ou atingidas por escombros. Além disso, todos os negócios normais de Londres continuaram - as pessoas ainda tinham bebês e ficaram doentes e tiveram acidentes normais. Mas a guerra multiplicou incidentes. As pessoas caíram ou bateram no escuro. Houve ataques cardíacos quando as bombas caíram. Havia tantas pessoas que precisavam de ajuda.

A partir do momento em que chegaram, Catarina e Tessa correram de um lado ao outro do hospital, cuidando dos feridos quando chegavam, buscando suprimentos, carregando tigelas de água ensanguentadas, embrulhando e removendo ataduras. Sendo uma Caçadora de Sombras, Tessa poderia facilmente lidar com alguns dos aspectos mais sombrios do trabalho, como o fato de que não importa o quanto você tentasse manter seu avental limpo, você ficaria coberto de sangue e sujeira em poucos minutos. Nenhuma quantidade de lavagem saiu. Tão logo você o tiraria de seus braços do que outro paciente entraria e sua pele ficaria coberta novamente. Através de tudo isso, as enfermeiras se esforçaram para manter um ar de competência calma. Você se moveu rapidamente, mas não apressadamente. Você falou em voz alta quando precisou de ajuda, mas nunca gritou.

Tessa estava estacionada junto à porta, dirigindo os enfermeiros enquanto eles traziam uma dúzia de novos pacientes. Eles estavam trazendo grupos de guardas de incêndio agora, alguns andando feridos, outros em macas.

"Lá", disse Tessa enquanto os atendentes levavam vítimas de queimaduras. "Para a perda da irmã."

"Eu tenho uma pedindo por você, irmã", disse o enfermeiro, largando uma maca com uma figura enrolada em um cobertor cinza.

"Indo", disse Tessa. Ela correu para a maca e se abaixou. O cobertor foi puxado parcialmente sobre o rosto do homem.

"Você está bem", disse Tessa, puxando o cobertor para trás. "Você está bem agora. Você está no hospital. Você está aqui no St. Bart..."

Levou um momento para perceber o que estava vendo. As marcas em sua pele não eram todas as feridas. E seu rosto, embora coberto de fuligem e manchado de sangue, era mais familiar para ela do que o dela.

Tessa, Jem disse, o eco no fundo da cabeça dela como a lembrança de um sino tocando.

Então ele ficou mole.

"Jem!" Não poderia ser. Ela agarrou a mão dele, esperando que ela estivesse sonhando - que a guerra tinha adulterado completamente seu senso de realidade. Mas a mão esbelta e cheia de cicatrizes na dela era familiar, até mole e sem força. Este era Jem, seu Jem, vestido com as

vestes cor de osso de um Irmão do Silêncio, as marcas em seu pescoço pulsando enquanto seu coração bombeava furiosamente. Sua pele queimava sob o toque dela.

"Ele está mal", disse o enfermeiro. "Eu vou buscar o médico." "Não", disse Tessa rapidamente. "Deixe-o comigo."

Jem estava encantado, mas ele não podia ser examinado.

Nenhum médico mundano poderia fazer qualquer coisa sobre seus ferimentos, e eles ficariam chocados com suas runas, suas cicatrizes, até mesmo com seu sangue.

Ela arrancou as vestes de pergaminho. Levou apenas um momento para encontrar a fonte do trauma - uma ferida enorme em seu ombro que foi limpa. A ferida era preta com uma borda prateada, e sua túnica estava saturada de sangue até a cintura. Tessa examinou o corredor. Havia tantas pessoas que ela não podia ver Catarina imediatamente. Ela não conseguia gritar.

"Jem", ela disse em seu ouvido. "Eu estou aqui. Estou chamando ajuda."

Ela se levantou, o mais calmamente possível, e apressadamente atravessou o caos do corredor, seu coração batendo tão rápido que ela sentiu que poderia subir pela garganta e pela boca. Ela encontrou Catarina trabalhando no homem queimado, suas mãos em suas feridas. Apenas Tessa podia ver o brilho branco como a neve emanando debaixo do cobertor enquanto ela trabalhava.

"Irmã Loss", disse ela, tentando controlar sua voz. "Eu preciso de você de uma vez."

"Só um momento", disse Catarina. "Não pode esperar."

Catarina olhou por cima do ombro. Então o brilho parou. "Você deve se sentir melhor em um momento", disse ela ao homem. "Uma das outras irmãs vai acabar logo."

"Eu já me sinto melhor", disse o homem, sentindo o braço maravilhado.

Tessa apressou Catarina de volta a Jem. Catarina, vendo a expressão tensa de Tessa, não fez perguntas; Ela só se abaixou e tirou o cobertor de volta.

Ela olhou para Tessa. "Um Caçadora de Sombras?" Catarina disse em voz baixa. "Aqui?"

"Rapidamente", disse Tessa. "Ajude-me a movê-lo."

Tessa pegou o final da maca e Catarina o outro lado, e elas mudaram Jem pelo corredor. Houve outra explosão, mais perto. O prédio pulsou do impacto. As luzes se acenderam e se apagaram por um momento, causando gritos de alarme e confusão. Tessa congelou no lugar, assegurando-se de que o teto não estava prestes a descer e enterrá-los todos. Depois de um momento, as luzes voltaram e o movimento continuou.

"Vamos", disse Tessa.

Havia uma pequena sala no final do corredor que era usada para as pausas de chá e cochilos das enfermeiras, ou quando eles não podiam voltar para casa por causa dos bombardeios. Eles

colocaram a maca de Jem gentilmente no catre vazio ao lado da sala. Jem estava deitado em silêncio, suas feições ainda, sua respiração irregular. A cor estava drenando de sua pele.

"Mantenha a luz", disse Catarina. "Eu preciso examinar isso."

Tessa tirou uma luz de bruxa do bolso. Era mais seguro e confiável, mas ela só podia usá-lo em particular. Catarina pegou um par de tesouras e cortou o tecido ao redor da túnica para expor a ferida. As veias no peito de Jem e seu braço ficaram negras.

"O que é isso?" Tessa disse, sua voz tremendo. "Parece muito ruim."

"Eu não vejo isso há muito tempo", disse Catarina. "Eu acho que é um cataplasma."

"O que é isso?"

"Nada de bom", disse Catarina. "Seja paciente."

Ela deve estar com raiva, Tessa pensou. Seja paciente? Como ela poderia ser paciente? Este era Jem, não um paciente sem nome sob um cobertor cinza.

Mas todo paciente sem nome era precioso para alguém. Ela se forçou a respirar mais profundamente.

"Pegue a mão dele", disse Catarina. "Vai funcionar melhor se você fizer isso. Pense nele, quem ele é para você. Dê a ele sua força."

Tessa tinha praticado uma pequena quantidade de magia de feiticeiro antes, embora ela não estivesse avançada. Enquanto Catarina observava, Tessa pegou a mão esbelta de Jem. Ela enrolou os dedos ao redor dele, os dedos de seu violinista, lembrando-se do cuidado com que ele havia brincado. O tempo que ele compusera para ela. Sua voz ecoou em seu coração.

As pessoas ainda usam a expressão "zhi yin" para dizer "amigos próximos" ou "almas gêmeas", mas o que isso realmente significa é "entender a música". Quando eu toquei, você viu o que eu vi. Você entende minha música.

Tessa sentiu o cheiro de açúcar queimado. Ela sentiu os lábios de Jem quentes contra os dela, o tapete embaixo deles, os braços dele segurando-a contra o coração dele. Oh, meu Jem.

Seu corpo subiu contra a maca, arqueando as costas. Ele engasgou, e o som enviou um choque através de Tessa. Jem ficou em silêncio por tanto tempo.

"Você pode nos ouvir?", Perguntou Catarina.

Eu - posso, veio a resposta hesitante na mente de Tessa. "Você precisa dos Irmãos do Silêncio", disse Catarina.

Não posso ir aos meus irmãos com isso.

“Se você não for até eles, vai morrer”, disse Catarina. As palavras atingiram Tessa como um golpe.

Não é possível eu ir para a Cidade dos Ossos assim. Eu vim aqui esperando que você possa ajudar.

"Não é hora de orgulho", disse Catarina severamente.

Não é orgulho, disse Jem. Tessa sabia que isso era verdade; ele era a pessoa menos orgulhosa que ela já conheceria.

"Jem!" Tessa implorou. "Você deve ir!"

Catarina começou. "Este é James Carstairs?", ela perguntou. É claro que Catarina sabia o nome dos parabatai de Will

Herondale, embora nunca o conhecesse. Ela não entendia tudo o que havia passado entre Tessa e Jem. Ela não sabia que eles tinham sido comprometidos para se casar. Que antes de haver uma Tessa e Will, havia uma Tessa e Jem. Tessa não falou dessas coisas por causa de Will, e depois por causa da ausência de Will.

Eu vim aqui porque é o único lugar onde posso ir, disse Jem.

Falar a verdade aos Irmãos seria pôr em perigo outra vida que a minha. Eu não vou fazer isso.

Tessa olhou para Catarina em desespero. "Ele quer dizer isso", disse ela. "Ele nunca buscará ajuda se isso significar que outra pessoa será ferida. Catarina - ele não pode morrer. Ele não pode morrer."

Catarina respirou fundo e abriu a porta para espiar o corredor. "Vamos precisar levá-lo de volta ao apartamento", disse ela. "Eu não posso trabalhar nele aqui. Eu não tenho o que preciso. Receba nossas capas. Precisamos nos mover rapidamente."

Tessa agarrou a maca de Jem. Ela entendeu as complicações envolvidas. Elas eram enfermeiros, encarregados de muitas pessoas doentes que estavam entrando durante o ataque. A cidade estava sendo bombardeada. Estava em chamas. Chegar em casa não era uma questão simples.

Mas era o que eles iam fazer.

A cidade em que eles voltaram não era a mesma que havia sido apenas uma hora antes. O ar estava tão quente que a respiração queimava os pulmões. Uma parede alta de laranja saltou dos prédios ao redor deles, e a silhueta de St. Paul's se destacou em intenso alívio. A cena era ao mesmo tempo aterrorizante e quase bela, como uma imagem de sonho de Blake, um poeta que seu filho James sempre amou. Em que asas ousar ele aspirar? Que mão, ousa pegar o fogo?

Mas não houve tempo para pensar em coisas como a queima de Londres. Havia duas ambulâncias logo na rua. Ao lado de um deles, um motorista estava fumando um cigarro e conversando com um guarda de incêndio.

"Charlie!" Catarina chamou.

O homem jogou o cigarro de lado e veio correndo. "Precisamos da sua ajuda", disse ela. "Este homem tem uma infecção. Nós não podemos mantê-lo na ala aqui."

"Você precisa de mim para levá-lo para St. Thomas, irmã? As coisas serão difíceis. Nós temos incêndios em quase todas as ruas."

"Não podemos ir tão longe", disse Catarina. "Temos que movê-lo rapidamente. Nosso apartamento fica na rua Farrington. Isso terá que bastar por agora."

"Tudo bem, irmã. Vamos pegá-lo na ambulância."

Ele abriu as costas e ajudou-os a levar Jem para dentro. "Volto em um momento", disse Catarina a eles. "Eu só preciso pegar alguns suprimentos."

Ela correu de volta para o hospital. Tessa subiu nas costas com Jem, e Charlie entrou no banco do motorista.

"Normalmente, não levo os pacientes para os apartamentos das enfermeiras", disse Charlie, "mas é preciso quando o diabo dirige. A Irmã Loss sempre cuida deles. Quando minha Mabel estava tendo nosso segundo, ela teve um feitiço terrível. Eu pensei que nós íamos perder os dois. Irmã Loss, abençoe ela. Ela salvou os dois. Eu não teria Mabel ou meu Eddie sem eles. Tudo o que ela precisa."

Tessa tinha ouvido muitas histórias como essa. Catarina era uma feiticeira e uma enfermeira mundana com mais de cem anos de experiência. Ela havia amamentado na última grande guerra.

Soldados antigos sempre vinham até ela e diziam como ela era "a imagem da enfermeira que me salvou no último". Mas, claro, ela não podia estar. Isso foi há vinte anos atrás, e Catarina ainda era tão jovem. Catarina se destacou por causa de sua pele escura. Eles não viram uma mulher azul com cabelos brancos - viram uma enfermeira das Índias Ocidentais. Ela havia enfrentado considerável preconceito, mas ficou claro que não só Catarina era uma boa enfermeira, ela era a melhor enfermeira de toda Londres. Qualquer um que tenha Catarina como enfermeira foi considerado sortudo. Até o fanático mais miserável desejava viver, e Catarina cuidou de todos que a procuravam com equanimidade. Ela não podia salvá-los todos, mas havia sempre alguns, pelo menos um por dia, que sobreviveram a algo não-sustentável porque a Irmã Loss era a pessoa ao seu lado.

Alguns a chamavam de Anjo de St Bart. Jem se mexeu e gemeu levemente.

"Não se preocupe, cara", Charlie chamou de volta para ele. "As melhores enfermeiras da cidade, esse lote. Você não poderia estar em mãos mais seguras."

Jem tentou sorrir - mas ao invés disso ele tossiu, uma tosse ruim e borbulhante que veio com um fio de sangue do lado de sua boca.

Tessa imediatamente limpou com a ponta do manto e se inclinou para perto dele.

"Você espera, James Carstairs", disse ela, tentando soar corajosa. Ela agarrou a mão dele na dela. Ela tinha esquecido como era maravilhoso segurar a mão de Jem - suas mãos longas e graciosas, aquelas que poderiam produzir uma música tão linda do violino.

"Jem", ela sussurrou, inclinando-se baixo, "você deve segurar.

Você deve. Will precisa que você segure. Eu preciso que você segure."

A mão de Jem apertou a dela.

Catarina saiu correndo do hospital carregando uma pequena sacola de lona. Ela pulou na parte de trás da ambulância, batendo as portas atrás dela e tirando Tessa de volta.

"Vá, Charlie", disse ela.

Charlie colocou a ambulância em marcha e eles começaram a avançar. No alto, o zumbido da Luftwaffe estava de volta, como o zumbido de um exército de abelhas. Catarina imediatamente correu ao lado de Jem e passou uma bandagem para Tessa para relaxar.

A ambulância tremeu e Jem foi sacudido em sua maca. Tessa se apoiou sobre ele para mantê-lo no lugar.

"Catarina", disse Tessa, "o que é isso? O que aconteceu com ele?"

"Parece-me um cataplasma", disse Catarina em voz baixa. "É uma rara belladonna concentrada com veneno de demônio adicionado. Até que eu consiga o antídoto, nós precisamos tentar evitar que ele se espalhe em sua corrente sanguínea, ou pelo menos diminua a velocidade. Vamos amarrar alguns torniquetes, começar a cortar o fluxo de sangue."

Isso soou incrivelmente perigoso. Ao amarrar os membros, eles poderiam estar arriscando sua perda. Mas Catarina sabia o que estava fazendo.

"Isso não será confortável", disse Catarina, desenrolando uma bandagem, "mas vai ajudar. Segura ele."

Tessa pressionou seu corpo em Jem um pouco mais quando Catarina enrolou a bandagem em volta do braço e do ombro machucados. Ela fez um nó, depois pegou as pontas das ataduras e apertou. Jem arqueou contra o peito de Tessa.

"Você está bem, Jem", disse ela. "Você está bem. Está aqui.

Estou aqui. Sou eu. Tessa. Sou eu."

Tessa, ele disse. A palavra saiu como uma pergunta. Ele se contorceu quando Catarina enrolou a bandagem firmemente ao redor do ombro e do braço. Um mundano não teria sido capaz de resistir a isso; Jem mal conseguia. O suor estourou em todo o rosto.

"Vai ser difícil, irmãs", Charlie ligou de volta. "Eles estão tentando incendiar St. Paul's, os bastardos. Eu vou ter que percorrer o longo caminho. É fogo em todos os lugares."

Charlie não exagerou. Na frente deles havia uma visão de laranja sólida contra as silhuetas negras de edifícios em chamas. Os incêndios eram tão altos que era como se houvesse um sol saindo da terra, arrastando o dia para fora do chão. Enquanto seguiam, era como se estivessem pressionando em uma parede sólida de calor. O vento acelerou e agora o fogo encontrava fogo, criando paredes em vez de bolsos. O ar brilhava e cozinava. Várias vezes eles recusaram ruas que já não pareciam mais estar lá.

"Também não é bom assim", disse Charlie, virando a ambulância novamente. "Eu vou ter que tentar de outra maneira."

Então veio o agudo assobio no ar. Desta vez, o tom foi diferente.

Estas não eram as bombas incendiárias - eram os grandes explosivos. Depois dos incêndios, a ideia era matar. Charlie parou a ambulância e esticou a cabeça para ver onde a bomba poderia pousar. Eles todos congelaram, ouvindo o apito ficar quieto. O silêncio significava que a bomba estava a menos de trinta metros acima de você e vindo depressa.

Foi um longo momento. Então veio. O impacto foi no outro extremo da rua, enviando a onda de choque pela estrada e um jato de escombros no ar. Charlie começou novamente.

"Bastardos", disse ele em voz baixa. "Malditos bastardos. Vocês estão bem aí, irmãs?"

"Estamos bem", disse Catarina. Ela tinha as duas mãos no ombro de Jem, e havia um brilho azul baixo ao redor das ataduras. Ela estava segurando de volta, o que quer que fosse que estava passando pelo corpo de Jem.

Eles tinham acabado de fazer outra curva quando houve outro apito e outro silêncio. Eles pararam de novo. O impacto foi para a direita desta vez, na esquina. A ambulância balançou quando a esquina de um prédio foi destruída. O chão tremeu. Charlie virou a ambulância para longe dela.

"Não vai passar por este caminho", disse ele. "Eu vou tentar Shoe Lane."

A ambulância se virou mais uma vez. Na maca, Jem havia parado de se mover. Tessa não sabia se o calor pulsante vinha do ar ou do corpo de Jem. Havia fogo nos dois lados da rua aqui, mas o caminho parecia quase claro para passar. Havia dois guardas de incêndio na estrada, atirando água em um armazém em chamas. De repente, houve um rangido. O fogo começou a percorrer a estrada.

"Caramba", disse Charlie. "Aguentem firme, irmãs."

A ambulância parou em marcha a ré e começou a acelerar para o beco. Tessa ouviu um barulho crepitante - estranho, quase alegre - um grande tilintar. Então, de repente, os tijolos do prédio explodiram e o prédio caiu em uma massa de fogo e entulho, as chamas explodindo em um poderoso rugido. Os homens com a mangueira desapareceram.

"Deus todo-poderoso", disse Charlie, parando a ambulância. Ele pulou do banco do motorista e começou a correr para os homens, dois dos quais estavam saindo das chamas. Catarina olhou para cima e para fora do pára-brisa.

"Aqueles homens", disse ela. "O prédio desceu sobre eles."

Você deve ajudá-los, Jem disse.

Catarina olhou entre Jem e Tessa por um momento. Tessa se sentiu cheia de uma ansiedade insuportável. Ela tinha que colocar Jem em segurança, e ainda, na frente deles, homens estavam sendo consumidos em chamas.

"Vou ser rápida", disse Catarina, e Tessa assentiu. Sozinha na ambulância, Tessa olhou para Jem.

Se eles precisam de você, então você deve ir, Jem disse.

"Eles precisam de Catarina", disse Tessa. "Você precisa de mim e eu preciso de você. Eu não vou te deixar. Não importa o que aconteça, não deixo você."

A ambulância estava esquentando como um forno, presa entre vários incêndios. Não havia água para esfriar a testa de Jem, então Tessa enxugou e abanou com a mão.

Depois de um minuto, Catarina abriu a parte de trás da ambulância. Ela estava coberta de fuligem e água.

"Eu fiz o que pude", disse ela. "Eles viverão agora, desde que cheguem ao hospital. Charlie terá que pegar a ambulância."

Seus olhos refletiam sua dor.

Sim, Jem disse. De alguma forma, ele encontrou força suficiente para se levantar nos cotovelos. Você deve levá-los para a segurança. Eu sou um Caçador de Sombras. Eu sou mais forte que esses homens.

Ele sempre foi forte. Não foi porque ele era um Caçador das Sombras. Era porque ele tinha uma vontade feroz como a luz das estrelas, queimando na escuridão e se recusando a ser apagada.

Charlie trouxe os guardas de incêndio feridos, carregando um por cima do ombro.

"Vocês vão ficar bem, irmãs?", Ele disse. "Você pode voltar comigo?"

"Não", disse Catarina, subindo para ajudar Tessa a levantar Jem. Tessa se colocou sob o ombro ferido de Jem. Ele estremeceu com o movimento. Estava claro que Jem não podia andar, mas decidiu que ele faria isso de qualquer maneira. Ele colocou seu corpo em uma posição de pé

por pura vontade. Catarina se apressou para apoiá-lo de um lado, e Tessa pegou a outra, dando sua força total para apoiá-lo completamente. Era estranho sentir o corpo de Jem contra o dela depois de tanto tempo. Eles saíram da pista e voltaram para a estrada.

Linda noite para uma caminhada, Jem disse, claramente tentando animá-la. Ele estava suando todo e não conseguia mais levantar a cabeça. Suas pernas ficaram moles. Ele era como uma marionete com as cordas soltas.

O caminho que Charlie tinha conduzido os levou além de onde eles moravam, então eles tiveram que retroceder pela pista. Os edifícios ao redor também estavam em chamas, mas o fogo ainda estava contido lá dentro. Tessa estava coberta de suor e a temperatura estava cozinhando. O ar estava inchado de calor e cada bocado de ar queimava pela garganta. Foi como quando ela aprendeu a mudar a si mesma: a dor estranha e estranha.

A rua estava se estreitando agora ao ponto em que mal conseguia andar de três em dois. Os lados de Catarina e Tessa raspavam as paredes quentes. Os pés de Jem agora se arrastavam pelo chão, não conseguindo mais dar passos. Quando eles emergiram na Fleet Street, Tessa ofegou no ar relativamente frio. O suor no rosto dela ficou gelado por um momento.

"Venha", disse Catarina, levando-os em direção a um banco.

"Vamos pegá-lo por um momento."

Eles descansaram cautelosamente Jem no banco vazio. Sua pele estava escorregadia de suor. A ferida encharcara sua túnica. Catarina abriu a camisa para expor seu peito e esfriar ele, e Tessa podia ver as runas dos Irmãos do Silêncio em sua pele e suas veias latejando em sua garganta.

"Não sei quanto mais podemos conquistá-lo neste estado", disse Catarina. "O esforço é demais".

Uma vez no banco, os membros de Jem começaram a se sacudir e se contorcer enquanto o veneno se movia por seu corpo mais uma vez. Catarina pôs-se a trabalhar nele de novo, pondo as mãos na ferida. Tessa examinou a estrada. Ela percebeu uma grande sombra vindo em sua direção, com duas luzes ofuscadas como olhos fortemente fechados.

Um ônibus. Um grande ônibus vermelho de dois andares em Londres percorria a noite toda, porque nada impedia os ônibus de Londres, nem mesmo uma guerra. Eles não estavam em uma parada, mas Tessa pulou na estrada e acenou para baixo. O motorista abriu a porta e gritou.

"Vocês, irmãs, estão bem?", Ele disse. "Seu amigo, e não parece tão bom."

"Ele está ferido", disse Catarina.

"Então vocês entram, irmãs," o motorista disse, fechando a porta depois que eles fizeram isso, arrastando Jem entre eles. "Você tem a melhor ambulância particular de Londres ao seu serviço. Você quer ir para o St. Bart?"

"Nós viemos de lá. Está cheio. Estamos levando-o para casa para cuidar dele e precisamos ir rapidamente."

"Então me dê o endereço e é para onde iremos."

Catarina gritou seu endereço pelo som de outra explosão, um pouco mais distante, e eles colocaram Jem em um assento. Ficou instantaneamente claro que ele não seria capaz de se manter sentado, já que estava exausto demais do esforço de tentar andar. Eles o apoiaram no amplo piso do ônibus e sentaram ao lado dele em ambos os lados.

Apenas em Londres, Jem disse, sorrindo fracamente, um ônibus continuaria fazendo suas rondas durante um bombardeio maciço.

"Mantenha a calma e continue", disse Catarina, sentindo o pulso de Jem. "Lá agora. Nós estaremos no apartamento em um momento."

Tessa podia dizer pelo jeito que Catarina estava se tornando cada vez mais esperta que as coisas estavam piorando rapidamente.

O ônibus não poderia ir em alta velocidade - ainda era um ônibus de Londres em uma noite escura durante um ataque aéreo - mas estava indo mais rápido do que qualquer ônibus que ela já havia encontrado. Tessa não tinha ilusões sobre a segurança do ônibus.

Ela tinha visto um desses capotamentos completamente depois de um golpe, deitado na estrada como um elefante nas costas. Mas eles estavam se movendo, e Jem estava descansando no chão, de olhos fechados. Tessa olhou para os anúncios nas paredes - imagens felizes de pessoas usando molho Bisto ao lado de cartazes dizendo às pessoas para tirar seus filhos de Londres por segurança.

Londres não desistiria e Tessa também não.

Eles tiveram outra boa sorte no apartamento. Tessa e Catarina moravam no andar de cima de uma pequena casa. Aparentemente, os vizinhos tinham ido para os abrigos, de modo que não havia mais ninguém na casa para vê-los arrastando um homem ensanguentado pelos degraus.

"O banheiro", disse Catarina ao colocar Jem no chão escuro. "Encha a banheira com água. Muita. Fria. Eu vou pegar meus suprimentos."

Tessa correu para o banheiro no corredor, rezando para que a água não tivesse sido interrompida pelo bombardeio. Alívio tomou conta dela enquanto a água escorria da torneira. Elas só foram autorizadas a ter cinco centímetros no banho, que foi reforçado por uma linha pintada em torno do interior da banheira. Tessa ignorou isso. Ela abriu a janela largamente. Havia algum ar frio vindo da direção longe dos incêndios. Ela correu pelo corredor. Catarina havia retirado a túnica de Jem, deixando o peito nu. Ela havia tirado as ataduras, e a ferida estava exposta e irritada, as marcas negras traçando suas veias mais uma vez.

"Fique com o outro lado", disse Catarina. Juntas, elas levantaram Jem. Ele era um peso morto enquanto o manobravam pelo corredor e o colocavam cuidadosamente na banheira. Catarina posicionou-o de modo que o braço e o ombro feridos se estendessem para o lado, depois

enfiou a mão no bolso do avental e retirou dois frascos. Ela despejou o conteúdo de um na água, transformando-o em azul claro. Tessa sabia melhor do que perguntar se Catarina achava que ele iria sobreviver. Ele iria sobreviver, porque elas teriam certeza disso. Além disso, você não fez esse tipo de pergunta se estivesse preocupado com as respostas.

“Continue limpando-o”, disse Catarina. “Precisamos mantê-lo legal.”

Tessa se ajoelhou e encharcou a esponja, depois correu a água azulada sobre a cabeça e o peito de Jem. Cheirava a uma estranha combinação de enxofre e jasmim, e parecia diminuir sua temperatura. Catarina esfregou o conteúdo do outro frasco em suas mãos e começou a trabalhar na ferida e no braço e no peito, massageando a escuridão que se espalhava em direção à abertura. A cabeça de Jem se inclinou para trás, sua respiração áspera. Tessa limpou a testa, tranquilizando-o o tempo todo.

Eles fizeram isso por uma hora. Tessa logo esqueceu o som das bombas do lado de fora, ou a fumaça ou escombros que se acumulavam. Tudo era o movimento da água e da esponja, a pele de Jem, o rosto dele torcido de dor, depois ficando imóvel e frouxo.

Tanto Catarina quanto Tessa estavam encharcadas, e havia água se acumulando no chão ao redor delas.

Will, Jem disse, e a voz na cabeça de Tessa estava perdida, mas buscando. Will, é você?

Tessa lutou contra o nó na garganta quando Jem sorriu para o nada. Se ele viu Will, deixe-o ver Will. Talvez o Will estivesse aqui, afinal, veio ajudar o seu parabatai.

Will, pensou Tessa, se você está aqui, você deve ajudar. Eu não posso perdê-lo também, Will. Juntos, vamos salvá-lo.

Talvez ela tenha imaginado, mas Tessa sentiu algo guiando seu braço enquanto trabalhava. Ela era mais forte agora.

Jem subitamente cambaleou na água e saiu meio da banheira, as costas arqueando-se em uma forma que não deveria ter sido possível e mandando sua cabeça para baixo.

“Agarre-o”, disse Catarina. “Não deixe que ele se machuque!”

Este é o pior de tudo!”

Juntas, e com qualquer força que estivesse ajudando Tessa, elas agarraram Jem enquanto ele se contorcia e gritava. Porque ele estava molhado, eles tiveram que se envolver em torno de seus membros para tentar impedi-lo de se debater, de bater sua cabeça contra os azulejos. Ele derrubou Catarina, e ela caiu no chão e bateu com a cabeça na parede, mas ela voltou e colocou os braços em volta do peito dele novamente. Os gritos de Jem misturaram-se com o caos da noite - a água espirrou e a fumaça soprou. Jem implorou por yin fen. Ele chutou com tanta força que Tessa foi jogada de volta contra a pia.

Então, de repente, ele parou de se mover completamente e caiu de volta na banheira. Ele parecia sem vida. Tessa rastejou de volta pelo chão molhado e estendeu a mão para ele.

“Jem? Catarina...”

"Ele está vivo", disse Catarina, com o peito arfando ao recuperar o fôlego. Ela tinha os dedos no pulso dele. "Fizemos tudo o que podemos fazer aqui. Vamos levá-lo para a cama. Nós saberemos em breve."

O All Clear apareceu em Londres logo após as onze, mas não havia nada claro ou seguro. A Luftwaffe pode ter voltado para casa e as bombas podem ter parado de cair por algumas horas, mas os incêndios só aumentaram. O vento alimentou e impulsionou-os. O ar estava cheio de fuligem e restos de escombros e Londres brilhava.

Eles tinham movido Jem para o pequeno quarto. O resto de sua roupa molhada teve que ser removida. Tessa havia se vestido e despido inúmeros homens neste momento, e Jem era um Irmão do Silêncio, para quem a intimidade era impossível. Talvez ela devesse ter conseguido fazê-lo com profissionalismo calmo, mas não podia ser enfermeira com Jem. Ela pensou uma vez que o veria, que eles se veriam nus em sua noite de núpcias. Isso era muito íntimo e estranho

- não era assim que Jem queria que Tessa o visse, assim, pela primeira vez. Então ela deixou a tarefa para Catarina, a enfermeira, que conseguiu rapidamente e secou Jem. Elas o colocaram na cama e o envolveram com todos os cobertores no apartamento. As roupas eram fáceis de secar - elas penduravam da janela para o ar quente das fogueiras. Então Catarina entrou na sala de estar, deixando Tessa para ficar com Jem e segurar sua mão. Era tão estranho estar de novo nessa posição de estar ao lado da cama do homem que ela amava, esperando, esperando. Jem foi Jem. Exatamente como ele tinha sido todos aqueles anos atrás, exceto pelas marcas dos Irmãos do Silêncio. Ele era Jem, o garoto do violino. O Jem dela. A idade não o consumiu, como o seu Will, mas ele poderia ser levado dela mesmo assim.

Tessa alcançou seu pingente de jade, escondido sob o colarinho. Ela sentou-se e esperou e ouviu o rugido e o gemido do lado de fora enquanto segurava a mão dele.

Eu estou aqui, James, ela disse em sua mente. Eu estou aqui e sempre estarei aqui.

Tessa apenas soltou a mão de Jem para ocasionalmente ir até a janela para se certificar de que o fogo não chegasse perto demais.

Havia um halo de laranja ao redor. Os fogos estavam a poucas ruas de distância. Era estranhamente lindo, esse terrível incêndio. A cidade estava queimando; centenas de anos de história, vigas e livros antigos estavam acesos.

"Eles querem nos queimar dessa vez", disse Catarina, aproximando-se de sua amiga. Tessa não a ouviu entrar. "Este anel de fogo, gira em torno de St. Paul's. Eles querem que a catedral queime. Eles querem quebrar nossos espíritos."

"Bem", disse Tessa, fechando a cortina, "eles não terão sucesso."

"Por que não vamos fazer uma xícara de chá?", Disse Catarina. "Ele vai dormir por algum tempo."

"Não. Eu preciso estar aqui quando ele acordar." Catarina olhou para o rosto da amiga.

"Ele significa muito para você", disse ela.

"Jem - irmão Zachariah - e eu sempre fomos próximos." "Você o ama", disse Catarina. não foi uma pergunta.

Tessa apertou um punhado de cortina em seu punho. Elas ficaram em silêncio por um momento. Catarina esfregou o braço da amiga consoladora.

"Eu vou fazer o chá", disse ela. "Eu vou mesmo deixar você ter os últimos biscoitos na lata."

Biscoitos?

Tessa girou ao redor. Jem estava sentado. Ela e Catarina se apressaram para ele. Catarina começou a checar seu pulso, sua pele. Tessa olhou para o rosto dele, seu rosto querido e familiar. Jem estava de volta; ele estava aqui.

O Jem dela.

"Está curando", disse Catarina. "Você precisa descansar, mas vai viver. Foi uma fuga estreita, no entanto."

É por isso que vim às melhores enfermeiras de Londres, Jem disse.

"Talvez você possa explicar a ferida que você tem", disse Catarina. "Eu sei de onde vem. Por que você foi atacado com uma arma das fadas?"

Eu estava procurando informações, Jem disse, mudando-se dolorosamente para se sentar um pouco mais alto. Minhas consultas não foram apreciadas.

"Claramente, se você fosse atacado com um cataplasma. Isso é destinado a matar. Não ferir. Geralmente não é sobrevivente. Suas marcações do Irmão do Silêncio deram a você alguma proteção, mas..."

Catarina sentiu seu pulso novamente.

Mas? Jem disse curiosamente.

"Eu não acreditei que você conseguiria passar a noite", ela disse simplesmente.

Tessa piscou. Ela sabia que era sério, mas do jeito que Catarina disse, bateu nela fisicamente.

"Talvez você devesse evitar fazer essas perguntas novamente", disse Catarina, colocando o cobertor de volta sobre Jem. "Eu vou fazer o chá."

Ela saiu do quarto em silêncio, fechando a porta atrás dela, deixando Tessa e Jem juntos na escuridão.

O ataque parece pior do que qualquer outro antes desta noite, Jem finalmente disse. Às vezes eu acho que os mundanos vão fazer mais mal um ao outro do que qualquer demônio poderia fazer com eles.

Tessa sentiu uma onda de emoção passar por ela - tudo da noite explodiu para a superfície, e ela afundou a cabeça na lateral da cama de Jem e chorou. Jem sentou-se e puxou-a para perto, e ela descansou a cabeça em seu peito, agora quente, seu coração batendo forte.

"Você pode ter morrido", disse Tessa. "Eu poderia ter perdido você também."

Tessa, ele disse, Tessa, sou eu. Eu estou aqui. Eu não fui embora.

"Jem", ela finalmente disse. "Onde você esteve? Faz tanto tempo desde então..."

Ela se levantou e esfregou as lágrimas de suas bochechas. Ela ainda não podia dizer as palavras Desde que Will morreu. Desde aquele dia, ela se sentou ao lado dele na cama e ele gentilmente adormeceu e nunca mais acordou. Jem estava lá, claro, mas nos últimos três anos ela o viu cada vez menos. Eles ainda se encontravam na ponte Blackfriars, mas fora isso ele ficou longe.

Eu achei melhor ficar longe de você. Eu sou um Irmão do Silêncio, ele disse, e sua voz em sua cabeça estava quieta. Eu não tenho uso para você.

"O que você quer dizer?" Tessa perguntou impotente. "É sempre melhor para mim estar com você."

Sendo o que eu sou, como posso confortar você? Perguntou Jem.

"Se você não pode", disse Tessa, "não há ninguém neste mundo que possa".

Ela sabia disso sempre. Magnus e Catarina tentaram falar com ela com tato sobre vidas imortais e outros amores, mas se ela vivesse até o sol morrer, nunca haveria outro para ela além de Will e Jem, aquelas duas almas gêmeas, as únicas almas que ela tinha. Que sempre amou.

Eu não sei que conforto uma criatura como eu poderia trazer, disse Jem. Se eu pudesse morrer para trazê-lo de volta, eu o faria, mas ele se foi e, com sua perda, o mundo parece ainda mais perdido para mim. Eu luto por cada gota de emoção que eu tenho, mas ao mesmo tempo, Tessa, eu não posso te ver sozinha e não querer estar com você. Eu não sou o que eu era. Eu não queria te causar mais dor.

"O mundo inteiro parece ter enlouquecido", disse ela, com lágrimas nos olhos. "Will se foi de mim e você se foi de mim, ou assim eu pensei por muito tempo. E ainda hoje à noite, percebi, eu ainda poderia te perder, Jem. Eu poderia perder a esperança, a pequena esperança da possibilidade de que algum dia..."

As palavras pairaram no ar. Eram palavras que nunca falavam um com o outro em voz alta, não antes de Will morrer e não depois. Ela tinha aceitado a parte de seu coração que amava Jem descontroladamente, violentamente, e trancou em uma caixa: ela tinha amado Will, e Jem tinha sido seu melhor amigo, e eles nunca, nunca falaram sobre o que poderia acontecer se ele fosse não mais um Irmão do Silêncio. Se de alguma forma a maldição desse destino frio

poderia ser levantada. Se seu silêncio se foi, e ele se tornou humano novamente, capaz de viver, respirar e sentir. Então o que? O que eles fariam?

Eu sei o que você está pensando. Sua voz em sua mente era suave. Sua pele sob suas mãos estava tão quente. Ela sabia que era febre, mas disse a si mesma que não era. Ela ergueu o rosto e olhou para ele, as runas cruéis fechando seus amados olhos para sempre, os planos inalterados de seu semblante. Eu também penso nisso. E se acabar? E se fosse possível para nós? Um futuro? O que nós faríamos?

"Eu aproveitaria esse futuro", disse ela. "Eu iria com você em qualquer lugar. Mesmo que o mundo estivesse queimando, se os Irmãos do Silêncio nos caçassem até os confins da terra, eu ficaria feliz se estivesse com você."

Ela não conseguia ouvi-lo em sua cabeça, mas ela podia senti-lo: a borda de uma confusão de emoções, seu desejo agora tão desesperado como tinha sido quando eles caíram juntos no tapete da sala de música, a noite que ela tinha implorado que ele se casasse com ela o mais rápido possível.

Ele a pegou em seus braços. Ele era um Irmão do Silêncio, um Grigori, um Vigia, quase humano. E ainda assim ele se sentia humano o suficiente - seu peito magro quente contra a pele dela enquanto ela inclinava o rosto para cima. Seus lábios encontraram os dela, suave e tão doce que a fez doer. Foram muitos, muitos anos, mas isso ainda era o mesmo.

Quase o mesmo. Eu não sou o que eu era.

Quase o fogo das noites perdidas, o som de sua música apaixonada em seus ouvidos. Ela colocou os braços ao redor de seus ombros magros e se agarrou a ele ferozmente. Ela poderia amar o suficiente para os dois. Qualquer parte de Jem era melhor que todos os outros homens vivos.

As mãos de seu músico envolveram o rosto, os cabelos, os ombros, como se ele estivesse aproveitando uma última chance de memorizar o que nunca mais poderia tocar. Mesmo quando ela o beijou e insistiu desesperadamente para si mesma que era possível, ela sabia que não era.

Tessa, ele disse. Mesmo quando não posso ver, você é tão bonita.

Então ele agarrou seus ombros em suas belas mãos e gentilmente a afastou dele.

Desculpe, minha querida, ele disse a ela. Isso não foi justo comigo ou bem feito. Quando estou com você, quero esquecer o que sou, mas não posso mudar isso. Um Irmão do Silêncio não pode ter esposa, nem amor.

O coração de Tessa estava batendo forte, sua pele ardendo como os fogos por toda Londres. Ela não sentia desejo assim desde Will. Ela sabia que nunca sentiria isso por mais ninguém; apenas Will ou Jem. "Não se afaste de mim", ela sussurrou. "Não pare de falar comigo. Não recue para o silêncio. Você vai me dizer como se machucou?", perguntou ela, segurando a mão dele. Ele desenhcou contra seu coração. Ela podia sentir isso martelando através de suas costelas. "Por favor. Jem, o que você estava fazendo?"

Jem suspirou.

Eu estava procurando Herondales perdidos, ele disse. "Herondales perdidos?"

Era Catarina, que estava na porta do quarto, segurando uma bandeja com duas xícaras de chá. A bandeja sacudiu em suas mãos, tão abalada quanto Tessa se sentia. Ela nem havia pensado na presença de Catarina.

Catarina firmou o aperto e rapidamente colocou a bandeja na cômoda. A sobancelha de Jem se arqueou.

Sim, Jem disse. Você sabe algo sobre eles?

Catarina ainda estava visivelmente abalada. Ela não respondeu. "Catarina?" Tessa perguntou.

"Você já ouviu falar de Tobias Herondale", disse ela.

Claro, Jem respondeu. Sua história é infame. Ele fugiu de uma batalha e seus companheiros Caçadores de Sombras foram mortos. "Essa é a história", disse Catarina. "A realidade era que Tobias estava sob um feitiço, levado a acreditar que sua esposa e feto estavam em perigo. Ele correu para ajudá-los. Seu medo era por sua segurança, mas, no entanto, ele quebrou a lei. Quando ele não pôde ser encontrado, a Clave puniu a esposa de Tobias em seu lugar. Eles a mataram, mas não antes de eu ajudá-la a dar à luz a criança. Eu a encantei para que parecesse que ela ainda estava grávida quando foi executada. Na verdade, ela teve um filho. Seu nome era Efram.

Ela suspirou e encostou-se na parede, juntando as mãos.

"Eu levei Ephraim para a América e o criei lá. Ele nunca soube o que ele era ou quem ele era. Ele era um menino feliz, um bom menino. Ele era meu menino."

"Você teve um filho?", Perguntou Tessa.

"Eu nunca te disse", Catarina respondeu, olhando para baixo. "Eu deveria ter. É apenas... Foi há muito tempo agora. Mas foi um período maravilhoso na minha vida. Por um tempo, não houve caos. Não houve brigas. Nós éramos uma família. Fiz apenas uma coisa para conectá-lo à sua herança secreta - dei-lhe um colar com uma garça gravada nele. Eu não pude permitir que sua linhagem Caçadora de Sombras fosse apagada completamente. Mas, claro, ele cresceu. Ele tinha uma família própria. E sua família tinha suas próprias famílias. Eu permaneci a mesma e gradualmente desapareci de suas vidas. É o que nós, imortais, devemos fazer. Um de seus descendentes era um garoto chamado Roland. Ele se tornou um mago, e ele era famoso no submundo. Eu tentei avisá-lo para não usar magia, mas ele não quis ouvir. Tivemos uma briga terrível e nos separamos mal. Eu tentei encontrá-lo, mas ele se foi. Eu nunca consegui encontrar nenhum traço dele. Eu o levei embora quando tentei salvá-lo."

Não, Jem disse. Não é por isso que ele fugiu. Ele se casou com uma mulher que era fugitiva. Roland se escondeu para protegê-la.

Catarina olhou para ele. "O que" ela disse.

Eu estava na América há pouco tempo atrás com uma Irmã de Ferro, ele disse, para recuperar algumas adamas. Enquanto lá, encontramos um Mercado das Sombras conectado a um carnaval. Foi executado por um demônio. Nós o confrontamos, e ele nos disse que havia

Herondales perdidos no mundo e que eles estavam em perigo e que eles estavam muito próximos. Ele disse que eles estavam se escondendo de um inimigo nem mortal nem demônio. Também em seu mercado, vi uma mulher fada com um homem mortal. Eles tiveram um filho. O homem se chamava Roland.

Tessa ficou espantada com o fluxo de informações vindo de todos os lados, mas ela foi pega pelo pensamento de um homem jogando fora toda a sua vida para correr com a mulher que ele amava, dando tudo que ele tinha para protegê-la e contando isso como nada. Isso soou como um Herondale.

"Ele estava vivo?", Disse Catarina. "Roland? Em um carnaval?"

Quando percebi o que estava acontecendo, tentei localizá-lo, mas não consegui encontrá-lo. Por favor, saiba que não era você que ele estava fugindo. O Grande Demônio me disse que eles estavam sendo perseguidos e que estavam em grande perigo. Agora eu sei que isso é verdade. A fada que veio a mim esta noite - ele queria me matar. As forças que procuram os Herondales não são nem mortais nem demoníacas - são fadas e os Faerie pretendem manter algo secreto.

"Então... Eu não o afastei", disse Catarina. "Todo esse tempo... Roland..."

Catarina se sacudiu e recuperou a compostura. Ela pegou a bandeja de chá e levou-a para a cama, colocando-a na borda.

"Beba seu chá", disse ela. "Eu usei o último da nossa ração de leite e os biscoitos."

Você sabe que os Irmãos do Silêncio não bebem, disse Jem.

Catarina deu-lhe um sorriso triste. "Eu pensei que você ainda pode encontrar conforto em segurar a xícara quente."

Ela enxugou os olhos secretamente e virou-se e saiu do quarto.

Você não sabia disso? Jem disse.

"Ela nunca disse", respondeu Tessa. "Tantos problemas são causados por segredos desnecessários."

Jem virou o rosto e passou o dedo ao longo da borda da xícara de chá. Ela pegou a mão dele. Se isso fosse tudo o que ela poderia ter, ela iria segurá-lo.

"Por que você ficou tão longe?" Tessa disse. "Nós dois estamos sofrendo com Will. Por que fazê-lo separadamente?"

Eu sou um Irmão do Silêncio, e os Irmãos do Silêncio não podem -

Jem se cortou. Tessa apertou a mão dele ao ponto onde ela poderia ter quebrado.

"Você é Jem - meu Jem. Sempre meu Jem."

Eu sou o irmão Zachariah, Jem retornou.

“Assim seja!” Disse Tessa. “Você é irmão Zachariah e meu Jem.

Você é um Irmão do Silêncio. Isso não significa que você não é querido para mim como sempre foi, e você sempre será. Você acha que alguma coisa poderia nos separar? Algum de nós é tão fraco assim? Depois de tudo o que vimos e tudo o que fizemos? Eu passo todos os dias grata que você existe e está no mundo. E enquanto você viver, manteremos Will vivo.”

Ela viu o impacto que essas palavras tiveram em Jem. Ser um Irmão do Silêncio significava destruir algumas partes de você que eram humanas, queimando-as, mas Jem ainda estava lá.

“Nós temos muito tempo, Jem. Você deve me prometer que não vamos deserdá-lo. Não fique longe de mim. Faça-me uma parte dessa missão também. Eu posso ajudar. Você deve ter mais cuidado.”

Eu não colocaria você em perigo, ele disse.

Com isso, Tessa riu - uma risada verdadeira e tocante. “Perigo?” Ela disse. “Jem, eu sou imortal. E olhe para fora. Olhe

a cidade queimando. A única coisa que me assusta é estar sem os que amo.”

Por fim, sentiu a pressão dos dedos dele, segurando a mão para trás.

Do lado de fora, Londres queimava. No interior, neste momento, tudo estava bem.

A manhã chegou, fria e cinzenta, com o cheiro das chamas ainda ardentes no ar. Londres acordou, sacudiu-se, pegou as vassouras e baldes e começou o ato diário de conserto. As cortinas de blecaute foram abertas para o ar da manhã. As pessoas foram trabalhar. Os ônibus correram e as chaleiras ferviam, as lojas abertas. O medo não havia vencido. Morte, fogo e guerra não haviam vencido.

Tessa tinha adormecido ao amanhecer, sentada ao lado de Jem, segurando a mão dele, a cabeça apoiada na parede. Quando ela acordou, descobriu que a cama estava vazia. O cobertor havia sido cuidadosamente puxado para cima e as roupas haviam sumido do peitoril.

"Jem", disse Tessa, frenética.

Catarina estava dormindo em sua pequena sala de estar, com a cabeça encolhida nos braços e descansando na mesa da cozinha.

"Ele se foi", disse Tessa. "Você o viu ir?" "Não", disse Catarina, esfregando os olhos.

Tessa voltou para o quarto e olhou em volta. Teria sido tudo um sonho? A guerra a levava a loucura? Quando ela se virou, viu uma nota dobrada na cômoda que dizia TESSA. Ela abriu:

Minha Tessa.

Não haverá separação entre nós. Onde você está, eu estou.

Onde estamos, Will está.

Seja o que for que eu seja, eu permaneço sempre. Seu Jem.

O irmão Zachariah caminhou por Londres. A cidade estava cinzenta de noite, seus edifícios reduzidos a remanescentes quebrados do que haviam sido, até parecer uma cidade feita de cinzas e ossos. Talvez todas as cidades se tornassem a Cidade do Silêncio, um dia.

Ele conseguiu esconder algumas coisas de seus irmãos, embora tivessem acesso imediato à sua mente. Eles não conheciam todos os seus segredos, mas sabiam o suficiente. Hoje à noite, cada voz em sua mente estava abafada, dominada pelo que sentira e pelo que quase fizera.

Ele ficou amargamente envergonhado com o que dissera naquela noite. Tessa ainda estava de luto por Will. Eles compartilhavam essa dor e se amavam. Ela ainda o amava. Ele acreditava nisso. Mas ela não podia sentir o que sentira por ele uma vez. Ela não tinha, graças ao Anjo, vivido como ele havia vivido, em ossos e silêncio e em lembranças de amor. Ela tinha Will, e o amava por tanto tempo, e agora Will estava perdido. Ele temia que ele tivesse tirado vantagem de sua miséria. Ela poderia se agarrar ao que era familiar em um mundo enlouquecido e estranho.

Mas ela era tão corajosa, sua Tessa, esculpindo uma nova vida agora que a velha vida estava perdida. Ela já fez isso uma vez, como uma garota vindo da América. Ele sentira isso como um vínculo entre eles há muito tempo, que ambos tinham vindo através dos mares para encontrar um novo lar. Ele pensou que eles poderiam encontrar um novo lar um com o outro.

Ele sabia agora que tinha sido um sonho, mas o que tinha sido sonho para ele poderia ser real para Tessa. Ela era imortal e valente. Ela viveria novamente neste novo mundo e construiria uma nova vida. Talvez ela voltasse a amar, se conseguisse encontrar um homem que correspondesse a Will, embora em quase cem anos Zachariah não conhecesse ninguém que pudesse. Tessa merecia a vida mais rica e o maior amor que se possa imaginar.

Tessa merecia mais do que um ser que nunca mais poderia ser um homem de verdade, que não pudesse amá-la de todo o coração. Mesmo que ele a amasse com todos os fragmentos quebrados de coração que ele havia deixado, isso não era suficiente. Ela merecia mais do que ele tinha para oferecer.

Ele nunca deveria ter feito isso.

No entanto, havia uma alegria egoísta dentro dele, um calor que ele podia carregar até mesmo na frieza mortal da Cidade dos Ossos. Ela o beijou e se agarrou a ele. Por uma noite brilhante, ele a segurou em seus braços novamente.

Tessa, Tessa, Tessa, ele pensou. Ela nunca poderia ser dele novamente, mas ele era dela para sempre. Isso foi o suficiente para viver.

Bart.

Naquela noite, Catarina e Tessa caminharam na direção de St.

"Um sanduíche de bacon", disse Catarina. "Empilhado tão alto

que você mal consegue segurá-lo. E espesso com tanta manteiga, o bacon escorrega do pão. Isso é o que estou tendo primeiro. E quanto a você?"

Tessa sorriu e apontou a tocha pela calçada, pisando em cima de um pedregulho. Ao redor delas, havia conchas de edifícios. Tudo ao redor havia sido reduzido a tijolos carbonizados e cinzas. Mas já Londres estava pegando, empurrando os destroços de volta. A escuridão era como um abraço. Toda Londres estava debaixo de um cobertor juntos, abraçados um ao outro.

"Um sorvete", disse Tessa. "Com morangos. Cargas e montes de morangos."

"Ah, eu gosto disso", disse Catarina. "Eu estou mudando o meu."

Um homem andando na direção deles inclinou o chapéu. "Noite, irmãs", disse ele. "Você viram isso?"

Ele apontou para a Catedral de St. Paul, o grande edifício que ficava guardando Londres por centenas de anos.

"Eles queriam derrubá-lo na noite passada, mas não o fizeram, não é?" O homem sorriu. "Não, eles não fizeram. Eles não podem nos quebrar. Vocês tenham uma boa noite, irmãs. Vocês se mantenham bem."

O homem andou e Tessa olhou para a catedral. Tudo ao redor se foi, mas foi salvo - impossivelmente, provavelmente salvo de milhares de bombas. Londres não deixaria morrer e vivera.

Ela tocou o pingente de jade em volta do pescoço.

Os Perversos

Fantasmas do Mercado das Sombras

Paris, 1989

Dizia-se entre os Caçadores de Sombras que era impossível conhecer a verdadeira beleza até ver as torres brilhantes de Alicante. Dizia-se que nenhuma cidade no mundo se comparava às suas maravilhas. Dizia-se que nenhum Caçador de Sombras podia se sentir verdadeiramente em casa em qualquer outro lugar.

Se alguém perguntasse a opinião de Céline Montclair sobre o assunto, ela diria: obviamente esses Caçadores de Sombras nunca estiveram em Paris.

Ela teria falado animadamente sobre as flechas góticas perfurando as nuvens, as ruas de pedras reluzindo com a chuva, a luz do sol dançando no rio Sena, e, bien sûr, as infinitas variedades de queijos. Teria mencionado que Paris foi o lar de Baudelaire e de Rimbaud, Monet e Gauguin, Descartes e Voltaire, que foi a cidade que criou uma nova forma de falar, enxergar, pensar, ser, trazendo até o mais mundano dos mundanos um pouco mais para perto dos anjos.

De todas as maneiras, Paris era la ville de la lumière. A Cidade-luz. Com certeza, Céline teria dito que nada poderia ser mais bonito do que isso.

Mas ninguém jamais perguntou. Geralmente ninguém perguntava a opinião de Céline Montclair sobre nada.

Até agora.

— Tem certeza de que não existe um símbolo para manter essas feras imundas longe da gente? — perguntou Stephen Herondale ao ouvir o bater trovejante de asas. Ele se abaixou, mirando às cegas o inimigo emplumado.

A revoada de pombos moveu-se rapidamente, sem desferir nenhum golpe mortal. Céline espantou alguns retardatários, e Stephen suspirou aliviado.

— Minha heroína — falou.

Céline sentiu suas bochechas aquecerem de forma alarmante. Ela tinha um terrível problema de enrubescimento, sobretudo, na presença de Stephen Herondale.

— O grande guerreiro Herondale tem medo de pombos? — provocou, torcendo para que ele não percebesse o tremor na sua voz.

— Não tenho medo. Apenas uma cautela prudente em face de uma criatura potencialmente demoníaca.

— Pombos demônios?

— Eu os encaro com grande desconfiança — disse Stephen com a máxima dignidade que um pombofóbico conseguia reunir, tocando a espada pendurada no quadril. — E esse grande guerreiro está pronto para fazer o que tem que ser feito.

Enquanto falava, outra revoada de pombos decolou dos paralelepípedos, e, por um momento, tudo foram asas e o grito agudo de Stephen.

Céline riu.

— Sim, vejo que você é destemido em face do perigo. Ou no bico do perigo.

Stephen a encarou furiosamente. O coração dela acelerou. Será que tinha exagerado? Em seguida, ele lhe deu uma piscadela.

Ela o desejava tanto que às vezes parecia que seu coração ia explodir.

— Tem certeza de que ainda está indo na direção certa? — perguntou ele. — Acho que estamos andando em círculos.

— Confie em mim — disse ela. Stephen levou a mão ao coração.

— Bien sûr, mademoiselle.

Sem contar a presença dele em seus sonhos, Céline não via Stephen desde que ele se formara na Academia, quatro anos atrás. Mas naquela época ele mal a notara. Estava ocupado demais com seu treinamento, com a namorada e com os amigos do Círculo para pensar na menina que não tirava os olhos dele. Mas agora, Céline pensou, com as bochechas ardendo outra vez, eles eram praticamente iguais. Sim, ela tinha 17 anos, ainda era estudante, e ele tinha 22 e, além de ser um adulto, também era o tenente mais confiável de Valentim Morgenstern no Círculo — o grupo de elite de jovens Caçadores de Sombras que jurou reformar a Clave e restaurá-la à sua pura e antiga glória. Mas Céline finalmente fazia parte do Círculo também, escolhida pelo próprio Valentim.

Valentim fora colega de Stephen e dos outros membros fundadores do Círculo na Academia

— mas, ao contrário deles, nunca parecera jovem. A maioria dos alunos e professores achava que o grupo de Valentim não era nada além de uma panelinha inofensiva, cuja única excentricidade era preferir debates políticos noturnos a festas. Mesmo naquela época, Céline entendia que era exatamente isso que Valentim queria parecer: inofensivo. Aqueles que prestavam atenção sabiam que não era assim. Ele era um guerreiro voraz, com uma mente ainda mais voraz — uma vez que fixasse seus olhos negros em algum objetivo, nada o impediria de conquistá-lo. Ele formara seu Círculo com jovens Caçadores de Sombras que sabia serem tão capazes quanto leais. Apenas os melhores, ele dissera quando a abordou em uma aula particularmente chata sobre história do Submundo.

— Todos os membros do Círculo são excepcionais. Inclusive, caso aceite minha oferta, você.

— Ninguém jamais a havia chamado de excepcional antes.

Desde então ela se sentia diferente. Forte. Especial. E devia ser verdade, pois, apesar de ainda ter um ano de Academia pela frente, aqui estava ela, passando as férias de verão em uma missão oficial com Stephen Herondale. Stephen era um dos maiores combatentes da sua

geração, e agora, graças à infeliz situação licantropo de Lucian Graymark — era o homem de maior confiança de Valentim. Mas era Céline que conhecia Paris, suas ruas e seus segredos. Era o momento perfeito para mostrar a Stephen que tinha mudado, que era excepcional. Que ele não daria conta sem ela.

Essas foram, inclusive, suas palavras exatas. Eu não daria conta sem você, Céline.

Ela adorava o som de seu nome vindo da boca dele. Amava cada detalhe dele: os olhos azuis, que brilhavam como o mar da Côte d'Azur. Os cabelos louro-brancos, que brilhavam como a rotunda dourada do Palais Garnier. A curva do pescoço, a rigidez dos músculos, as linhas suaves do corpo, como algo esculpido por Rodin, um modelo de perfeição humana. De algum modo, ele tinha ficado ainda mais bonito desde que o viu pela última vez.

Também tinha se casado. Ela tentava não pensar nisso.

— Podemos andar mais rápido? — Robert Lightwood resmungou. — Quanto mais cedo acabarmos com isso, mais cedo poderemos voltar para a civilização. E para o ar-condicionado.

Robert era outra coisa na qual ela tentava não pensar. A presença amuada dele tornava muito mais difícil fingir que ela e Stephen estavam fazendo um passeio romântico ao luar.

— Quanto mais rápido formos, mais você vai suar — observou Stephen. — E, acredite em mim, ninguém quer isso. — Paris em agosto tinha mais ou menos dez graus a mais que o inferno. Mesmo após escurecer, o ar parecia um cobertor encharcado de sopa quente. Para não chamarem a atenção, trocaram os uniformes de combate por roupas mundanas de manga comprida, que escondiam suas marcas. A camiseta branca que Céline tinha escolhido para Stephen já estava ensopada. O que não era exatamente lamentável.

Robert só resmungou. Ele estava diferente do que Céline se recordava da Academia. Naquela época, era um pouco ríspido e sucinto, mas nunca foi deliberadamente cruel. Agora, no entanto, havia algo em seus olhos do qual ela não gostava. Algo gélido, que remetia demais ao pai de Céline.

Segundo Stephen, Robert teve alguma espécie de desentendimento com seu parabatai e estava compreensivelmente mal-humorado. É só Robert sendo Robert, ele havia dito. Grande combatente, mas um pouco dramático. Nada com que se preocupar.

Céline sempre se preocupava.

Eles subiram o final da Rue Mouffetard. Durante o dia, este era um dos mercados mais agitados de Paris, cheio de produtos frescos, cachecóis coloridos, vendedores de falaféis, barracas de sorvete e turistas desagradáveis. À noite, as fachadas das lojas eram fechadas e ficavam silenciosas. Paris era uma cidade de mercados, mas todos se aquietavam depois que escurecia — todos, menos um.

Céline os apressou por uma esquina, por outra rua estreita e sinuosa.

— Já estamos quase chegando. — Ela tentou conter a ansiedade da voz. Robert e Stephen deixaram muito claro que o Círculo não aprovava Mercados das Sombras. Integrantes do Submundo se misturando a mundanos, bens ilícitos passando de uma mão para outra, segredos trocados e vendidos? Segundo Valentim, tudo isso era consequência indecorosa da

corrupção e da frouxidão da Clave. Quando o Círculo assumisse o poder, Stephen garantiu a ela, os Mercados das Sombras seriam fechados em definitivo.

Céline só integrava o Círculo há alguns meses, mas ela já tinha aprendido essa lição: se Valentim detestava alguma coisa, ela tinha a obrigação de detestar também.

E estava fazendo o melhor que podia.

#

Não havia uma lei dizendo que um Mercado das Sombras deveria se localizar em um ambiente rico em energia negra, marinado no sangue de um passado violento, mas ajudava.

E esse tipo de coisa não faltava em Paris. Era uma cidade de fantasmas, e a maioria deles eram furiosos. Revolução após revolução, barricadas sujas de sangue e cabeças rolando da guilhotina, os massacres de setembro, a Semana Sangrenta, o incêndio das Tulherias, o Terror... Durante a infância, Céline passou muitas noites acordada, vagando pela cidade, invocando visões de suas maiores crueldades. Ela gostava de imaginar que conseguia ouvir gritos ecoando através dos séculos. Fazia com que se sentisse menos só.

Isso, ela sabia, não era um hobby para uma infância normal.

Isso por que a infância de Céline não foi nada normal. Mas ela só descobriu isso quando foi para a Academia e conheceu, pela primeira vez, Caçadores de Sombras da sua idade. Naquele primeiro dia, os outros alunos falaram sobre suas vidas idílicas em Idris, galopando pela Planície Brocelind; suas vidas idílicas em Londres, Nova York, Tóquio, treinando sob os olhares gentis de pais e tutores amorosos nos Institutos; suas vidas idílicas em todo lugar. Depois de algum tempo, Céline parou de escutar, afastando-se sem ser notada, com uma amarga inveja para ficar. Envergonhada demais pela perspectiva de que alguém pudesse fazê-la contar a própria história. Afinal, ela cresceu na propriedade dos pais na Provence, cercada por pomares, vinhedos, campos de lavanda: aparentemente, *la belle époque*.

Céline sabia que seus pais a amavam, porque eles diziam isso repetidamente.

Só estamos fazendo isso porque nós a amamos, sua mãe dizia antes de trancá-la no porão.

Só estamos fazendo isso porque nós a amamos, seu pai dizia antes de açoitá-la.

Só estamos fazendo isso porque nós a amamos, quando lançaram o demônio Dragonidea contra ela; quando a largaram durante a noite, com oito anos e desarmada, em uma floresta controlada por lobisomens; quando ensinaram sobre as consequências sangrentas da fraqueza, da falta de jeito ou do medo.

Na primeira vez que fugiu para Paris, ela tinha 8 anos. Jovem o bastante para achar que podia escapar de vez. Ela fora até as Arènes de Lutèce, as ruínas de um anfiteatro romano do primeiro século depois de Cristo. Talvez fosse a ruína sangrenta mais antiga da cidade. Dois mil anos antes, gladiadores lutaram até a morte diante de uma multidão que vibrava, sedenta por sangue, até que a arena e sua multidão foram tomadas por bárbaros igualmente sedentos por sangue. Por um tempo, fora um cemitério; agora era uma armadilha turística, mais um monte

de pedras para estudantes entediados ignorarem. Pelo menos, durante o dia. Sob a lua da meia-noite, se enchia de integrantes do Submundo, um bacanal de frutas e vinhos de fadas, gárgulas encantadas por magia de feiticeiros, lobisomens dançando valsa, vampiros de boinas pintando retratos com sangue, uma ifrit que tocava acordeão e fazia pessoas chorarem até a morte. Era o Mercado das Sombras de Paris, e quando Céline o viu pela primeira vez finalmente se sentiu em casa.

Naquela primeira viagem, ela passou duas noites ali, assombrando barracas, fazendo amizade com um filhote de lobisomem tímido, saciando sua fome com um crepe de Nutella que um Irmão do Silêncio comprou para ela, sem fazer perguntas. Ela dormiu embaixo da toalha de mesa da barraca de joias de um vampiro; brincou de roda com crianças com chifres em uma festa de fadas improvisada; finalmente descobriu o que era ser feliz. Na terceira noite, os Caçadores de Sombras do Instituto de Paris a encontraram e levaram de volta para casa.

Foi então que aprendeu — não pela última vez — as consequências de fugir.

Nós a amamos demais para perdê-la.

Naquela noite, Céline se encolheu em posição fetal no canto do porão, com as costas ainda ensanguentadas, e pensou: então é assim que é ser amada demais.

#

A missão deles era muito clara. Primeiro, deveriam procurar a barraca da feiticeira Dominique du Froid no Mercado das Sombras de Paris. Depois, encontrar provas de seus negócios suspeitos com dois jovens Caçadores de Sombras rebeldes.

— Tenho motivos para crer que estão trocando sangue e partes de integrantes do Submundo por serviços ilegais — Valentim contara a eles.

Ele precisava de provas. Caberia a Céline, Stephen e Robert encontrar alguma.

— Discretamente — Valentim alertara. — Não quero que ela avise os companheiros. — Valentim fez a palavra companheiros soar como uma vulgaridade. Para ele, era: integrantes do Submundo eram ruins, mas Caçadores de Sombras se permitindo serem corrompidos por um integrante do Submundo? Isso era imperdoável.

A primeira parte foi simples. Dominique du Froid foi facilmente encontrada. Ela escrevera seu nome com luzes de neon, do nada. As letras brilhavam forte, literalmente, um metro acima de sua barraca, com uma flecha neon apontando para baixo. DOMINIQUE DU FROID, LES SOLDES, TOUJOURS!

— Típico de uma feiticeira — disse Robert amargamente. — Sempre à venda.

— Sempre em promoção — Céline corrigiu, baixinho demais para ele ouvir.

Na verdade, a barraca era uma tenda elaborada com mesas expostas e uma área protegida por cortinas no fundo. Era cheia de joias bregas e poções coloridas, mas nada tão brega ou tão colorido quanto a própria Dominique. Seu cabelo louro platinado com mechas rosa-choque, metade preso em um rabo de cavalo lateral, e a outra, frisada e brilhando de tanto laquê. Ela vestia uma blusa de renda rasgada, uma minissaia preta de couro, luvas roxas sem dedos, e o

que parecia uma porção significativa de suas mercadorias em volta do pescoço. Sua marca de feiticeira, um rabo longo e rosa emplumado, estava enrolado sobre os ombros como um boá.

— É como se um demônio Eidolon tivesse tentado se transformar em Cindy Lauper e acidentalmente fosse interrompido no meio — Céline brincou.

— Hein? — disse Robert. — Isso é outra feiticeira? Stephen sorriu.

— Sim, Robert. Outra feiticeira. E a Clave a executou porque ela só queria se divertir.

Céline e Stephen riram juntos, e a raiva evidente de Robert por ter sido zombado só os fez rir mais. Como a maioria dos Caçadores de Sombras, Céline cresceu sem saber nada sobre a cultura pop mundana. Mas Stephen apareceu na Academia cheio de conhecimentos sobre bandas, livros e músicas dos quais ninguém nunca tinha ouvido falar. Depois que entrou para o Círculo, ele abandonou seu amor pelos Sex Pistols com a mesma velocidade com que trocou a jaqueta de couro e o jeans rasgado pelo uniforme preto sem graça que Valentim gostava. Mas, por via das dúvidas, Céline passara os últimos dois anos estudando a TV mundana.

Posso ser o que você quiser que eu seja, ela pensou, desejando ter coragem de dizer isso.

Céline conhecia Amatis, a mulher de Stephen. Pelo menos, conhecia o suficiente. Amatis tinha a língua afiada e era metida. Era cheia de opiniões, argumentativa, teimosa, e nem tão bonita assim. Também havia rumores de que ela ainda era secretamente ligada ao irmão lobisomem. Céline não ligava muito para isso — ela não tinha nada contra integrantes do Submundo. Mas tinha muita coisa contra Amatis, que claramente não apreciava o que tinha. Stephen precisava de alguém que o admirasse, concordasse com ele, o apoiasse. Alguém como Céline. Se, ao menos, ela conseguisse fazê-lo enxergar isso por conta própria.

Eles vigiaram a feiticeira por algumas horas. Dominique du Froid frequentemente abandonava a barraca, saindo para fofocar ou fazer negócios com outros vendedores. Era quase como se ela quisesse que alguém mexesse em seus pertences.

Stephen bocejou de forma teatral.

— Eu estava esperando um desafio um pouco maior. Mas vamos acabar logo com isso e sair daqui. Esse lugar fede a Submundo. Já estou com a sensação de que preciso de um banho.

— Ouai, c'est terrible — Céline mentiu.

Quando Dominique voltou a abandonar a barraca, Stephen foi atrás dela. Robert entrou na área coberta pela cortina para procurar provas de negócios ilícitos. Céline ficou de tocaia, olhando as mercadorias da barraca ao lado, de onde poderia sinalizar para Robert, caso Dominique voltasse inesperadamente.

Claro que deixaram para ela a tarefa mais chata, a que não exigia nada além de olhar joias.

Eles a achavam inútil.

Céline obedeceu, fingindo se interessar pelas amostras mais horrorosas de anéis encantados, correntes grossas douradas, pingentes com Demônios Maiores esculpidos em bronze e estanho. Então ela viu algo que, de fato, a interessou: um Irmão do Silêncio, deslizando para a barraca daquele jeito desconcertantemente não humano que eles tinham de andar. Ela ficou olhando de canto de olho enquanto o Caçador de Sombras de túnica examinava as joias com muito cuidado. O que alguém como ele poderia estar procurando em um lugar assim?

O licantrope pré-adolescente responsável pela barraca mal notou a presença de Céline. Mas se apressou até o Irmão do Silêncio, com os olhos arregalados de medo.

— Não pode ficar aqui — falou. — Meu chefe não gosta de fazer negócios com gente como você.

Você não é novo demais para ter um chefe?

As palavras reverberaram na mente de Céline, e, por um instante, ela ficou imaginando se o Irmão do Silêncio queria que ela escutasse. Mas isso parecia improvável — ela estava a alguns metros de distância, e não havia motivo para que ele a tivesse notado.

— Meus pais me expulsaram de casa quando fui mordido, então, é trabalhar ou passar fome - disse o menino, dando de ombros. — E eu gosto de comer. Por isso você tem que sair daqui antes que o chefe chegue e pense que estou vendendo alguma coisa para um Caçador de Sombras.

Estou à procura de uma joia.

— Olha, cara, não tem nada que não possa achar em outro lugar, melhor e mais barato. Tudo aqui é lixo.

Sim, estou vendo. Mas estou procurando uma coisa específica, algo que me disseram que só posso encontrar aqui. Um colar de prata com um pingente em forma de garça.

A palavra garça chamou a atenção de Céline. Era algo muito específico. E muito adequado a um Herondale.

— Hum, sim, não sei como você soube disso, mas é possível que tenhamos algo assim guardado aqui. Mas, como eu disse, não posso vender para...

E se eu pagar o dobro?

— Você nem sabe quanto é.

Não, não sei. E imagino que não vá receber uma oferta melhor, considerando que o colar não está à mostra para os outros clientes.

— Sim, eu mesmo disse isso, mas... — Ele se inclinou para frente e baixou a voz. Céline tentou não deixar tão óbvio que ela estava se esforçando para ouvir. — O chefe não quer que a mulher dele saiba que está vendendo. Disse que só temos que espalhar a notícia e um comprador vai nos achar.

E um comprador achou. Imagine a satisfação do seu empregador quando souber que você vendeu por mais do que ele pediu.

— Suponho que ele não precise saber quem comprou...

Não vai saber por mim.

O menino pensou por um instante, depois, se abaixou sob a bancada e reapareceu com um pingente prateado. Céline prendeu a respiração. Era uma garça delicadamente esculpida, brilhando ao luar, o presente perfeito para um jovem Herondale orgulhoso de sua família. Ela fechou os olhos, se permitindo entrar em uma realidade paralela em que podia presentear Stephen. Se imaginou pendurando o pingente no pescoço dele, roçando o nariz na pele macia, sentindo o cheiro dele. Imaginou-o dizendo eu amei. Quase tanto quanto a amo.

É lindo, não?

Céline se assustou com a voz do Irmão do Silêncio em sua cabeça. Claro que ele não podia ler seus pensamentos. Mas mesmo assim suas bochechas ruborizaram de vergonha. O menino voltou para o fundo da barraca para contar o dinheiro. O Irmão do Silêncio agora estava com os olhos fixos nela.

Ele era diferente dos outros Irmãos do Silêncio que ela já tinha visto; o rosto dele era jovem — até bonito. Os cabelos negros se misturavam a mechas prateadas, e os olhos e a boca estavam fechados, mas não costurados. Símbolos marcavam cruelmente cada bochecha. Céline se lembrou da inveja que sentia da Irmandade do Silêncio. Eles tinham cicatrizes como ela; suportavam muitas dores como ela. Mas as cicatrizes lhes davam poder; a dor deles não parecia nada, porque eles não tinham sensações. Não dava para ser Irmão do Silêncio se você fosse mulher. Isso nunca pareceu muito justo. As mulheres podiam, contudo, se juntar às Irmãs de Ferro. Céline gostava da ideia quando era mais nova, mas agora não tinha nenhum desejo de viver em uma planície vulcânica sem nada para fazer além de construir armas com adamas. Só de pensar, ficava claustrofóbica.

Desculpe assustá-la. Mas notei seu interesse no pingente.

— É... só me lembrou alguém.

Alguém de quem gosta muito, posso sentir.

— Sim. Eu suponho.

Esse alguém é, talvez, um Herondale?

— Sim, ele é maravilhoso. — As palavras escaparam por acidente, mas ela sentiu uma alegria inesperada por falar em voz alta. Ela nunca havia se permitido isso antes; não na frente dos outros. Nem mesmo sozinha.

Essa era a questão com os Irmãos do Silêncio. Estar com eles não era exatamente como estar com alguém, nem como estar sozinha. Confiar em um Irmão do Silêncio era como confiar em ninguém, ela pensou, pois para quem ele ia contar?

— Stephen Herondale — disse ela, baixinho, mas com firmeza. — Estou apaixonada por Stephen Herondale.

Sentiu uma onda de poder ao dizer essas palavras, quase como se falar em voz alta tornasse um pouco mais real.

O amor de um Herondale pode ser um grande presente.

— Sim, é incrível — retrucou ela, tão amarga que até o Irmão do Silêncio notou seu tom.

Eu a chateei.

— Não, é só que... eu disse que eu o amo. Ele mal percebe que estou viva.

Ah.

Era uma tolice, querer a solidariedade de um Irmão do Silêncio. Era como esperar solidariedade de uma pedra. O rosto dele se manteve impassível. Mas a voz que falou em sua mente foi gentil. Ela até se permitiu pensar que fosse um pouco doce.

Isso deve ser difícil.

Se Céline fosse outro tipo de menina, o tipo que tinha amigas, irmãs ou uma mãe que conversasse com ela sem desdém, ela poderia ter contado a outra pessoa sobre Stephen. Poderia ter passado horas conversando sobre seu tom de voz, sobre a forma como ele às vezes parecia flertar com ela, sobre a vez que ele a tocou no ombro em agradecimento quando ela lhe emprestou uma adaga. Talvez falar sobre o assunto pudesse suavizar a dor de amá-lo. Falar sobre Stephen poderia virar algo comum, como falar sobre o tempo. Um ruído de fundo.

Mas Céline não tinha com quem se abrir. Tudo que tinha eram seus segredos, e quanto mais os guardava, mais doíam.

— Ele nunca vai me amar — disse. — Tudo o que eu sempre quis foi estar perto dele, mas agora ele está bem aqui, e eu não posso tê-lo, e de certa forma isso é até pior. Eu só... eu só... machuca demais.

Às vezes, acho que não há nada mais doloroso do que um amor negado. Amar quem não se pode ter, ficar ao lado de quem se deseja e ama e não poder tê-lo nos braços. Um amor que não pode ser correspondido. Não conheço nada mais doloroso do que isso.

Era impossível que um Irmão do Silêncio pudesse entender o que ela sentia. Mas... Ele parecia entender muito bem.

— Eu gostaria de ser mais como você — admitiu ela.

Como assim?

— Você sabe, desligar meus sentimentos... Não sentir nada. Por ninguém.

Fez-se uma longa pausa, e ela ficou imaginando se o teria ofendido. Será que isso sequer era possível? Finalmente, a voz fria e firme falou outra vez.

Esse não é o tipo de coisa que você deveria desejar. Sentir é o que nos torna humanos. Até os sentimentos mais difíceis. Talvez, principalmente esses. Amor, perda, desejo; é isso que significa estar vivo de fato.

— Mas... você é um Irmão do Silêncio. Não é para sentir nada disso, certo?

Eu... Fez-se uma nova pausa longa. Eu me lembro de sentir. Isso é o mais próximo que chego, às vezes.

— E continua vivo, até onde posso perceber.

Às vezes, isso também é difícil de lembrar.

Se ela não soubesse, acharia que ele tinha suspirado.

O Irmão do Silêncio que ela conheceu na primeira vez que visitou o Mercado das Sombras fora gentil assim. Quando ele comprou o crepe para ela, não perguntou onde estavam seus pais, nem por que ela estava vagando sozinha pela multidão, e nem por que seus olhos estavam vermelhos de choro. Ele só se ajoelhou e fixou o olhar nela. O mundo é um lugar muito difícil de se encarar sozinha, ele disse na cabeça dela. Você não precisa fazer isso.

Depois, ele fez o que os Irmãos do Silêncio fazem de melhor e se calou. Ela soube, mesmo sendo criança, que ele estava esperando que ela dissesse do que precisava. Que, se pedisse, talvez ele até a ajudasse.

Ninguém podia ajudá-la. Mesmo na infância ela também sabia disso. Os Montclair eram uma família de Caçadores de Sombras poderosa e respeitada. Seus pais eram amigos do Cônsul. Se ela contasse ao Irmão quem era, ele só a levaria para casa. Se ela contasse para ele o que a esperava lá, como seus pais realmente eram, ele provavelmente não acreditaria. Poderia até contar para eles que ela andava espalhando mentiras. E haveria consequências.

Ela agradeceu pelo crepe e se afastou.

Céline suportou muito tempo desde então. Depois do verão, ela voltaria para seu último ano na Academia e se formaria; nunca mais teria que morar na casa dos pais. Estava quase livre. Não precisava da ajuda de ninguém.

Mas o mundo ainda era um lugar difícil de se encarar sozinha. E ela estava tão, tão sozinha.

— Talvez a dor de amar alguém seja um fato da vida, mas você realmente acha que toda dor é? Não acha que seria melhor parar de sentir dor?

Alguém a está machucando?

— Eu... — Ela tomou coragem. Ela era capaz e quase confiar. Poderia contar a esse estranho sobre a casa fria. Sobre os pais, que só pareciam notá-la quando ela fazia alguma coisa errada. Sobre as consequências disso. — É que...

Ela se interrompeu subitamente quando o Irmão do Silêncio virou as costas. Os olhos cegos pareciam seguir um homem de casaco preto que corria na direção dele. O homem parou onde estava quando viu o Irmão do Silêncio. O rosto, de repente, empalideceu. Em seguida, girou e correu para longe dele. A maioria dos integrantes do Submundo tinha medo dos Caçadores de

Sombras atualmente, as notícias sobre as façanhas do Círculo tinham se espalhado. Mas, nesse caso, parecia algo pessoal.

— Você conhece aquele cara?

Peço desculpas, mas preciso fazer isso.

Irmãos do Silêncio não demonstram emoções, e, até onde Céline sabia, eles também não as sentiam. Mas se ela não soubesse disso, diria que esse Irmão do Silêncio estava sentindo algo muito profundo. Medo, talvez, ou empolgação, ou aquela estranha combinação dos dois que normalmente antecedia uma luta.

— Tudo bem, eu só...

Mas o Irmão do Silêncio já tinha ido. Ela estava sozinha outra vez. E graças ao Anjo por isso, pensou. Foi imprudente sequer brincar com a ideia de trazer à luz suas verdades sombrias. Quanta tolice, quanta fraqueza, querer ser ouvida. Querer ser realmente enxergada por alguém, ainda mais por um homem de olhos fechados. Seus pais sempre a chamaram de tola e fraca. Talvez tivessem razão.

#

Irmão Zachariah passou no meio da multidão do Mercado das Sombras, com cuidado para se manter a alguns metros de distância do seu alvo. Era um jogo estranho que estavam jogando. O homem, que atendia pelo nome de Jack Crow, certamente sabia que Zachariah o seguia. E o Irmão Zachariah poderia ter acelerado e dominado aquele homem a qualquer momento. Mas, por algum motivo, Crow não queria parar e o Irmão Zachariah não queria obrigá-lo a isso. Então Crow atravessou a arena até as ruas além dos portões.

O Irmão Zachariah o seguiu.

Ele lamentou deixar a menina tão subitamente. Sentia certa afinidade com ela. Ambos tinham entregado um pedaço de seus corações a um Herondale e amavam alguém que não podiam ter.

Claro, o amor do Irmão Zachariah era uma imitação pálida do verdadeiro amor humano. Ele amava através de uma cobertura espessa, e a cada ano ficava mais difícil se lembrar do que havia além. Se lembrar de como era desejar Tessa do jeito que um humano vivo desejava. Como era precisar dela. Zachariah não precisava de mais nada, de fato. Nem de comida, nem de sono, e nem mesmo, por mais que ele tentasse invocar isso, de Tessa. Seu amor permanecia, mas atenuado. O amor da menina tinha pontas afiadas, e conversar com ela o ajudou a lembrar.

E ela queria ajuda, ele percebeu. A parte mais humana dele ficou tentada a ficar ao lado da menina. Ela parecia tão frágil e tão determinada a parecer o contrário. Aquilo tocou o coração do Irmão Zachariah, mesmo já estando enterrado na pedra.

Ele tentava dizer a si mesmo que não. Afinal, sua simples presença aqui era prova de que seu coração ainda era humano. Ele vinha caçando há décadas por causa de Will, por causa de Tessa, porque parte dele ainda era Jem, o menino Caçador de Sombras que amou os dois.

Ainda ama os dois, o Irmão Zachariah lembrou a si mesmo. No presente.

O pingente de garça confirmava suas suspeitas. Esse definitivamente era o homem que ele estava procurando. Zachariah não podia deixá-lo escapar.

Crow desviou para um beco de pedras. O Irmão Zachariah o seguiu, tenso e alerta. Ele sentiu que sua perseguição lenta chegava ao fim. E, de fato, era um beco sem saída. Crow girou para

encarar Zachariah, com uma faca na mão. Ele ainda era jovem, vinte e poucos anos, com o rosto orgulhoso e cabelos louros.

O Irmão Zachariah tinha uma arma e muito talento com ela. Mas não fez qualquer movimento de sacar o bastão. Esse homem jamais seria uma ameaça a ele.

— Tudo bem, Caçador de Sombras, você me queria, agora me tem — disse Crow, com os pés e a faca em posição, claramente esperando um ataque.

O Irmão Zachariah examinou o rosto dele, procurando por alguma coisa familiar. Mas não havia nada. Nada além de uma falsa coragem impertinente. Com seus olhos cegos, Zachariah conseguia enxergar através dessas fachadas. Consequia enxergar o medo.

Ouviu um movimento atrás de si. E a voz de uma mulher.

— É como dizem, Caçador de Sombras. Cuidado com o que deseja.

O Irmão Zachariah virou, lentamente. Eis uma surpresa. Uma moça jovem — mais jovem até do que Crow — estava na entrada do beco. Ela era etereamente linda, com cabelos louros e o tipo de lábios rubis e olhos cobalto que inspiraram milhares de poemas ruins. Sorria um sorriso doce. Estava mirando uma besta diretamente para o coração do Irmão Zachariah.

Ele sentiu uma pontada de medo. Não por causa da faca ou da flecha; ele não temia nenhum dos dois. Preferia não lutar, mas se fosse necessário podia desarmá-los sem dificuldade. Eles não tinham condições de se proteger. Esse era o problema.

Seu medo vinha da constatação de que tinha atingido seu objetivo. Essa procura era o que ainda o ligava a Tessa, a Will, à sua antiga vida. E se hoje ele perdesse a única coisa que ainda o ligava a Jem Carstairs? E se esse fosse seu último ato verdadeiramente humano?

— Anda, Caçador de Sombras — disse a moça. — Desembucha. Se tiver sorte, talvez possamos deixá-lo viver.

Não quero lutar com vocês. Pela reação deles, deu para perceber que não esperavam a voz em suas mentes. Esses dois sabiam o bastante para reconhecerem um Caçador de Sombras, mas aparentemente não sabiam tanto quanto pensavam. Tenho procurado por você, Jack Crow.

— Sim, foi o que ouvi. Alguém deveria tê-lo alertado de que pessoas que me procuram tendem a se arrepender.

Não desejo machucá-lo. Só quero dar um recado. É sobre quem você é e de onde vem. Pode ter dificuldade de acreditar nisso, mas...

— Eu sei, eu sei, eu também sou um Caçador de Sombras. — Crow deu de ombros. — Agora diga alguma coisa que eu não sei.

#

— Está aqui para comprar ou para roubar?

Céline largou o frasco de poção. Ele estilhaçou no chão, liberando uma lufada de fumaça azul nociva.

Depois que o Irmão do Silêncio a dispensou pelo cara de casaco preto, o menino licantropo fechou a barraca. E ficou encarando Céline até ela aceitar que era hora de seguir caminho. Então ela vagou até a barraca de Dominique du Froid, tentando parecer inofensiva. O que funcionou bem até a própria feiticeira aparecer, do nada.

— Veio causar problemas aqui? — perguntou Dominique, em francês.

Céline praguejou silenciosamente. Ela tinha uma função, humilhantemente fácil, e conseguira fracassar. Stephen não estava em lugar nenhum, e Robert continuava vasculhando a tenda.

— Estava esperando que você voltasse — disse Céline, alto o suficiente e em inglês, para que Robert pudesse ouvir. — Graças a Deus finalmente voltou. Estou derretendo nesse calor. — Ela falou essa última parte ainda mais alto. Era um código combinado, para emergências. Tradução: saia, agora. Com sorte, conseguiria distrair a feiticeira o bastante para que ele pudesse se retirar sem ser visto.

Onde estava Stephen?

— Bien sûr — a feiticeira tinha um sotaque terrível, francês como se fosse do sul da Califórnia. Céline ficou imaginando se feiticeiros podiam surfar. — E o que está procurando, mademoiselle?

— Uma poção do amor. — Foi a primeira ideia que lhe ocorreu. Talvez por ter acabado de ver Stephen, correndo em direção a elas, ao mesmo tempo que tentava aparentar não estar correndo. Céline ficou imaginando como Dominique tinha escapado dele, e se o tinha feito propositalmente.

— Uma poção do amor, é? — A feiticeira seguiu o olhar e emitiu um ruído de aprovação.
— Nada mal, mas um pouco robusto para o meu gosto. Quanto melhor o corpo, pior a mente, é o que penso. Mas talvez você prefira burro e bonito. Chacun à son goût, não é mesmo?

— Hum, oui, burro e bonito, certo. Então... — O que Robert estava fazendo lá atrás? Céline torceu para que ele tivesse conseguido escapar sem ser visto, mas não podia correr o risco. — Pode me ajudar?

— Amor não é minha especialidade, chérie. Qualquer pessoa que diga outra coisa por aqui está mentindo. Mas posso oferecer...

Ela se calou quando Stephen chegou, parecendo um pouco atordoado.

— Tudo bem por aqui?

Ele lançou um olhar preocupado a Céline. O coração dela acelerou. Stephen estava preocupado com ela. Céline fez que sim com a cabeça.

— Tudo ótimo. Só estávamos...

— Sua amiga quer que eu venda uma poção para ela se apaixonar por você — disse a feiticeira. Céline achou que fosse cair morta ali mesmo. — Eu estava prestes a dizer a ela que só posso oferecer uma alternativa. — E puxou algo que parecia uma lata de laquê de baixo da bancada e lançou uma lufada no rosto de Stephen. A expressão dele ficou relaxada.

— O que você fez? — gritou Céline. — E por que você disse aquilo?

— Ah, relaxa. Confie em mim, nesse estado ele não vai ligar para nada que ninguém diga.

Observe.

Stephen encarava Céline como se jamais a tivesse visto antes. Ele esticou uma mão e a tocou na bochecha, gentilmente, com a expressão vaga. Olhava para ela como se estivesse pensando: será que você é real?

— Na verdade, sua amiguinha loura está sofrendo de um caso grave de varíola demoníaca — disse Dominique a Stephen. Céline resolveu que não ia cair morta; ela ia matar essa feiticeira.

— Varíola demoníaca é tão sexy — disse Stephen. — Vai deixar verrugas? — Ele piscou para Céline. — Você ficaria linda com verrugas.

— Viu? — disse a feiticeira. — Já o consertei para você.

— O que você fez?

— Não é óbvio? Fiz o que me pediu. Bem, é um quebra-galho, mas para que mais serve o Mercado das Sombras?

Céline não sabia o que dizer. Ela estava furiosa por Stephen. Por ela mesma, estava... outra coisa. Algo que não deveria estar.

— Alguém já te disse que você fica linda quando está confusa? — falou Stephen, abrindo um sorriso sonhador. — Claro, você também fica linda quando está irritada e quando está triste, e quando está feliz, quando está rindo, e quando está...

— O quê?

— Quando está me beijando — disse ele. — Mas isso é só um palpite. Quer testar?

— Stephen, não sei se você sabe bem... Então ele a beijou.

Stephen Herondale a beijou.

Os lábios de Stephen Herondale estavam nos dela, as mãos dele estavam na sua cintura, acariciando suas costas, afagando as bochechas e os dedos acariciavam seus cabelos.

Ele a segurava firme, mais firme, como se quisesse mais do que podia ter dela, como se a quisesse toda.

Ela tentou se manter a certa distância. Isso não era real, lembrou a si mesma. Não era ele. Mas parecia real. Parecia Stephen Herondale, quente em seus braços, querendo-a, e ela parou de resistir.

Por um instante eterno, ela se perdeu naquela felicidade.

— Aproveite enquanto pode. Vai passar em mais ou menos uma hora.

A voz de Dominique du Froid a trouxe de volta para a realidade — a realidade em que Stephen era casado com outra pessoa. Céline se forçou a se afastar. Ele soltou um pequeno ganido e pareceu que ia chorar.

— A primeira amostra é grátis. Se quiser uma coisa permanente, terá que pagar — disse a feiticeira. — Mas suponho que eu possa te dar o desconto para Caçadores de Sombras.

Céline congelou.

— Como você sabe que sou Caçadora de Sombras?

— Com sua graça e beleza, como poderia ser outra coisa? — disse Stephen. Céline o ignorou. Alguma coisa estava errada. Suas marcas estavam cobertas; as roupas eram convincentemente mundanas; as armas estavam escondidas. Não havia nada que revelasse sua verdadeira identidade.

— Ou talvez você queira comprar duas doses — disse a feiticeira. — Uma para esse bobalhão e outra para o bobalhão atrás da cortina. Não é tão bonito, é claro, mas esses mais nervosos podem ser muito divertidos quando relaxam...

A mão de Céline foi até a adaga escondida.

— Você parece surpresa, Céline — disse a feiticeira. — Realmente achou que eu não sabia que os três patetas estavam me observando? Achou que eu fosse simplesmente abandonar minha barraca sem um sistema de segurança? Acho que seu namoradinho não é o único burro e bonitinho por aqui.

— Como sabe o meu nome?

A feiticeira jogou a cabeça para trás e riu. Seus molares brilhavam com ouro.

— Todos os integrantes do Submundo de Paris conhecem a pobre Céline Montclair, vagando pela cidade como uma Éponine assassina. Todos sentimos certa pena de você.

Céline vivia com uma raiva secreta fervente, mas agora sentiu que entrava em ebulição.

— Quer dizer, não posso me dar ao luxo de ter Caçadores de Sombras se metendo nos meus assuntos, então, ainda vou ter que dar um jeito em você, mas sentirei pena quando morrer.

Céline sacou a adaga quando um bando de demônios Halphas explodiu da tenda. As feras aladas foram para cima dela e de Stephen, com as garras afiadas esticadas e os bicos abertos, soltando gritos sobrenaturais.

— Pombos demoníacos! — gritou Stephen, enojado, com o espadão na mão. A lâmina brilhou, prateada, sob a luz das estrelas, enquanto ele cortava e feria asas espessas e escamadas.

Céline dançou e desviou de dois demônios que pareciam pássaros, contendo-os com sua adaga enquanto sacava duas lâminas serafim com a mão livre.

— Zuphas — sussurrou. — Jophiel. — Quando as lâminas começaram a brilhar, ela as lançou em direções opostas. Cada uma acertou a garganta de um demônio. E os demônios Halphas explodiram em uma nuvem de penas ensanguentadas e icor. Céline já estava se movimentando, pulando através da cortina da feiticeira. — Robert! — chamou.

Ele estava trancado no que parecia uma antiga gaiola gigantesca cujo piso estava coberto por penas de Halphas, assim como ele. Não parecia ferido. Mas estava muito infeliz.

Céline rompeu a tranca o mais rápido que pôde, e os dois se juntaram novamente a Stephen, que tinha conseguido se livrar de vários dos demônios, embora muitos deles tivessem decolado em segurança, girando e mergulhando pelo céu noturno. Dominique tinha aberto um Portal e estava prestes a escapar por ele. Robert a pegou pela garganta, em seguida, bateu com a ponta da espada na cabeça dela com uma pancada forte. Ela caiu no chão, desmaiada.

— Lá se vai a sutileza — disse ele.

— Céline, você se feriu! — gritou Stephen, parecendo horrorizado.

Céline percebeu que um bico de demônio tinha arrancado um pedaço de sua panturrilha. O sangue estava ensopando o jeans. Ela mal sentiu, mas quando a adrenalina da batalha passou, uma dor forte e aguda tomou seu lugar.

Stephen já estava com a estela na mão, ansioso por aplicar um iratze.

— Você fica ainda mais bonita quando está sangrando — falou. Céline balançou a cabeça e recuou.

— Eu mesma posso fazer isso.

— Mas eu ficaria honrado em curar sua pele perfeita — protestou Stephen.

— Ele levou uma pancada na cabeça? — perguntou Robert.

Céline estava envergonhada demais para explicar. Felizmente o grito dos demônios Halphas ecoou ao longe, seguido pelo grito de uma mulher.

— Vocês dois fiquem de olho na feiticeira — exclamou ela. — Eu cuido do resto dos demônios antes que comam alguém. — Ela se foi sem que Robert pudesse fazer mais perguntas.

— Vou sentir saudades! — Stephen gritou atrás dela. — Você fica linda quando tem sede de sangue!

#

Há quase duzentos anos, o Caçador de Sombras Tobias Herondale tinha sido condenado por covardia. Um crime punível com a morte. A Lei, naqueles dias, não era apenas dura, mas implacável. Tobias enlouqueceu e fugiu antes que pudesse ser executado, e, na falta dele, a Clave aplicou a punição à esposa, Eva. Morte para ela. Morte para a criança Herondale que ela esperava.

Essa, pelo menos, era a história.

Há muitas e muitas décadas, Zachariah descobrira a verdade por trás da história. Ele tinha conhecido a feiticeira que salvou o bebê de Eva — e após a morte da mãe, criou a criança como se fosse sua.

Aquela criança teve uma criança, que teve uma criança, e assim foi: uma linhagem secreta de Herondale, afastada do mundo dos Caçadores de Sombras. Até agora.

O sobrevivente desta linhagem corria grave perigo. Por um longo tempo, isso foi tudo que o Irmão Zachariah soube. Por Tessa e por Will, ele se dedicou a saber mais. Seguiu migalhas, foi até bicos sem saída, quase morreu nas mãos de uma fada que queria que o Herondale perdido continuasse perdido. Ou pior, Zachariah temia.

O descendente perdido de Tobias Herondale tinha se apaixonado por uma fada. Seu filho — e todos os filhos de seus filhos — era parte Caçador de Sombras, parte fada.

O que significava que Zachariah não era o único que o procurava. Ele desconfiava, no entanto, que era o único que não tinha nenhuma intenção de fazer mal. Se um emissário das fadas estava disposto a atacar não apenas um Caçador de Sombras, mas um Irmão do Silêncio — disposto a violar os Acordos da pior forma possível —, simplesmente para interromper a busca, então encontrá-lo era um imperativo. Certamente o perigo era mortal.

Décadas de investigações discretas o trouxeram até aqui, até o Mercado das Sombras de Paris, ao homem que diziam possuir um precioso pingente em forma de garça, uma herança Herondale. O homem de nome Crow, que a maioria das pessoas presumia se tratar de um mundano com a Visão, conhecido como habilidoso, porém, pouco confiável, um homem satisfeito com a vida nas sombras.

Zachariah soubera do pingente primeiro — foi uma feiticeira de Paris que tomou conhecimento de sua busca e entrou em contato com ele confirmando a existência do objeto. Ela disse que suas suspeitas estavam corretas: o dono do pingente, não importa que nome ele se atribuísse, era um Herondale.

O que, aparentemente, era notícia velha para todo mundo, exceto para Zachariah.

Você sabia sobre sua linhagem esse tempo todo? E nunca se revelou?

— Querida, acho que você pode guardar sua arma — disse Crow para a mulher. — O monge adivinho não parece querer nos fazer mal.

Ela abaixou a arma, mas não pareceu muito satisfeita com isso.

Obrigado.

— E talvez pudesse nos deixar conversar a sós — emendou Crow.

— Não acho uma boa ideia...

— Rosemary, confie em mim. Está tudo certo.

A mulher, que devia ser a esposa dele, suspirou. Era o som de alguém que conhecia teimosia e há muito já tinha desistido de tentar combater.

— Tudo bem. Mas você... — Ela cutucou o Irmão Zachariah com a besta com força suficiente para que ele a sentisse através das roupas espessas. — Se alguma coisa acontecer com ele, eu vou atrás de você e o faço pagar por isso.

Não tenho a menor intenção de permitir que algo aconteça a nenhum de vocês dois. Por isso vim.

— Sei. — Ela abraçou Crow. Eles ficaram abraçados por um bom tempo. Zachariah sempre ouvia a expressão “agarrar-se à vida”, mas raramente a testemunhara de fato. O casal se abraçou como se fosse o único jeito de sobreviver.

Ele se lembrava de como era amar alguém assim. Ele se lembrava da impossibilidade de dizer adeus. A mulher sussurrou alguma coisa para Crow, em seguida, pegou sua arma e desapareceu pela noite parisiense.

— Somos recém-casados e ela é um pouco protetora demais — disse Crow. — Sabe como é.

Temo não saber.

Crow o olhou de cima a baixo, e o Irmão Zachariah ficou imaginando o que esse homem via.

O que quer que fosse, ele não parecia impressionado.

— Sim, suponho que não saiba.

Estou procurando por você há muito tempo, mais do que possa imaginar.

— Olha, sinto muito que tenha perdido seu tempo, mas não quero nada com vocês.

Temo que não saiba o perigo que corre. Não sou o único a procurá-lo...

— Mas é o único que pode me proteger, certo? “Venha comigo se quiser sobreviver” e tudo mais? Sim, eu já vi esse filme. Não estou interessado em encená-lo.

Ele era muito seguro de si, pensou o Irmão Zachariah, e sentiu o estranho impulso de sorrir.

Talvez houvesse algo de familiar aqui, afinal.

— Um homem como eu tem sua cota de inimigos. Cuidei de mim mesmo a vida toda, e não vejo motivo para...

O que quer que tenha dito em seguida foi abafado por um grito horrível. Um demônio gigantesco, parecido com um pássaro, desceu, agarrou o casaco de Crow com seu bico afiado e o levantou pelo ar.

O Irmão Zachariah pegou uma das lâminas serafim que havia trazido, para qualquer emergência.

Mebahiah, ele a chamou, e lançou contra o demônio. A lâmina perfurou o esterno emplumado e o demônio explodiu no ar. Crow caiu de alguns metros no chão e aterrissou feito um montinho barulhento de penas e icor. Zachariah correu para ajudá-lo a se levantar, mas o esforço foi vão.

Crow examinou o buraco no casaco com nojo.

— Era novinho!

É, de fato, um belo casaco. Ou... era. Zachariah não mencionou a sorte que foi o demônio Halphas não ter perfurado nada mais valioso. Como uma costela.

— Então é sobre esse tipo de perigo que veio me alertar? Salvar meu casaco de uma gaivota demoníaca?

Me pareceu mais um pombo demoníaco.

Crow se limpou. Lançou um olhar desconfiado para o céu, como se estivesse esperando um novo ataque.

— Ouça, senhor...

Irmão. Irmão Zachariah.

— Certo, tudo bem, cara, dá para perceber que um sujeito como você seria útil em uma luta. E se você está determinado a me proteger de algum perigo grande e assustador, acho que não vou impedi-lo.

O Irmão Zachariah se surpreendeu com a súbita mudança de ideia. Talvez quase morrer bicado por um pombo demoníaco às vezes tivesse esse efeito nas pessoas.

Gostaria de levá-lo para um lugar seguro.

— Certo. Tudo bem. Me dê algumas horas para resolver uns problemas, e eu e Rosemary o encontraremos na Pont des Arts ao amanhecer. Faremos o que você quiser. Eu prometo.

Posso acompanhá-lo enquanto resolve seus problemas.

— Ouça, irmão, os problemas de que estou falando não são receptivos a Caçadores de Sombras se metendo em seus assuntos. Se é que você me entende.

Entendo que parece levemente criminoso.

— Quer dar voz de prisão a um cidadão?

Estou preocupado com a sua segurança.

— Dei conta de vinte e dois anos sem a sua ajuda. Acho que aguento mais seis horas, não?

O Irmão Zachariah tinha investido décadas nessa busca. Não parecia nada sábio deixar o rapaz escapar, com apenas uma promessa de que voltaria. Principalmente considerando o que tinha descoberto sobre a reputação dele. Não inspirava muita confiança.

— Olha, eu sei o que está pensando, e sei que não posso impedi-lo de me seguir. Mas vou perguntar na lata: você quer que eu confie em você? Então tente confiar em mim. E eu juro pelo que você quiser que seu precioso Caçador de Sombras perdido estará esperando na ponte ao amanhecer.

Contra a própria vontade, o Irmão Zachariah assentiu.

Vá.

Céline não gostava de tortura. Não que eles fossem chamar assim o que quer que fizessem com a feiticeira para que ela falasse. Valentim ensinou ao Círculo que tivessem cuidado com as palavras. Robert e Stephen iriam “interrogar” Dominique du Froid, se utilizando de quaisquer métodos necessários. Quando obtivessem as respostas que buscavam — os nomes dos contatos Caçadores de Sombras, detalhes sobre os crimes cometidos —, eles a entregariam, junto com um inventário de seus pecados, a Valentim.

A feiticeira estava amarrada a uma cadeira dobrável no apartamento barato que vinham utilizando como base.

Ela estava inconsciente, e sangue pingava do ferimento superficial na testa.

Era assim que Robert e Stephen se referiam a ela, não pelo nome, mas como a feiticeira, como se ela fosse mais coisa do que pessoa.

Valentim queria que conduzissem a investigação sem alertar a feiticeira sobre sua presença.

Era apenas meia-noite do primeiro dia em Paris e eles já tinham estragado tudo.

— Se entregarmos algumas respostas, ele não vai ficar muito bravo — disse Stephen. Soou mais como um desejo do que uma previsão.

Stephen tinha parado de falar sobre a beleza estonteante das pernas de Céline e as características viciantes de sua pele de porcelana. Ele alegava não se lembrar dos efeitos da poção da feiticeira, mas seu olhar desviava para Céline toda vez que achava que ela não estava olhando. Ela não conseguia parar de imaginar.

E se ele lembrasse?

E se, depois de tê-la tocado, abraçado e beijado, ele tivesse descoberto um novo desejo?

Ele ainda era casado com Amatis, é claro; mesmo que desejasse Céline — ou até a amasse um pouco — não havia nada que pudesse ser feito a respeito.

Mas e se?

— Mais alguém está com fome? — perguntou Céline.

— E quando é que eu não estou com fome? — retrucou Stephen. Ele deu um tapa forte na feiticeira. Ela se mexeu, mas não acordou.

Céline foi até a porta.

— Por que eu não procuro algo para comermos enquanto vocês... cuidam disso? Robert puxou o cabelo da feiticeira com força. Ela gritou e seus olhos abriram.

— Não deve demorar.

— Ótimo. — Céline torceu para que eles não percebessem o quão desesperada ela estava para sair dali. Não tinha estômago para esse tipo de coisa, mas não podia correr o risco de que eles relatassem isso a Valentim. Ela tinha dado duro demais para conquistar o respeito dele.

— Ei, você está mancando — disse Stephen. — Precisa de mais um iratze?

Ele estava preocupado com ela. Ela disse a si mesma para não ficar tentando ler nas entrelinhas.

— Não está mais doendo — mentiu. — Estou bem.

Ela não aplicara o símbolo de cura direito, e o machucado não tinha fechado totalmente. Às vezes, preferia sentir dor.

Quando ela era criança, seus pais frequentemente se recusavam a aplicar iratzes após treinamentos, principalmente quando os ferimentos tivessem sido resultado de seus próprios erros. Que a dor seja um lembrete para agir melhor da próxima vez, eles diziam. Tantos anos depois, e ela ainda cometia tantos erros.

Céline estava na metade da escadaria quando percebeu que tinha esquecido a carteira. Subiu com dificuldade e hesitou do lado de fora da porta, parando ao ouvir seu nome.

— Eu e Céline? — Ela ouviu Stephen dizer.

Sentindo-se ligeiramente ridícula, ela pegou a estela e desenhou um símbolo cuidadoso na porta. As vozes amplificadas soaram altas e claras.

Stephen riu.

— Você só pode estar brincando.

— Pareceu um beijo bem bom...

— Eu estava sob efeito de drogas!

— Mesmo assim. Ela é bonita, não acha? Fez-se uma pausa tortuosa.

— Não sei, nunca pensei nisso.

— Você sabe que o casamento não significa que você não pode olhar para outras mulheres, certo?

— Não é isso — disse Stephen. — É...

— O jeito como ela o segue feito um cachorrinho babão?

— Isso não ajuda — Stephen admitiu. — Ela é só uma criança. Quer dizer, não importa a idade que tenha, ela sempre vai precisar de alguém que a diga o que fazer.

— Isso é verdade — falou Robert. — Mas Valentim parece convencido de que ela tem algo mais.

— Ninguém está sempre certo — disse Stephen, e agora os dois estavam rindo. — Nem ele.

— Que ele não o ouça!

Céline não se deu conta de que estava em movimento até sentir a chuva no rosto. Ela sucumbiu contra a pedra gelada da fachada do prédio, desejando poder derreter nela. Se transformar em pedra; desligar os nervos, os sentidos, o coração; não sentir nada... quem dera.

O riso deles ecoou em seus ouvidos. Ela era uma piada.

Era ridícula.

Era alguém em quem Stephen jamais pensava, com quem ele nunca se importou, que ele nunca quis. Que nunca ia querer, de jeito nenhum.

Ela era uma criatura ridícula. Uma criança. Um erro.

As calçadas estavam vazias. As ruas brilhavam com a chuva. O farol no alto da Torre Eiffel tinha sido apagado, junto com o restante da cidade. Céline se sentiu completamente sozinha. Sua perna estava latejando. As lágrimas não paravam. Seu coração berrava. Ela não tinha para onde ir, mas não podia voltar lá para cima, para aquele apartamento, para aqueles risos. E partiu cegamente pela noite parisiense.

#

Céline se sentia em casa nas ruas escuras e adormecidas. Ficou vagando durante horas. Pelo Marais e pelo imenso Pompidou, atravessando da margem direita do Sena para a esquerda, e voltando. Visitou as gárgulas de Notre Dame, aqueles demônios de pedra horrorosos agarrados às flechas góticas, esperando sua chance de devorarem os fiéis. Não parecia justo que a cidade estivesse tão cheia de criaturas de pedra incapazes de sentir, e cá estava ela, sentindo demais.

Ela estava nas Tulherias — mais fantasmas sangrentos, mais criaturas feitas de pedra — quando viu o rastro de icor. Ainda era uma Caçadora de Sombras, por isso seguiu o rastro e alcançou o demônio Shax no bairro da Ópera, mas ficou nas sombras, esperando para ver o que ele estava fazendo. Demônios Shax eram rastreadores, utilizados na caça de pessoas que não queriam ser encontradas. E esse demônio definitivamente estava procurando alguma coisa.

Céline, por sua vez, o rastreou.

Ela o perseguiu pelos jardins silenciosos do Louvre. O icor escorria de um ferimento, mas ele não se movia como uma criatura se recolhendo para cuidar dos machucados. As garras gigantescas deslizavam pelos paralelepípedos enquanto ele hesitava nas esquinas, escolhendo qual caminho seguir. Era um predador procurando sua presa.

O demônio parou no arco do Louvre, ao pé da Pont des Arts. A pequena ponte de pedestres se estendia pelo Sena, as grades cheias de cadeados de apaixonados. Dizia-se que, se um casal prendesse um cadeado na Pont des Arts, seu amor seria eterno. A ponte estava quase deserta a

essa hora, exceto por um jovem casal abraçado, completamente desavisado quanto ao demônio Shax saindo das sombras, com as garras batendo com expectativa.

Céline sempre carregava uma lâmina de misericórdia. A ponta fina era exatamente o que precisava para penetrar a carapaça insectoide do demônio.

Tomara.

— Gadreel — sussurrou, nomeando uma lâmina serafim. Ela chegou sorrateiramente por trás do demônio Shax, tão firme e silenciosa quanto ele. Ela também era uma predadora. E, com um movimento suave e certo, perfurou a carapaça com a misericórdia para, em seguida, enfiar a lâmina serafim no ferimento aberto.

O demônio se dissolveu.

Foi tudo tão rápido e silencioso que o casal na ponte nem interrompeu o abraço. Estavam ligados demais um ao outro para perceberem o quão próximo estiveram de serem devorados por um demônio. Céline ficou ali, tentando imaginar: estar na ponte com alguém que a amasse, um homem olhando tão fixamente em seus olhos a ponto de não perceber o fim do mundo.

Mas a imaginação de Céline foi interrompida. A realidade a envolveu. Enquanto pensava que Stephen não a notava, ela podia fantasiar sobre o que aconteceria se ele notasse.

Agora ela sabia. Não tinha como des-saber.

Céline limpou e guardou a lâmina; em seguida, se aproximou do casal, perto o bastante para ouvir o que estavam dizendo. Ela estava disfarçada, afinal, não tinha mal nenhum ouvir um pouco de conversa alheia. O que um homem dizia para a mulher que amava quando achava que mais ninguém podia escutar? Talvez nunca descobrisse, se ficasse esperando que alguém dissesse para ela.

— Detesto dizer que avisei — a mulher estava falando —, mas...

— Quem podia imaginar que ele estaria tão disposto a confiar em uma feiticeira?

— Quem podia imaginar que alguém pudesse acreditar que você era o descendente perdido de uma linhagem nobre de Caçadores de Sombras? — falou e, em seguida, riu. — Ah, espere, eu sabia. Admita, no fundo, você sabia que ia funcionar. Você só não queria.

— Claro que eu não queria. — Ele a tocou na bochecha, de um jeito incrivelmente gentil. — Detesto isso. Detesto deixá-la aqui.

— Não será por muito tempo. E é melhor assim, Jack, eu juro.

— Você vai me encontrar em Los Angeles assim que tudo estiver resolvido? Jura?

— No Mercado das Sombras. Na nossa velha casa. Juro. Assim que eu tiver certeza de que o rastro esfriou. — Ela o beijou, um beijo longo e intenso. Quando pressionou a mão contra a bochecha dele, Céline viu o brilho de uma aliança de casamento.

— Rosemary...

— Não quero você perto dessas pessoas. Não é seguro.

— Mas é seguro para você?

— Você sabe que estou certa — disse ela.

O homem abaixou a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Parecia caro, exceto pelo buraco no lado esquerdo.

— Sei.

— Pronto?

Ele fez que sim com a cabeça, e ela pegou um pequeno frasco da bolsa.

— É bom que funcione. — Ela o entregou ao marido, que tirou a rolha, engoliu o conteúdo, e o jogou no rio.

Logo depois, ele levou as mãos ao rosto e começou a gritar.

Céline entrou em pânico. Não cabia a ela interferir, mas ela não podia simplesmente ficar aqui e testemunhar enquanto essa mulher assassinava...

— Jack, Jack, está tudo bem, você está bem.

Ela se agarrou ao marido, que gemia e tremia, e finalmente se aninhou silenciosamente em seus braços.

— Acho que funcionou — disse ele.

Quando se separaram, Céline prendeu a respiração. Mesmo à pouca luz da rua, ela conseguia ver que o rosto dele havia se transformado. Ele era louro e tinha olhos verdes e atentos, traços fortes, tinha mais ou menos a idade de Stephen e era quase tão bonito quanto ele. Agora parecia dez anos mais velho, com o rosto cheio de rugas de preocupação, cabelos cor de lama e o sorriso torto.

— Horrroso — falou a mulher chamada Rosemary em tom de aprovação. Em seguida, ela o beijou novamente, com o mesmo desespero de antes, como se nada tivesse mudado. — Agora vá.

— Tem certeza?

— Tanto quanto tenho certeza de que te amo.

O homem fugiu noite adentro, e seu casaco se confundiu com a escuridão.

— E jogue o casaco fora! — Rosemary gritou atrás dele. — É óbvio demais!

— Nunca! — gritou ele em resposta, e depois sumiu.

Rosemary se inclinou na ponte e enterrou o rosto nas mãos. Por isso não viu a gárgula atrás dela piscar os olhos e apontar o focinho de pedra em sua direção.

Céline, de repente, se lembrou: a Pont des Arts não tinha gárgulas. Era um demônio Achaieral de carne e sangue, e parecia faminto.

Com um rugido furioso, a sombra monstruosa se desgrudou da ponte e abriu um enorme par de asas de morcego, que escureceu a noite. Com uma velocidade chocante, Rosemary pegou uma espada e atacou. O demônio gritou de dor, arranhando as garras contra a lâmina metálica com força suficiente para derrubá-la das mãos da moça. Rosemary caiu no chão e o demônio aproveitou a oportunidade. Pulou para o peito dela, imobilizando-a sob suas asas enormes e sibilou, aproximando os dentes:

— Sariel — murmurou Céline e golpeou o demônio no pescoço com sua lâmina serafim. Ele gritou de dor e girou para cima dela, com as entranhas aparecendo enquanto tentava atacar, em seus últimos momentos.

Rosemary empunhou a espada e decapitou a criatura, segundos antes da cabeça e do tronco explodirem em uma nuvem de poeira. Satisfeita, ela caiu para trás, e o ferimento no ombro sangrava sem parar.

Céline imaginava o quanto estava doendo — e o quão determinada a mulher estava a não revelar qualquer dor. Ela se ajoelhou ao lado dela. Rosemary recuou.

— Deixe-me ver... eu posso ajudar.

— Eu jamais pediria ajuda a uma Caçadora de Sombras — disse ela amargamente.

— Você não pediu, para falar a verdade. E de nada.

A mulher suspirou, depois examinou o machucado ensanguentado. Ela o tocou com cuidado, e fez uma careta.

— Já que está aqui, quer aplicar um iratze?

Estava claro que a mulher não era mundana. Mesmo uma mundana com o dom da Visão não poderia ter lutado como ela lutou. Mas isso não significava que pudesse suportar um iratze. Ninguém que não fosse Caçador de Sombras podia.

— Olha, não tenho tempo para explicar e não posso ir ao hospital e contar que fui ferida por um demônio, não é mesmo?

— Se você conhece iratzes, então sabe que só um Caçador de Sombras pode suportar os símbolos — disse Céline.

— Eu sei. — Rosemary a encarou com firmeza.

Ela não tinha o símbolo da Clarividência. Mas a forma como se moveu, o jeito como lutou...

— Você já usou algum símbolo antes? — perguntou hesitante. Rosemary sorriu.

— O que você acha?

— Quem é você?

— Ninguém com quem precise se preocupar. Vai ajudar ou não?

Céline pegou a estela. Aplicar um símbolo em alguém que não fosse Caçador de Sombras significava provável morte, agonia certa. Ela respirou fundo, depois aplicou cuidadosamente a estela na pele.

Rosemary soltou um suspiro de alívio.

— Vai me contar quem mandou um demônio Shax atrás de você? — perguntou Céline. — E se foi a mesma pessoa que se certificou de que haveria um demônio Achaieral aqui para concluir o serviço?

— Não. Você vai me contar por que está vagando no meio da noite com cara de quem teve sua pedra de estimação afogada por alguém no Sena?

— Não.

— Muito bem, então. E obrigada.

— O cara que estava com você aqui antes...

— Está falando daquele que você não viu e sobre o qual jamais vai comentar nada, nunca, se souber o que é melhor para você?

— Você o ama e ele a ama, certo? — perguntou Céline.

— Acho que deve amar, porque algumas pessoas perigosas estão atrás de mim — disse Rosemary. — E ele fez o melhor que pôde para garantir que estejam procurando por ele, na verdade.

— Não entendo.

— E não precisa entender. Mas sim. Ele me ama. E eu o amo. Por quê?

— Eu só... — Ela queria perguntar como era, como se sentia. Também queria prolongar a conversa. Tinha medo de ficar sozinha outra vez, abandonada na ponte entre o escuro infinito do rio e do céu. — Só quero ter certeza de que tem quem cuide de você.

— Nós cuidamos um do outro. É assim que funciona. Por falar nisso... — Ela examinou Céline. — Estou em dívida com você agora, por ter me ajudado com o demônio. E por guardar meu segredo.

— Eu não disse que iria...

— Você vai. E eu não acredito em dívidas, então deixe-me fazer um favor.

— Não preciso de nada — disse Céline, querendo dizer não preciso de nada que alguém possa me dar.

— Eu mantenho os olhos abertos e vejo o que está acontecendo no mundo dos Caçadores de Sombras. Você precisa de mais do que imagina. Acima de tudo, você precisa ficar longe de Valentim Morgenstern.

Céline enrijeceu.

— O que você sabe sobre Valentim?

— Sei que você faz bem o tipo dele, jovem e emotiva, e sei que ele não é confiável. Presto atenção nas coisas. Você deveria fazer o mesmo. Ele não está te contando tudo. Eu sei disso. — Ela olhou por cima do ombro de Céline, e seus olhos se arregalaram. — Vem vindo alguém. É melhor sair daqui.

Céline se virou. Um Irmão do Silêncio vinha pela margem esquerda, se aproximando da beira da ponte. Não havia como saber se era o mesmo que tinha conhecido no Mercado das Sombras, mas ela não podia correr o risco de encontrá-lo novamente. Não depois do que contou para ele. Era humilhante demais.

— Lembre-se — disse Rosemary. — Valentim não é confiável.

— E por que eu deveria confiar em você?

— Por motivo algum — retrucou a outra. Sem mais uma palavra, ela percorreu a ponte em direção ao Irmão do Silêncio.

O céu estava clareando. A noite sem fim tinha dado lugar ao amanhecer.

#

Eu esperava encontrar seu marido nessa ponte. Mas mesmo enquanto formava as palavras, o Irmão Zachariah sentiu que não eram verdadeiras.

Ele tinha confiado em um homem que sabia que não era confiável. Permitiu que sua simpatia à linhagem Herondale, seu desejo de acreditar que restava algum laço entre os Carstairs e os Herondale — apesar de esse homem mal ser um Herondale e Zachariah mal ser um Carstairs

— comprometessem seu julgamento. E agora talvez Jack Crow tivesse que enfrentar as consequências.

— Ele não vem. E você nunca mais vai vê-lo, Caçador de Sombras, então sugiro que nem procure.

Entendo que os Caçadores de Sombras tenham dado todos os motivos para a sua família não confiar em nós, mas...

— Não leve para o lado pessoal, eu não confio em ninguém — disse ela. — Foi assim que consegui me manter viva.

A jovem era teimosa e grosseira, e o Irmão Zachariah não conseguia deixar de gostar dela.

— Quer dizer, se eu fosse confiar em alguém, não seria em um culto de fundamentalistas violentos que adoram executar seus semelhantes... mas, como disse, não confio em ninguém.

Exceto em Jack Crow.

— Esse não é mais o nome dele.

Qualquer que seja o nome que escolha, sempre será um Herondale.

Ela riu, e ao fazê-lo, seu rosto assumiu uma expressão estranhamente familiar. Familiar como Jack Crow nunca fora.

— Você não sabe de nada, Caçador de Sombras.

Irmão Zachariah pegou na túnica o colar de garça que havia comprado no Mercado das Sombras. O colar, ele se lembrou, que Crow vendera sem permissão ou conhecimento da esposa. Como um homem só faria se não fosse dele. O pingente brilhou à luz do amanhecer. Zachariah notou a surpresa dela e ofereceu a corrente.

Ela abriu a mão e deixou que ele colocasse gentilmente o pingente na palma. Algo profundo nela pareceu se ajustar quando fechou a mão em volta do pingente de garça — como se tivesse perdido um pedaço essencial de sua alma e agora tivesse recuperado.

— Um pombo? — Ela ergueu as sobrancelhas.

Uma garça. Talvez você a reconheça?

— Por que reconheceria?

Porque eu a comprei do seu marido.

Os lábios dela se contraíram, formando uma linha fina e tensa. A mão se fechou num punho em volta do colar. Ficou claro que o menino da barraca falou a verdade: ela não sabia que o pingente estava à venda.

— Então por que está me dando?

Ela podia fingir falta de interesse, mas Zachariah ficou imaginando o que diria se ele pedisse de volta. Desconfiou que teria que brigar por isso.

Porque tenho a sensação de que pertence a você... e à sua família.

Ela se retesou, e o Irmão Zachariah notou o movimento mínimo da mão dela, como se estivesse alcançando instintivamente uma arma. Ela tinha instintos aguçados, mas também autocontrole... e arrogância, graça, lealdade, a capacidade de amar muito, e uma risada capaz de iluminar o céu.

Ele tinha vindo a Paris em busca do Herondale perdido. E a encontrara.

— Não sei do que está falando.

Você é a Herondale. Não o seu marido. Você. A herdeira perdida de uma nobre linhagem de guerreiros.

— Não sou ninguém — ela se irritou. — Ninguém do seu interesse, pelo menos.

Eu poderia entrar na sua mente e confirmar a verdade.

Ela se encolheu. Zachariah não precisava ler a mente dela para entender o pânico, nem as grandes dúvidas em relação a si mesma enquanto tentava entender como ele tinha descoberto a verdade.

Mas eu não invadiria seus segredos. Só quero ajudar.

— Meus pais me contaram tudo que eu preciso saber sobre os Caçadores de Sombras — falou, e o Irmão Zachariah entendeu que isso seria o mais próximo de uma confissão que ele ouviria. — Sua preciosa Clave. Sua Lei. — Ela cuspiu depois da última palavra como se fosse veneno.

Não estou aqui como representante da Clave. Eles nem imaginam que vim até você — nem mesmo que você existe. Tenho meus próprios motivos para encontrá-la, para protegê-la.

— Quais são?

Eu não invadiria seus segredos, e peço que não invada os meus. Saiba apenas que tenho uma grande dívida com sua família. Os laços que me ligam aos Herondale são mais profundos que sangue.

— Bem, é muita gentileza sua e tudo mais, mas ninguém cobrou nenhuma dívida — disse Rosemary. — Eu e Jack estamos bem, cuidando um do outro, e é isso que continuaremos fazendo.

Foi inteligente de sua parte fazer parecer que era seu marido que eu procurava, mas...

— Foi inteligente da parte de Jack. As pessoas o subestimam. E pagam caro por isso. ... mas se eu pude penetrar seu disfarce, outros que a procuram podem fazer o mesmo. E eles são mais perigosos do que você imagina.

— Esses “outros” de quem você fala mataram meus pais. — O rosto de Rosemary ficou impassível. — Eu e Jack estamos fugindo há anos. Pode acreditar, eu sei exatamente o perigo que corro. E sei o quão perigoso é confiar em um estranho, até mesmo em um estranho com poderes psíquicos ninjas e um senso estranho de moda.

Uma das coisas que o Irmão Zachariah aprendeu na Irmandade do Silêncio foi o poder da aceitação. Às vezes, era mais forte reconhecer uma luta vã e aceitar a derrota, para assim preparar melhor o terreno para a próxima batalha.

Apesar de não ser uma batalha, ele lembrou a si mesmo. Não dava para guerrear pela confiança de alguém; só era possível conquistá-la.

Seu pingente de garça agora tem um feitiço. Se você se deparar com algum problema que não consiga enfrentar sozinha, basta me chamar, e eu irei.

— Se você pensa que pode nos rastrear com essa coisa...

Seu marido sugeriu que a única maneira de conquistar a confiança é oferecendo-a. Não vou tentar encontrá-la, se você não quiser ser encontrada. Mas com esse pingente, sempre poderá me encontrar. Confio que vai me chamar se, ou quando, precisar de ajuda. Por favor, confie que sempre responderei.

— E quem é você, exatamente?

Pode me chamar de Irmão Zachariah.

— Eu poderia, mas caso me encontre nessa situação hipotética em que um monge com sede de sangue precise salvar a minha vida, prefiro saber seu nome verdadeiro.

Eu já fui... fazia tanto tempo. Ele quase não se sentia digno de ter o nome. Mas sentia um prazer profundo, quase humano, em se permitir tê-lo. Já fui conhecido como James Carstairs. Jem.

— Então quem você chamará se encontrar problemas que não puder resolver sozinho, Jem?

— Ela prendeu o colar no pescoço e Zachariah sentiu uma onda de alívio. Pelo menos, isso ele tinha conseguido.

Não imagino que isso aconteça.

— Então não está prestando atenção.

Ela o tocou no ombro inesperadamente, e com uma gentileza surpreendente.

— Obrigada por tentar — disse ela. — É um começo. Depois ele a observou se afastar.

Irmão Zachariah observou a água correndo por baixo da ponte. Pensou na outra ponte, em outra cidade, onde uma vez por ano voltava para se lembrar do homem que tinha sido outrora e dos sonhos que aquele homem já teve.

No final da Pont des Arts, um jovem músico de rua tirou de uma caixa um violino e o apoiou sob o queixo. Por um instante, Zachariah achou que estivesse imaginando, que tinha invocado uma fantasia antiga de si mesmo. Mas ao se aproximar — porque não conseguia ficar longe — percebeu que o artista era uma menina. Era jovem, não tinha mais do que 14 ou 15 anos, estava com os cabelos presos sob uma boina, e tinha uma gravata borboleta antiquada no colarinho da camisa branca.

Ela tocou as cordas e começou uma melodia penetrante. Irmão Zachariah logo a reconheceu: um concerto de violino de Bartók composto muito depois de Jem Carstairs aposentar o instrumento.

Irmãos do Silêncio não tocavam música. Também não ouviam música, não do jeito comum.

Mas mesmo com seus sentidos bloqueados aos prazeres mortais, eles ainda escutavam.

Jem escutava.

Ele estava disfarçado; a menina deve ter presumido que estava sozinha. Não havia plateia para a música, nenhuma possibilidade de pagamento. Ela não estava tocando por trocados, mas por prazer. Estava voltada para a água, para o céu. Era uma música para receber o sol.

Distraído, ele se lembrou da pressão suave do apoio para o queixo. Lembrou-se das pontas dos dedos tocando as cordas. Lembrou-se da dança do arco.

Lembrou-se de como, algumas vezes, parecia que era a música que o tocava. Não havia música na Cidade do Silêncio; não havia sol, nem amanhecer. Só havia escuridão. Só havia quietude.

Paris era uma cidade que mobilizava os sentidos: comida, vinhos, arte, romance. Por toda parte, havia um lembrete do que ele perdera, dos prazeres de um mundo que não era mais seu. Ele tinha aprendido a conviver com a perda. Era mais difícil quando ficava imerso no mundo assim, mas era suportável.

Só que agora era diferente.

O nada que sentiu ao ouvir a melodia, ao ver o arco subir e descer pelas cordas — o grande vazio dentro dele, ecoando apenas com o passado. Isso o fazia se sentir extremamente não humano.

O desejo que sentia, de ouvir de fato, de querer, de sentir? Isso quase o fazia se sentir vivo.

Venha para casa, os Irmãos sussurraram em sua mente. É hora.

Ao longo dos anos, ao obter mais controle, o Irmão Zachariah aprendeu a se isolar das vozes dos Irmãos quando era necessário. Era uma coisa estranha, a Irmandade. A maioria presumia se tratar de uma vida solitária — e, de fato, era. Mas nunca sozinha. A Irmandade sempre estava lá, na beira de sua consciência, observando, esperando. O Irmão Zachariah só precisava estender uma mão e a Irmandade o chamaria.

Logo, ele prometeu. Mas ainda não. Ainda tenho assuntos por aqui.

Ele era mais Irmão do Silêncio do que não era. Mas ainda era menos Irmão do Silêncio do que os outros. Era um espaço estranho, limítrofe, que permitia um pouco de privacidade — e um desejo de tê-la que seus Irmãos já tinham há muito abandonado. Zachariah se isolou deles por um instante. Sentiu-se muito mal pelo fracasso aqui, mas era bom, era humano se sentir mal, e ele queria saborear tudo sozinho.

Ou talvez nem tudo sozinho.

Tinha, de fato, mais um assunto antes de poder voltar para a Cidade do Silêncio. Ele precisava se explicar para a pessoa que se importava tanto quanto ele com os Herondale.

Ele precisava de Tessa.

#

Céline não foi para o apartamento de Valentim com a intenção de invadir. Isso teria sido loucura. E, de qualquer forma, após uma noite e um dia vagando a esmo pela cidade, ela estava com muito sono para elaborar intenções claras de qualquer coisa. Simplesmente seguiu um impulso. Queria a certeza que sentia na presença de Valentim, o poder que ele tinha de fazê-la acreditar. Não só nele, mas nela mesma.

Após seu estranho encontro na ponte, ela cogitou voltar para o apartamento em Marais. Sabia que Stephen e Robert deveriam ser avisados da atividade demoníaca inesperada, da possibilidade de uma Caçadora de Sombras dissidente causando problemas e espalhando desconfiança sobre o Círculo.

Mas ela não conseguia encará-los. Que se preocupassem com o que havia acontecido com ela.

Ou que não se preocupassem. Ela não se importava mais.

Pelo menos, estava se esforçando muito para não se importar.

Tinha passado o dia no Louvre, assombrando galerias que nenhum dos turistas se interessava em visitar, velhas máscaras etruscas e moedas da Mesopotâmia. Ela passara horas lá quando era pequena, se misturando aos grupos de estudantes. Era fácil, quando criança, passar despercebida.

O desafio, Céline agora entendia, era ser vista, e, após ser vista, suportar o julgamento.

Ela não conseguia parar de pensar no casal na ponte, na maneira como se olhavam. Na forma como se tocavam, com tanto amor e tanta necessidade. E também não conseguia parar de pensar no alerta da mulher sobre Valentim. Céline tinha certeza de que podia confiar a vida a Valentim.

Mas se tinha se enganado tanto em relação a Stephen, como podia ter certeza de que tinha razão em relação a qualquer coisa?

Valentim estava hospedado em um apartamento opulento no sexto arrondissement, perto de uma famosa chocolateria e um armazém onde os chapéus encomendados custavam mais caro do que o aluguel. Ela bateu com força na porta. Quando ninguém respondeu, foi fácil violar a tranca.

Estou invadindo o apartamento de Valentim Morgenstern, pensou, espantada consigo mesma.

Não parecia real.

O apartamento era elegante, quase régio, com as paredes cobertas por flores-de-lis douradas, e os móveis cobertos de veludo. Tapetes cobriam o soalho de madeira. Cortinas douradas e pesadas continham a luz. O único anacronismo da sala era uma ampla caixa de vidro no centro, dentro da qual encontrava-se Dominique du Froid, amarrada, machucada e inconsciente.

Ante que pudesse decidir o que fazer, ouviu o ruído de uma chave na fechadura. A maçaneta girou. Sem pensar, Céline foi para trás das cortinas espessas. Ficou imóvel ali.

Do seu esconderijo não dava para ver Valentim andando de um lado para outro na sala. Mas deu para ouvir tudo que precisava.

— Acorde. — Ele se irritou.

Fez-se uma pausa, um ruído, e, depois, uma mulher gritou de dor.

— Demônios Halphas? — falou ele, com um tom entre divertido e furioso. — Sério?

— Você me mandou fazer parecer real — Dominique resmungou.

— Sim, eu mandei fazer parecer real, e não colocá-los em risco.

— Você também me disse que ia pagar, mas aqui estou, em uma espécie de jaula. Com a carteira vazia. E alguns galos desagradáveis na cabeça.

Valentim suspirou forte, como se isso tudo fosse uma perda de tempo irritante.

— Você disse a eles exatamente o que combinamos, certo? E assinou a confissão?

— Não foi isso que aqueles malditos disseram quando me largaram aqui? Então, que tal me pagar por meus serviços, e podemos esquecer que isso aconteceu.

— Com prazer.

Fez-se um estranho ruído que Céline não conseguiu identificar. Em seguida, veio um odor que ela reconheceu: carne queimada.

Valentim limpou a garganta.

— Pode sair, Céline.

Ela congelou. Não foi tanto a sensação de perder o ar, mas de perder a capacidade de respirar.

— Ultimamente não estamos sabendo nos disfarçar, não é? Venha, apresente-se. — Ele bateu as palmas com força, como se chamasse um animal de estimação. — Chega de jogos.

Céline saiu de trás da cortina, como uma tola.

— Sabia que eu estava aqui? O tempo todo?

— Você se surpreenderia com o que eu sei, Céline. — Valentim deu um sorriso frio. Como sempre, estava todo de preto, o que fazia com que seu cabelo louro-branco brilhasse com um fogo pálido. Céline supunha que, em termos objetivos, Valentim era tão bonito quanto Stephen, mas era impossível pensar nele assim. Ele era bonito como uma estátua era bonita: perfeitamente esculpido, uma pedra imóvel. Às vezes, na Academia, Céline o observava com Jocelyn, maravilhada com a forma como um toque conseguia derreter o gelo dele. Uma vez Céline os viu abraçados e ficou assistindo das sombras enquanto eles se perdiam um no outro. Quando interromperam o beijo, Valentim ergueu a mão até a bochecha de Jocelyn com um toque incrivelmente gentil, e sua expressão ao encarar seu primeiro e único amor foi quase humana.

Agora não havia mais nenhum traço disso nele. Ele abriu os braços amplamente, como se a convidasse a se sentir em casa naquela sala opulenta. A jaula no centro estava vazia, exceto por uma pilha ardente de rendas pretas e couro. Dominique du Froid estava morta.

Valentim seguiu o seu olhar.

— Ela era uma criminosa — falou. — Simplesmente adiantei uma sentença inevitável.

Havia boatos sobre Valentim, sobre a mudança que o assolou quando seu pai foi morto. Sussurros sombrios sobre as crueldades que ele cometia não só com invasores do Submundo, mas com qualquer pessoa que o irritasse. Qualquer pessoa que o questionasse.

— Você parece preocupada, Céline. Até mesmo... assustada.

— Não — retrucou ela rapidamente.

— É quase como se você achasse que invadir meu apartamento para me espionar pudesse ter alguma consequência ruim.

— Eu não estava espionando, eu só...

Ele então sorriu de modo tão caloroso e tão brilhante, que ela se sentiu ridícula por ter tido tanto medo.

— Aceitaria um chá? E talvez alguns biscoitos? Parece que não come há um ano.

Ele ofereceu um banquete: chá e biscoito, além de fatias de pão, queijo de cabra fresco, um pequeno pote de mel e uma tigela com mirtilos que pareciam recém-colhidos. Céline não sabia que estava com fome até sentir o gosto do mel na língua. Percebeu que estava faminta.

Conversaram educadamente sobre Paris: os cafés favoritos, os melhores pontos para um piquenique, a melhor barraca de crepe, os méritos relativos do museu d'Orsay e do Pompidou. Então Valentim pegou um pedaço grande de baguete com queijo e disse, quase alegremente:

— Você sabe, é claro, que os outros a consideram fraca, e não muito inteligente. Céline quase engasgou com um mirtilo.

— Se dependesse da maioria do Círculo, você não faria parte dele. Felizmente, isso não é uma democracia. Eles acham que a conhecem, Céline, mas não sabem de nada, não é mesmo?

Lentamente, ela balançou a cabeça. Ninguém a conhecia, não de verdade.

— Eu, por outro lado, acreditei em você. Confiei em você. E você retribui essa confiança com desconfiança?

— Eu realmente não...

— Claro, não desconfiava. Só pensou em fazer uma visita. Por trás das minhas cortinas, enquanto eu estava fora.

— Ok. Oui. Eu desconfiei.

— Viu? Você é esperta. — Aquele sorriso outra vez, caloroso e aprovador, como se ela tivesse cumprido as intenções dele. — E o que descobriu a meu respeito com sua intrépida investigação?

Não havia motivo para fingir. E Céline estava tão curiosa quanto apavorada. Então falou a verdade, de acordo com suas suposições.

— Dominique du Froid não estava trabalhando com dois Caçadores de Sombras. Estava negociando com você. Você está tentando armar para alguém, e está nos usando para isso.

— Nós?

— Eu. Robert. Stephen.

— Robert e Stephen, sim, realmente estou usando os dois. Mas você? Você está aqui, não é mesmo? Está sabendo de tudo.

— Estou?

— Se quiser...

Os pais de Céline não eram do tipo que liam contos de fadas para ela. Mas ela já tinha lido o suficiente para conhecer a principal regra dessas histórias: cuidado com o que deseja.

E, como todo Caçador de Sombras, ela sabia: as histórias são verdadeiras.

— Quero saber — falou.

Ele disse que ela estava certa. Ele estava armando para dois Caçadores de Sombras, inocentes desses crimes, mas culpados de um muito maior: se colocarem no caminho do Círculo.

— Estão presos a tradições, são devotos da corrupção da Clave. E estão focados em me destruir. Então me antecipei. — Ele tinha usado a feiticeira para plantar provas, admitiu. Agora utilizaria Stephen e Robert como testemunhas de sua confissão. — Considerando que ela, infelizmente, não está mais aqui para testemunhar.

— E a Espada Mortal? — perguntou Céline. — Não teme o que acontecerá quando os Caçadores de Sombras acusados forem interrogados?

Valentim estalou a língua, como se estivesse decepcionado por ela não ter tirado imediatamente a conclusão correta.

— Infelizmente eles não chegarão até lá. Sei que esses dois Caçadores de Sombras vão tentar fugir no caminho para a Cidade do Silêncio. Vão morrer no caos que sucederá. Trágico.

As palavras pesaram entre eles. Céline tentou assimilar a situação. Valentim não estava apenas armando para dois Caçadores de Sombras, dois Caçadores de Sombras inocentes. Estava planejando matá-los a sangue frio. Era um crime impensável, pelo qual a Lei exigiria a morte.

— Por que está me contando isso? — perguntou, tentando impedir que a voz tremesse.
— O que o faz pensar que não vou entregá-lo? A não ser...

A não ser que ele não tivesse nenhuma intenção de permitir que ela saísse viva do apartamento.

Um homem que podia matar dois Caçadores de Sombras a sangue frio poderia matar uma terceira. Tudo nela dizia que devia se levantar, sacar a arma, lutar para sair dali, correr para o Instituto de Paris e contar tudo. Impedir isso — impedi-lo — antes que ele fosse longe demais. Valentim a observou calmamente, com as palmas das mãos na mesa, como se dissesse: sua vez.

Ela não se mexeu.

A família Verlac, que dirigia o Instituto de Paris, era amiga dos pais dela. Mais de uma vez um Verlac a tirou de seu esconderijo e a devolveu para casa. Na primeira vez, ela pediu asilo ao Instituto, onde supostamente todos os Caçadores de Sombras tinham abrigo seguro garantido. Céline foi informada que era jovem demais para pedir aquilo, jovem demais para saber o que seguro significava. E disseram que seus pais a amavam e que ela deveria parar de causar tantos problemas.

Ela não devia nada a eles.

Valentim, por outro lado, a escolhera. Dera uma missão, uma família. Ela devia tudo a ele.

Ele se inclinou em direção a ela, esticou a mão. Ela se forçou a não se esquivar. Ele a tocou no pescoço suavemente, onde o demônio Achaieral a arranhara.

- Você está machucada.
- Não foi nada — falou.
- E estava mancando.
- Estou bem.
- Se precisa de um iratze...
- Estou bem.

Ele fez que sim com a cabeça, como se ela tivesse confirmado uma desconfiança.

- Sim, você prefere desse jeito, não é mesmo?
- De que jeito?
- Com dor.

Agora Céline se esquivou.

- Não prefiro — insistiu. — Isso seria doentio.
- Mas você sabe por que prefere? Por que persegue a dor?

Ela nunca entendeu isso sobre si mesma. Apenas sabia, daquele jeito profundo, sem palavras, graças ao qual você conhecia sua verdade mais essencial.

Havia alguma coisa na dor que a fazia se sentir mais sólida, mais real. Mais no controle. Às vezes, a dor parecia a única coisa que ela podia controlar.

— Você busca a dor porque sabe que ela a faz mais forte — disse Valentim. Parecia que ele tinha dado nome à sua alma sem nome. — Sabe por que eu a entendo melhor do que todos os outros? Porque somos iguais. Aprendemos cedo, não foi mesmo? Crueldade, dureza, dor: ninguém nos protegeu das realidades da vida, e isso nos tornou fortes. A maioria das pessoas é governada pelo medo. Eles fogem da perspectiva de dor, e isso os torna fracos. Você e eu, Céline, sabemos que o único jeito é encarar a dor. Convidar a crueldade do mundo... e dominá-la.

Céline nunca tinha pensado em si mesma dessa forma, dura e forte. Certamente nunca ousou pensar em si mesma como parecida com Valentim.

— Por isso eu a quis no Círculo. Robert, Stephen, os outros? São meninos. Crianças brincando de jogos de adultos. Ainda não foram testados; serão, mas ainda não. Mas eu e você? Somos especiais. Não somos crianças há muito tempo.

Ninguém jamais a chamara de forte. Ninguém jamais a chamara de especial.

— As coisas estão acelerando — disse Valentim. — Preciso saber quem está comigo e quem não está. Então você pode ver por que contei a verdade sobre essa — ele gesticulou para a pilha queimada de roupas de feiticeira — situação.

— É um teste — ela supôs. — Um teste de lealdade.

— Uma oportunidade — ele a corrigiu. — Oferecer minha confiança e recompensá-la pela sua. Minha proposta: você não fala nada sobre o que ficou sabendo aqui e permite que as coisas aconteçam conforme o planejado, e eu lhe entrego Stephen Herondale de bandeja.

— Quê? Eu... Eu não... Eu...

— Eu disse a você, Céline. Eu sei das coisas. Eu a conheço. E posso dar o que você quiser, se realmente quiser.

Cuidado com o que deseja, ela pensou novamente. Ah, mas como queria Stephen. Mesmo sabendo o que ele pensava sobre ela, mesmo com o riso zombeteiro ecoando em seus ouvidos, mesmo acreditando no que Valentim disse, que ela era forte e Stephen, fraco, mesmo sabendo o que sabia, que Stephen não a amava e nunca amaria, ela o queria. Sempre e para sempre.

— Ou pode deixar esse apartamento, correr para a Clave, contar o que quiser para eles. Salvar esses dois Caçadores de Sombras “inocentes”, e perder a única família que realmente já se importou com você — disse Valentim. — A escolha é sua.

#

Tessa Gray respirou a cidade que um dia foi, breve e indelevelmente, seu lar. Quantas noites passou nessa mesma ponte, olhando a imensa sombra de Notre Dame, as águas ondulantes do Sena, os andaimes orgulhosos da Torre Eiffel — a beleza estonteante de Paris, borrada por suas lágrimas incessantes. Quantas noites tinha passado olhando seu reflexo que não envelhecia no rio, imaginando os segundos, os dias, anos, séculos que poderia viver, e todos eles em um mundo sem Will.

Não, sem imaginar. Porque era inimaginável.

Inimaginável, mas cá estava ela, mais de cinquenta anos depois, ainda viva. Ainda sem ele.

Com um coração partido para sempre, mas que ainda batia, ainda era forte.

Ainda era capaz de amar.

Ela fugiu para Paris depois que ele morreu, ficou até ter força suficiente para encarar o futuro, e desde então não voltara. A cidade não parecia ter mudado. Mas, pensando bem, ela também não. Não dava para confiar que as aparências mostrassem a verdade. Não era preciso mudar de forma para saber disso.

Sinto muito, Tessa. Eu a encontrei, e a deixei ir.

Mesmo depois de todos esses anos, ela não estava acostumada com isso, com essa versão fria da voz de Jem falando em sua mente, ao mesmo tempo tão íntima e tão distante. A mão dele estava apoiada nas grades a poucos centímetros. Ela poderia tê-lo tocado. Ele não se afastaria, não dela. Mas a pele dele era tão fria, tão seca, como pedra.

Tudo nele era como pedra.

— Você a encontrou: era isso que pretendíamos, certo? Nunca foi uma questão de trazer a Herondale perdida de volta para o mundo dos Caçadores de Sombras ou de escolher um caminho para ela.

Havia conforto no peso familiar do pingente de jade em volta do pescoço, quente em seu peito. Ela ainda o usava, todos os dias, como fez desde que Jem o dera, há mais de um século. Ele não sabia.

O que diz é verdade, mas mesmo assim... não parece certo que uma Herondale corra perigo enquanto não fazemos nada. Temo ter falhado com você, Tessa. Ter falhado com ele.

Entre ela e Jem só existia um ele.

— Nós a encontramos, por Will. E você sabe que Will ia querer que ela fizesse a própria escolha. Assim como ele fez.

Se ele ainda fosse o Jem inteiro, ela o teria abraçado. Ela o teria permitido sentir, em seu abraço, sua respiração, seu coração, o quanto era impossível que ele falhasse com ela ou com Will.

Mas ele era e não era Jem. Ao mesmo tempo, ele e outro, e ela não podia ficar ao seu lado, garantir com palavras inúteis que ele tinha feito o bastante.

Ele já tinha a alertado sobre o que aconteceria, que ele se tornaria menos ele e mais Irmão do Silêncio — e prometeu que a transformação nunca seria completa.

Quando eu não enxergar mais o mundo com meus olhos humanos, ainda serei, de algum jeito,

o Jem que você conheceu, ele havia dito. Eu a verei com os olhos do meu coração.

Quando olhava para ele agora, com os olhos selados, o rosto frio, quando sentia o cheiro inumano, como papel, como pedra, como algo que jamais tinha vivido ou amado, ela tentava se lembrar disso. Tentava acreditar que parte dele ainda estava ali, enxergando, e querendo ser enxergada.

Ficava mais difícil a cada ano. Houve momentos, ao longo das décadas, em que o Jem de suas lembranças parecia totalmente presente. Uma vez, durante uma das inúmeras guerras dos mundanos, eles até se beijaram brevemente — e quase foram além. Jem a afastou antes que as coisas evoluíssem. Depois disso, ele se afastou de Tessa, quase como se temesse o que podia acontecer se ele se permitisse chegar perto demais. Aquele abraço, no qual ela pensava quase todos os dias, tinha acontecido há mais de quarenta anos — e a cada ano ele parecia um

pouco menos Jem, um pouco menos humano. Ela temia que ele estivesse esquecendo de si, pouco a pouco.

Ela não podia perdê-lo. Não ele também.

Ela seria sua memória.

Conheci uma menina aqui, ele disse, apaixonada por um Herondale.

Ela imaginou que podia ouvir um esboço de sorriso em sua voz.

— Ela lhe lembrou alguém? — Tessa provocou.

O amor dela parecia causar muita dor. Gostaria de ter ajudado.

Era uma das coisas que amava nele, o desejo de ajudar qualquer pessoa que precisasse. Isso era algo que a Irmandade do Silêncio não podia tirar dele.

— Eu costumava vir a essa ponte o tempo todo, você sabe, quando morava em Paris. Depois de Will.

É muito pacífico aqui. E muito bonito.

Ela queria dizer que não era isso. Ela não vinha pela paz e nem pela beleza — ela vinha porque a ponte lembrava a Blackfriars Bridge, a ponte dela e de Jem. Ela vinha porque aqui, suspensa entre a terra e a água, com as mãos na grade de ferro e o rosto para o alto, se lembrava de Jem. A ponte lembrava que ainda havia alguém no mundo que ela amava. Que mesmo que metade do seu coração tivesse ido embora para sempre, a outra metade ainda estava aqui. Inalcançável, talvez, mas aqui.

Queria dizer isso a ele, mas não podia. Não seria justo. Seria pedir de Jem algo que ele não poderia dar, e o mundo já pedia muito dele.

— Ele detestaria a ideia de uma Herondale por aí, em algum lugar, que acha que não pode confiar nos Caçadores de Sombras. Que acha que nós somos os vilões.

Talvez ele entendesse.

Era verdade. O próprio Will fora criado para desconfiar dos Caçadores de Sombras. Ele sabia, melhor do que a maioria, quão dura a Clave era com aqueles que lhe davam as costas. Teria se enfurecido se soubesse da parte perdida de sua família, se pensasse na Clave tentando executar uma mãe e um filho pelos pecados de um pai. Tessa temia pela segurança da Herondale perdida, mas, ao mesmo tempo, gostaria de poder convencê-la de que alguns Caçadores de Sombras eram confiáveis. Queria que essa jovem entendesse que nem todos eram duros e insensíveis: que alguns eram como Will.

— Às vezes fico tão furiosa com os Caçadores de Sombras que vieram antes de nós, com os erros que cometeram. Pense em quantas vidas foram arruinadas pelas escolhas de uma geração anterior. — Ela estava pensando em Tobias Herondale, mas também em Axel

Mortmain, cujos pais foram assassinados na frente dele, e Aloysius Skyweather, que pagou por esse pecado com a vida de sua neta. Ela estava pensando até mesmo em seu irmão, cuja mãe se recusou a chamá-lo de dela. Que poderia ter sido um homem melhor, se tivesse sido amado.

Seria injusto culpar o passado por escolhas que fazemos no presente. E não podemos justificar escolhas atuais invocando os pecados do passado. Nós dois sabemos disso, melhor do que a maioria. Jem também tinha visto os pais sendo assassinados. Jem suportara uma vida de dor, mas nunca foi corrompido por isso — nunca recorreu à vingança. E Tessa foi literalmente concebida como uma ferramenta demoníaca. Ela poderia ter escolhido aceitar esse destino; poderia ter escolhido fugir do Mundo das Sombras, voltar para a vida mundana que um dia conheceu e

fingir que não via a escuridão. Ou poderia ter se proclamado a dona da escuridão.

Ela escolhera um caminho diferente. Os dois escolheram.

Sempre temos uma escolha, Jem disse, e pela primeira vez a voz na cabeça de Tessa soou como a dele, calorosa e próxima. Nem sempre é a escolha que queremos, mas é uma escolha ainda assim. O passado acontece conosco. Mas escolhemos o nosso futuro. Só podemos torcer para que a nossa Herondale perdida escolha se salvar.

— Esse é o melhor que podemos esperar para qualquer um de nós, eu suponho.

Jem deslizou a mão pela grade e a colocou sobre a dela. Era, como ela sabia, fria. Inumana. Mas também era Jem: carne e sangue, inegavelmente vivo. E onde há vida, há esperança.

Talvez não agora, não ainda, mas, um dia, ainda pudessem ter um futuro. Ela escolheu acreditar.

#

A igreja de Saint-Germain-des-Prés foi fundada no ano de 558. A abadia original fora construída sobre as ruínas de um antigo templo romano, e destruída, dois séculos mais tarde, por um cerco normando. Reconstruída no século X, a construção sobrevivia, de um jeito ou de outro, há um milênio. Os reis merovíngios estão enterrados em seus túmulos, assim como o coração arrancado de João II Casimiro Vasa e o corpo de René Descartes, sem a cabeça.

Quase todas as manhãs, a abadia recebia um grupo de turistas e observadores locais que vagavam por ali, acendendo velas, de cabeça baixa enquanto sussurravam orações para quem quer que estivesse ouvindo. Mas nesta específica manhã chuvosa de agosto, uma placa na porta indicava que a igreja estava fechada ao público. Lá dentro, o Conclave de Paris estava reunido. Caçadores de Sombras de toda a França ouviam solenemente as acusações a dois dos seus.

Jules e Lisette Montclair ficaram em silêncio, de cabeça baixa, enquanto Robert Lightwood e Stephen Herondale testemunhavam seus crimes.

Sua filha, Céline Montclair, não foi convocada a depor. Ela, é claro, não esteve presente na confissão da feiticeira sobre os crimes de seus pais.

A cena transcorreu como se o próprio Valentim a tivesse escrito, e, como todos os presentes, Céline fez exatamente o que Valentim pretendia: nada.

Por dentro, ela estava em guerra consigo mesma. Furiosa com Valentim por tê-la tornado cúmplice da destruição de seus pais; furiosa consigo mesma por ter ficado em silêncio enquanto seus destinos eram selados; mais furiosa ainda com seu próprio instinto de misericórdia. Afinal, seus pais nunca demonstraram nenhuma por ela. Fizeram o melhor que puderam para ensiná-la que misericórdia era fraqueza, e crueldade era força. Então ela endureceu para ser forte. Disse a si mesma que não era nada pessoal; que era uma questão de proteger o Círculo. Se Valentim acreditava que esse era o caminho certo para o progresso, então esse era o único caminho.

Ela viu os pais tremerem de medo sob o olhar frio do Inquisidor, e se lembrou dos dois se afastando dela, ignorando seus gritos, trancando-a no escuro — e não disse nada. Ficou parada, com a cabeça abaixada, e suportou. Eles também tinham ensinado isso.

Todos os Caçadores de Sombras da França conheciam Céline ou achavam que conheciam: aquela filha doce e obediente do interior da Provence. Sabiam de sua devoção aos pais. Uma ótima filha. Ela herdaria a propriedade deles, é claro.

Céline suportou o peso dos olhares com dignidade. Ela não registrou os olhares de pena. Manteve os olhos no chão ao ouvir o veredito e assim não viu o terror no rosto dos pais. Não os

viu sendo colocados sob a custódia dos Irmãos do Silêncio para serem transportados para a Cidade do Silêncio. Não esperou que sobrevivessem o suficiente para encarar a Espada Mortal.

Ela não falou com Robert e nem com Stephen, e deixou que acreditassem que foi por eles terem condenado seus pais à morte.

Valentim a alcançou do lado de fora da igreja e ofereceu um crepe de Nutella.

— Da barraca em frente ao Deux Magots — falou. — Seu preferido, certo?

Ela deu de ombros, mas aceitou. A primeira mordida — a pasta de chocolate com avelãs, a massa doce — foi perfeita como sempre, e a fez se sentir criança outra vez.

Às vezes, era difícil acreditar que já tinha sido criança.

— Você poderia ter me contado — falou.

— E estragar a surpresa?

— São meus pais.

— Sim.

— E você os matou.

— Ainda estão vivos, pelo que verifiquei — disse Valentim. — Provavelmente poderiam ter continuado assim, bastava uma palavra sua. Mas eu não ouvi.

— Você se arriscou bastante ao não me contar a história toda. Esperando que eu o deixasse... que os deixasse.

— Arrisquei? — retrucou ele. — Ou simplesmente a conheço o suficiente para saber o que você escolheria? Para saber que estava fazendo um favor.

Ele a encarou. Ela não conseguia desviar os olhos. Pela primeira vez, não quis.

— Não precisa admitir, Céline. Só saiba que eu sei. Você não está sozinha nessa.

Ele a enxergava; ele entendia. Era como se um músculo que ela estivesse tensionando a vida inteira finalmente tivesse relaxado.

— Trato é trato — disse ele. — Mesmo que você tenha ganhado mais do que negociou. O Stephen é todo seu... supondo que ainda o queira...

— E como você faria isso acontecer, exatamente? — perguntou ela, ciente agora do que Valentim era capaz. — Você não... não o machucaria, certo?

Valentim pareceu decepcionado com ela.

— Stephen é meu melhor amigo, meu tenente mais confiável. Você perguntar uma coisa dessas me faz questionar sua lealdade, Céline. Você quer que eu ponha em dúvida a sua lealdade?

Ela balançou a cabeça.

Então aquele sorriso caloroso e amanteigado se formou novamente no rosto dele. Ela não sabia dizer se esse era o verdadeiro Valentim aparecendo ou se era a máscara voltando.

— Por outro lado, seria tolice sua não perguntar. E, como conversamos, de tola você não tem nada. Não importa o que as pessoas pensem. Então, sua resposta: não. Juro para você, pelo Anjo, que não causarei nenhum mal a Stephen no cumprimento desse trato.

— E nenhuma ameaça de mal?

— Você pensa tão pouco de si que presume que um homem teria que ser ameaçado para amá-la?

Ela não respondeu. Não precisava; ele certamente era capaz de interpretar sua expressão.

— Stephen está com a mulher errada — disse Valentim a ela, quase gentilmente. — No fundo, ele sabe. Vou simplesmente deixar tão claro para ele quanto é para nós, e o resto vai ser tão fácil quanto cair de um penhasco. Você só precisa relaxar e permitir que a gravidade entre em ação. Não tenha medo de alcançar o que realmente quer, Céline. Você está acima disso.

O que ela realmente queria...

Não era tarde demais para se pronunciar, para salvar seus pais.

Ou ela podia manter sua palavra e guardar o segredo dele. Podia permitir que seus pais pagassem pelo que fizeram com ela. Pelas cicatrizes na pele e no coração. Pelo gelo em seu sangue. Se ela era o tipo de filha que podia ajudar na morte dos pais, a culpa não era de ninguém além deles.

Mas isso não significava que ela tinha que aceitar o trato todo. Mesmo que ficasse quieta, ela podia se afastar: se afastar de Valentim, agora que sabia do que ele era capaz. Se afastar de Stephen, agora que sabia o que ele achava dela. Podia fechar a porta do passado e começar de novo. Podia escolher uma vida sem dor, sem sofrimento ou medo.

Mas quem ela seria, sem dor?

E o que era a força, senão resistência e sofrimento?

Não há nada mais doloroso do que o amor negado, o estranho Irmão do Silêncio tinha dito a ela. Um amor que não pode ser correspondido. Não conheço nada mais doloroso do que isso.

Se Valentim disse que podia lhe dar Stephen Herondale, era verdade. Céline não tinha dúvidas quanto a isso. Ele podia fazer qualquer coisa, inclusive encontrar uma forma de forçar Stephen Herondale em sua vida e em seus braços. Mas nem Valentim podia fazer Stephen amá-la.

Ter Stephen significaria não tê-lo — significaria saber a todo instante, em cada abraço, que ele queria outra pessoa. Seria uma vida desejando algo que não poderia ter. O Irmão do Silêncio era sábio, e falou a verdade. Não podia haver dor maior do que essa.

— Pode pensar com calma — disse Valentim. — É uma escolha e tanto.

— Não preciso pensar — respondeu ela. — Eu quero. Quero Stephen. Não pareceu uma escolha, porque era a única opção que ela tinha.

A Terra Que Perdi

Fantasma do
Mercado das Sombras

Nova York, 2012

O céu estava ficando cinza claro conforme anoitecia, e as estrelas ainda não tinham saído. Alec Lightwood cochilava, já que ele e seu parabatai haviam passado a noite na rua combatendo demônios Croucher. Aparentemente, Jace Herondale, famoso entre os Nephilim por ser um grande estrategista, achava que “cerca de uma dúzia de demônios” era uma estimativa justa para “definitivamente trinta e sete demônios”. Alec contou cada um deles por puro despeito.

— Acalme-se, Bela que deveria estar adormecida — falou Magnus. — Preciso fazer uma poção e Max tem a tentação noturna marcada.

Alec acordou em um ninho de lençóis verdes e cor de lavanda. Estranhas luzes prateadas brincavam por baixo da porta do quarto. Havia cheiro de enxofre, o sibilo de um demônio e o som de vozes conhecidas. Alec sorriu sobre o travesseiro.

Quando estava prestes a sair da cama, letras de fogo surgiram na parede.

Alec, precisamos de sua ajuda. Durante anos procuramos por uma família em perigo, e pela verdade que há por trás desse perigo. Acreditamos que encontramos uma pista no Mercado das Sombras de Buenos Aires.

Há tensões entre os Caçadores de Sombras e os integrantes do Submundo desta cidade. O Mercado das Sombras é guardado como uma sala do trono, organizado por uma licantrope conhecida como Rainha do Mercado. Ela diz que as portas estão fechadas para qualquer alma associada aos Nephilim. Qualquer alma, exceto Alexander Lightwood, de quem ela diz precisar. Temos que entrar no Mercado das Sombras. Vidas estão em jogo.

Você pode abrir as portas para nós? Pode vir? Jem e Tessa.

Alec encarou a carta por um longo instante. Em seguida suspirou, pegou um casaco do chão e saiu do quarto, ainda meio adormecido.

Na sala principal, Magnus estava com um cotovelo casualmente apoiado na cornija da lareira, despejando um líquido turquesa em um jarro contendo pó preto. Seus olhos verde-dourados estavam estreitos de concentração. Os tacos escuros e gastos do chão, assim como o tapete, estavam tomados por brinquedos do filho Max. O próprio Max estava sentado no tapete, com um traje de marinheiro com elaborados laços azul-marinho que combinavam com seus cabelos, abraçando forte o Presidente Miau.

— Você é meu amigo miau — disse solenemente ao gato, apertando-o.

— Miau — protestou o Presidente. Ele vivia uma vida de tormento desde que Max aprendera a andar.

O pentagrama havia sido desenhado a uma distância segura do tapete. Luzes prateadas e fumaça se elevavam de dentro dele, envolvendo a criatura ali presente em uma bruma brilhante. A sombra longa e contorcida do demônio caía escura sobre o papel de parede verde e as fotos de família.

Magnus ergueu uma sobrancelha.

— Calma — sugeriu ao pentagrama. — É como se alguém tivesse dado uma máquina de gelo seco a crianças excessivamente animadas para a produção colegial de Oklahoma Demoníaca.

Alec sorriu. A bruma prateada dissipou o suficiente para que ele visse o demônio Elyaas no centro do pentagrama, seus tentáculos caindo de forma deselegante.

— Criança — o demônio sibilou para Max. — Você não sabe de que linhagem sombria vem. É naturalmente inclinado ao mal. Junte-se a mim, criatura infernal, em minhas celebrações...

— Meu pai é Ultra Magnus — anunciou Max orgulhosamente. — E o papai é um Caçador de Sombras.

Alec achava que Max tinha tirado o nome Ultra Magnus de um de seus brinquedos. Magnus parecia gostar.

— Não me interrompa quando eu estiver prometendo deleites demoníacos sombrios — respondeu Elyaas espalhafatosamente. — Por que vive me interrompendo?

Max se alegrou com a palavra “demoníacos”.

— O tio Jace disse que vamos matar todos os demonhos — contou, animado. — Todos os demonhos!

— Bem, você já considerou que seu tio Jace é uma pessoa terrível? — indagou o demônio. — Sempre esfaqueando alguém de forma grosseira, sempre sarcástico.

Max fez uma careta.

— Amo tio Jace. Odeio demonhos.

Com a mão livre, Magnus pegou um pilot e desenhou mais um mirtilo no quadro branco para mostrar ao filho que ele tinha resistido bem aos chamados demoníacos do dia. Ao chegar a dez mirtilos, Max ganharia uma recompensa de sua escolha.

Alec atravessou a sala onde Magnus estava analisando o quadro branco. Com cuidado, considerando que o companheiro ainda segurava um jarro borbulhante, Alec colocou os braços ao redor de Magnus, segurando sua mão sobre a fivela do cinto. A camisa do feiticeiro tinha um decote convidativo, então Alec encostou o rosto na pele exposta e inalou o aroma de sândalo e ingredientes de feitiço.

— Oi — sussurrou.

Magnus esticou a mão livre e Alec sentiu o leve encostar dos anéis em seus cabelos.

— Oi para você. Não conseguiu dormir?

— Eu dormi — respondeu Alec. — Olha, tenho novidades.

Então contou a Magnus sobre a mensagem que Jem Carstairs e Tessa Gray haviam enviado: a família pela qual procuravam, o Mercado das Sombras onde não podiam entrar sem sua ajuda. Enquanto Alec falava, Magnus suspirou e se apoiou nele, um dos pequenos gestos inconscientes mais significativos para o Caçador de Sombras. Lembrava a primeira vez em que havia tocado Magnus, se aproximado e beijado um homem, alguém ainda mais alto do que ele, o corpo esguio, flexível e correto contra o dele. Na época, Alec teve a impressão de ter se sentido tonto de alívio e alegria por finalmente estar tocando alguém por quem queria ser tocado, quando jamais imaginara que isso aconteceria. Agora ele achava que havia se sentido assim justamente por ser Magnus. Que, mesmo naquela época, ele já sabia. Agora o gesto representava todos os dias desde o primeiro.

Quando sentiu o feiticeiro relaxar contra ele, achou que podia relaxar também.

Qualquer que fosse essa estranha tarefa para a qual Jem e Tessa precisavam de sua ajuda, ele poderia fazer. Depois voltaria para casa.

Quando Alec se calou, Presidente Miau fugiu do abraço amável, e sufocante de Max e correu pelo chão, atravessando a porta do quarto de Alec e Magnus, que o Caçador de Sombras havia deixado aberta. Alec desconfiava de que o gato passaria a noite inteira escondido embaixo da cama. Max olhou triste para o animal, depois levantou o olhar e sorriu, seus dentinhos parecendo pequenas pérolas. Ele se atirou para cima de Alec como se não o visse há semanas. Alec recebia a mesma recepção calorosa toda vez que voltava de uma viagem, de uma patrulha, ou simplesmente depois de passar cinco minutos em outro cômodo.

— Oi, papai!

Alec se ajoelhou e abriu os braços para pegar Max no colo.

— Oi, meu bebê.

Ficou com o filho encolhido em seu peito, um montinho caloroso e suave de laços e membros rechonchudos, a risada gorgolejada dele ecoando em seus ouvidos. Quando Max era pequeno, Alec ficava maravilhado com o encaixe perfeito de seu corpinho na dobra de seu braço. Mal conseguia imaginar seu bebê crescendo. Mas não precisava ter se preocupado. Independente do tamanho do filho, ele sempre se encaixaria perfeitamente em seu colo.

Alec puxou a frente da roupa de marinheiro de Max.

— Tem muitos laços aí, amigão. Max assentiu tristemente.

— Muitos laços.

— O que aconteceu com seu casaco?

— É uma boa pergunta, Alexander. Permita-me contar a história. Max rolou com o casaco na sujeira do gato — relatou Magnus. — Para “ficar parecido com o papai”. Por isso tem que usar a roupa de marinheiro da vergonha. Não sou eu quem cria as regras. Ah, espera, sou eu sim.

Acenou com um dedo reprovador para Max, que riu novamente e tentou pegar os anéis brilhantes.

— É realmente inspirador ver como vocês fazem isso funcionar — opinou Elyaas, o demônio dos tentáculos. — Eu não tenho tanta sorte no amor. Todos que conheço são traiçoeiros e sem coração. Bem, somos demônios. Faz parte.

Magnus insistia que feiticeiros precisavam saber o que invocar demônios implicava. Dizia que quanto mais confortável Max se sentisse com eles, menor seria a chance de ser ludibriado ou de se apavorar quando invocasse seu primeiro. Daí as aulas de tentação. Elyaas não era tão ruim, considerando se tratar de um demônio, mas ainda assim era terrível. Quando Max passou pelo pentagrama, Alec viu a curva prateada sinistra de um tentáculo se movendo faminto para perto da beira, caso a criança fizesse algum movimento em falso.

Alec observou Elyaas com olhos semicerrados.

— Não pense que por um segundo sequer me esqueço do que você é — disse em tom ameaçador. — Estou de olho.

Elyaas estendeu todos os tentáculos em redenção, se encolhendo para o outro lado do pentagrama.

— Foi um reflexo! Não pretendia nada com isso.

— Demonhos — repetiu Max sombriamente.

Magnus baniu Elyaas com um estalo de dedos e um murmúrio, depois se voltou novamente para Alec.

— Então você está sendo requisitado em Buenos Aires.

— Sim — respondeu Alec. — Não sei por que alguém no Mercado me quer especificamente, em vez de qualquer outro Caçador de Sombras.

Magnus riu.

— Eu consigo entender.

— Tudo bem, além disso... — Alec sorriu largamente. — Não falo espanhol.

Magnus falava. Alec gostaria que o feiticeiro pudesse acompanhá-lo, mas um deles sempre tentava ficar em casa com Max. Uma vez, quando Max ainda era um bebê, houve um momento terrível em que os dois foram forçados a deixá-lo. E nenhum queria repetir a experiência.

Alec estava tentando aprender espanhol, assim como outros idiomas. A runa de Falar Línguas não durava, além de parecer trapaça. Integrantes do Submundo de toda parte vinham a Nova York se consultar com eles, e Alec queria poder falar direito com todos. O primeiro idioma da lista que estava tentando aprender era a língua indonésia, por Magnus.

Infelizmente, Alec não era bom com idiomas. Conseguia ler, mas na hora de falar achava as palavras difíceis, independente da língua. Max aprendia mais palavras em línguas diferentes do que Alec.

— Tudo bem — comentou Magnus certa vez. — Só conheci um Lightwood bom em línguas.

— Qual? — perguntou Alec.

— O nome dele era Thomas — disse Magnus. — Muito alto. Muito tímido.

— Não foi um monstro de olhos verdes como os outros Lightwood que você já mencionou?

— Ah! Havia um pouco de monstro nele.

Magnus deu uma cotovelada nele e riu. Alec se lembrava de um tempo em que o feiticeiro nunca falava sobre o passado, quando Alec achava que aquilo significava que ele estava fazendo algo de errado, ou que Magnus não se importava. Agora entendia que era apenas o fato de Magnus já ter sofrido antes, e temer que Alec fosse fazê-lo sofrer também.

— Pensei em levar Lily — disse a Magnus. — Ela fala espanhol. E acho que pode ficar feliz. Ela gosta de Jem.

Ninguém em nenhum mercado questionaria a presença de Lily. Todos já sabiam da Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras, e era notório que membros da Aliança se ajudavam.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— Ah, eu sei que Lily gosta de Jem. Já ouvi os apelidos.

Max olhava de um lado para o outro, com o rostinho alegre para as expressões dos pais.

— Vai trazer irmão ou irmã? — torceu.

Eles já tinham conversado com Max sobre a ideia de outro filho, assim como já tinham conversado entre si. Nenhum dos dois imaginou que Max pudesse gostar tanto da ideia. Max perguntava sobre o irmão ou a irmã toda vez que um deles saía de casa: na terça-feira anterior Magnus conteve a pergunta gritando “não vou buscar um bebê, vou até a Sephora. Não tem bebês na Sephora!” e saindo. Um dia no parque, Max pegou um carrinho de bebê com uma criança mundana dentro. Por sorte ele estava disfarçado com feitiço na hora, e a mãe mundana achou que fosse um vento forte em vez do filho rebelde de Alec.

Seria bom para Max ter alguém com quem crescer. Seria bom ter outro filho com Magnus. Mesmo assim, Alec ainda se lembrava da primeira vez em que pegou Max no colo, de como o mundo e o seu coração ficaram calmos e certos. Alec estava esperando ter certeza outra vez.

A pausa de Alec obviamente deixou Max com a impressão de que havia espaço para negociação.

— Traz irmão e irmã e dinossauro? — pediu Max. Alec culpava a tia Isabelle pela atitude de Max, pois ela vivia dizendo a ele que a hora de dormir era nunca.

Foram salvos pelo sinal de Jace, uma gaivota de folha de fada atingindo o vidro da janela. Alec deu um beijinho em Max, entre seus cachos, mas evitando os chifres.

— Não, estou indo em uma missão.

— Eu vai junto — propôs Max. — Eu é Caçador de Sombras.

Max também dizia muito isso, e Alec culpava seu tio Jace. Alec olhou suplicante para Magnus por cima da cabeça de Max.

— Vem com o papai, azulzinho — chamou Magnus, e Max foi sem desconfiar para o seu colo.

— Vá buscar Lily — disse o feiticeiro. — Vou preparar um Portal para vocês. Max gritou em protesto.

— Desce!

Magnus o colocou gentilmente no chão. Alec parou na porta para dar uma última olhada neles. Magnus o encarou, tocou o próprio coração com a mão cheia de anéis e fez um gesto delicado. Alec sorriu e abriu a mão para ver a pequena faísca de magia queimando fugaz ali.

— Te odeio, papai — reclamou Max.

— É uma pena — disse Alec. — Amo vocês dois — acrescentou rapidamente, e fechou a porta, constrangido.

Ele raramente tinha facilidade para dizer essas palavras, mas tentava dizê-las sempre que partia em uma missão. Só para o caso de serem as suas últimas.

Jace estava esperando por ele na calçada, apoiado em uma pobre árvore, jogando uma faca de uma mão para a outra.

Quando Alec chegou perto do parabatai, ouviu um ruído vindo do alto. Olhou para cima esperando ver Magnus, mas em vez disso viu o rosto redondo de Max, e presumiu que o filho quisesse dar uma olhada no magnífico tio Jace. Então viu que Max o encarava, com seus grandes olhos azuis tristes. Colocou a mãozinha na frente da roupa de marinheiro, em seguida gesticulou para Alec da mesma forma que Magnus havia feito, como se já pudesse fazer magia.

Alec fingiu ver uma faísca em sua mão e guardou o beijo mágico no bolso. Em seguida, acenou para Max pela última vez enquanto ele e Jace desciam pela rua.

— O que foi isso? — perguntou o parabatai.

— Ele queria vir patrulhar. O rosto de Jace suavizou.

— Meu garoto! Ele deveria...

— Não! — exclamou Alec. — E ninguém vai te deixar ter o seu próprio filho enquanto não parar de esconder o filho dos outros em bolsas para machados e tentar levá-lo nas patrulhas.

— Eu quase consegui, graças a minha velocidade sobrenatural e minha esperteza inigualável.

— Quase conseguiu nada — lembrou Alec. — Aquela bolsa estava sacudindo. Jace deu de ombros de forma filosófica.

— Pronto para mais uma heroica rodada de defesa contra o mal? Ou, se a noite estiver devagar, sacanear o Simon?

— Não posso, na verdade — disse Alec, e explicou o recado de Jem e Tessa.

— Vou com você — respondeu Jace na mesma hora.

— E vai deixar Clary cuidando do Instituto sozinha? — perguntou Alec. — Uma semana antes da exposição dela?

Jace pareceu abalado pela força do argumento.

— Você não vai deixar Clary. Eu e Lily podemos cuidar do que quer que esteja acontecendo — falou Alec. — Além disso, não é como se Jem e Tessa não dessem conta. Seremos um time.

— Tudo bem — respondeu Jace relutante. — Acho que três combatentes podem me substituir de forma aceitável.

Alec deu um soquinho no ombro dele, e Jace sorriu.

— Bem — disse ele. — Para o Hotel Dumort.

#

Do lado de fora, a fachada do hotel era suja e a placa grafitada tinha a cor marrom escura de sangue velho.

Lily tinha redecorado por dentro. Alec e Jace abriram as portas duplas que davam em um salão brilhante. A escadaria e a sacada acima deles tinha uma grade lustrosa, um ferro pintado de

dourado com desenhos de cobras e rosas. Lily gostava de objetos com aparência dos anos 1920,

que ela declarava ser a melhor década. A decoração não era a única coisa que tinha mudado; agora os hipsters sabiam de sua existência e, apesar de Alec não entender o apelo, havia uma lista de espera para ser uma vítima da festa.

Um par de pernas se esticava por baixo da curva da escadaria. Alec foi até lá e espiou o recanto sombrio, vendo um homem de suspensórios, camisa manchada de sangue e um sorriso.

— Oi — cumprimentou o Caçador de Sombras. — Só estou verificando. Essa é uma situação voluntária?

O homem piscou.

— Ah, sim. Eu assinei a autorização!

— Tem uma autorização agora? — murmurou Jace.

— Eu avisei que não precisavam fazer isso — sussurrou Alec de volta.

— Minha fabulosa amiga dentuça disse que eu tinha que assinar, ou a Clave poderia encrencar. Vocês são a Clave?

— Não — respondeu Alec.

— Mas Hetty disse que se eu não assinasse a autorização, a Clave olharia para ela com aqueles olhos azuis de decepção. Seus olhos são muito azuis.

— E estão muito decepcionados — disse Alec duramente.

— Você está incomodando o Alec? — perguntou uma vampira, saindo das portas duplas que levavam à saleta. — Não incomode o Alec.

— Ah, céus — disse o homem em tom de deleite. — Minha alma está condenada? Você vai direcionar sua fúria imortal contra mim?

Hetty fez uma careta e mergulhou para baixo da escada com uma risada. Alec desviou o olhar e caminhou para a saleta, com Jace logo atrás. Jace deixava o parabatai assumir a liderança quando se tratava de vampiros. Como diretor do Instituto de Nova York, uma repreensão de Jace a um vampiro poderia soar como ameaça. Os dois já haviam discutido uma maneira de deixar a cidade receptiva a todos os integrantes do Submundo, agora que Nova York era um refúgio em tempos de Paz Fria.

Ouviram uma música através das portas da saleta; não o jazz habitual de Lily, mas o que parecia uma mistura de jazz e rap. Na saleta havia cadeiras estofadas, um piano brilhante e uma combinação elaborada de mesas de discotecagem e fios. Bat Velasquez, o DJ lobisomem, estava sentado de pernas cruzadas em um sofá de veludo, brincando com discos.

Em outras cidades, vampiros e lobisomens não se entendiam. Mas as coisas eram diferentes em Nova York.

Elliott, o segundo no comando do clã de vampiros, estava dançando sozinho, rodopiando feliz. Seus braços e dreadlocks balançavam como plantas submarinas com a batida.

—Lily está acordada? — perguntou Alec. Elliott de repente pareceu acuado.

— Ainda não. A madrugada de ontem foi longa. Houve um incidente. Bem, foi mais pra um desastre.

— O que provocou esse desastre?

— Bem — disse Elliott. — Eu, como sempre. Mas dessa vez realmente não foi minha culpa!

Foi um completo acidente que poderia ter acontecido com qualquer um. Veja bem, eu tenho um encontro amoroso com uma selkie toda quinta-feira...

Selkies são fadas aquáticas que soltam suas peles de foca para assumir forma humana. São relativamente raras.

Alec o encarou de forma julgadora.

— Então esse desastre poderia ter acontecido com qualquer um que tenha encontros amorosos com uma selkie.

— Sim, exatamente — disse Elliott. — Ou, tipo, encontros amorosos frequentes com duas selkies diferentes. Uma encontrou a pele de foca da outra no meu armário. Fez uma cena. Sabe como são.

Alec, Jace e Bat balançaram a cabeça.

— Foi só uma parede insignificante que caiu, mas agora Lily está irritada.

A vampira havia nomeado Elliott como seu braço direito porque eles eram amigos, e não por Elliott ter qualquer aptidão para liderança. Às vezes Alec se preocupava com o clã de vampiros de Nova York.

— Olha só esse cara — disse Bat. — Por que você tem que sugerir ménage para todo mundo?

Por que os vampiros são assim?

Elliott deu de ombros.

— Vampiros adoram ménages. Viva muito, fique decadente. Não somos todos iguais, é claro.

— Seu rosto se alegrou com uma lembrança agradável. — O chefe se irritava muito com a decadência. Mas sério, estou pronto para sossegar, acho que você, eu e Maia...

— Minha abuela não gostaria de você — afirmou Bat com firmeza. — Minha abuela ama Maia. Maia está aprendendo espanhol por ela.

A voz ligeiramente rouca de Bat suavizava e aquecia sempre que ele falava sobre Maia, a líder dos licantropes e sua namorada. Alec não podia culpá-lo. O Caçador de Sombras nunca precisava se preocupar com os licantropes. Maia sempre tinha tudo sob controle.

— Por falar em espanhol — disse Alec —, vou a Buenos Aires e convidarei Lily para ir comigo, já que ela é fluente. Quando voltarmos, ela já vai ter se acalmado.

Elliott fez que sim com a cabeça.

— Uma viagem seria ótimo para Lily — disse ele, com a voz estranhamente séria. — Ela não anda muito bem esses dias. Sente falta do chefe. Bem, todos nós sentimos, mas para Lily é diferente. A gente fica assim às vezes. — Ele olhou para Alec e esclareceu: — Imortais. Estamos acostumados a nos despedirmos uns dos outros por séculos. Anos se passam, então alguém volta, e é como antes. Porque nos mantemos iguais, mas o mundo não. Quando alguém morre, levamos um tempo para processar. Você fica pensando: “quando será que vou vê-lo outra vez?” Aí você se lembra, e toda vez é um choque. Você tem que se lembrar o tempo todo, até acreditar que nunca mais vai vê-lo.

Havia uma nota dolorosamente triste na voz de Elliott. Alec assentiu. Ele sabia como seria, um dia, quando Magnus tivesse que pensar “nunca mais” em relação a ele.

Ele sabia o quão forte uma pessoa tinha que ser para suportar a solidão da imortalidade.

— E sinceramente, Lily também se beneficiaria de uma ajuda com o clã.

— Você poderia ajudar — disse Alec. — Se fosse um pouco mais responsável... Elliott negou.

— Não vai acontecer. Ei, senhor Chefe do Instituto, você é um líder! Que tal? Eu o transformo em vampiro, você ajuda a liderar o clã e fica lindo para sempre.

— Seria um presente para gerações futuras — observou Jace pensativamente. — Mas não.

— Elliott! — Alec se irritou. — Pare de se oferecer para tornar as pessoas imortais! Já falamos sobre isso!

Elliott assentiu, parecendo envergonhado, mas sorrindo de leve. Do lado de fora e acima deles, veio uma voz.

— Estou ouvindo alguém dando ordens. Alec?

Uma das coisas mais preocupantes em relação ao clã de vampiros era o fato de que conversar razoavelmente com eles não funcionava, mas eles adoravam levar bronca. Raphael Santiago realmente deixou uma marca nessas pessoas.

Alec deu meia-volta e espiou pelas portas abertas. Lily estava na sacada, vestindo pijamas cor-de-rosa com estampa de cobra e as palavras LEVANTE E ATAQUE. Parecia cansada.

— Sim — confirmou ele. — Oi. Jem me pediu para ir a Buenos Aires ajudá-lo. Quer ir junto? Lily se alegrou.

— Se eu quero viajar com você ao resgate de Jem eu-adoraria-montar-nele Carstairs, a belíssima donzela em perigo?

— Já vi que sim.

O sorriso de Lily foi largo o suficiente para expor as presas.

— Claro que sim.

Ela correu da sacada. Alec identificou a porta pela qual Lily passou e subiu as escadas. Esperou um pouco, apoiado na grade, em seguida bateu na porta.

— Entre!

Ele não entrou, mas abriu a porta. O quarto era estreito como uma cela, com tacos listrados no chão e paredes vazias, exceto por uma cruz em um gancho. Este era o único quarto do Hotel Dumort que Lily não tinha redecorado. Ela estava dormindo no quarto de Raphael outra vez.

A vampira vestia uma jaqueta de couro que também fora de Raphael. Alec assistiu enquanto ela ajeitava seu cabelo com mechas rosa, e depois beijou a cruz para ter boa sorte antes de sair. Vampiros cristãos se queimavam com cruzes, mas Lily era budista. A cruz não significava nada para ela, exceto pelo fato de ter pertencido a Raphael.

— Você... — Alec tossiu. — Quer conversar? Lily virou a cabeça para encará-lo.

— Sobre sentimentos? A gente faz isso?

— De preferência não — respondeu Alec, o que a fez sorrir. — Mas podemos.

— Não. Vamos fazer uma viagem e ver uns caras gatos em vez disso! Onde está o idiota do Elliott?

Ela correu ligeiramente pelas escadas até a saleta, e Alec foi atrás.

— Elliott, vou deixá-lo encarregado do clã! — exclamou Lily. — Bat, vou roubar sua garota! Bat balançou a cabeça.

— Por que vampiros são assim? — ele murmurou novamente. Lily sorriu.

— Por razões administrativas. Maia está no comando da Aliança entre o Submundo e os Caçadores de Sombras até eu voltar.

— Não quero me encarregar do clã — resmungou Elliott. — Por favor, seja um vampiro e nos lidere, Jace! Por favor!

— Eu costumava vir aqui e lutar pela minha vida enquanto o lugar ruía ao meu redor — refletiu Jace. — Agora é cheio de almofadas de veludo e ofertas insistentes de beleza eterna.

— É só uma mordidinha — provocou Elliott. — Você vai gostar.

— Ninguém gosta de ter o sangue sugado, Elliott — afirmou Alec severamente.

Os vampiros riram porque estavam levando uma bronca, mas depois pareceram chateados por causa do que ele estava dizendo.

— Você só acha isso porque Simon fez do jeito errado — argumentou Lily. — Já disse várias vezes que ele estragou tudo para nós.

— Simon se saiu bem — murmurou Jace.

— Não gostei — disse Alec. — Não vou mais falar sobre isso. Vamos indo.

— Ah, sim! — Lily se alegrou. — Estou muito curiosa para ver como está o Caçador de Sombras mais gato do mundo.

— Estou ótimo — disse Jace. Lily bateu com o pé.

— Ninguém está falando de você, Jason. Já ouviu a frase “moreno, alto, bonito e sensual”?

— Parece uma frase antiquada — resmungou Jace. — Parece algo que as pessoas diziam antes de eu nascer.

Ele sorriu para Lily, que sorriu de volta para ele. Jace não implicava apenas com as pessoas por quem tinha paixonites. Ele implicava com qualquer pessoa de quem ele gostasse. Isso era algo que Simon ainda não tinha se dado conta.

— Há muitos Caçadores de Sombras gatos — afirmou Elliott. — Esse é o objetivo deles, não?

— Não — rebateu Alec. — Combatemos demônios.

— Ah! — exclamou Elliott. — Certo.

— Não quero me gabar. Só estou dizendo que se escrevessem um livro sobre Caçadores de Sombras gatos, minha ilustração estaria em todas as páginas — disse Jace de forma serena.

— Não — replicou Lily. — Estaria cheio de fotos da família Carstairs.

— Está falando sobre Emma? — perguntou Alec.

— Quem é Emma? — Lily franziu a testa.

— Emma Carstairs — esclareceu Jace. — Ela é a amiga de Clary que mora em Los Angeles. Às vezes eu escrevo observações nas cartas de Clary e dou dicas úteis sobre uso de facas para Emma. Ela é muito boa.

Emma era uma força única de destruição, o que, é claro, Jace gostava. O Caçador de Sombras pescou seu telefone e mostrou a Lily uma foto recente que Emma havia enviado para Clary. Emma estava segurando sua espada na praia e rindo.

— Cortana — suspirou Lily.

Alec olhou duramente para ela.

— Não conheço Emma — disse Lily. — Mas gostaria. Normalmente não invisto em loiras, mas ela é gata. Abençoada seja essa família. Nunca falham. Por falar nisso, estou indo apreciar as paisagens em Buenos Aires.

— Jem é casado, você sabe — respondeu Alec.

— Não me deixe no comando! — Elliott implorou. — Não pode confiar em mim! É um erro grave!

Lily ignorou os dois, mas viu que Alec estava examinando-a enquanto deixavam o hotel.

— Não se preocupe — disse ela. — Elliott provavelmente não vai incendiar a cidade. Quando eu voltar, todos ficarão tão felizes que farão tudo que eu mandar. Deixar esse tolo no comando é parte da minha estratégia de liderança.

Alec assentiu e não disse que estava preocupado com ela.

Houve um tempo em que Alec se incomodava com os vampiros, mas Lily claramente sempre precisou de alguém, e Alec queria ajudá-la. Eram parte de um time, junto com Maia no comando da Aliança, há tempo o suficiente para que Lily parecesse Aline Penhallow, uma amiga próxima o bastante para ser considerada da família.

Pensar em Aline fez com que Alec sentisse uma pontada de dor. Aline tinha se exilado na Ilha de Wrangel para ficar com sua mulher, Helen. Viviam há anos naquele lugar horrível só porque Helen tinha sangue de fada.

Sempre que Alec pensava nas duas, queria mudar tudo sobre o funcionamento da Clave e trazê-las para casa.

Não eram apenas Aline e Helen. Ele sentia o mesmo em relação a todos os feiticeiros, vampiros, lobisomens e fadas que vinham até Nova York conversar com a Aliança porque não conseguiam ir até seus Institutos. Todos os dias ele sentia a mesma urgência que sentiu em sua primeira missão, quando viu Jace e Isabelle partindo para a luta. Proteja-os, pensou desesperadamente, e pegou seu arco.

Alec esticou os ombros. Ficar preocupado não ajudaria ninguém. Ele não poderia salvar a todos, mas podia ajudar pessoas, e agora pretendia ajudar Jem e Tessa.

#

O Irmão Zachariah caminhava pelos corredores cobertos de ossos da Cidade do Silêncio. O chão era marcado pelas passadas incansáveis dos pés dos Irmãos do Silêncio, dos seus próprios pés, caminhando pela mesma trilha dia após dia silencioso, ano após ano interminavelmente sombrio. Jem não podia sair. Logo se esqueceria de como tinha sido viver e amar à luz do dia. Cada crânio preso à parede, sorrindo, era mais humano do que ele.

Até que a escuridão que considerava inescapável foi suprimida pelo fogo destruidor. O fogo prateado do yin fen outrora o queimou por dentro, a pior queimadura que o mundo tinha a oferecer, mas este fogo dourado era tão impiedoso quanto o paraíso. Ele sentiu como se estivesse sendo destruído, cada átomo em chamas colocado na balança por um deus cruel, e cada pedaço considerado insuficiente.

Mesmo em meio à agonia havia uma pequena medida de alívio. É o fim, ele pensou desesperadamente consigo mesmo, e se sentiu agradecido. Finalmente é o fim, depois de tanta tristeza e escuridão. Ele morreria antes de sua humanidade ser totalmente destruída. Enfim poderia haver descanso. Poderia ver seu parabatai outra vez.

Exceto que pensar em Will trouxe outro pensamento. Lembrou da brisa suave que vinha do rio e do rosto doce e sério dela, imutável como seu próprio coração. Com o pensamento em Will, ele sabia o que o parabatai diria. Podia ouvi-lo, como se o véu da morte estivesse queimando entre eles e Will estivesse gritando ao seu ouvido. Jem, Jem. James Carstairs. Não pode deixar Tessa sozinha. Conheço você melhor do que você se conhece. Sempre conheci. Sei que jamais desistiria. Jem, aguento firme.

Ele não desonraria o amor deixando-se esvaír. No fim, Jem escolheu suportar mais dor do que desistir. Pelo fogo, como pela escuridão, ele aguentou firme.

E, de uma forma que parecia impossível, pelo fogo, pela escuridão e pelo tempo, ele sobreviveu.

Jem acordou engasgando. Estava em uma cama quente, com sua esposa em seus braços.

Tessa ainda estava dormindo em lençóis brancos no pequeno quarto claro que alugaram na pequena hospedagem. Ela murmurou, enquanto Jem a observava, uma onda suave de palavras incompreensíveis. Ela falava durante o sono, e cada ruído era um conforto. Há mais de um século ele tinha imaginado como seria acordar com Tessa. Tinha sonhado com isso.

Agora sabia.

Jem escutou os murmúrios doces e sonolentos dela, e observou o lençol subindo e descendo com sua respiração, e seu corpo relaxou.

Os cílios curvos de Tessa mexiam em suas bochechas.

- Jem? — chamou ela, e sua mão encontrou o braço dele, a palma deslizando pela pele.
- Desculpe — disse Jem. — Não quis te acordar.
- Não peça desculpas. — Tessa sorriu sonolenta.

Jem se inclinou para o travesseiro ao seu lado e fechou os olhos de sua esposa com um beijo, depois os observou se abrir novamente, claros e frios como água do rio. Ele a beijou na bochecha, na curva eloquente da boca, do queixo, e deslizou sua boca aberta com avidez pelo pescoço de Tessa.

- Tessa, Tessa — murmurou. — Wǒ yào nǐ. Te quero.
- Sim — ela respondeu.

Jem levantou o lençol e beijou a linha da clavícula de Tessa, amando o gosto da sua pele suavemente aquecida pelo sono, amando cada átomo dela. Deixou uma trilha de beijos para ele mesmo seguir pelo seu corpo. Quando levou a boca até a pele suave da barriga, as mãos de Tessa desceram para o seu cabelo e ali ficaram, segurando-o, incentivando-o. Sua voz, não mais suave, fizeram as paredes ecoarem com o nome dele.

Ela estava toda enroscada nele. Todo o horror e a dor desapareceram.

Enquanto a noite caía, Jem e Tessa ficaram deitados, olhando um para o outro na cama, de mãos dadas, com as vozes sussurradas. Podiam sussurrar e rir a noite toda juntos, e frequentemente o faziam: era uma das maiores alegrias de Jem, ficar deitado com Tessa e passar horas conversando.

Mas isso exigia sossego e paz, coisa que não haveria naquela noite. Uma luz explodiu pelo quarto mal iluminado, e Jem se levantou, protegendo Tessa contra qualquer ameaça possível.

Palavras em azul brilhante e prata apareceram na parede. Tessa sentou, prendendo o lençol em volta de si.

- Recado de Magnus — disse ela, prendendo o cabelo em um coque.

O recado dizia que Alec e Lily Chen estavam a caminho para ajudar. Depois que guardassem as coisas no Instituto de Buenos Aires, encontrariam Tessa e Jem do lado de fora do Mercado das Sombras.

Jem encontrou o olhar de Tessa e leu seu próprio alarde nos olhos dela.

- Não — murmurou Tessa. Jem já estava saindo da cama, procurando suas roupas. — Temos que encontrá-los. Temos que contê-los. Eles não podem ir ao Instituto.

#

O Instituto de Buenos Aires se situava na cidade de San Andrés de Giles. Aos olhos mundanos, o lugar parecia uma cripta grande num cemitério abandonado, em uma profusão de flores

brancas. Aos olhos de Alec, parecia pior. Era um edifício alto, pintado de uma cor enferrujada, e uma ala da construção era uma ruína queimada. Alec sabia que o Instituto tinha sido prejudicado durante a Guerra Maligna, mas achou que já teria sido consertado há muito tempo.

Lily farejou o ar.

— Misturaram sangue na tinta.

O Instituto parecia abandonado, exceto pelo fato de que havia um guarda na porta. Até isso fez com que os olhos de Alec se estreitassem. Caçadores de Sombras normalmente não vigiavam os próprios Institutos, a não ser em tempos de guerra.

Ele acenou com a cabeça para Lily e os dois avançaram para encontrar os Caçadores de Sombras de Buenos Aires. O guarda na porta parecia alguns anos mais novo do que Alec. Seu rosto era severo, e suas sobrancelhas pretas, afiadas e próximas umas das outras. O guarda estava cerrando os olhos de forma suspeita.

— Hum — começou Alec. — Olá? Ah, isso é português.

Lily exibiu um sorriso caloroso e cheio de presas para o guarda.

— Deixe-me cuidar disso.

— Eu falo inglês — disse o guarda apressadamente para Alec.

— Ótimo — respondeu o Caçador de Sombras. — Sou do Instituto de Nova York. Meu nome é...

Os olhos escuros do guarda se arregalaram.

— Você é Alexander Lightwood! Alec piscou os olhos.

— Isso.

— Eu já estive no escritório do Inquisidor uma vez — confidenciou o guarda timidamente.
— Ele tem uma tapeçaria sua pendurada lá.

— Sim — concordou Alec. — Eu sei.

— Por isso reconheci. Estou tão feliz por conhecê-lo. Quero dizer, é uma honra. Ah, não, o que estou fazendo? Sou Joaquín Acosta Romero. É um prazer.

Joaquín estendeu a mão para Alec. Quando ele a apertou, pôde sentir o rapaz vibrando com a empolgação. Lançou um olhar de pânico a Lily, que sorriu e mexeu a boca.

— Fofo — sussurrou.

— Essa é Lily, que não ajuda em nada — apresentou Alec.

— Ah, sim, ah, prazer em conhecê-la também — falou Joaquín. — Uau, entrem. Lily deu um sorriso doce, exibindo novamente as presas.

— Não posso.

— Ah, sim! Desculpe. Vou mostrar a entrada dos fundos. Tem uma porta para o Santuário lá.

Magnus tinha enfeitado o Instituto de Nova York para que os integrantes do Submundo pudessem caminhar por certas partes, mas a maioria dos Institutos ainda os mantinha de fora de todos os lugares além do Santuário. Alec ficou satisfeito ao ver Joaquín sorrir para Lily de forma aparentemente genuína e receptiva.

— Obrigado — agradeceu Alec. — Vamos encontrar amigos em uma missão, mas gostaria de guardar nossa bagagem agora para podermos voltar para dormir mais tarde. Podemos nos virar com sacos de dormir no Santuário.

Joaquín os conduziu por um beco escuro e cheio de teias de aranha. Alec pensou na ala que estava destruída. Possivelmente esse Instituto não tinha sacos de dormir.

— Hum, sua amiga... ela vai precisar de um caixão? — perguntou Joaquín. — Acho que não temos caixões. Quero dizer, tenho certeza de que poderia encontrar algum! O líder do nosso Instituto é, hum, muito cuidadoso em relação a visitantes, mas tenho certeza de que não se oporia a uma convidada que chega com Alec Lightwood.

— Não preciso de caixão — interpôs Lily. — Só de um quarto sem janela. Não tem problema.

— Você pode falar com Lily quando estiver se referindo a ela — repreendeu Alec, suavemente. Joaquín lançou um olhar ansioso a Alec, e depois um ainda mais ansioso a Lily.

— Claro! Desculpe. Não tenho muita experiência em conversar com...

— Vampiros? — perguntou Lily docilmente.

— Mulheres — completou Joaquín.

— Verdade, sou um fabuloso metro e meio de pura feminilidade — Lily devaneou. Joaquín tossiu.

— Bem, também não conheço nenhum vampiro. Minha mãe morreu na Guerra Maligna. Muitos de nós morreram. E depois disso, a maioria das mulheres foi embora. O senhor Breakspear diz que mulheres não são preparadas para o rigor de um Instituto regido com firmeza.

Ele olhou ansiosamente para Alec, como se buscasse a opinião do outro sobre isso.

— Clary Fairchild é uma das líderes do meu Instituto — respondeu Alec curtamente. — Jia Penhallow é a líder de todos os Caçadores de Sombras. Qualquer um que diz que mulheres são fracas tem medo de que elas sejam fortes demais.

Joaquín assentiu várias vezes em rápida sucessão, apesar de Alec não saber ao certo se foi em concordância ou de nervoso.

— Nunca estive em nenhum outro Instituto. Quando completei dezoito anos, torci para poder visitar algum em meu ano de intercâmbio, talvez até conhecer alguém, mas o líder do nosso Instituto disse que eu não poderia ser liberado. Não quando os integrantes do Submundo do Mercado das Sombras daqui são tão perigosos.

Joaquín abaixou a cabeça. Alec estava tentando formular uma pergunta que não fosse chocar o menino ainda mais, sobre por que esse era um posto tão duro. Sobre o que exatamente estava acontecendo com o Instituto de Buenos Aires. Mas antes que pudesse fazê-lo, chegaram ao fim do beco e à porta desgastada do Santuário do Instituto. Parecia o interior de uma igreja que havia explodido, as longas janelas tapadas, o piso escurecido.

Havia um homem no centro do chão carbonizado, conversando com um grupo de Caçadores de Sombras que estavam em silêncio. Ele parecia ter cerca de quarenta anos, seus cabelos claros já estavam se tornando prateados, e ele era o único presente com um uniforme que não tinha costuras nem estava gasto.

— Aquele é Clive Breakspear, o líder do nosso Instituto — apresentou Joaquín. — Senhor, temos um visitante. É Alexander Lightwood.

Ele disse alguma coisa em espanhol, que, a julgar pela repetição do nome de Alec, o fez pensar que seria a mesma coisa que havia dito em inglês. Então olhou em volta, como se esperasse uma resposta entusiasmada. Não recebeu nenhuma. Muitos dos homens no círculo pareceram imediatamente desconfiados.

Clive Breakspear não parecia nada desconfiado.

— Então você é Alec Lightwood — disse lentamente o líder do Instituto de Buenos Aires. — E essa deve ser, então, a sua vadia do Submundo.

Fez-se um terrível silêncio, interrompido por Lily, que piscou e disse:

— Como? Você vive em um buraco? Não sabe que Alec namora o famoso feiticeiro Magnus Bane e não tem interesse nenhum em mulher?

Houve um murmúrio de sussurros. Alec não achou que ninguém estivesse chocado com essa informação. Estavam chocados por Lily ter dito isso em voz alta, como se esperassem que ele sentisse vergonha.

— Vamos esclarecer as coisas. Essa é minha amiga Lily, a líder do clã de vampiros de Nova York. — Alec colocou a mão em sua lâmina serafim, e os sussurros acalmaram. — Pense com bastante cuidado — continuou — sobre como quer falar sobre ela. Ou sobre Magnus Bane.

Ele quase disse meu noivo, mas era uma palavra desconfortável. Certa vez ele disse “meu prometido” e se sentiu um completo idiota. Às vezes Alec desejava, quase com uma dor física, só dizer meu marido e ser verdade.

— Estou aqui em uma missão — informou Alec. — Achei que pudesse confiar na hospitalidade do Instituto e dos meus companheiros Caçadores de Sombras, mas vejo que me enganei.

Olhou em volta. Vários homens não conseguiam retribuir seu olhar.

— Que missão? — demandou Clive Breakspear.

— Uma que requer discrição.

Alec o encarou duramente, até Clive Breakspear enrubescer e desviar o olhar.

— Você pode ficar aqui — concordou a contragosto. — A do Submundo não.

— Como se eu quisesse — desdenhou Lily. — Não fico em lugares que não sejam minimamente bem decorados e, numa escala de zero a dez, esse Instituto é menos quatorze mil. Certo, Alec, vamos combinar onde nos encontramos depois que eu achar um bom quarto de hotel sem janelas. Você quer...

— Do que você está falando? — perguntou Alec. — Se você não for recebida, não fico aqui.

Pro inferno com esse lugar. Eu vou com você.

O rosto de Lily suavizou pelo tempo de uma piscadela. Em seguida, ela afagou o braço dele e disse:

— Claro que vai.

Farejou o ar com desdém e girou. Clive Breakspear foi para cima dela.

— Tenho algumas perguntas para você, Submundo.

Alec pegou o braço do homem e se colocou diante de Lily.

— Tem certeza?

Estavam em menor número, mas Alec era filho do Inquisidor, parabatai de Jace Herondale. Possuía diversas proteções que os outros não tinham — o que significava que devia usar tudo o que pudesse por aqueles que não contavam com proteção alguma.

Após um longo instante, Breakspear recuou.

Alec gostaria de ter pensado em alguma frase bem desdenhosa de despedida, mas essa não era a sua especialidade. Ele e Lily simplesmente saíram, Joaquín indo atrás.

— Pelo Anjo — disse o rapaz. — Eu não esperava por isso... não achei... sinto muito.

— Não é o primeiro Instituto que não me recebe bem — respondeu Alec.

Principalmente quando estava com Magnus. Não acontecia com frequência, mas alguns Institutos já haviam tentado separá-los ou deixado claro que não deveriam ter aparecido juntos. Alec sempre deixava clara a sua opinião sobre o assunto.

— Sinto muito — repetiu Joaquín, desamparado.

Alec acenou com a cabeça para ele e saiu com Lily pela noite. Ele estava de costas para o prédio e respirou fundo.

— Caçadores de Sombras são um lixo — anunciou Lily. Alec olhou para ela.

— Minha atual companhia não conta. Nem Jem — completou Lily. — Estou tendo uma péssima experiência em Buenos Aires, e não sou de comer, mas toparia um belo prato de Jembalaya.

— Ele é casado! — observou Alec novamente.

— Por favor, pare de me lembrar. Ela tem cheiro de livros. Posso ser imortal, mas a vida é muito curta para se desperdiçar lendo. — Lily pausou por um instante, em seguida acrescentou num sussurro: — Raphael gostava dela. Ela, Ragnor Fell e Raphael costumavam realizar reuniões secretas e contar segredos uns para os outros.

Alec entendia a tensão na voz de Lily agora. Ela também tinha uma ligeira restrição a Magnus, a qualquer um que não fosse do seu clã e que ela achasse que Raphael Santiago podia ter amado.

— Eu disse a Jem que o encontraria na frente do Mercado das Sombras — falou Alec, distraindo Lily efetivamente. — Podemos simplesmente carregar nossas malas até encontrarmos um lugar para ficar. Por enquanto, vamos descobrir o que está deixando o Instituto de Buenos Aires tão assustado nesse lugar onde só eu posso ir.

#

Alec ia frequentemente ao Mercado das Sombras de Nova York, na Canal Street, com Magnus e Max, mas a primeira vez em um novo Mercado pode ser complicada para um Caçador de Sombras.

O de Buenos Aires parecia mais do que complicado. Havia arame farpado em cada tábuia. A madeira descolorida pelo sol e as voltas do arame eram uma barreira prateada impenetrável. Havia uma ampla porta de metal na frente, mais apropriada a um presídio do que a um mercado, e os olhos de um lobisomem brilhavam por trás de uma tela de metal. Ele disse alguma coisa a eles.

— Ele falou “Caçadores de Sombras não” — interpretou Lily alegremente.

Havia uma fila de integrantes do Submundo atrás deles, encarando e murmurando. Alec sentiu uma sombra do velho desconforto de ser o centro das atenções e uma dúvida súbita sobre a informação oferecida por Jem.

— Sou Alec Lightwood — disse. — Ouvi dizer que a minha entrada é permitida.

Houve um movimento atrás dele, um breve silêncio, e depois uma onda de sussurros diferentes, como ouvir uma maré mudar.

— Você pode ser apenas mais um Nephilim mentiroso — rosnou o lobisomem, trocando para inglês. — Pode provar que é Alec Lightwood?

— Posso — respondeu.

Tirou as mãos do bolso e levantou o braço direito para a grade para que o lobisomem pudesse ver com clareza: pele marcada, calos decorrentes do arco, as linhas escuras do símbolo de Clarividência, a luz da lua iluminando e destacando o anel brilhante de sua família com o desenho de chamas.

Outro par de olhos apareceu na grade, este de uma fada, sem pupilas e verdes como um lago profundo de floresta. Ela disse algo suave em espanhol.

— Ela acha que a magia no seu anel é muito forte — traduziu Lily. — Forte demais. Ela diz que esse tipo de poder vem do coração do inferno.

Alec sabia que era verdade. Não havia apenas um feitiço em seu anel, mas uma sucessão deles: magia de proteção e deflexão, magia para guiar suas flechas e lâminas, todo o poder de que Magnus dispunha no metal. Havia tudo em que Magnus conseguira pensar, para atuar como uma armadura e garantir que Alec voltasse para casa em segurança. Mais importante, teve o olhar de Magnus quando lhe entregou o anel encantado e disse que acreditava que se casariam um dia.

— Sei de onde vem esse tipo de poder. — Alec levantou a voz para que toda a multidão sussurrante pudesse ouvir. — Sou Alec Lightwood. Magnus Bane fez esse anel para mim.

O guarda lobisomem abriu a porta do Mercado das Sombras.

Alec e Lily entraram em um túnel de arame farpado. O Caçador de Sombras podia ouvir os sons e enxergar as luzes de um Mercado, mas o túnel bifurcava em duas direções. O guarda os levou para a esquerda, longe da luz e do som, para um abrigo cheio de proteções e mais metal. Havia armas quebradas nas paredes e uma plataforma circular no centro do recinto, onde ficava uma cadeira enorme. Havia machados cruzados nas costas da cadeira, e uma fileira de espetos percorria o topo. Uma fada esguia, com cabelos finos e rosto melancólico, estava sentada de pernas cruzadas ao pé do trono.

Sobre o trono havia uma jovem que parecia ter a idade de Alec. Estava de calça jeans e uma camisa de flanela, com as pernas jogadas no braço do trono, a fileira de espetos brilhando acima de seus cabelos claros. Devia ser a mulher sobre quem Jem escrevera, a licantrope Rainha do Mercado.

Ela viu Alec e seu rosto ficou impassível. Em seguida, começou a sorrir e falou em inglês com um sotaque claramente francês:

— Alec! É você mesmo! Não acredito! Foi muito desconfortável.

— Sinto muito — disse ele. — Nos conhecemos?

A licantrope colocou as pernas no chão, inclinando-se para a frente.

— Sou Julieta.

— Eu não sou Romeu — Lily se intrometeu. — Mas você é bonitinha, então conte-nos mais sobre você e seu sotaque sexy.

— Hum, quem é você? — perguntou Julieta.

— Lily Chen — respondeu Lily.

— Líder do clã de vampiros de Nova York — acrescentou Alec.

— Ah, claro — disse Julieta. — Da Aliança! Obrigada por vir com Alec nos ajudar. É uma honra conhecê-la.

Lily sorriu.

— Eu sei, não é mesmo?

Os olhos de Julieta se voltaram para Alec. A forma como olhava para ele, com os olhos arregalados e espantados, realmente o fazia se lembrar de alguma coisa.

— E essa é minha filha Rose — apresentou Julieta, a licantrope, com as mãos firmes sobre os ombros da jovem fada.

Alec não reconheceu a mulher, mas reconheceu o tom de voz. Sabia como era declarar-se dono do que se amava, ainda mais insistentemente porque as pessoas duvidavam que o amor pertencia a você. Alec não sabia ao certo o que dizer, então fez uma de suas coisas preferidas: pegou seu telefone e encontrou uma foto muito boa, foi até o palanque e mostrou para as duas.

— Esse é meu filho, Max.

Julieta e Rose se inclinaram para a frente. Alec viu os olhos da licantrope piscarem e percebeu o instante em que registraram que Max era um feiticeiro.

— Ah! — A voz de Julieta era suave. — Ele é lindo.

— Eu também acho — disse Alec timidamente, e mostrou a elas mais algumas fotos. Alec achava difícil escolher as melhores. Eram tantas ótimas. Era impossível tirar uma foto ruim de Max.

Julieta deu um empurrãozinho nas costas da menina fada.

— Busque seus irmãos — disse. — Depressa.

Rose se levantou, leve como uma fada, lançou um último olhar tímido para Alec e correu.

— Você me conhece — afirmou Alec. — Como?

— Você salvou minha vida — respondeu Julieta. — Há cinco anos, quando demônios atacaram o Expresso do Oriente.

— Ah! — exclamou Alec.

A primeira viagem de férias dele e Magnus. Ele tentava não pensar nas partes mais desagradáveis daquela viagem, mas se lembrava do trem, da água quente caindo e do brilho de olhos demoníacos, do vento gritante e do abismo abaixo. Sentiu muito medo por Magnus naquela noite.

— Você combateu demônios no Expresso do Oriente? — perguntou Lily, interessada.

— Combati demônios em muitos lugares — retrucou Alec. — Foi tudo muito normal.

— Nunca vi nada parecido na vida — contou Julieta com entusiasmo. — Eram tantos demônios! Eles quebraram as janelas. Achei que fosse morrer. Então Alec destruiu todos os demônios que viu. Ele estava ensopado e sem camisa.

Alec não enxergava a relevância disso.

— Muito normal — repetiu Alec. — Exceto que normalmente uso camisa. Os olhos de Lily dançavam alegres.

— Você parece se divertir muito nas férias, Alec.

— Foi tudo padrão e monótono — respondeu o Caçador de Sombras.

— É o que parece.

— E eu estava naquela festa em Veneza — continuou Julieta. — Quando a mansão sofreu um colapso.

— Eu também! — disse Lily. — Raphael estava muito chateado de estar numa festa; foi hilário. Fiquei com tanta gente, foi meu recorde. Acho que uma das pessoas foi uma loura gata. Era você?

Julieta piscou.

— Hum, não. Eu não... fico com garotas. Lily deu de ombros.

— Sinto muito por estar desperdiçando sua vida.

— Eu também não fico — comentou Alec em tom de brincadeira. Julieta assentiu.

— Também me lembro de Magnus naquela festa. Ele estava tentando ajudar. Alec ouviu a própria voz diminuir e suavizar, totalmente fora de seu controle.

— Ele sempre tenta.

Houve um ruído de pés atrás deles. Rose, a fada, tinha voltado. Havia mais duas crianças de mãos dadas com ela agora: outra fada com o corpo robusto de um trasgo e um menino feiticeiro de pele escura com um rabo de raposa. Correram para a cadeira e foram para perto de Julieta. A menina parecia ter mais ou menos dez anos e o menino não mais do que seis.

— Crianças — disse Julieta —, esse é Alec Lightwood, de quem eu falei para vocês. Alec, esses são os meus filhos.

— Oi — cumprimentou Alec. As crianças o encararam.

— Quando você me salvou no Expresso do Oriente — disse Julieta —, eu perguntei como poderia lhe pagar, e você me disse que tinha visto uma criança fada sozinha no Mercado das Sombras de Paris. E perguntou se eu poderia cuidar dela. Eu nunca tinha falado com um Caçador de Sombras antes. Não achava que eles fossem como você. Fiquei... surpresa por ter me pedido isso. Então, quando voltei para Paris, procurei por ela. Eu e minha Rose estamos juntas desde então.

Ela afagou o cabelo de Rose em volta de sua coroa de espinhos. Rose ficou verde de vergonha.

— Maman. Não me envergonhe na frente de Alec Lightwood!

O Mercado das Sombras de Paris, que Alec tinha visitado com Magnus durante as mesmas férias, foi o primeiro a que ele tinha ido. Os integrantes do Submundo não estavam acostumados a ele, nem Alec a eles. Ele se lembrava da menina fada que tinha visto lá: era tão magra que ficou com pena.

Ela tinha a mesma idade de seu irmão caçula, cujo nome Alec colocou em Max. Ao contrário de seu irmão, ela sobreviveu.

— Rose — reconheceu Alec. — Como você cresceu. A menina se alegrou.

— Fomos felizes juntas em Paris, você e eu, não fomos, ma petite? — perguntou Julieta a Rose, parecendo melancólica. — Achei que o fim da guerra com Valentim seria o fim de todas as guerras. Mas depois veio outra, e tantos Caçadores de Sombras morreram, e tantas fadas também. E a Paz Fria teve início.

Ela fixou o olhar em Alec. A luz acima do trono captou seus olhos, como faróis captando os olhos de um lobo.

— Fiquei sabendo sobre você e Magnus e sobre a Aliança entre Caçadores de Sombras e o Submundo que vocês estabeleceram. Vocês dois estavam ajudando pessoas. Eu também queria fazer isso. Soube que estavam caçando fadas na Bélgica e tirei minha filha mais nova de lá.

As mãos de Rose se fecharam sobre os ombros da menina trasgo. Alec também reconheceu esse gesto: a constante preocupação dos mais velhos da família, saber que se é responsável pelos mais novos.

— Então soube de Buenos Aires — disse Julieta. — O Instituto daqui foi destruído na Guerra Maligna. Integrantes do Submundo que fugiram para a Europa contaram histórias sombrias sobre o que havia se erguido dos destroços. Vim para ver se poderia fazer alguma coisa.

O menino levantou os braços para ela, e Julieta o pegou no colo, colocando-o sobre seu joelho.

Ele observou Alec, sugando pensativamente a ponta do seu rabo de raposa.

— Muitas crianças ficaram órfãs na guerra — continuou Julieta. — O Mercado das Sombras daqui se tornou um refúgio para crianças indesejadas. Uma espécie de orfanato accidental, entre barracas, luzes e magia. O Mercado se tornou uma comunidade, porque precisávamos de um que nunca parasse. As pessoas vivem entre essas paredes. Meu bebê foi deixado aqui porque apresentou sua marca de feiticeiro muito jovem.

— Max também — disse Alec.

— Há muitas crianças. — Julieta fechou os olhos.

— O que há de errado com o Instituto? — perguntou Alec. — Por que ninguém procurou a Clave?

— Procuramos — respondeu Julieta. — Não adiantou nada. Breakspear tem amigos poderosos. Ele se certificou de que o recado fosse direto para um homem chamado Horace Dearborn. Você o conhece?

Os olhos de Alec se estreitaram.

— Conheço.

Os efeitos de muitas guerras e a constante pressão da Paz Fria abriam oportunidades para certos tipos de pessoas. Horace Dearborn era um que florescia na inconstância e no medo.

— Depois que o Instituto foi destruído pelos Crepusculares — disse Julieta —, Clive Breakspear chegou aqui com aquele Dearborn atrás dele, como um urubu se alimentando de restos. Dizem que os Caçadores de Sombras dele aceitam missões por dinheiro. Por exemplo, se alguém quer um rival morto, os Caçadores de Sombras de Breakspear fazem acontecer. Não caçam demônios. Não caçam integrantes do Submundo que transgridam a Lei. Caçam a todos.

O estômago de Alec revirou.

— São mercenários.

— Os bons Caçadores de Sombras se foram quando passaram a não conseguir mais fazer diferença na forma como as coisas são feitas — explicou Julieta. — Acho que não falaram nada. Acho que sentiram vergonha. Este Mercado, com todas essas crianças, não estava seguro. Parecia que os líderes estavam sendo retirados, para que as pessoas ficassem mais vulneráveis. Não tentaram me pegar. Tenho amigos em Paris e Bruxelas e se eu desaparecesse ia fazer barulho. Então ordenei que erguessem cercas e proteções. Deixo as pessoas me chamarem de rainha. Tentei parecer o mais forte possível, para que não nos atacassem. Mas as coisas estão piorando. Mulheres licantropes estão desaparecendo.

— Assassinadas? — perguntou Alec.

— Não sei — respondeu Julieta. — No início achamos que estivessem fugindo, mas são muitas. Mães que não teriam deixado suas famílias. Meninas tão jovens quanto minha Rose. Algumas pessoas dizem que viram um feiticeiro estranho por aí. Não faço ideia do que esteja acontecendo com essas mulheres, mas sabia que não podia confiar em ninguém do Instituto para descobrir. Não corro o risco de confiar em nenhum Caçador de Sombras. Exceto você. Espalhei que o queria aqui. Não sabia ao certo se você viria, mas aqui está.

Ela ergueu o rosto suplicante para Alec. A Rainha do Mercado das Sombras pareceu, naquele momento, tão jovem quanto os filhos que a cercavam.

— Pode me ajudar? Mais uma vez?

— Quantas vezes precisar — respondeu Alec. — Vou encontrar essas mulheres. Vou descobrir quem está por trás disso. Vou impedi-los. Você tem a minha palavra.

Ele hesitou, lembrando-se da missão de Jem e Tessa.

— Tenho amigos aqui, além de Lily. Uma feiticeira e um homem que era um Irmão do

Silêncio, com uma mecha prateada no cabelo. Eles podem entrar no Mercado? Juro que são confiáveis.

— Acho que sei de quem está falando — disse Julieta. — Pediram para entrar há algumas noites, não foi? Soube que ele é um homem bonito.

— Ah, soube certo — comentou Lily. O sorriso de Julieta se ampliou.

— Realmente há alguns Nephilim muito bonitos.

— Hum, suponho que sim — disse Alec. — Não penso em Jem desse jeito.

— Como pode ser tão bom arqueiro se é tão cego? — indagou Lily. Alec revirou os olhos.

— Obrigado, Julieta. Eu aviso assim que descobrir alguma coisa.

— Que bom que está aqui — Julieta respondeu suavemente.

— Não vou embora até ter ajudado — disse Alec, e em seguida se voltou para as crianças, que continuavam encarando. — Hum. Tchau, crianças. Foi um prazer conhecê-las.

Deu um aceno de cabeça desajeitado para elas, e depois seguiu pelo caminho das luzes e da música do Mercado.

— Certo — disse a Lily enquanto caminhavam. — Vamos dar uma rápida olhada pelo Mercado, fazer algumas perguntas antes de encontrarmos Jem e Tessa.

— Vamos parar na barraca de gin de frutas de fadas! — sugeriu Lily.

— Não.

— Não podemos trabalhar o tempo todo — disse Lily, que raramente trabalhava por sequer cinco minutos seguidos. — Então, quem você acha gato? — Quando Alec a encarou, ela insistiu:

— Estamos numa viagem de amigos! Temos que compartilhar segredos. Você disse que não vê Jem dessa forma. Então quem?

Alec balançou a cabeça para uma fada que estava tentando vender pulseiras encantadas a eles, embora ela insistisse que possuíam encantos muito poderosos. Quando Alec perguntou sobre os desaparecimentos, os olhos da fada arregalaram, mas ela não sabia mais do que Julieta.

— Magnus é gato — respondeu Alec afinal, e seguiram caminho. Lily revirou os olhos.

— Uau, você e o Monógamo Bane me cansam. Ele é ainda mais burro do que você.

— Magnus não é burro.

— Um imortal que entrega o coração a uma pessoa? — Lily mordeu o lábio, as presas pressionando-o demais. — Isso é burrice.

— Lily — repreendeu Alec, mas a vampira estava balançando a cabeça e continuou, com a voz firmemente leve.

— Tirando seu gato prometido, eu sei que teve o Jace. São só caras de olhos dourados? — especulou Lily. — É um gosto muito particular, meu amigo. Reduz muito as possibilidades. Nenhuma outra paixão além de Jace? Nem mesmo uma paixonite quando você era criança?

— Por que você está com esse olhar malicioso, como se soubesse de algo que eu não sei? — perguntou Alec, desconfiado.

Lily riu.

Havia muito barulho atrás de uma das barracas. Alec virou a cabeça automaticamente, mas também porque não sabia como explicar que paixões específicas não tinham sido o problema. Tinha sido um alívio, de certa forma, fingir, até para ele mesmo, que uma paixonite por Jace era o que o deixara tão infeliz.

Mesmo durante a infância, Alec via sua atenção se direcionar a pôsteres de homens mundanos nas ruas de Nova York ou se sentia atraído por Caçadores de Sombras que visitavam o Instituto, ouvindo escondido sobre suas histórias de caça a demônios e pensando em como eles eram legais. Alec sonhava acordado durante a infância, criando terras utópicas cheias de meninos. E então, junto com a infância, perdeu os sonhos. Era jovem demais para entender a si mesmo, e de repente não era mais. Ele ouvia como Caçadores de Sombras visitantes zombavam, como seu pai sugeria o assunto como se fosse terrível demais até para ser falado em voz alta, quando Alec só sabia falar abertamente. Ele se sentia culpado cada vez que tinha

que desviar os olhos de outro menino, mesmo quando o olhar era meramente curioso. Até que Magnus chegou, e ele não conseguiu desviar o olhar de jeito nenhum.

O barulho que estava por trás das barracas começou a se aproximar. Muito barulho, perto do chão.

Os órfãos do Mercado de Buenos Aires explodiram de trás de uma barraca onde um lobisomem vendia ensopado. Havia crianças por todos os lados, de todas as espécies de integrantes do Submundo, e todos eles pareciam tentar chamar sua atenção, gritando nomes, pedidos, piadas. A principal língua era a espanhola, mas Alec ouviu algumas outras, e imediatamente ficou confuso quanto a que palavras pertenciam a que línguas. Luzes multicoloridas balançavam em dezenas de faces. Ele virou a cabeça, atordoado, sem conseguir identificar nenhum rosto ou voz no caos.

— Ei — disse ele, se curvando sobre as crianças e tirando comida de sua bolsa de pano. — Ei, tem alguém com fome? Peguem aqui.

— Eca, são barras de cereal? — perguntou Lily. — Que jeito de difundir a tristeza entre os órfãos!

Alec pegou a carteira e começou a dar dinheiro para as crianças. Magnus sempre fazia dinheiro aparecer magicamente ali, para casos de emergência. Alec nunca gastava com ele mesmo.

Lily estava rindo. Ela gostava de crianças, apesar de às vezes fingir que não. Então ela congelou. Por um instante, seus olhos negros brilhantes ficaram opacos e mortos. Alec se levantou.

— Você, menino — a voz de Lily estava tremendo. — Como você disse que se chama?

Ela balançou a cabeça e repetiu a pergunta em espanhol. Alec seguiu seu olhar até uma criança específica na multidão.

As outras se empurravam, mas havia um pequeno espaço circular ao redor desse menino. Agora que tinha a atenção deles, não estava gritando. Sua cabeça cheia de cachos estava inclinada para trás para poder analisar Alec e Lily, e ele estava fazendo isso com olhos semicerrados e muito escuros. Seu ar extremamente crítico só podia ser fruto da imaginação de Alec. A criança parecia ter cerca de seis anos.

O menino respondeu a Lily com a voz calma:

— Rafael.

— Rafael — repetiu Lily. — Certo.

O rosto de Rafael era um dos mais novos naquela multidão absurdamente jovem, mas havia um ar frio de confiança em seu semblante. Ele avançou e Alec não se surpreendeu ao ver as outras crianças saírem de seu caminho. Rafael trazia a distância consigo.

Os olhos de Alec se estreitaram. Ele não sabia que tipo de integrante do Submundo era aquele menino, mas havia algo na forma como se movia.

Rafael disse mais alguma coisa em espanhol. Pela inclinação imperial no fim da frase, foi uma pergunta ou uma exigência. Alec olhou desamparado para Lily. Ela assentiu, claramente recobrando a postura.

— O menino disse... — Ela limpou a garganta. — Ele disse: “você é um Caçador de Sombras?

Não como os do Instituto. Você é um Caçador de Sombras de verdade?” Alec piscou os olhos. Os de Rafael estavam fixos em seu rosto.

O Caçador de Sombras se ajoelhou no chão entre a confusão do Mercado das Sombras para poder olhar naqueles olhos escuros e intensos.

— Sim — confirmou Alec. — Sou um Caçador de Sombras. Diga-me como posso ajudar.

Lily traduziu. Rafael balançou sua cabeça cacheada, com a expressão ainda mais fria, como se Alec tivesse falhado em alguma espécie de teste. Ele falou mais algumas frases em espanhol.

— Ele diz que não quer ajuda — traduziu Lily. — Ele te ouviu perguntando no Mercado sobre as mulheres que desapareceram.

— Então o garoto entende um pouco de inglês? — perguntou Alec, esperançoso. Rafael revirou os olhos e disse mais alguma coisa em espanhol.

Lily sorriu.

— Ele disse que não, de jeito nenhum. Ele tem informações, mas não quer conversar aqui. Alec franziu o rosto.

— Boludo — repetiu. — Ele disse isso. O que essa palavra significa? Lily sorriu.

— Significa que ele te acha um homem gentil.

Não tinha soado gentil. Alec franziu o rosto para Rafael. Rafael o encarou de volta.

— Muito bem — disse Alec lentamente. — Quem está cuidando de você? Vamos até quem quer que seja e podemos conversar juntos.

A noite estava escura, principalmente sob o toldo de uma barraca, mas Alec tinha quase certeza de que Rafael revirara os olhos. Ele desviou sua atenção de Alec, que claramente achava um caso perdido, e olhou para Lily.

— Ele diz que cuida de si mesmo.

— Mas ele tem seis anos! — exclamou Alec.

— Ele disse que tem cinco — corrigiu Lily, com o cenho franzido enquanto ouvia e traduzia lentamente. — Os pais dele morreram na Guerra Maligna, quando o Instituto

sucumbiu, e depois teve uma licantrope que cuidou de várias crianças. Mas ela se foi. Ele diz que mais ninguém o quer.

A licantrope devia ser uma das mulheres desaparecidas, Alec pensou sombriamente. Aquele pensamento se perdeu na onda de horror quando ele se deu conta do que Lily estava dizendo.

— Os pais dele morreram quando o Instituto sucumbiu? — repetiu Alec. Todas as células do seu corpo faiscaram com choque. — Esse menino é um Caçador de Sombras?

— Seria pior encontrar uma criança Caçadora de Sombras do que uma do Submundo nesse estado? — perguntou Lily, com a voz fria.

— Sim — rosnou Alec de volta. — Não porque crianças do Submundo mereçam viver assim. Meu filho é do Submundo. Nenhuma criança merece isso. Mas você ouviu o que Julieta disse. Todos estão fazendo o melhor que podem. Caçadores de Sombras sucumbem em batalhas todos os dias, e casas são encontradas para os órfãos. Existe um sistema para crianças Caçadoras de Sombras. Os daqui deveriam estar trabalhando melhor. A Lei é feita para proteger os mais desamparados entre nós. O que há de errado com esse Instituto?

— Como está usando sua voz severa, acho que vamos descobrir — observou Lily, soando alegre outra vez.

Alec ainda estava olhando para Rafael com um espanto tão profundo que quase parecia desespero. Ele agora viu que Rafael parecia mais sujo e mal cuidado do que qualquer outra criança na multidão. Alec tinha aprendido a Lei com a mãe, com o pai, com seu tutor e com todos os livros da biblioteca do Instituto. Fez sentido para ele quando pequeno, quando pouca coisa fazia sentido. O dever sagrado dos Caçadores de Sombras, desde sempre, era “manterem-se invisíveis na escuridão, defender a qualquer custo”.

Agora ele era mais velho e sabia como o mundo podia ser complicado. Ainda doía como um golpe inesperado quando ele via aquele ideal brilhante manchado. Se estivesse à frente de tudo...

Mas eles não viviam naquele mundo.

— Venha comigo por enquanto — disse Alec ao menino Nephilim. — Vou cuidar de você.

Se Rafael estivesse mesmo sozinho, Alec poderia levá-lo ao Instituto de Nova York, ou a Alicante. Não ia deixá-lo ali, onde parecia tão sem amigos e negligenciado. Ele esticou os braços para pegar a criança no colo e levá-la dali.

Rafael correu para trás com a velocidade de um animal selvagem. Lançou um olhar imundo a Alec, como se fosse morder caso o Caçador de Sombras tentasse aquilo outra vez.

Alec retraiu os braços e levantou as mãos em um gesto de rendição. — Tudo bem — disse. — Desculpe. Mas quer vir com a gente? Queremos ouvir suas informações. Queremos ajudar.

Lily traduziu. Rafael, ainda olhando para Alec com cautela, fez que sim com a cabeça. Alec se levantou e ofereceu a mão a Rafael. Ele olhou para a mão descrente, balançando a cabeça e

murmurando alguma coisa. Alec teve quase certeza de que foi aquela palavra de novo. Ele olhou Rafael de cima a baixo. As roupas do menino estavam manchadas e rasgadas, ele estava magro demais e descalço. Havia olheiras de exaustão sob seus olhos. Alec sequer sabia onde iriam dormir.

— Tudo bem — disse, afinal. — Temos que comprar um sapato para ele.

Ele se afastou da multidão de crianças com Lily ao seu lado e Rafael orbitando-os como uma lua desconfiada.

— Talvez eu possa ajudar, Caçador de Sombras — disse uma fada com cabelos de dente-de-leão em uma barraca.

Alec começou a ir até ela, mas Lily o agarrou com força pelo braço.

— Não chegue perto daquela mulher — sussurrou. — Depois eu explico.

Alec assentiu e prosseguiu, apesar do chamado da fada para ir comprar. Julieta estava certa: esse Mercado era uma comunidade, com cabanas e trailers cercado as barracas. Era o maior Mercado que Alec já tinha visto.

O Caçador de Sombras encontrou um sapateiro fada que era suficientemente gentil, embora seu menor par de botas fosse grande demais. Alec comprou assim mesmo. Perguntou ao sapateiro, que falava inglês, se tinha alguém cuidando de Rafael. Certamente, independente do que dizia o menino, alguém deveria estar cumprindo esse papel.

Após um instante, o sapateiro negou com a cabeça.

— Quando a licantropo que cuidava dos órfãos desapareceu, as outras crianças foram acolhidas pelos meus. Mas, sem querer ofender, fadas não abrigam Caçadores de Sombras.

Não com a Paz Fria disseminando ódio entre Caçadores de Sombras e fadas. As leis eram todas erradas, e as crianças estavam pagando o preço.

— Além disso, essa criança odeia todo mundo — completou o sapateiro. — Cuidado. Ele morde.

Eles estavam quase no túnel metálico que levava até a saída do Mercado das Sombras. Longe do centro do Mercado havia muros derrubados, mais sinais de um lugar devastado pela guerra e abandonado à decadência.

— Ei — disse Alec a Rafael. — Venha aqui um segundo. Mach dir keine...

— Você está mandando ele não se preocupar em alemão — informou Lily alegremente.

Alec suspirou e se ajoelhou na poeira cinza, entre os escombros, gesticulando para Rafael sentar em um pedaço de muro caído. O menino olhou para Alec e para as botas que ele carregava com um ar de extrema desconfiança. Em seguida sentou-se e permitiu que Alec o calçasse com as botas grandes demais.

Os pés do menino eram pequenos e as solas estavam pretas de sujeira. Alec engoliu em seco e amarrou os cadarços o mais forte possível para que elas não caíssem e Rafael pudesse andar direito.

O menino se pôs de pé assim que Alec acabou de amarrar as botas. O Caçador de Sombras também se levantou.

— Vamos — disse ele.

O olhar escuro e analítico de Rafael estava em Alec outra vez. Ele ficou totalmente parado por um longo instante.

Em seguida levantou os dois braços em um gesto de comando. Alec estava tão acostumado àquele gesto vindo de Max que agiu automaticamente e pegou Rafael no colo.

Não era nada como carregar Max, que era pequeno e gordinho, sempre rindo e abraçando. Rafael era alto para a idade, e magro demais. Alec podia sentir os ossos de sua coluna. Rafael estava muito rijo, como se estivesse passando por uma experiência desagradável. Era como segurar uma estátua pequena, se você sentisse muita pena da estátua e não soubesse o que fazer.

— Carregá-lo no colo significa que as botas não servem para nada — murmurou Alec. — Mas tudo bem. Estou feliz que está indo conosco. Está seguro agora. Está comigo.

— No te entiendo — disse a voz fina e clara de Rafael ao seu ouvido, depois, após uma pausa reflexiva: — Boludo.

Alec tinha certeza de duas coisas: aquela palavra não era boa, e esse menino não gostava nada dele.

#

Jem e Tessa estavam nos portões do Mercado das Sombras quando o viram. Queriam ter alcançado Alec e Lily antes de chegarem ao Instituto de Buenos Aires. Sem encontrar sinal deles, temeram que Breakspear os tivesse detido, mas um feitiçeiro amigo de Tessa havia informado que um Caçador de Sombras tivera permissão para entrar no Mercado.

Agora estavam preocupados que a Rainha do Mercado os tivesse detido. Jem estava conversando com Tessa quando os portões se abriram. Contra o arame farpado e a luz das estrelas, viram um homem alto, a cabeça preta inclinada para baixo, seus tenros olhos azuis fixos na criança em seus braços. Will, pensou Jem, e agarrou forte a mão de Tessa. O que quer que ele tivesse sentido, seria pior para ela.

Alec levantou o olhar, parecendo aliviado.

— Tessa.

— Que belo fim para uma longa noite — disse Lily em deleite. — Se não é o ex Irmão Gostozach.

— Lily! — exclamou Alec.

Mas Tessa, ainda segurando a mão de Jem, lançou a ele um olhar bastante divertido e abriu seu sorriso belo e gradual.

— É a Lily de Raphael — reconheceu Tessa. — Que prazer em vê-la. Perdoe-me, mas tenho a sensação de conhecê-la melhor do que de fato conheço. Ele falava muito de você.

O sorriso de Lily rachou como se alguém tivesse derrubado um espelho.

— O que ele falava de mim? — perguntou, a voz baixa.

— Ele dizia que você era mais eficiente e mais inteligente do que a maioria do clã, que era composto por idiotas.

Pareceu muito frio para Jem, mas Raphael era assim. O sorriso de Lily voltou, caloroso como uma chama entre mãos encolhidas. Fez com que Jem se lembrasse de como ela era quando se conheceram. Naquele momento, ele não sabia que Tessa tinha enviado Raphael para pedir ajuda. Ele fez o melhor que pôde, e agora Lily era uma amiga.

— Obrigado aos dois por terem vindo nos ajudar — agradeceu Jem. — Quem é a criança?

Alec explicou os eventos da noite — ser recusado no Instituto de Buenos Aires, os desaparecimentos, e a descoberta de Rafael, a criança que o Instituto abandonou.

— Sinto muito que sequer tenham ido até o Instituto — lamentou Jem. — Deveríamos ter alertado, mas faz tempo que não sou Caçador de Sombras. Não percebi que seu primeiro instinto seria ir para lá. Nossa hospedaria tem quartos disponíveis, e pelo menos um deles não tem janelas. Vamos.

Alec carregou Rafael com a facilidade de quem tinha o hábito. Uma mão continuava livre para pegar uma arma se necessário, e ele caminhou tranquilamente pelas ruas com aquele pequeno peso precioso. Jem, há muito sem prática, não teria conseguido. Ele tinha carregado os filhos de Tessa, James e Lucie, quando pequenos, mas isso tinha sido há mais de um século. Nem todo mundo queria um Irmão do Silêncio perto de seus filhos, a não ser que a criança estivesse morrendo.

Caminharam pelas ruas, passando por casas pintadas com tons escandalosos de vermelho fogo, azul-marinho e verde crocodilo, as ruas alinhadas com jacarandás e oliveiras. Finalmente chegaram à hospedaria, o prédio baixo e claro que ficava azulado ao primeiro sinal do alvorecer. Jem abriu a porta vermelha circular e solicitou mais quartos a sua locatária, um deles sem janela.

Jem e Tessa já haviam reservado para uso o pequeno jardim no centro da hospedaria, um conjunto de pequenos pilares de pedras aberto ao céu, cercados pelo violeta azulado suave de buganvílias. Eles se reuniram ali, Alec cuidadosamente posicionando Rafael no banco ao seu lado. O garoto se arrastou até a outra ponta do banco, abaixou a cabeça e ficou em silêncio enquanto Tessa falava com ele, pedindo qualquer informação sobre as mulheres desaparecidas. Jem não soubera nada sobre elas antes, mas agora que sabia, estava claro que

tinha que ajudar. Rosemary Herondale podia estar em perigo, mas essas mulheres licantropes também estavam. Jem queria fazer o que fosse possível por elas.

Voltar a falar foi estranho para Jem, mas Tessa tinha aprendido muitas línguas e ensinou a ele tudo que pôde. Jem também tentou fazer perguntas a Rafael, mas a criança balançou a cabeça solenemente.

Lily estava sentada de pernas cruzadas no chão, com um cotovelo apoiado no joelho de Alec, para ficar perto da criança. Ela inclinou a cabeça para Rafael e perguntou a ele se poderia, por favor, falar logo, pois o sol estava nascendo e ela teria que ir dormir em breve.

Rafael esticou o braço e afagou a mecha rosa do cabelo de Lily.

— Bonita — disse ele, com o rosto ainda solene.

A pobre criança não sorria muito, Jem percebeu. Claro, nem Alec, que parecia arrasado e determinado em relação às mulheres desaparecidas.

Lily, que sorria com grande facilidade, o fez naquele momento.

— Ah, que gracinha — ela disse em espanhol. — Quer me chamar de tia Lily? Rafael negou com a cabeça. A vampira pareceu inabalada.

— Sei um truque — ofereceu, e esticou as presas na direção da criança. Rafael pareceu completamente chocado.

— O que vocês estão falando? — perguntou Alec, preocupado. — Por que ele está com essa cara? Por que você fez isso?

— Max adora quando faço isso! — disse Lily, e acrescentou em espanhol: — Não tive a intenção de assustá-lo.

— Não me assustei — respondeu Rafael. — Foi bobeira.

— O que ele disse? — perguntou Alec.

— Ele disse que foi um truque incrível e que ele adorou — relatou Lily.

Alec ergueu uma sobrancelha cética na direção dela. Rafael se aproximou de Alec e Tessa foi para perto de Lily, no chão. Tessa conversou gentilmente com a criança e Lily o provocou, e juntos conseguiram a história toda, que Lily foi traduzindo simultaneamente para Alec. O rosto do Caçador de Sombras foi ficando mais e mais sombrio conforme ouvia a história.

— Rafael sabe que ele é um Caçador de Sombras e está tentando aprender...

O menino, que a Jem parecia entender mais inglês do que estava deixando transparecer, interrompeu para corrigir Lily.

— Me desculpe — disse ela. — Ele está tentando treinar. Ele espiona outros Caçadores de Sombras, então sabe o que fazer. Ele é pequeno e se certifica de que ninguém o veja. Enquanto os espionava, viu um Caçador de Sombras andando sorrateiramente por uma rua.

Ele se encontrou com um feiticeiro na porta de uma casa grande. Rafael chegou o mais perto possível e ouviu mulheres lá dentro.

— Você consegue descrever o Caçador de Sombras que viu? — perguntou Alec, e Jem traduziu para ele.

— Acho que você consegue — acrescentou Jem encorajadoramente para a criança. — Você é muito observador.

Rafael lançou um olhar sombrio a Jem, como se não tivesse gostado do comentário. Ele passou mais alguns instantes em uma reflexão furiosa, batendo com as botas grandes demais sobre a borda do banco de pedra. Enfiou a mão no bolso de suas calças esfarrapadas e, então, entregou uma carteira fina para Alec.

— Ah! — Alec pareceu espantado. — Você roubou isso do Caçador de Sombras que viu? Rafael fez que sim com a cabeça.

— Ótimo. Digo... — Alec pausou. — É ótimo que esteja nos ajudando, mas é muito ruim roubar carteiras em geral. Não faça mais isso.

— No te entiendo — Rafael anunciou com firmeza.

Ele disse que não estava entendendo Alec, e seu tom sugeria que não planejava entendê-lo nesse quesito tão cedo.

— Não diga a outra palavra — pediu Alec rapidamente.

— Que outra palavra? — questionou Jem.

— Não pergunte — alertou Alec, e abriu a carteira.

Caçadores de Sombras não carregavam formas de identidades mundanas, como passaportes ou carteiras de identidade, mas carregavam outras coisas. Alec pegou um documento de requisição de armas marcado com o símbolo da família Breakspear.

— Clive Breakspear — disse Alec lentamente. — O diretor do Instituto. Julieta disse que esses Caçadores de Sombras atuam como mercenários. E se esse feiticeiro os tiver contratado?

— Temos que descobrir o que está acontecendo — disse Jem. — E conter. Alec cerrou a mandíbula.

— Rafael pode nos mostrar a casa depois que descansar um pouco. Amanhã à noite voltaremos ao Mercado das Sombras e tentaremos encontrar a informação que estão procurando. Contaremos para a Rainha do Mercado o que descobrirmos, se descobrirmos alguma coisa.

Rafael assentiu, depois esticou a mão para pegar a carteira de volta. Alec negou.

— Que segredo é esse que querem saber? — perguntou Lily a Jem.

— Lily, é segredo! — repreendeu Alec.

Grilos cantavam uma linda melodia além dos muros.

— Confio em vocês dois — disse Jem lentamente. — Vieram aqui nos ajudar. Confio que isso não sairá daqui. Estou procurando por alguém que precisa da minha ajuda. Existe uma linhagem secreta de Caçadores de Sombras sobre a qual descobri nos anos de 1930.

Lily balançou a cabeça.

— Os anos 30 foram tão decepcionantes. Todo ano insistiram em não ser os anos 20.

Will morreu na década de 1930 e Tessa viveu em agonia. Jem também não gostou muito dessa época.

— Essa família vem sendo caçada há anos — disse Jem. — Não sei por que motivo. Descobri que fugiram dos Nephilim, mas ainda não sei por que fadas estão à procura deles. Conheci uma delas, mas ela recusou minha ajuda e fugiu. Desde então venho procurando por eles, e amigos nos quais confio vêm perguntando discretamente no Mercado das Sombras. No ano em que a encontrei lá, Lily, eu estava procurando por Ragnor Fell, para descobrir o que ele poderia me contar. Quero saber por que estão sendo caçados, para poder ajudá-los. Quem quer que sejam seus inimigos, também são meus.

Porque os Carstairs devem aos Herondale.

— Também perguntei no Labirinto Espiral — disse Tessa. — Mas nunca ouviram nada. Até que de repente soubemos que alguém estava contando histórias para crianças sobre esse Mercado, histórias de amor, vingança e tristeza. Ouvimos um sussurro do nome Herondale.

Ela disse com muita suavidade o nome que um dia foi seu. Alec saltou como se alguém tivesse gritado ao seu ouvido.

Nem Jem nem Tessa mencionaram Catarina Loss, que tinha levado o primeiro Herondale perdido para longe e o criado em terras estranhas. Esse segredo não era deles. Jem confiava em Alec, mas ele ainda era um Caçador de Sombras, e seu pai era o Inquisidor. Jem e Tessa conheciam bem a sentença que a Lei aplicaria a Catarina pelo seu gesto de amor e misericórdia.

— Vou perguntar a Julieta — afirmou Alec. — Vou descobrir o que puder. Não volto para casa até ter ajudado.

— Obrigado — agradeceu Jem.

— Agora Rafael tem que dormir — declarou Alec.

— Temos um quarto ótimo para você — disse Tessa ao menino em espanhol, de forma suave e encorajadora. Rafael negou com a cabeça. — Prefere não ficar sozinho? — perguntou Tessa. — Também não tem problema. Você pode dormir comigo e com Jem.

Quando Tessa esticou as mãos, Rafael virou o rosto para o braço de Alec e gritou. Tessa recuou com o berro revoltado. O Caçador de Sombras automaticamente abraçou o menino.

— Lily fica vulnerável durante o dia — informou Alec. — Prefiro ficar com ela. Você ficaria bem em um quarto sem janela, Rafael?

Lily traduziu. Rafael assentiu enfaticamente.

Jem mostrou onde era. Na porta do quarto, pegou Alec pelo braço antes que ele pudesse seguir Lily e Rafael.

— Agradeço muito — disse Jem. — De verdade. Por favor, não conte a Jace ainda.

Jem ainda pensava em Jace, aquela criança feroz e incontrolável que havia encontrado em um mar escuro, e o jovem ardendo em fogo celestial. Imaginou centenas de cenários em que teria sido alguém melhor para ele. Se tivesse sido Jem o Irmão do Silêncio responsável por Jace depois que seu pai o abandonara, se tivesse passado mais tempo com ele, se Jace fosse um pouco mais velho, da idade de Will quando Jem o conheceu... talvez Jem tivesse sabido.

Mas o que poderia ter feito por Jace, mesmo que soubesse?

— Não quero que Jace pense que tem familiares que jamais conhecerá em algum lugar — explicou Jem. — Sangue não é amor, mas oferece uma chance para tal. Ele nunca teve a chance de conhecer Céline Montclair nem Stephen Herondale. Não quero que ele pense que está perdendo mais uma chance.

Jace estava feliz em Nova York, embora Jem não tivesse ajudado nisso. Ele tinha o seu amor, seu parabatai e seu Instituto. Se Jem não pudesse ajudá-lo, pelo menos não queria machucá-lo.

Jem ainda pensava em Céline Montclair, também. Se não fosse um Irmão do Silêncio, com seu coração se transformando em pedra no peito, talvez tivesse entendido o tamanho da encrenca em que ela estava metida. Talvez pudesse ter encontrado uma maneira de ajudá-la.

Ele não chamava Céline de mãe de Jace pois já tinha visto como o garoto olhava para Maryse Lightwood. Maryse era a mãe de Jace.

Há muitos anos, quando Jem ainda era uma criança, seu tio Elias tinha ido até o Instituto de Londres e oferecido levá-lo. “Afim”, ele disse, “somos família”.

— Você deve ir — disse Will enfurecido. — Não ligo.

Will bateu a porta ao sair, declarando que estava partindo em uma aventura selvagem. Depois que Elias foi embora, Jem viu que o parabatai estava sentado no escuro na sala de música, olhando para seu violino. Ele sentou no chão ao lado de Will.

— Suplique para que eu não o deixe, idiota — disse Jem, e Will deitou a cabeça em seu ombro. Ele sentiu Will tremendo com o esforço para não rir e nem chorar, e soube que queria fazer as duas coisas.

Sangue não era amor.

Mas Jem não se esquecia de que Céline nunca teve a chance de ser a mãe de Jace. A vida era cheia de corações partidos e chances perdidas, mas Jem podia tentar reparar um pouco do mal que o mundo fizera a Céline. Ele podia fazer o que estivesse ao seu alcance por Jace.

Alec estava olhando fixamente para Jem.

— Não contarei a Jace — disse ele. — Ainda não. Não se você contar em breve.

— Espero contar — respondeu Jem.

— Posso perguntar uma coisa? — pediu Alec subitamente. — O Instituto de Buenos Aires é corrupto e a Paz Fria enfraquece nossos laços com o Submundo. Você poderia fazer muitas coisas boas se estivesse conosco. Por que deixou de ser Caçador de Sombras?

— Estou com vocês — disse Jem. — Preciso ser Caçador de Sombras para isso?

— Não — respondeu Alec. — Mas não entendo: por que não quer mais?

— Não entende? — repetiu Jem. — Você tem um parabatai. Eu também tive um. Consegue se imaginar lutando sem ele?

Alec estava se segurando à porta e, enquanto Jem observava, suas juntas embranqueceram.

— Eu tenho Tessa, então tenho mais alegria todos os dias do que alguns em toda a vida. Muito mais do que mereço. Vi o mundo com minha mulher ao meu lado, e temos tarefas que tornam nossas vidas significativas. Todos temos diferentes maneiras de servir. Ela tem os segredos do Labirinto Espiral, e eu, os dos Irmãos do Silêncio. Juntamos nossos conhecimentos e salvamos vidas que acredito que não poderiam ter sido salvas de nenhum outro jeito. Eu quero ajudar, e vou. Mas não como Caçador de Sombras. Nunca mais serei um.

Alec olhou para Jem, aqueles olhos azuis arregalados e tristes. Ele parecia Will, mas não era Will, assim como Jace também não. Nenhum deles jamais seria Will.

— Quando se luta, deve fazê-lo com todo o coração — falou Jem suavemente. — Não tenho mais disposição para a vida entre os Nephilim, para essa luta em particular. Uma parte muito grande do meu coração está enterrada.

— Sinto muito — falou Alec, sem jeito. — Eu entendo.

— Não há o que sentir — respondeu Jem.

Ele voltou para o quarto onde Tessa o esperava com um livro aberto no colo. A feiticeira levantou os olhos quando ele entrou e sorriu. Não havia no mundo nenhum sorriso como o dela.

— Tudo bem? — perguntou.

— Sim — confirmou Jem, encarando-a.

Tessa fechou o livro e esticou os braços para ele. Estava ajoelhada na cama, enquanto Jem permanecia de pé ao seu lado. O mundo estava cheio de oportunidades perdidas e corações partidos, mas havia Tessa.

Ela o beijou, e Jem a sentiu sorrir em sua boca.

— Irmão Gostozach — murmurou. — Vem aqui.

#

O quarto podia não ter janelas, mas tinha um vaso marrom cheio de flores vermelhas sobre a mesa e duas camas brancas de solteiro. Lily tinha jogado sua jaqueta de couro sobre a cama mais próxima da parede.

Rafael estava sentado na outra cama, revirando um objeto metálico em suas mãos, pensativo.

Alec de repente entendeu por que ele tinha concordado em ser carregado.

— O que tem aí, querido? — perguntou Lily quando Alec entrou.

— O que ele tem é meu telefone — respondeu Alec. — Que ele roubou.

Nas mãos de Rafael, o telefone de Alec vibrou. O Caçador de Sombras se esticou para pegá-lo, mas Rafael o tirou casualmente do seu alcance. Ele não parecia muito preocupado com o fato de que Alec tentou pegá-lo. Estava olhando para o aparelho.

Alec se aproximou mais para tentar recuperar o telefone, e então parou, pego de surpresa. Enquanto Rafael examinava o celular, a linha séria da sua boca tremeu, e em seguida se curvou lentamente em um sorriso. O sorriso, lento, caloroso e doce, alterava todo o seu rosto.

A mão de Alec caiu. Rafael de repente se virou para ele com uma expressão alegre e fez uma pergunta. Até sua voz soava diferente quando ele estava feliz.

— Não te entendo — disse Alec, desamparado.

Rafael acenou o telefone na cara de Alec para ilustrar sua pergunta. Alec olhou para a tela e continuou olhando. Ele tinha ficado com uma sensação horrorosa no peito desde que percebera o que os Caçadores de Sombras poderiam estar fazendo ali, mas agora o mundo parecia novamente no lugar.

Magnus tinha mandado uma foto com a legenda Pássaro azul e eu de volta ao lar após uma missão selvagem e perigosa com um balanço.

Magnus estava apoiado na porta da frente da casa deles. Max estava rindo, cheio de covinhas, como fazia sempre que Magnus o entretinha com magia. Havia luzes azuis e douradas em volta deles e enormes bolhas iridescentes que também pareciam feitas de luz. Magnus estava

com um sorriso pequeno no rosto e com as pontas pretas dos cabelos cobertas por laços radiantes de mágica.

Depois da sua primeira missão, quando Max era um bebê, Alec tinha pedido que Magnus enviasse fotos sempre que ele estivesse fora. Para que se lembrasse de por que lutava.

Lily limpou a garganta.

— O garoto perguntou quem é esse homem legal.

— Ah! — exclamou Alec, ajoelhando-se perto da cama. — Ah, esse... esse é Magnus. O nome dele é Magnus Bane. Ele é meu... eu sou o... nós vamos nos casar.

Um dia se casariam.

Alec não sabia ao certo por que parecia importante contar para esse menino.

Lily traduziu. Rafael olhou do telefone para o rosto de Alec, e depois para o telefone outra vez, franzindo o cenho claramente surpreso. Alec esperou. Ele já tinha ouvido crianças dizendo coisas terríveis antes. Adultos envenenavam suas mentes, e o veneno escorria de suas bocas.

Lily riu.

— Ele perguntou — relatou ela com uma alegria profana —, “o que esse homem legal está fazendo com você?”.

— Rafael, devolva meu telefone — falou Alec.

— Deixe ficar um pouco com ele, Rafael já vai dormir — falou Lily, que era uma das culpadas por Max ser mimado.

Alec olhou para ela e percebeu que Lily estava com um olhar estranhamente sério.

— Vem até aqui um minuto — disse. — Prometi contar por que não queria que você chegasse perto daquela fada no Mercado das Sombras. Tenho uma história que acho que pode ajudar Jem e quero que você ouça. Não quero contar a ninguém além de você.

Alec deixou Rafael ficar com o telefone. Em troca, Rafael deixou que Alec o cobrisse na cama. O Caçador de Sombras pegou a cadeira perto da porta e a colocou ao lado da cama de Lily. Esperaram até que os olhos de Rafael se fechassem, com o telefone ao seu lado no travesseiro.

Lily examinou o travesseiro listrado em sua própria cama como se ele fosse fascinante.

— Está com fome? — perguntou Alec afinal. — Se você... precisar de sangue, pode pegar do meu.

Lily levantou o olhar, com o rosto espantado.

— Não. Não quero isso. Você não é para isso.

Alec tentou não demonstrar o quanto estava aliviado. Lily olhou para o travesseiro e ajeitou os ombros.

— Você se lembra de quando me perguntou se eu era cria do jazz e eu disse para me chamar de a cria do jazz?

— Vou continuar não chamando.

— Ainda acho que deveria — argumentou Lily. — Mas isso... não é o que estou querendo dizer. A década de 1920 foi a minha favorita, mas... eu talvez o tenha enganado em relação a minha idade. — Sorriu. — É o direito de toda moça.

— Certo — disse Alec, sem saber ao certo o objetivo daquela conversa. — Então, quantos anos você tem?

— Eu nasci em 1885 — contou Lily. — Eu acho. Minha mãe era uma camponesa japonesa e foi... vendida para o meu pai, um mercador chinês rico.

— Vendida! — disse Alec. — Isso não é...

— Não era legal — interrompeu Lily, a voz dura. — Mas aconteceu. Viveram juntos por alguns anos em Hong Kong, onde ele trabalhava. Nasci lá. Minha mãe achou que meu pai fosse nos levar para casa com ele. Ela me ensinou a falar como ele gostaria, me vestir como ele gostaria, como uma dama chinesa. Ela o amava. Mas ele se cansou dela. Meu pai foi embora e, antes de ir, nos vendeu. Cresci em um lugar chamado Casa da Eterna Pérola.

Ela levantou o olhar do travesseiro.

— Não preciso dizer, preciso? — perguntou. — Que tipo de lugar era, onde mulheres eram vendidas e homens entravam e saíam?

— Lily. — Alec respirou horrorizado.

Lily balançou sua cabeça preta e rosa desafiadoramente.

— Chamavam de Casa da Eterna Pérola porque... alguns homens querem que as mulheres sejam jovens e belas para sempre. Pérolas são criadas a partir de um centro de sujeira que não pode ser lavado. Na adega sem janelas, no coração daquela casa, havia mulheres acorrentadas. Aquelas mulheres eram frias e adoráveis para sempre. Jamais envelheceriam e fariam qualquer coisa por sangue. Eram para os homens mais ricos, conseguiam os preços mais altos, e tinham que ser alimentadas. Minha mãe envelheceu demais, então foi dada como alimento às vampiras. E naquela noite eu desci e fiz um acordo com uma delas. Prometi que se ela me transformasse, eu livraria a todas nós. Ela cumpriu com a parte dela, mas eu não cumpri com a minha. — Lily examinou o bico de suas botas pontudas. — Acordei e matei um monte de gente. Não quero dizer que bebi de alguém, embora também tenha feito isso. Incendiei o local. Ninguém saiu, nem os homens nem as mulheres. Ninguém além de mim. Eu não me importei com ninguém além de mim mesma.

Alec se aproximou com sua cadeira, mas Lily colocou os pés na cama, encolhendo-se ao máximo.

— Ninguém sabe disso tudo — disse ela. — Algumas pessoas sabem um pouco. Magnus sabe que não fui feita na década de 1920, mas percebeu que eu não queria contar. Ele jamais perguntou sobre nenhum dos meus segredos.

— Não — disse Alec. — Ele jamais faria isso.

Magnus sabia tudo sobre segredos doídos. Alec aprendeu.

— Raphael subornou alguém para descobrir — disse Lily. — Não sei quem, nem quanto pagou. Ele poderia ter me perguntado, mas ele não era assim. Só soube que Raphael sabia porque ele foi doce comigo por algumas noites. Do jeito dele. Nunca conversamos sobre isso. Nunca contei para ninguém. Até você.

— Não vou contar para ninguém — prometeu Alec. O canto da boca de Lily se ergueu.

— Sei que não vai, Alec.

Alguma tensão deixou os ombros magros dela.

— Conte para que você entenda o que aconteceu depois — disse. — Eu não podia ficar em Hong Kong. Fui para Londres, acho que em 1903, e conheci Caçadores de Sombras pela primeira vez.

— Caçadores de Sombras! — exclamou Alec.

Ele entendia por que às vezes os membros do Submundo diziam o termo com aquela entonação. Ele já não conseguia suportar o que tinha acontecido com Lily. Não queria ouvir sobre Caçadores de Sombras fazendo pior com sua amiga.

Mas Lily estava sorrindo agora, de leve.

— Notei uma em particular, uma menina com cabelos da cor de sangue nas sombras. Eu mal sabia o que eram Caçadores de Sombras, mas ela era corajosa e gentil. Ela protegia as pessoas. Seu nome era Cordelia Carstairs. Comecei a perguntar sobre Caçadores de Sombras para os outros. Soube de uma fada que os desprezava, especialmente uma família em particular. Nós a vimos no Mercado das Sombras hoje. Diga a Jem para perguntar para a mulher com cabelos de dente-de-leão sobre os Herondale. Ela sabe de alguma coisa.

Lily se calou. Alec sabia que tinha que dizer alguma coisa, mas não sabia como.

— Obrigado, Lily — falou, afinal. — Não pela informação. Obrigado por me contar. Lily sorriu, como se não achasse tolice o que Alec tinha acabado de falar.

— Depois de Londres, segui viagem e conheci Camille Belcourt na Rússia. Camille era divertida. Ela era alegre, impiedosa e difícil de machucar. Eu queria ser como ela. Quando Camille viajou para Nova York e se tornou líder do clã de vampiros de lá, eu fui com ela.

Lily abaixou a cabeça. Após um longo momento imersa em lembranças, ela levantou o olhar.

— Quer saber uma coisa tola? Quando Camille e eu chegamos a Nova York, após a Grande Guerra — contou alegremente —, eu procurei por Caçadores de Sombras. Não foi uma burrice? A maioria dos Caçadores de Sombras não é como você, Jem ou Cordelia. Encontrei alguns Nephilim que deixaram bem claro que guerreiros angelicais não tinham sido enviados para proteger uma criatura como eu. Eu não me importava com ninguém, e ninguém se importava comigo, e foi assim durante muitas décadas. Foi bem divertido.

— Foi? — perguntou Alec.

Ele manteve sua voz neutra. Lily parecia tão alegre.

— Os anos 1920 em Nova York foram a melhor época para todos nós, quando o mundo parecia tão frenético quanto os vampiros. Anos mais tarde Camille continuava tentando replicar a década, e eu também, mas até eu achava que Camille ia longe demais às vezes. Ela tinha um vazio em si que sempre tentava preencher. Permitia que seus vampiros fizessem de tudo. Uma vez, nos anos 1950, ela permitiu que um vampiro muito velho, Louis Karnstein, ficasse no hotel. Ele caçava crianças. Eu o achava nojento, mas não me importava muito. Àquela altura, eu era muito boa em não me importar.

Lily deu de ombros e riu. O som não foi convincente.

— Talvez eu torcesse para que os Caçadores de Sombras aparecessem, mas não apareceram. Em vez disso, outras pessoas apareceram. Um grupo de meninos mundanos que queriam defender sua rua dos monstros. Todos morreram, exceto um. Ele sempre cumpria o que se comprometia a fazer. Ele matou o monstro. Era o meu Raphael.

Lily acariciou a jaqueta de couro que estava amontoada na cama.

— Antes de matar o monstro, Raphael foi transformado em vampiro. Seu Magnus Bane ajudou Raphael, mas eu não. Ele poderia ter morrido, e eu nem teria sabido. Conheci Raphael depois. Ele veio até nosso bando quando estávamos nos alimentando em um beco e nos passou um sermão horrível. Ele foi tão solene que eu o achei engraçado. Não o levei nem um pouco a sério. Mas quando Raphael foi morar no hotel, fiquei feliz. Porque, afinal, parecia mais divertido. Quem não quer mais diversão? Não havia mais nada no mundo.

Magnus já tinha contado essa história para Alec, apesar de o feiticeiro jamais ter se colocado como o salvador de ninguém. Era estranho ouvir de Lily, e ainda mais estranho por saber como a história terminava.

— Raphael pediu mais segurança no hotel no segundo dia morando lá. Argumentou que um grupo de meninos mundanos tinha conseguido entrar e matar um dos nossos. Camille riu dele. E aí fomos atacados por um bando rebelde de lobisomens e as medidas de segurança de Raphael foram postas em prática. Guardas foram colocados, e Raphael sempre assumia seu turno na segurança do hotel, mesmo depois de ser apontado como vice-líder e não precisar mais. Ele assumiu o primeiro turno na primeira noite. Eu lembro dele me mostrando a planta do hotel, cada ponto fraco, as maneiras que ele tinha elaborado para nos defendermos melhor. Raphael arrumou tudo, apesar de estar conosco há menos de uma semana. Ele saiu para assumir seu posto e, enquanto ia, me disse “durma, Lily. Eu fico de olho nas portas”. Eu nunca tinha dormido em paz antes daquela noite. Eu não sabia como descansar e confiar que estava segura. Naquele dia, dormi como nunca.

Lily encarou o vaso de flores, vermelhas como sangue de vampiro. Alec não achava que ela as estivesse enxergando.

— Depois descobrimos que Raphael tinha contratado os lobisomens para nos atacarem para que implementássemos as medidas de segurança que ele queria — acrescentou Lily em tom pragmático. — Ele estava muito determinado a fazer as coisas do jeito dele. Além disso, era um verdadeiro babaca.

— Para mim isso é claro — concordou Alec.

Lily riu novamente. Ela se levantou da cama, pegando o ombro de Alec por um instante enquanto passava, e depois começou a andar de um lado para o outro como se o quarto fosse uma jaula.

— Raphael esteve sempre presente a partir de então. Camille de vez em quando o demovia do cargo de vice, para irritá-lo. Não importava. Ele jamais hesitou, independente do que qualquer um fizesse. Achei que fosse ficar conosco para sempre. E aí ele foi levado. Eu disse a mim mesma para aguentar firme, formar uma aliança com os licantropes, me segurar contra a loucura. Só até Raphael voltar. Só que ele nunca voltou.

Lily passou a mão sobre os olhos. Ela foi para o lado da cama de Rafael, passando a mão suja de lágrimas suavemente em seus cabelos cacheados.

— Bem — disse ela. — Fui feliz por cinquenta e quatro anos. É mais do que a maioria das pessoas consegue. Agora tenho o clã para cuidar, como Raphael gostaria que eu fizesse. Na noite em que soubemos que ele tinha morrido, e em todas as noites desde então, fico de olho nos meus vampiros na casa que ele protegia. Observo mundanos nas ruas que ele amava. Cada um deles parece uma criança que eu preciso ajudar, uma possibilidade de um futuro que eu não conseguia imaginar. Cada um parece precioso, parece valer ser defendido, parece valer o mundo. Cada um deles é Raphael.

A criança se mexeu, como se estivesse sendo chamada. Lily retirou a mão. Era dia, após uma longa noite.

Alec se levantou e guiou-a, com uma mão em seu ombro trêmulo, até a cama. Ele a cobriu com o lençol como se ela fosse Rafael. Em seguida posicionou a cadeira entre as camas e a entrada, e assumiu seu lugar ali.

— Durma, Lily — disse Alec gentilmente. — Eu fico de olho nas portas.

#

Alec não descansou bem. Sua mente estava revirando com pensamentos sobre a história de Lily, a corrupção do Instituto de Buenos Aires, Herondales perdidos, lobisomens e a jornada de Jem e Tessa.

Ele estava acostumado a acordar em lençóis escuros de seda e braços fortes. Estava com saudade de casa.

Rafael dormiu bastante, sem se mexer até a tarde. Alec desconfiava que os órfãos do Mercado das Sombras tinham desenvolvido hábitos noturnos. Quando o menino acordou, Alec o levou até o quintal, onde se sentou contrariado para comer uma barra de cereal. O Caçador de Sombras achou que ele estivesse irritado porque tinha pegado de volta o telefone.

— Alguém já te deu algum apelido? — perguntou. — As pessoas te chamam de Rafe? Rafael o olhou impassível. Alec temeu não ter transmitido o recado.

— Rafa — disse, afinal.

Ele acabou uma barra de cereal e esticou a mão para ganhar outra. Alec deu para ele.

— Rafa? — tentou Alec. — Quer que o chame assim? Você está entendendo alguma coisa do que digo? Desculpe por não saber falar espanhol.

Rafael fez uma careta, como se quisesse dizer o que pensava sobre ser chamado de Rafa.

— Tudo bem — disse Alec. — Não vou chamá-lo assim. Só Rafael, então?

O menino lançou um olhar nada impressionado a Alec. Lá vai esse bobalhão outra vez, sua expressão sugeria, falando comigo quando não entendo nada.

Jem e Tessa se juntaram a eles no quintal, prontos para serem levados por Rafael até a casa que ele tinha visto.

— Eu fico e cuido de Lily — disse Tessa, lendo os pensamentos de Alec. — Não se preocupe com ela. Coloquei barreiras protetoras... e se alguém vier, eu dou conta.

Ela fez um pequeno gesto. Magia cinza brilhante, como o brilho de luz na água do rio ou o lampejo de pérolas na sombra, enrolaram-se em seus dedos. Alec sorriu em gratidão para Tessa. Até ter certeza do que estava acontecendo com esse feiticeiro e esses Caçadores de Sombras, ele não queria deixar ninguém desprotegido.

— E também não se preocupe comigo — disse Tessa a Jem, passando seus dedos mágicos pelos cabelos pretos e cinza dele, puxando-o para um beijo de despedida.

— Não me preocupo — disse Jem a ela. — Sei que minha mulher sabe cuidar de si.

Minha mulher, Jem disse, sua voz soando casual e alegre pela posse mútua: o acordo entre eles realizado diante de todos que amavam.

Alec tinha ouvido um poema lido em casamentos: meu verdadeiro amor tem o meu coração, e eu tenho o dele. Jamais foi feito acordo mais justo. Um amor que era permanente aos olhos de todo o mundo, exigindo respeito, destacando o conhecimento que Alec tinha toda manhã ao acordar. Mais ninguém para mim, até o dia em que eu morrer, e todos sabendo disso. Jem e Tessa tinham esse amor, assim como Helen e Aline. Mas um Caçador de Sombras não podia se casar com um integrante do Submundo em dourado. Um Caçador de Sombras não podia receber uma Marca de casamento por alguém do Submundo, e ele não ofenderia Magnus com uma cerimônia que os Nephilim não consideravam. Ele e Magnus concordaram em esperar até que a Lei mudasse.

Alec não conseguia conter uma pontinha de inveja.

Seu telefone vibrou no bolso, e Rafael ficou atento. Magnus tinha mandado uma foto de Max dormindo, usando Presidente Miau como travesseiro. Rafael olhou, claramente decepcionado por Magnus não estar na foto.

O próprio Alec também estava ligeiramente decepcionado por isso.

A tarde estava quente, e as ruas, praticamente desertas. A casa onde o feiticeiro morava ficava depois de diversas ruas sinuosas, algumas de paralelepípedos e outras de terra. A maioria das casas eram pequenas, pintadas de amarelo ou de vermelho tijolo e branco, mas a casa do feiticeiro que Rafael apontou era uma enorme construção cinza no fim da rua. Uma figura se aproximava da porta — um Caçador de Sombras. Alec e Jem trocaram um olhar sombrio. O primeiro o reconheceu como um dos homens de Breakspear do Instituto. Ele levou Jem e Rafael para um beco.

— Fique com Jem um minuto — pediu a Rafael, e lançou um gancho no telhado de uma casa vizinha.

Alec escalou e percorreu as telhas escorregadias até estar diante da casa cinza. Havia grades nas janelas e os feitiços que Magnus havia colocado no anel permitiam que ele sentisse as barreiras protetoras com grande precisão. O lugar era extremamente protegido. Alec agachou atrás de uma chaminé e rapidamente desenhou símbolos de Clareza e Atenção em seus braços.

Com as habilidades potencializadas, ele conseguia ouvir ruídos vindos de trás das paredes. Havia muitas pessoas naquela casa. Pés se movimentando, conversas abafadas. Alec conseguiu identificar algumas palavras.

— ... próxima entrega de Breakspear será hoje à meia-noite...

Ele escutou outro barulho e virou para ver Rafael e Jem vindo em sua direção no telhado. Jem ofereceu um pequeno sorriso sem graça.

— Ele escapou de mim e subiu em um cano.

Jem estava logo atrás de Rafael, claramente nervoso quanto a tocá-lo. Alec entendeu como Rafael conseguiu escapar.

— Consegue sentir essas barreiras protetoras? — perguntou Alec, e Jem assentiu. Ele sabia que Tessa tinha ensinado ao esposo maneiras de utilizar e identificar magia, apesar de ele não ter mais o poder de um Irmão do Silêncio ou de um Caçador de Sombras. — Acha que Tessa dá conta delas?

— Tessa dá conta de qualquer coisa — respondeu Jem, orgulhoso.

— Eu disse para ficar lá embaixo com Jem — Alec repreendeu Rafael.

O menino lançou a ele um olhar que era ao mesmo tempo incompreensível e ofensivo, e em seguida suas botas grandes escorregaram no telhado. Jem o segurou antes que ele desabasse sobre a telha e o ajoelhou. Se Rafael continuasse andando assim, ia ralar os joelhos.

— Tem que andar de outro jeito em telhado — disse Alec a ele. Deu a mão para o garoto, mostrando como fazer. — Assim, porque escorrega. Faça como eu.

Era estranhamente bom, ensinar essas coisas para uma criança. Ele tinha muitos planos de ensinar isso ao irmão quando ficasse mais velho, mas ele não viveu o suficiente para ficar mais velho.

— Quando você vai dar um neto de verdade aos seus pais? — Ouvira Irina Cartwright perguntar a Isabelle após uma reunião da Clave.

— Pelo Anjo — respondera a irmã de Alec. — Max é imaginário? Irina pausou e em seguida riu.

— Uma criança Caçadora de Sombras, para ensinar nossos costumes. Ninguém daria um filho Caçador de Sombras a essa gente. Imagine um feiticeiro criando um dos nossos! E aquele tipo de comportamento. Crianças ficam muito impressionadas. Não seria certo.

Isabelle alcançou seu chicote. Alec arrastou a irmã para trás.

— Vocês Lightwood são descontrolados e loucos — murmurou Irina.

Jace tinha aparecido ao lado de Alec e Isabelle e oferecido um sorriso radiante.

— Sim, somos.

Alec tinha dito a si mesmo que estava tudo bem. Às vezes, quando se preocupava muito com seus amigos, era reconfortante pensar que tanto Magnus quanto Max eram feiticeiros. Eles não precisavam combater demônios.

Rafael imitou com precisão a forma de andar de Alec. Ele seria muito bom um dia, Alec pensou. Quem quer que o criasse teria orgulho.

— Muito bem, Rafe — incentivou. O apelido escapou, ele não tinha a intenção de usá-lo, mas Rafael olhou para ele e sorriu. Eles se calaram, agachando enquanto o Caçador de Sombras deixava a casa do feiticeiro. Jem ergueu as sobrancelhas para Alec, que balançou a cabeça.

Depois que o homem se foi, eles ajudaram Rafe a descer.

— Fico imaginando até onde vai a corrupção nesse Instituto — falou Jem calmamente.

— Em breve saberemos — disse Alec. — Ouvi aquele mercenário dizer que “a próxima entrega de Breakspear será hoje à meia-noite”. Se ele estiver entregando mulheres, precisamos salvá-las e conter os Caçadores de Sombras, bem como o feiticeiro. Precisamos pegá-los de uma vez, e está cheio de gente do lado de dentro. Não sabemos quantos podem ser prisioneiros, quantos são guardas. Precisamos de reforços, e tem alguém com quem quero conversar sobre isso antes de voltarmos para Tessa e Lily. Tenho que acreditar que nem todos os Caçadores de Sombras dessa cidade são traidores.

Jem assentiu. Ao deixarem o beco, Alec descreveu a fada que ele e Lily tinham visto, o rosto branco e os cabelos de dente-de-leão.

— Lily disse que ela pode ter informações sobre a família que procura. A expressão de Jem ficou sombria.

— Eu já a encontrei antes. Saberei quem é quando a vir no Mercado. E vou me certificar de que ela fale — Seu rosto ficou frio e severo por um instante. Então ele olhou para Alec. — Como está Lily?

— Hum. — Alec tentou descobrir se tinha deixado algo que não devia escapar.

— Você se preocupa com sua amiga — disse Jem. — Talvez se preocupe mais ainda porque os sentimentos dela o fazem pensar em como Magnus vai se sentir um dia. — Os olhos de Jem eram tão escuros quanto a Cidade do Silêncio, e tão tristes quanto. — Eu sei.

O próprio Alec não teria conseguido colocar nada disso em palavras. Havia apenas a sombra sem nome no rosto de Magnus às vezes, o eco da velha solidão, o desejo de Alec de sempre protegê-lo e a consciência de que não poderia.

— Você foi quase imortal. Tem algum jeito de tornar... mais fácil?

— Vivi muito tempo — concordou Jem. — Mas vivi em uma jaula de ossos e silêncio, sentindo meu coração se transformar em cinzas. Não consigo explicar como foi.

Alec pensou em sua infância no Instituto, esmagado sob o peso das expectativas de seu pai, tentando ensinar a si mesmo a não olhar, não falar, não ousar tentar e ser feliz.

— Talvez eu saiba — disse ele. — Não... totalmente. Não por cem anos, obviamente. Mas... talvez um pouco.

Alec se preocupou com a possibilidade de estar tirando conclusões precipitadas, mas Jem sorriu como se entendesse.

— É diferente, para a minha Tessa e o seu Magnus. Eles nasceram como são, e os amamos assim. Eles vivem para sempre em um mundo que muda, e ainda têm coragem de achá-lo lindo. Todos queremos proteger nossos amados contra qualquer perigo ou tristeza — disse. — Mas também temos que confiar neles. Temos que acreditar que terão força para continuar vivendo e que voltarão a sorrir. Tememos por eles, mas devemos acreditar neles além do medo.

Alec abaixou a cabeça.

— Eu acredito.

A um quarteirão do Instituto de Buenos Aires, o telefone de Alec vibrou outra vez. Clary tinha mandado uma mensagem.

Há alguns meses, eles tinham deixado Max com Maryse e saído para passear. A antiga banda de Simon ia tocar no Pandemônio e ele havia aceitado substituir o baixista desaparecido, como fazia ocasionalmente. Alec, Magnus, Jace, Clary e Isabelle foram assistir. O amigo de Simon,

Eric, tinha feito uma música chamada “Meu Coração É Um Melão Maduro Demais Explodindo Por Você” e era a pior música do mundo.

Alec não gostava de dançar, a não ser que fosse com Magnus. Mesmo assim, ele preferia que a música não fosse péssima. Magnus, Jace e Isabelle foram para a pista, os pontos mais brilhantes da multidão. Alec curtiu ver Magnus por um tempo, com o queixo apoiado nas mãos. Depois se cansou da agressão aos ouvidos. Captou o olhar de Clary. Ela estava sentada na cadeira, apenas fazendo caretas ocasionais.

— Até que é legal — disse Clary a ele, acenando bravamente com a cabeça.

— É horrível — retrucou Alec. — Vamos comer tacos.

Simon tinha acabado de descer do palco quando eles voltaram, bebendo água e perguntando a todos o que tinham achado do set.

— Você estava muito sexy lá — dizia Isabelle, provocando Simon enquanto Alec e Clary chegavam.

Simon abriu um sorriso torto.

— Sério?

— Não. — disse Jace.

— Você foi ótimo! — exclamou Clary, indo até Simon. — Uau, não sei que outra palavra poderia usar. Você foi ótimo. A banda foi ótima.

Clary era uma verdadeira e nobre parabatai, mas Simon era esperto e a conhecia há muito tempo. Seus olhos foram do rosto culpado de Clary para o de Alec.

— Vocês foram comer tacos de novo? — lamentou Simon. Alec sorriu.

— Estavam deliciosos.

Ele foi até Magnus, deslizando um braço por sua cintura. Como tinham ido a uma boate, Magnus havia passado purpurina prateada sob seus olhos dourados, e parecia brilhar como as estrelas e o luar.

— Sei que você estava dançando — falou Alec ao ouvido dele —, mas a banda estava péssima, certo?

— Consigo dançar com qualquer coisa — murmurou Magnus de volta —, mas vi Mozart tocar pessoalmente. E também os Sex Pistols em sua melhor fase. Posso confirmar que a banda do Simon é horrível.

Os amigos e a família de Alec estavam reunidos em torno dele, e foi um daqueles momentos em que se lembrou da solidão desesperadora de quando era mais novo, dividido entre o medo do que talvez jamais tivesse e o que poderia perder. Alec segurou Magnus mais firme e sentiu uma explosão incrédula de alegria no peito por poder ter tudo aquilo.

— Tacos de novo na próxima? — sussurrou Alec ao saírem, e Clary assentiu pelas costas de Simon.

Foi assim que Alec passou a amá-la, após passar tanto tempo não gostando dela no começo: nas maiores ou menores situações, Clary nunca decepcionava.

Ela não tinha decepcionado agora. Tinha enviado uma foto dizendo Fomos aprisionados pelo Terrível Pirata Max!, que Alec desconfiava se tratar de alguma piada que ele não entendeu.

Clary estava em um ângulo estranho quando tirou a selfie, mas dava para ver Magnus e Max bem. Magnus estava com uma cor azul brilhante na frente do cabelo. Max estava agarrando os cabelos azuis espetados de Magnus e os cachos ruivos de Clary, um com cada mão, parecendo muito satisfeito. Magnus estava rindo.

— Ah, veja — disse Alec suavemente, e mostrou a foto para Rafael.

O menino pegou o telefone e depois saiu saltitando para contemplar mais a foto.

Alec o deixou com o aparelho por um tempo. Ele e Jem pararam na porta do Instituto de Buenos Aires e, conforme Alec esperara, Joaquín estava guardando a porta outra vez. Ele cumprimentou Alec alegremente, depois olhou espantado para as cicatrizes claras de Jem.

— Você é o Irmão do Silêncio que o Fogo Celestial transformou? — perguntou ansioso. — O que...

— Fugiu e se casou com uma feiticeira, sim — respondeu Jem. Em algum lugar entre sua voz quieta e seu sorriso, havia uma pitada de desafio.

— Tenho certeza de que ela é legal — falou Joaquín apressadamente.

— Ela é — confirmou Alec.

— Não conheço muitos integrantes do Submundo — disse Joaquín, desculpando-se. — Apesar de ter conhecido a amiga de Alec ontem! Ela também pareceu... legal. Existem muitos integrantes do Submundo legais, tenho certeza! Só que não na nossa cidade. Dizem que a Rainha do Mercado das Sombras é uma tirana assustadora.

Alec pensou em Julieta com os filhos em volta.

— Não achei.

Joaquín o encarou com olhos arregalados.

— Mas aposto que você não tem medo de nada.

— De algumas coisas — respondeu Alec. — De fracassar. Você sabe que há algo de errado com seu Instituto, não sabe? Quero acreditar que você não faz parte disso, mas você deve saber que há algo de muito errado.

Joaquín evitou o olhar de Alec e, ao fazê-lo, viu Rafael pela primeira vez. O menino estava mais atrás, agarrado ao telefone de Alec.

— Aquele é o pequeno Rafael — reconheceu Joaquín.

Rafael piscou os olhos para ele e o corrigiu com sua voz pequena e teimosa:

— Rafe.

— Você o conhece? — perguntou Alec. — Então sabia que tinha uma criança Caçadora de Sombras vivendo no Mercado das Sombras. É dever dos Nephilim cuidar dos órfãos de guerra.

— Eu... — hesitou Joaquín. — Eu tentei. Mas ele não deixa ninguém chegar perto. Era como se não quisesse ajuda.

— Todo mundo quer ajuda — falou Alec.

Joaquín já estava ajoelhado, oferecendo a Rafael uma bala enrolada em papel brilhante. Rafe o encarou, depois avançou cuidadosamente, pegou a bala e recuou para trás das pernas de Alec.

Alec entendia o que era ser jovem e assustado, mas chegava uma hora em que era necessário escolher ter coragem.

— Aqui está um endereço — disse ele, estendendo um pedaço de papel. — Se quiser realmente saber o que está acontecendo no seu Instituto, me encontre lá hoje à noite. Traga reforços, somente pessoas em quem você confia.

Joaquín não olhou nos olhos de Alec, mas pegou o papel. Alec se afastou com Jem e Rafael, cada um de um lado.

— Acha que ele vai? — perguntou Jem.

— Espero que sim. Temos que confiar nas pessoas, certo? Como você estava falando. Não só nas que amamos. Temos que acreditar nas pessoas, e temos que defendê-las. Tantas quantas pudermos, para que possamos ser mais fortes. — Ele engoliu em seco. — Tenho uma confissão a fazer. Eu... tenho inveja de você.

O rosto de Jem ficou genuinamente espantado. Em seguida ele sorriu.

— Eu também tenho um pouco de inveja de você.

— De mim? — perguntou Alec, admirado.

Jem apontou com a cabeça para Rafael, e depois para a foto de Magnus e Max nas mãos do menino.

— Tenho Tessa, então tenho o mundo. E amei percorrer tudo com ela. Mas há vezes em que penso sobre... um lugar que poderia ser minha casa. Meu parabatai. Uma criança.

Todas as coisas que Alec tinha. Ele se sentiu como na noite passada, colocando as botas de Rafael em seus pés surrados: arrasado, mas sabendo que essa não era a sua dor.

Ele hesitou.

— Você e Tessa não poderiam ter um filho?

— Eu jamais poderia pedir a ela — disse Jem. — Ela já teve filhos. Eram lindos, e já se foram. Crianças devem ser nossa imortalidade, mas e se você vive para sempre e seu filho não? Eu vi como ela teve que se afastar deles. Vi o que custou. Não vou pedir que sofra assim novamente.

Rafe levantou as mãos para ir no colo. Alec o pegou. Corações de feiticeiros batiam diferente, e Alec estava acostumado a ouvir o som dos de Magnus e Max, infinitamente firmes e reconfortantes. Era estranho segurar uma criança com batimentos cardíacos mortais, mas Alec estava se acostumando ao novo ritmo.

O sol da tarde queimava as paredes brancas da rua por onde andavam. As sombras eram longas atrás deles, mas a cidade continuava iluminada, e pela primeira vez Alec viu como ela poderia ser adorável.

Ocasionalmente Alec se desesperava, pensando que o mundo não podia mudar, ou mesmo que não podia mudar depressa o bastante. Ele não era imortal, nem queria ser, mas havia momentos em que temia não viver o bastante, não ter a chance de segurar as mãos de Magnus na frente de todos que amava e fazer uma promessa sagrada.

Nesses momentos havia uma imagem que Alec guardava contra a exaustão e a rendição, um lembrete para sempre continuar lutando.

Quando ele se fosse, quando virasse pó e cinzas, Magnus ainda estaria caminhando por esse mundo. Se o mundo mudasse para melhor, então esse futuro desconhecido seria melhor para Magnus. Alec podia imaginar que em um dia quente como o de hoje, em uma rua estranha de uma terra estranha, Magnus veria algo de bom que o lembrasse de Alec, como se o mundo tivesse mudado porque Alec viveu nele. Ele não conseguia imaginar como seria esse mundo.

Mas conseguia imaginar, em um futuro distante, o rosto que mais amava.

#

Jem contou a Tessa o que viram e quem procurariam no Mercado das Sombras.

Lily viu o olhar de Jem para ela enquanto ele explicava.

— O que você está olhando, sanduíche de Jemleia e pasta de amendoim delicioso? Tessa riu.

— Tenho mais apelidos — contou Lily a ela, encorajada. — Eu simplesmente tenho as ideias.

Quer ouvir?

— Na verdade, não — respondeu Jem.

— Definitivamente não! — disparou Alec.

— Sim! — exclamou Tessa. — Sim, quero muito!

Lily a entreteve com diversos apelidos pelo caminho até o Mercado das Sombras. A risada de Tessa era como música para Jem, mas ele ficou feliz quando chegaram ao Mercado, apesar de o lugar ser uma fortaleza de arame farpado e a porta ter sido fechada na cara deles na última tentativa.

A porta não foi fechada dessa vez.

Jem já estava acostumado a Mercados das Sombras a essa altura, após anos vasculhando por eles em busca de respostas sobre demônios e Herondales. Ele também estava acostumado a ser um pouco conspícuo entre os frequentadores do local.

Mas naquela noite estavam todos olhando para Alec e Lily. A Rainha do Mercado das Sombras, uma jovem um tanto digna e adorável, saiu das barracas para recebê-los pessoalmente. Alec a puxou de lado para contar sobre seus planos para a noite e pedir ajuda. A Rainha sorriu e concordou.

— Eles são da Aliança. — Ele ouviu um licantrope adolescente sussurrar para outro em tom impressionado.

Alec abaixou a cabeça e ficou de olho em Rafe. Ele parecia ligeiramente perturbado pela atenção.

Jem encontrou os olhos de Tessa e sorriu. Eles tinham visto mais de uma geração passar, brilhantes e esperançosas, mas Alec era algo novo.

O Caçador de Sombras parou para falar com uma fada adolescente.

— Rose, você viu uma mulher fada com cabelos de dente-de-leão no Mercado hoje?

— Você deve estar falando da Mãe Hawthorn — respondeu Rose. — Ela está sempre aqui. Costuma contar histórias para as crianças. Adora crianças. Detesta todo o resto. Se está procurando por ela, fique perto das crianças. Ela certamente vai aparecer.

Então foram em direção à fogueira onde a maioria das crianças estava reunida e uma fada tocava uma concertina. Jem sorriu ao ouvir a música.

Rafe agarrou a camisa de Alec e ficou olhando em volta com inveja. As outras crianças pareciam intimidadas por sua carranca.

Uma feiticeira adolescente estava fazendo truques de magia, criando bonecos de sombras na fumaça do fogo. Até Rafe riu, e todo o mau humor desapareceu de seu rosto. Ele era só uma criança, apoiada em Alec, aprendendo a ser feliz.

— Ele acha que ela é muito boa — Lily traduziu o que Rafe dizia. — Ele gosta de magia, mas a maioria dos feiticeiros poderosos já foi embora há séculos. Ele quer saber se o homem legal sabe fazer isso.

Alec pegou o telefone e mostrou para Rafael um vídeo de Magnus e uma luz enfeitiçada.

— Olha, ela fica vermelha — disse Alec, e Rafe instantaneamente pegou o telefone. — Não, não se deve agarrar! Tem que parar de roubar. Preciso responder a mensagem de Magnus em algum momento, e não vou conseguir fazer isso se você continuar roubando meu telefone.

Alec olhou das iridescentes chamas saltitantes para Jem.

— Eu estava pensando se você poderia me dar um conselho, na verdade — pediu. — Quer dizer, você estava falando tudo aquilo mais cedo. Tipo... coisas românticas. Você sempre sabe o que dizer.

— Eu? — perguntou Jem, espantado. — Não, nunca pensei em mim como sendo muito bom com palavras. Eu gosto de música. É mais fácil expressar o que sentimos com música.

— Alec tem razão — concordou Tessa. Jem piscou.

— Tem?

— Em alguns dos piores e mais sombrios tempos da minha vida, você sempre soube o que dizer para me confortar — revelou Tessa. — Tive um dos meus piores momentos quando éramos jovens, e nos conhecíamos há pouco tempo. Você veio até mim e disse palavras que carreguei comigo como se fossem luz. Foi uma das coisas que fizeram eu me apaixonar por você.

Ela levantou a mão para o rosto dele, seus dedos traçando as cicatrizes ali presentes. Jem deu um beijo no pulso dela.

— Se minhas palavras serviram de conforto, então empatamos — disse ele. — Sua voz é a música que mais amo no mundo.

— Viu isso — murmurou Alec sombriamente para Lily.

— A gente realmente ama um cara gato e eloquente — disse Lily.

Tessa se inclinou para perto de Jem e sussurrou, na língua que tinha aprendido para ele:

— Wǒ ài nǐ.

E naquele instante, olhando nos olhos dela, Jem viu um flash de movimento e em seguida uma quietude na escuridão. A fada com cabelos de dente-de-leão vinha em direção às crianças, empurrando seu carrinho cheio de venenos. Ela parou ao ver Jem. Ela o reconheceu, assim como ele a ela.

— Mãe Hawthorn — disse a feiticeira com quem Tessa havia conversado. — Você veio nos contar uma história?

— Sim — disse Jem. Ele se levantou e se aproximou da feiticeira. — Queremos ouvir uma história. Queremos ouvir por que você odeia os Herondale.

Os olhos de Mãe Hawthorn se arregalaram. Eles não tinham cor nem pupila, como se seus globos oculares tivessem sido preenchidos por água. Por um instante, Jem pensou que ela fosse correr e se preparou para ir atrás. Tessa e Alec também estavam prontos para persegui-la. Jem esperou tempo demais para aguardar mais um instante sequer.

Então Mãe Hawthorn olhou para as crianças e encolheu os ombros magros.

— Ah, sim — disse ela. — Esperei mais de um século para me vangloriar de um truque.

Suponho que não tenha importância agora. Deixe-me contar a história do Primeiro Herdeiro.

#

Encontraram uma fogueira solitária para ouvir um conto sombrio longe das crianças, exceto por Rafael, que tinha o rosto solene e permanecia em silêncio sob a curva protetora do braço de Alec. Jem se sentou com seus amigos e sua amada para ouvir. Luzes e sombras giravam em uma longa dança e, junto à estranha fogueira do Mercado das Sombras, uma velha mulher tecia um conto sobre a Terra das Fadas.

— As cortes Seelie e Unseelie sempre estiveram em guerra, mas há tempos de guerra que vestem a máscara da paz. Houve até um tempo em que o Rei da Corte Unseelie e a Rainha da Corte Seelie estabeleceram uma trégua secreta e realizaram uma união para selarem o acordo. Conceberam um filho juntos e concordaram que um dia a criança herdaria ambos os tronos Seelie e Unseelie e uniria todo o Reino das Fadas. O Rei queria que todos os seus filhos fossem criados como guerreiros impiedosos, e ele acreditava que esse Primeiro Herdeiro seria o melhor de todos. Considerando que a criança não teria mãe na Corte Unseelie, ele contratou os meus serviços, e me senti honrada. Sempre gostei de crianças. Já fui chamada de a grande mãe fada.

“O Rei da Corte Unseelie não esperava por uma filha, mas quando a criança nasceu, uma filha ela era. Ela me foi entregue em mãos na Corte Unseelie no dia em que veio ao mundo e, de lá até hoje, a luz dos seus olhos foi a única coisa que desejei.

“O Rei Unseelie ficou descontente com a filha e a Rainha Seelie se enfureceu por ele, mesmo descontente, não devolvê-la. Veio uma profecia de nossos adivinhos de que o dia em que o Primeiro Herdeiro buscasse seus plenos poderes, todo o Reino das Fadas sucumbiria sob a sombra. O Rei ficou furioso, e a Rainha, apavorada, e todas as sombras e águas da minha terra pareciam ameaçar a pessoa que eu amava. A guerra entre Seelie e Unseelie se tornou mais furiosa e voraz após a breve paz, e as fadas sussurravam que a Primeira Herdeira era amaldiçoada. Então ela fugiu, temendo pela vida.

“Eu não a chamei de Primeira Herdeira. Seu nome era Auraline, e ela era a criatura mais adorável que já existiu.

“Auraline buscou refúgio no mundo mortal e o achou lindo. Ela sempre buscou a beleza da vida, e sempre se entristeceu ao encontrar maldade no lugar. Ela gostava de ir ao Mercado das Sombras e se misturar aos integrantes do Submundo que não sabiam sobre seu nascimento e não a chamariam de amaldiçoada.

“Após visitar o Mercado das Sombras por muitas décadas, ela conheceu um mágico que a fazia rir. Ele se chamava de Roland, o Surpreendente, Roland, o Extraordinário, Roland, o Incrível, como se ele fosse especial, quando ela era a diferente. Detestei aquele menino insolente desde que pus os olhos nele. Quando ele não estava se intitulando com um de seus nomes tolos de mágico, ele se chamava Roland Loss, mas isso era outra mentira.”

— Não — disse Tessa suavemente. — Não era. Ninguém além de Jem a escutou.

— Tinha uma feiticeira que ele dizia amar como mãe, mas Roland não era feiticeiro, tampouco um mundano com o dom da Visão. Ele era algo muito mais mortal do que isso. Descobri o segredo da feiticeira. Ela levou uma criança Caçadora de Sombras para o estrangeiro e o criou nos Estados Unidos, fingindo que ele não era Nephilim. Roland era descendente dessa criança, e foi atraído pelo nosso mundo pois seu sangue o chamou. O verdadeiro nome do menino era Roland Herondale.

“Roland desconfiava bastante de suas origens, e pagou para aprender mais no Mercado. Ele contou todos os seus segredos a Auraline. Disse que não podia procurar os Nephilim e ser um deles, pois isso colocaria em risco a feiticeira que ele amava como uma segunda mãe. Em vez disso, ele disse que se tornaria o maior mágico do mundo.

“Auraline perdeu o cuidado. Contou a ele sobre a profecia e sobre os perigos relativos a ela. “Roland disse que ambos eram crianças perdidas e que se perderiam juntos. Que não se importava de estar perdido, contanto que pudesse se perder com ela. Auraline jurou o mesmo. Ele a atraiu para longe de mim. Ele a chamou para morar com ele no mundo mortal. Ele a condenou e chamou isso de amor.

“Eles fugiram juntos, e a fúria do Rei foi um fogo que consumiu uma floresta. Ele queria que a profecia fosse mantida em segredo, o que significava que precisava de Auraline de volta sob sua tutela ou morta. Enviou seus mensageiros de confiança a todos os cantos do mundo para caçá-la, até mesmo os cavaleiros sedentos por sangue de Mannan. Ele botou todos os piores seres do Reino das Fadas atrás dela. Eu também fiquei de olho por mim, e o amor me fez enxergar melhor. Encontrei-a uma dúzia de vezes, apesar de nunca ter contado ao Rei onde ela estava. Jamais o perdorei por ter se voltado contra ela. Fui a todos os Mercados das Sombras em que Auraline esteve e os vi juntos, minha linda Primeira Herdeira e aquele menino horrroso. Ah, como ela o amava, e ah, como eu o detestava.

“Estive em um Mercado das Sombras não muito tempo depois que Roland e Auraline fugiram juntos, e lá vi mais um menino anjo, orgulhoso como Deus. Ele me contou sobre seu alto posicionamento entre os Nephilim, e eu soube que seu parabatai era outro Herondale. Fiz um truque cruel com ele. Espero que tenha pagado com sangue por sua arrogância.”

— Matthew — sussurrou Tessa, o nome soando estranho em sua boca, dito pela primeira vez em anos.

Matthew Fairchild foi parabatai do filho de Tessa, James Herondale. Jem sabia que uma fada tinha levado Matthew a fazer uma coisa terrível, mas achava que tinha sido só por despeito, não por vingança.

Até a voz dessa fada parecia cansada. Jem se lembrava dessa sensação, perto do fim de seus dias como Irmão do Silêncio. Ele se lembrava do vazio.

— Mas que importância isso tem? — perguntou a mulher, como se falasse consigo mesma. — Que importância tinha? Longos anos se passaram. Auraline passou década após década com seu mágico na sujeira do mundo mundano, minha menina que nasceu em um trono de ouro. Permaneceram juntos por todos os dias da vida dele. Auraline compartilhou o que pôde do seu poder de fada com Roland, e ele passou mais tempo sendo jovem, e viveu mais tempo do que a maioria dos imundos de sua espécie podia. Ela desperdiçou sua mágica, como uma pessoa prolongando a vida de uma flor: só é possível fazer a flor durar um pouquinho mais de tempo antes que murche. Finalmente Roland envelheceu, e envelheceu mais, como fazem os mortais, até chegar ao fim, e Auraline encontrou o fim com ele. Uma fada pode escolher a estação de sua própria morte. Eu sabia como seria na primeira vez em que os vi juntos. Vi a morte nos olhos sorridentes dele.

“Minha Auraline. Quando Roland Herondale morreu, ela deitou sua cabeça dourada no travesseiro ao lado de seu amor mortal e nunca mais se levantou. A criança deles chorou pelos dois e jogou flores em seus túmulos. Auraline poderia ter vivido por mais um século, mas foi perseguida até se desesperar e jogou sua vida fora por um tolo amor mortal.

“A criança chorou, mas eu não. Meus olhos se mantiveram tão secos quanto a poeira e as flores mortas em seus túmulos. Detestei Roland desde o dia em que ele a tomou de mim. Detesto todos os Nephilim por ela, e os Herondale mais do que tudo. Caçadores de Sombras destroem tudo o que tocam. A criança de Auraline teve uma criança. Ainda há um Primeiro Herdeiro no mundo. E quando ele se erguer, em toda a terrível glória trazida pelos sangue Seelie, Unseelie e Nephilim, espero que a destruição chegue aos Caçadores de Sombras assim como ao Reino das Fadas. Espero que o mundo todo se perca.”

Jem pensou na descendente de Roland e Auraline, Rosemary, e no homem que ela amava. Talvez já tivessem um filho a essa altura. A maldição de que as fadas falaram já tinha levado vidas. Esse perigo era muito maior do que ele havia suspeitado. Jem precisava proteger Rosemary contra o Rei Unseelie e contra os Cavaleiros que traziam a morte. Se havia uma criança, Jem tinha que salvá-la. Ele já fracassara em salvar tantas.

Jem se levantou e deixou Mãe Hawthorn. Ele foi para a ponta cercada de arame farpado do Mercado, desesperadamente apressado, como se pudesse correr de volta para o passado e salvar os que havia perdido por lá.

Quando parou, Tessa o tinha alcançado. Ela segurou seus braços, e quando ele parou de tremer, ela puxou sua cabeça para baixo, para perto da dela.

— Jem, meu Jem. Tudo bem. Achei uma história bonita — falou.

— Quê?

— Não a dela — corrigiu Tessa. — Não a história de sua visão distorcida e suas terríveis escolhas. Consigo ver a história por trás. A história de Auraline e Roland.

— Mas todas as pessoas que se feriram — murmurou Jem. — As crianças que amávamos.

— Meu James conhecia o poder de uma história de amor, assim como eu — disse Tessa.
— Independente do quão sombrio e sem esperanças o mundo parecesse, Lucie sempre conseguiu enxergar beleza em uma história. Sei o que eles teriam achado.

— Sinto muito — disse Jem instantaneamente.

Ele não falava com Tessa sobre seus filhos. Ele os amou, mas não foram filhos dele. Tessa já tinha perdido tanto. Jem não podia pedir que perdesse mais. Ela bastava para ele, sempre bastaria.

— Auraline cresceu em pânico. Ela se sentia amaldiçoada. E ele estava perdido e errante. Pareciam destinados ao sofrimento. Mas se encontraram, Jem. Ficaram juntos e felizes, por todos os dias de suas vidas. A história dela é exatamente como a minha, porque eu encontrei você.

O sorriso de Tessa iluminava a noite. Ela sempre trazia esperança quando ele estava em desespero, e trazia palavras quando por dentro tudo era silêncio. Jem colocou os braços em volta dela e a abraçou forte.

#

— Espero que tenham descoberto o que queriam hoje — disse Alec a Jem e Tessa quando chegaram aos quartos.

Jem estava chateado quando se afastou da fogueira; ele e Tessa pareciam diferentes quando voltaram.

— Espero que eles estejam bem — falou Alec quando os dois saíram para se preparar para a visita da meia-noite à casa do feiticeiro.

— Claro que Tessa está bem — disse Lily. — Você sabe, ela pode ir ao Jemnásio sempre que quer.

— Nunca mais falo com você se esses nomes não pararem — repreendeu Alec, juntando suas flechas e guardando adagas e lâminas serafim em seu cinto de armas.

Ele se flagrou pensando na forma triste como Jem disse parabatai. Fez Alec se lembrar da sombra que pairava sobre seu pai, a ferida onde deveria haver um parabatai. Fez com que pensasse em Jace. Desde que se entendia por gente, Alec amava e se sentia responsável por sua família. Nunca houve escolha, mas com Jace era diferente. Jace, seu parabatai, foi a primeira pessoa que o escolheu. A primeira vez que Alec resolveu escolher alguém e assumir mais uma responsabilidade. A primeira escolha, que abriu a porta para todas as outras.

Alec respirou fundo e digitou saudades no telefone.

Imediatamente recebeu a resposta. Eu também, e se permitiu respirar, a dor do peito mais fraca agora. Jace estava lá, esperando por ele em Nova York com o resto de sua família. Falar sobre sentimentos não era tão ruim assim.

Então recebeu outra mensagem.

Td bem?

Em rápida sucessão, recebeu várias outras.

TÁ COM ALGUM PROBLEMA? LEVOU PANCADA NA CABEÇA?

Então recebeu uma mensagem de Clary.

Por que Jace recebeu uma mensagem sua e pareceu bem feliz e de repente ficou muito preocupado? Está acontecendo alguma coisa?

Falar sobre sentimentos era a pior coisa. Depois que o fazia, todo mundo começava a querer que fizesse mais.

Alec digitou um tudo bem irritado e depois chamou com cuidado:

— Rafe?

Rafael se levantou imediatamente da cama.

— Quer o telefone de volta? — perguntou Alec. — Aqui. Pode pegar. Não se preocupe se mais alguma mensagem chegar. Só me mostre se tiver alguma foto.

Ele não sabia o quanto Rafael tinha entendido do que havia dito. Desconfiava que não muito, mas Rafe certamente entendeu o gesto de Alec oferecendo o telefone. Estendeu as mãos ansiosamente.

— Você é um bom menino, Rafe. Tire o telefone daqui.

#

— Vamos entrar clandestinamente na casa em carrinhos de roupa suja? — perguntou Lily empolgada.

Alec piscou para ela.

— Não, não vamos. Que carrinhos de roupa suja? Sou uma pessoa direta. Vou bater na porta.

Ele estava com Lily na rua de paralelepípedo diante da grande casa cinza. Jem e Tessa esperavam no telhado. Alec literalmente usou corda para amarrar Rafe ao pulso de Jem.

— Sei que Rafael roubou seu telefone — disse Lily —, mas quem roubou seu espírito de aventura?

Alec esperou e a porta se abriu. Um feiticeiro piscou os olhos para ele. Parecia ter trinta e poucos anos, um homem de negócios com cabelos louros e curtos e nenhuma marca de feiticeiro visível, até abrir a boca e Alec ver sua língua aforquilhada.

— Ah, oi — disse ele. — Você é mais um dos homens de Clive Breakspear?

— Sou Alec Lightwood.

A expressão do feiticeiro se desanuviou.

— Entendi! Já ouvi falar sobre você. — Deu uma piscadela. — Gosta de feiticeiros, não é mesmo?

— De alguns — respondeu Alec.

— Quer sua parte, imagino?

— Isso mesmo.

— Sem problemas — disse o feiticeiro a ele. — Você e sua amiga vampira deveriam entrar, e eu explicarei o que quero em troca. Acho que a vampira vai gostar muito. Eles não gostam de licantropes, não é mesmo?

— Não gosto da maioria das pessoas — Lily facilitou as coisas. — Mas adoro assassinato!

O feiticeiro gesticulou com a mão para permitir que penetrassem as barreiras protetoras e os conduziu por um hall de entrada hexagonal, que tinha um teto talhado em um formato parecido com cubinhos de gelatina. O quartzo verde do recinto brilhava como jade. Não havia qualquer sinal de ruína ou decadência ali. O feiticeiro claramente tinha dinheiro.

Havia diversas portas, todas pintadas de branco, dispostas em muitas paredes. O feiticeiro escolheu uma e levou Alec e Lily por degraus de pedras para a escuridão. O cheiro alcançou Alec antes da visão.

Havia uma passagem de pedra, com tochas ardentes nas paredes e sulcos de ambos os lados para sujeira e sangue. Pelo corredor havia fileiras de jaulas. Olhos brilhavam por trás das grades, captando a luz do fogo da mesma forma com que os olhos de Julieta brilharam de seu trono no Mercado das Sombras. Algumas jaulas estavam vazias. Em outras havia formas encolhidas que não se moviam.

— Então você tem pegado mulheres licantropes e os Caçadores de Sombras têm ajudado — deduziu Alec.

O feiticeiro fez que sim com a cabeça, um sorriso alegre no rosto.

— Por que licantropes? — perguntou Alec sombriamente.

— Bem, feiticeiros e vampiros não podem gerar filhos, e fadas têm certa dificuldade — disse o feiticeiro em tom de praticidade. — Mas os licantropes procriam com mais facilidade e têm muita força animal. Todo mundo diz que integrantes do Submundo não podem ter filhos feiticeiros, que os corpos sempre rejeitam, mas pensei em colocar um pouco de magia no mix. Pessoas comentam sobre um feiticeiro nascido de uma Caçadora de Sombras, e isso deve ser uma lenda, mas me fez pensar... Imagine o poder que um feiticeiro pode ter, se nascido de uma mãe licantrope e um pai demônio. — Ele deu de ombros. — Parece válido tentar. Claro, você gasta a licantrope em uma velocidade incrível.

— Quantas morreram? — perguntou Lily casualmente. Sua expressão era incompreensível.

— Ah, algumas — admitiu o feiticeiro com bom humor. — Sempre preciso de suprimentos frescos, então fico feliz em pagar para que consigam mais. Mas esses experimentos não têm funcionado tão bem quanto eu gostaria. Nada deu certo ainda. Você é, hum, próximo de Magnus Bane, não é? Eu provavelmente sou o feiticeiro mais poderoso que você irá conhecer, mas soube que ele também é muito bom. Se você conseguir que Magnus venha ser meu assistente, será muito bem recompensado. Ele também. Acho que vocês dois ficarão muito felizes.

— Sim, espero que sim — afirmou Alec.

Não era a primeira vez que alguém presumia que Magnus estava à venda. Não era a primeira vez que alguém presumia que, por Alec ser ligado a Magnus, ele era sujo.

Isso costumava irritá-lo. Ainda irritava, mas Alec tinha aprendido a se utilizar disso.

O feiticeiro virou as costas, investigando as jaulas como se estivesse selecionando um produto de uma bancada de mercado.

— Então, o que me diz? — perguntou diretamente. — Temos um acordo?

— Ainda não sei — disse Alec. — Você não sabe o meu preço. O feiticeiro riu.

— Qual é?

Alec golpeou os pés do feiticeiro, de modo que ele caiu de joelhos. Então sacou sua lâmina serafim e a segurou contra a garganta do homem.

— Todas as mulheres serão libertadas — disse. — E você está preso.

Alec percebeu por que o feiticeiro utilizava fogo e não luz enfeitiçada ou eletricidade quando uma tocha caiu da parede para a palha. Ele teve que saltar para apagar o fogo.

O feiticeiro era bom, Alec pensou, enquanto o mundo a sua volta ficava laranja. Não era apenas o fogo, mas também magia refletida nas grades, cegando o Caçador de Sombras com a luz.

Então outro clarão rechaçou os fios laranja de magia: um cinza perolado cortando toda a escuridão. Tessa Gray, filha de um Príncipe do Inferno, estava ao pé da escada com as mãos brilhando.

A magia de Tessa o cercava totalmente. Alec tinha aprendido a sentir magia ao longo dos anos e a movê-la e lutar com ela como uma arma a seu favor. Esse não era o poder chiado a que estava acostumado, tão conhecido e apreciado quanto seu arco, mas parecia amigável. Ele deixou a magia de Tessa envolvê-lo, refrescante e protetora, enquanto desviava dos poderes flamejantes do feiticeiro.

— O feiticeiro mais poderoso que já vi? — desdenhou Alec. — Ela cortou suas barreiras protetoras como se fossem um lenço de papel. E meu homem acabaria com você num piscar de olhos.

Ele cometeu um erro, pois foi confiante demais. Não ouviu o ruído abafado de Tessa e não viu a sombra se movendo antes de lançar sua lâmina contra o feiticeiro.

A lâmina serafim de Clive Breakspear se chocou contra a dele. Alec encontrou o olhar furioso do chefe do Instituto de Buenos Aires. Então olhou para Tessa, que lutava contra três Caçadores de Sombras enquanto Jem chegava para ajudar, e para Lily, com outro Caçador de Sombras que agora avançava para cima dela. Vislumbrou o feiticeiro, que estava derrubando todas as tochas. Alec acostumara-se a ser capaz de visualizar toda a batalha, lutando de longe.

Tarde demais, ele viu a lâmina na mão de Clive Breakspear mirando seu coração.

Rafael saiu das sombras e mordeu o pulso de Breakspear, que deixou a arma cair no chão. O homem rugiu e, com toda a força Nephilim, que deveria ser usada para proteger os indefesos, jogou Rafael contra as grades de uma das jaulas. Ouviu-se um barulho assustador de algo rachando.

— Não!

Alec acertou o rosto de Breakspear com as costas da mão. O feiticeiro jogou uma tocha aos seus pés, mas o Caçador de Sombras passou por cima das chamas, pegou o feiticeiro pela garganta, levantou o homem como uma boneca de pano e bateu com a cabeça do sujeito na testa de Breakspear. Os olhos do feiticeiro rolaram para trás, mas Breakspear gritou revoltado e atacou Alec. Ainda havia uma lâmina serafim brilhando em sua mão, então Alec quebrou o pulso do chefe do Instituto e usou sua força para forçar o Caçador de Sombras corrupto a se ajoelhar. Alec se postou sobre eles, arfando tanto que seu peito parecia prestes a arrebentar. Queria matar os dois.

Mas Rafael estava ali. Magnus e Max estavam em casa, esperando por ele.

Tessa, Jem e Lily acabaram rapidamente com os Caçadores de Sombras que os atacavam. Alec se virou para Tessa.

— Pode enfeitiçar cordas para prendê-los? — perguntou. — Eles precisam ser julgados.

Tessa avançou. Lily também. Alec sabia que a situação era desesperadora porque Lily não fez nenhuma piada sobre matar todos. Ele estava no limite. E temia que fosse aceitar a proposta dela.

Alec correu até onde Rafael estava. O corpinho era uma forma pequena e jogada na sujeira. Alec pegou Rafe no colo, sentindo sua garganta fechar. Ele entendia agora o que tinha encontrado em Buenos Aires. Ele entendia agora que podia ser tarde demais.

O rosto sujo de Rafael estava imóvel. Ele mal respirava. Jem correu para ajoelhar perto deles.

— Sinto muito, ele soltou a corda, entrei atrás dele, mas... mas...

— Não é culpa sua — respondeu Alec, entorpecido.

— Dê ele para mim — pediu Jem.

Alec o encarou, e logo depois colocou Rafe em seus braços.

— Cuide dele — disse. — Por favor.

Jem pegou Rafe e correu em direção a Tessa, e juntos subiram apressados pelos degraus de pedra. Ainda havia magia laranja no ar, e as chamas se proliferaram. A fumaça estava subindo rápido em uma nuvem espessa.

Uma das licantropes esticou uma mão fina e agarrou a grade.

— Nos ajude!

Alec pegou um machado com cabeça de electrum de seu cinto e abriu a tranca da jaula.

— Estou aqui para isso — pausou. — Hum, Lily, tem alguma chave com aquele feiticeiro?

— Sim — respondeu Lily. — Acabei de pegar. Vou abrir as portas com as chaves e você pode continuar com essa coisa dramática do machado.

— Tudo bem — concordou Alec.

A licantrope que tinha falado correu dali assim que se libertou. A mulher da jaula ao lado não conseguia andar. Alec entrou e se ajoelhou ao lado dela, e foi então que ouviu o ruído de luta no topo da escada.

Ele pegou a mulher e correu para lá.

Tessa e Jem estavam no corredor, quase na porta. A casa em chamas estava cheia de Caçadores de Sombras, mas Jem não podia lutar porque estava segurando Rafael. Tessa fazia o melhor que podia para abrir caminho para ele, mas Rafael também precisava de sua ajuda.

— Onde está nosso líder? — gritou um homem.

— Você chama aquilo de líder? — gritou Alec de volta. Ele olhou para a mulher em seus braços e a esticou para que os Caçadores de Sombras de Buenos Aires pudessem ver. — Ele ajudou um feiticeiro a fazer isso. Ele esmagou o corpo de uma criança contra uma parede. É isso que querem como líder? É isso que querem ser?

Muitos Caçadores de Sombras olharam com confusão para ele. Lily rapidamente gritou uma tradução.

Joaquín deu um passo a frente.

— Ele disse aos outros para recuarem — traduziu Lily, baixinho.

O homem que gritou chamando o líder deu um soco na boca de Joaquín. Outro Caçador de Sombras gritou furioso e sacou um chicote, atacando o homem.

Alec passou os olhos pela multidão. Alguns dos Caçadores de Sombras pareciam incertos, mas Caçadores de Sombras eram soldados. Muitos deles queriam seguir quaisquer ordens que tivessem recebido, enfrentando Joaquín e Alec e quem mais se colocasse no caminho deles para chegar a um líder indigno. Estavam bloqueando a passagem de Jem e Tessa. Estavam impedindo

que Rafe recebesse ajuda.

As portas da casa em chamas se abriram. A Rainha do Mercado das Sombras estava ali com a silhueta marcada pela fumaça.

— Vão até Alec! — gritou Julieta, e uma dúzia de lobisomens e vampiros partiram.

Ela abriu caminho e permitiu que Jem e Tessa saíssem pela porta. Rafe estava fora daquele lugar de sujeira e fumaça. Alec foi lutando em direção a Julieta.

— Mon Dieu — suspirou ela quando viu a mulher nos braços de Alec.

Julieta fez um gesto e um feiticeiro pulou para levar a licantropo inconsciente para a noite.

— Há mais mulheres lá embaixo — disse Alec. — Vou pegá-las. Alguns dos Caçadores de Sombras estão do nosso lado.

Julieta fez que sim com a cabeça.

— Quais?

Alec se virou para ver Joaquín combatendo dois Caçadores de Sombras de uma vez só. O homem com o chicote que foi ajudá-lo tinha caído.

— Aquele — apontou Alec. — E quem mais ele disser.

Julieta cerrou a mandíbula e marchou pelo chão de quartzo verde até Joaquín. Ela cutucou o ombro de um dos homens que estava atacando o rapaz e, quando ele se virou, ela rasgou sua garganta com uma garra.

— Talvez possa deixá-los vivos! — gritou Alec. — Não esse cara, obviamente.

Joaquín olhava fixamente para Julieta com olhos arregalados. Alec se lembrou de que o rapaz já tinha ouvido histórias aterrorizantes sobre a Rainha do Mercado das Sombras. Julieta, com sangue nas mãos e luz de fogo nos cabelos, talvez não estivesse fazendo um bom trabalho para desfazer essa imagem.

— Não machuque-a! — exclamou Alec. — Ela está conosco.

— Ah, ótimo — disse Joaquín.

Julieta cerrou os olhos, desconfiada, no meio da fumaça.

— Você não é mal?

— Estou tentando não ser — respondeu Joaquín.

— Bien — disse ela. — Diga-me quem matar. Digo... prender, com vida se possível.

Alec os deixou se entendendo, girou e correu para a escada, com Lily logo atrás. A fumaça estava espessa no corredor agora. Alec viu que já havia Caçadores de Sombras ali, levando Clive Breaksphear e seu comparsa feiticeiro para fora. O lábio de Alec se curvou.

— Se sua lealdade está com a Clave, coloque-os sob vigia. Eles vão a julgamento.

Ele e Lily abriram as portas restantes. As mulheres que conseguiam se mover sozinhas o fizeram. Muitas não davam conta. Alec foi pegando uma de cada vez e levando-as para fora. Lily ajudou as mulheres que precisavam de apoio para andar. Alec as entregava aos integrantes do Submundo do Mercado das Sombras sempre que possível, para conseguir voltar mais rápido para

o porão. Alec alcançou o topo da escadaria com outra mulher e viu que o corredor estava deserto, tomado pela fumaça e pela alvenaria que caía. Todos fugiram da armadilha mortal que a casa tinha se tornado.

Alec colocou a mulher nos braços de Lily. A vampira era pequena o suficiente para ter dificuldade para carregá-la, mas era forte o bastante para aguentar o peso.

— Leve-a. Tenho que buscar as outras.

— Não quero ir! — gritou Lily sobre o fogo que estalava. — Nunca mais quero abandonar ninguém!

— Não vai. Lily, vá.

Lily cambaleou para a porta sob seu fardo pesado, chorando. Alec virou-se de costas. A fumaça tinha transformado o mundo a sua volta em um inferno cinza. Ele não conseguia enxergar, nem respirar.

Uma mão o pegou pelo ombro. Joaquín tinha ficado.

— Você não pode descer! — arfou. — Sinto muito por essas mulheres, mas elas são...

— Do Submundo? — completou Alec friamente.

— É perigoso demais. E você... você tem muito a perder.

Magnus, Max. Se Alec fechasse os olhos, podia vê-los com absoluta clareza. Mas sabia que tinha que ser digno de voltar.

Joaquín ainda o segurava. Alec o afastou, sem gentileza.

— Não vou deixar nenhuma mulher lá embaixo, molestada e esquecida — falou. — Nenhuma.

Um Caçador de Sombras de verdade nunca faria isso.

Enquanto descia pelos degraus do inferno, ele olhou por cima do ombro para Joaquín.

— Você pode ir — disse Alec. — Se for, ainda poderá se declarar um Caçador de Sombras.

Mas realmente será um?

#

Rafael estava deitado na rua de paralelepípedo enquanto Jem e Tessa estavam por cima dele. Jem utilizou todos os encantos silenciosos que havia aprendido entre os Irmãos do Silêncio. Tessa sussurrou cada feitiço de cura que tinha aprendido no Labirinto Espiral. Jem sabia, por uma longa e amarga experiência, que tinha muita coisa quebrada e ferida naquele corpo pequeno.

Um incêndio corria e uma batalha estava em progresso. Jem não podia prestar atenção a nada disso, não podia se importar com nada além da criança em suas mãos.

— Dictamo, Jem — sussurrou Tessa desesperadamente. — Preciso de dictamo.

Jem se levantou, procurando na multidão. Tinha tanta gente do Mercado das Sombras ali que certamente alguém poderia ajudar. Seu olhar parou Mãe Hawthorn, com o brilho de estrela em seus cabelos de dente-de-leão.

Ela encontrou o olhar e ameaçou correr, mas Jem ainda era rápido como um Caçador de Sombras quando precisava ser. Logo estava ao lado dela, segurando-a pelo pulso.

— Você tem dictamo?

— Se eu tiver — rosnou Mãe Hawthorn —, por que devo dar a você?

— Sei o que fez, há mais de um século — disse ele. — Sei melhor do que você. Seu truque, fazendo um Caçador de Sombras envenenar outro? Envenenou um feto. Acha isso divertido?

A boca da fada perdeu a cor.

— Aquela criança morreu por sua culpa — disse Jem. — Agora tem outra criança que precisa da sua ajuda. Eu poderia tirar a erva de você. E o farei, se precisar. Mas estou lhe dando a chance de escolher diferente.

— É tarde demais! — exclamou Mãe Hawthorn, e Jem sabia que ela estava pensando em Auraline.

— Sim — disse Jem, impiedoso. — É tarde demais para salvarmos os que perdemos. Mas essa criança ainda não está perdida. Essa chance ainda não se perdeu. Escolha.

A Mãe Hawthorn desviou o rosto, sua boca em linhas amargas. Mas ela remexeu no interior de sua bolsa velha e retirou a erva.

Jem pegou e correu para Tessa. O corpo de Rafael estava arqueado sob as mãos dela. A dictamo ganhou vida com seu toque, e Jem deu as mãos para Tessa, unindo sua voz à dela ao falarem em todas as línguas que já tinham ensinado um para o outro. As palavras eram como música, as mãos dadas eram como magia, e eles puseram tudo que sabiam, juntos, na criança.

Os olhos de Rafael se abriram. Houve um flash da magia perolada de Tessa em suas íris escuras, que logo sumiu. A criança sentou, parecendo muito bem, curada e um pouco irritada. Ele olhou para os rostos perturbados ao seu redor e perguntou em espanhol:

— Cadê ele?

— Está lá dentro — respondeu Lily.

A rua estreita de paralelepípedo estava cheia de integrantes do Mercado das Sombras cuidando das vítimas licanthropes ou dos grupos de Caçadores de Sombras, com outros Caçadores de Sombras diferentes e extremamente nervosos ajudando, ou tentando apagar as chamas. Lily não estava fazendo nada disso. Ela estava olhando para a casa com os braços cruzados e com os olhos escuros cheios de lágrimas.

Enquanto assistiam, parte do telhado ruiu. Rafe tentou se aproximar, mas Tessa correu e o pegou, segurando-o enquanto o menino resistia ao seu aperto. Jem se levantou.

— Não, Jem — disse Tessa. — Leve a criança. Deixe-me entrar.

Jem tentou pegar Rafe, mas ele estava se debatendo contra os dois. Então o menino parou.

Jem se virou para ver o que ele estava observando.

O que todos estavam observando. Houve um murmúrio na multidão, e então silêncio. Jem não achava que ninguém do Mercado das Sombras ou do Instituto fosse esquecer o que tinha acontecido ali naquela noite.

Da fumaça, da construção em colapso, vinham dois Caçadores de Sombras com licanthropes nos braços. Caminhavam altivos, com os rostos sujos, e as pessoas abriam caminho para que passassem.

As mulheres tinham sido salvas, e a criança também. Jem sentiu uma nova determinação crescer dentro de si. Tessa tinha razão. Se Rosemary podia ser salva, ele a salvaria. Se houvesse uma criança, ele e Tessa se colocariam entre ela e os Cavaleiros e o Rei.

Alec levou a licantropo até Tessa, que imediatamente começou a tirar a fumaça de seus pulmões através de magia. Em seguida, se ajoelhou diante de Rafe.

— Oi, meu bebê — cumprimentou Alec. — Você está bem?

Rafael podia não entender totalmente a língua, mas qualquer um compreenderia a mensagem de Alec de joelhos nos escombros, o amor e a preocupação em seu rosto. Alec abraçou o garotinho contra seu peito.

— Muito obrigado aos dois — agradeceu Alec a Tessa e Jem. — Vocês são heróis.

— De nada — disse Jem.

— Você é um idiota — resmungou Lily, e colocou o rosto nas mãos.

Alec se levantou e a afagou sem jeito nas costas. Rafe estava agarrado a seu outro braço. O Caçador de Sombras se voltou para Julieta, que tinha chamado um de seus feiticeiros para cuidar da licantropo nos braços de Joaquín.

— Tiraram todas. — Julieta sorriu para ambos, com uma expressão contemplativa, como se fosse tão nova quanto Rafe e estivesse vendo magia pela primeira vez. — Vocês conseguiram.

— A licantropo que estava cuidando de Rafe — disse Alec. — Ela está aqui?

Julieta olhou para as cinzas caindo sobre as ruas de paralelepípedos. O fogo estava apagando, agora que Tessa podia esfriar as chamas com magia, mas a casa era uma ruína.

— Não — respondeu. — Minhas meninas disseram que ela foi uma das primeiras a morrer.

— Sinto muito — disse Alec a ela, e em seguida, ao falar com Rafe, sua voz mudou. — Rafe, tenho que te perguntar uma coisa — disse. — Solomillo...

— Carne? — Lily riu.

— Droga — murmurou Alec. — Desculpe, Rafe. Mas você quer ir comigo para Nova York?

Você pode... eu preciso falar com... se não gostar de lá, não precisa...

Rafael o viu tropeçar nas palavras.

— Não te entendo, bobo — disse gentilmente em espanhol, e colocou a cabeça embaixo do queixo de Alec, abraçando-o pelo pescoço.

— Certo — entendeu Alec. — Ótimo. Eu acho.

Tessa se afastou da casa queimada. Havia diversos feiticeiros na multidão que a observavam impressionados, Jem percebeu com orgulho. Ela marchou até o feiticeiro amarrado e o Diretor do Instituto de Buenos Aires.

— Vamos pedir para Magnus abrir um Portal para eles? — perguntou ela.

— Ainda não — respondeu Alec.

Houve uma mudança em sua postura, seus ombros se erigindo, seu rosto firme. Não fosse pela criança em seus braços, ele poderia ter ficado assustador.

Alec Lightwood, líder da Aliança, disse:

— Primeiro quero uma palavrinha.

#

Alec olhou em volta para os rostos reunidos. Sua respiração parecia cortar a garganta e seus olhos ainda ardiam, mas ele estava com Rafe no colo, então estava tudo bem.

Exceto pelo fato de que ele não fazia ideia do que dizer. Não conseguia entender como tantos Caçadores de Sombras haviam colaborado para a captura e tortura daquelas mulheres. Ele desconfiava que a maioria deles tivesse cumprido ordens de um líder, mas não sabia o quão responsável isso os tornava. Se prendesse todo mundo, o Instituto de Buenos Aires ficaria uma ruína vazia. As pessoas dali mereciam proteção.

— Clive Breakspear, Diretor do Instituto de Buenos Aires, violou os Acordos e vai pagar por isso — disse, e então pausou. — Lily, pode traduzir para mim?

— Com certeza — respondeu Lily prontamente e começou a fazê-lo.

Alec a ouviu falar, observou os rostos das pessoas escutando e viu alguns sorrisos. Alec ouviu mais atentamente, e identificou uma palavra.

— Boludo — disse Alec a Jem. — O que significa isso? Jem tossiu.

— Não é bem... uma palavra educada.

— Eu sabia — disse Alec. — Lily, pare de traduzir! Desculpe, Jem, será que você poderia fazer isso no lugar dela?

Jem concordou com a cabeça.

— Vou fazer o melhor que puder.

— O líder do seu Instituto envergonhou a todos nós — falou Alec aos Caçadores de Sombras.

— Eu poderia levar todo mundo daqui para Alicante. Poderia fazer cada um de vocês enfrentar o julgamento da Espada. Sei que foram abandonados depois da guerra e precisaram se reconstruir da melhor maneira possível, e em vez de guiá-los, esse homem lhes trouxe mais ruína. Mas a Lei diz que eu deveria fazer com que todos vocês pagassem.

Alec pensou em Helen e Mark Blackthorn, separados de sua família pela Paz Fria. Pensou na maneira como Magnus enterrou o rosto nas mãos, desesperado, quando a Paz Fria foi aprovada. Alec nunca mais queria ver aquele desespero outra vez. Todos os dias desde então, ele tentava encontrar maneiras de viverem todos unidos.

— O que aconteceu naquela casa deveria enojar qualquer Caçador de Sombras — continuou Alec. — Temos que recuperar a confiança de todos com quem falhamos. Joaquín, você conhece o nome de todos os homens do círculo íntimo de Breakspear. Eles irão a julgamento com o líder deles. Quanto ao resto, é hora de um novo líder, e uma nova chance de viverem como devem viver os Nephilim.

Ele olhou para Joaquín, que estava secando lágrimas dos olhos. Alec franziu o rosto para ele e mexeu a boca, dizendo sem som:

— Quê?

— Ah, é só a tradução de Jem — explicou Joaquín. — Digo, seu discurso também está bom, muito firme, me faz querer fazer tudo que está falando. E Jem está basicamente repetindo, mas é a forma como ele coloca as coisas, sabe? É lindo.

— Aham — confirmou Alec. Joaquín o pegou pela mão livre.

— Você deve ser o novo líder do Instituto.

— Não serei, não — disparou Alec.

As pessoas viviam tentando transformá-lo em diretor de Instituto, e isso cansava Alec. Ele não conseguiria mudar o suficiente se aceitasse esse tipo de cargo. Tinha coisas mais importantes a fazer.

— Não — repetiu Alec, menos zangando, mas com a mesma firmeza. — Não sou Clive Breakspear. Estou aqui para ajudar, não para dominar. Quando você viu o que estava acontecendo, comandou seus homens. Você deveria ser líder do seu próprio Instituto até o Cônsul cuidar do caso.

Joaquín pareceu impressionado. Alec assentiu para ele.

— Você pode trabalhar com o Mercado das Sombras para se reconstruir — disse Alec. — Posso oferecer recursos.

— Eu também — completou Julieta.

Joaquín a encarou, em seguida virou a cabeça outra vez para Alec.

— A Rainha do Mercado das Sombras — disse Alec. — Acha que poderá colaborar com ela?

Julieta lançou um olhar hostil a Joaquín. Ainda havia uma sugestão de dentes caninos em sua boca. O rapaz esticou o braço, como se quisesse apontar para o sangue nas mãos de Julieta, e Alec ficou imaginando por um momento se o ódio entre os Nephilim e os membros do Submundo era profundo demais por aqui.

Joaquín ergueu a mão de Julieta para seus lábios e a beijou.

— Eu não sabia — suspirou —, que a Rainha do Mercado das Sombras era tão bonita.

Alec percebeu abruptamente que tinha entendido tudo errado. Julieta murmurou chocada, pedindo várias explicações e dizendo vários palavrões em francês para Alec por cima da cabeça curvada de Joaquín.

— Caçadores de Sombras são tão difíceis — debochou Lily.

— Tudo bem, certo, que bom que estamos embarcando em um espírito cooperativo — disse Alec, e se voltou novamente para a multidão. Essa criança Nephilim agora está sob proteção do Instituto de Nova York — disse. — Digamos que essa foi uma adoção muito normal e padrão. Digamos que o líder do seu Instituto era corrupto e vocês sobreviveram sob uma liderança ruim e conservaram sua honra. Mantenham Breakspear aqui até que ele possa ser julgado. Eu voltarei, é claro, com frequência, para finalizar os detalhes da adoção e ver o que está acontecendo. Quero acreditar em meus companheiros Caçadores de Sombras. Não me decepcionem.

Não tinha nenhuma dúvida de que Jem faria tudo isso soar muito melhor em espanhol. Ele se voltou novamente para Julieta, que conseguiu, com dificuldade, soltar sua mão e estava recuando diversos passos sob o olhar de Joaquín.

— Tenho que voltar para os meus filhos! — disse ela, apontando para as três crianças. Rose acenou para Alec.

— Ah — suspirou Joaquín, com toda devastação contida na sílaba, e então pareceu notar a ausência de qualquer outra pessoa com as crianças. — Tem sido difícil, governar o Mercado das Sombras como mãe solteira? — perguntou, com uma súbita esperança aparente.

— Bem, nada disso tem sido exatamente fácil — retrucou Julieta. Joaquín sorriu para ela.

— Que maravilha.

— Quê? — perguntou a rainha do Mercado das Sombras.

Joaquín já estava seguindo na direção das crianças, com a clara missão de conquistá-las. Alec torceu para que ele tivesse muitos doces.

— Você inalou muita fumaça ali? — indagou Julieta.

— Provavelmente — falou Alec.

— Caçadores de Sombras são muito determinados — disse Lily. — Muito determinados. Você gosta de compromissos românticos intensamente sérios?

— Não sei nem o nome dele — observou Julieta. Ela lançou um olhar culpado para Joaquín, cuja missão de conquistar as crianças parecia correr muito bem. Ele estava com o menino feiticeiro de Julieta nos ombros.

— O nome dele é Joaquín — disse Alec, tentando ajudar. Julieta sorriu.

— Suponho que gosto de alguns Caçadores de Sombras. É sempre um prazer, Alec Lightwood.

Obrigada por tudo.

— Não foi nada — disse Alec.

Julieta foi até os filhos, mandando as crianças pararem de chatear o diretor do Instituto.

Alec olhou em volta para a fumaça que subia até as estrelas, e para as pessoas na rua que falavam umas com as outras sem barreiras. Seus olhos se voltaram para Tessa e Jem.

— Hora de ir para casa? — perguntou Tessa. Alec mordeu o lábio, em seguida assentiu.

— Vou mandar uma mensagem para Magnus pedindo que abra um Portal.

Existia um protocolo oficial para a adoção de crianças Caçadoras de Sombras. Alec sabia que ele e Rafael teriam que voltar muitas vezes a Buenos Aires, mas essa viagem para casa valeria a pena, mesmo que não durasse muito. Ele queria levar Rafael assim que pudesse.

Estava cansado e queria dormir na própria cama.

— Suponho que não tenha nenhuma sugestão de como posso explicar tudo isso para Magnus, tem? — perguntou a Jem.

— Acho que vai descobrir todas as palavras de que precisa, Alec.

— Obrigado, ajudou muito. Jem sorriu.

— Você até mesmo encontrou uma forma de fazer com que o menino que não gosta de ninguém gostasse de você. Obrigado pela ajuda, Alec.

Alec gostaria de poder fazer mais, mas sabia que, pelo menos por ora, já tinha feito a sua parte. Tinham que confiar uns nos outros, e ele confiava nos amigos. Se havia um Herondale correndo perigo, não iria querer proteção melhor do que a de Jem e Tessa.

— Não fiz muita coisa, mas foi bom vê-los. Boa sorte com a Herondale. Jem fez que sim com a cabeça.

— Obrigado. Acho que vamos precisar. O Portal estava aberto e brilhando.

— Tchau, Jem — despediu-se Lily.

— Ah, sem apelido? — Jem pareceu satisfeito. — Tchau, Lily. Alec examinou o rosto de Rafe.

— Você gosta de mim? — perguntou.

Rafe sorriu e balançou a cabeça, em seguida apertou os braços ainda mais forte no pescoço de Alec.

— Ah, bom, isso você entende — resmungou Alec. — Vamos. Vamos para casa.

#

Saíram do Portal para o brilho elétrico da noite de Nova York. Alec podia ver seu apartamento no fim da rua, o brilho de uma luz enfeitada atrás de cortinas azul-claras. Checou o relógio: já tinha passado da hora de Max dormir. O pequeno lutava contra a hora de dormir como um demônio, então Magnus provavelmente estava lendo sua quinta história de ninar ou cantando a terceira música.

Cada fachada marrom e branca, cada árvore cercada por arame na calçada rachada era querida para ele. Quando Alec era mais novo e achava que podia morrer entre as expectativas destruidoras e as paredes de pedra do Instituto, costumava pensar que ele poderia se sentir melhor se pudesse viver entre as torres de vidro de Alicante. Alec não sabia que seu lar estava do outro lado da cidade, esperando por ele.

Colocou Rafe no topo da escada de seu prédio e o ajudou a pular um degrau, depois outro, só por diversão. Abriu a porta para casa.

— Alec — explodiu uma voz atrás dele.

O Caçador de Sombras deu um salto. Lily rapidamente levou Rafael para trás da proteção da porta e girou, curvando o lábio para exibir seus dentes pontiagudos.

Alec também virou, muito lentamente. Ele não estava com medo. Conhecía aquela voz.

— Alec — disse Robert Lightwood. — Precisamos conversar.

— Tudo bem, pai. Lily, preciso explicar tudo para Magnus, então você pode olhar o Rafe por um segundo?

Lily assentiu, ainda lançando um olhar vil a Robert. Houve uma pausa.

— Oi, Lily — acrescentou o pai de Alec roucamente.

— Quem é você? — perguntou a vampira.

— Meu pai — respondeu Alec. — O Inquisidor. A segunda pessoa mais importante da Clave.

Alguém a quem já foi apresentada pelo menos vinte e seis vezes.

— Não me lembro — disse Lily.

O olhar incrédulo de Alec se espelhava no rosto de seu pai.

— Lily — disse Robert. — Sei que você me conhece.

— Nunca conhecerei, não quero. — Lily fechou a porta do prédio de Alec na cara do pai dele. Fez-se um silêncio constrangedor.

— Desculpe por isso — disse Alec, afinal.

— Todos os seus outros vampiros gostam de mim — murmurou Robert. Alec piscou os olhos.

— Meus outros vampiros?

— Seu amigo Elliott me procura sempre que Lily o deixa no comando — explicou Robert. — Ele diz que sente necessidade de conselhos dos Lightwood. Estive no Hotel Dumort durante sua ausência, e os vampiros prepararam um jantar especial para mim, e todos conversaram comigo sobre você. Elliott me deu o telefone dele, imagino que para que eu possa ligar em caso de emergência. Elliott sempre é encantador comigo.

Alec não sabia como contar para o pai que Elliott estava dando em cima dele descaradamente.

— Hum — Alec se limitou a dizer.

— Como vai Magnus? Bem? Se vestindo, hum, com personalidade?

— Continua lindo — respondeu Alec desafiadoramente. — Sim.

Seu pai pareceu chocado. Alec não se sentia confortável falando sobre sentimentos, mas não tinha vergonha, e ninguém o faria sentir vergonha, nunca mais. Ele não sabia por que seu pai nunca parava de cutucar, com a curiosidade obsessiva de uma criança mexendo em uma casquinha de ferida.

Quando ele era mais novo, seu pai costumava brincar insistentemente sobre Alec e meninas.

Era doloroso demais responder a esses comentários. Alec falava cada vez menos.

Ele se lembrava do dia em que saíra do Instituto para encontrar Magnus. Tinha visto o feiticeiro apenas duas vezes, mas não conseguia esquecê-lo. O Instituto estava a suas costas, seus contornos acentuados cortando o céu. Ele estava sem fôlego e apavorado, com um pensamento muito claro na cabeça.

É assim que quer viver sua vida toda?

Depois foi até a casa de Magnus e o convidou para sair.

Alec não suportava a ideia de que um de seus filhos pudesse se sentir preso na própria casa.

Ele sabia que seu pai não tivera a intenção de fazer isso. Mas fez.

— Como vai meu pequeno M&M? — perguntou Robert.

O nome do meio de Max era Michael, em homenagem ao parabatai de Robert, morto há muito tempo atrás.

Normalmente essa era a deixa para Alec pegar o telefone e mostrar as fotos novas de Max, mas hoje ele estava com pressa.

— Está ótimo — respondeu Alec. — Está precisando de alguma coisa, pai?

— Ouvi alguns boatos sobre o Instituto de Buenos Aires — disse Robert. — Ouvi dizer que estive por lá.

— Certo — afirmou Alec. — Clive Breakspear, diretor do Instituto, estava fazendo seus Caçadores de Sombras agirem como mercenários. Terão que ser julgados. Mas eu estimulei uma troca de liderança. O Instituto de Buenos Aires vai ficar bem.

— É por isso que preciso falar com você, Alec — disse Robert.

Alec examinou as rachaduras na calçada e tentou pensar em uma maneira de explicar tudo de um jeito que não implicasse mais ninguém.

— Você sabe que as posições de Cônsul e Inquisidor frequentemente ficam entre as mesmas famílias, certo? Tenho pensado no que acontecerá quando chegar a hora de me aposentar.

Alec ficou olhando para uma erva daninha que crescia através das rachaduras no cimento.

— Não acho que Jace queira ser Inquisidor, pai.

— Alec — disse Robert. — Não estou falando de Jace. Estou falando de você. Alec se espantou.

— Quê?

Ele levantou os olhos da calçada. Seu pai estava sorrindo para ele, como se falasse sério.

Alec se lembrou de suas próprias palavras. O Inquisidor. A segunda pessoa mais importante da Clave.

Ele se permitiu um instante para sonhar. Ser Inquisidor, ter voz ativa na elaboração da Lei. Poder trazer Aline e Helen de volta. Poder colocar alguma espécie de brecha na Paz Fria. Poder, Alec pensou com uma esperança que nascia lentamente, se casar.

Ver que seu pai o julgava capaz. Alec sabia que Robert o amava, mas isso não era o mesmo que ter sua confiança. Aquilo era novidade.

— Não estou falando que seria fácil — disse Robert. — Mas muitos membros da Clave cogitaram como possibilidade. Você sabe o quanto é popular no Submundo.

— Nem tanto — resmungou Alec.

— Mais algumas pessoas da Clave estão passando a olhar melhor para a ideia — disse Robert.

— Tenho aquela tapeçaria sua, e tenho o cuidado de citar seu nome com frequência.

— E eu achando que era porque você me amava.

Robert piscou para ele, como se estivesse magoado pela piada.

— Alec. É... É. Mas eu também quero isso para você. Isso é o que vim aqui perguntar. Você quer isso para você?

Alec pensou no poder de transformar a Lei de uma espada que machuca as pessoas para um escudo que as protege.

— Sim — respondeu. — Mas você tem que ter certeza de que quer isso para mim, pai. As pessoas não vão ficar satisfeitas comigo assumindo, e depois que eu chegar lá, vou dividir a Clave.

— Vai? — perguntou Robert, a voz fraca.

— Porque preciso — explicou Alec. — Porque tudo tem que mudar. Pelo bem de todos. E por Magnus e nossos filhos.

Robert piscou os olhos.

— Seus o quê?

— Ah, pelo Anjo. Por favor, não me faça perguntas! Tenho que ir! Tenho que falar com Magnus imediatamente.

— Estou muito confuso.

— Realmente tenho que ir — repetiu Alec. — Obrigado, pai. De verdade. Venha jantar em breve, pode ser? Conversaremos mais sobre ser Inquisidor então.

— Tudo bem — respondeu Robert. — Eu gostaria disso. Quando jantei com vocês três... já faz algumas semanas, não é? Não me lembro da última vez em que tive um dia tão feliz.

Alec se lembrou de como tinha sido difícil manter a conversa durante a visita de Robert, de como apenas os puxões de Max no joelho do avô interromperam os frequentes silêncios. Partiu o coração de Alec pensar que Robert considerava aquele desconforto felicidade.

— Venha quando quiser — disse Alec. — Max adora ver o avô. E... obrigado, pai. Obrigado por acreditar em mim. Desculpe se te dei muito trabalho burocrático hoje.

— Você salvou vidas hoje, Alec — falou Robert.

Ele deu um passo desajeitado em direção ao filho e levantou a mão, como se fosse afagá-lo no ombro. Então sua mão abaixou. Olhou no rosto do filho com olhos tristes.

— Você é um bom homem, Alec — falou, afinal. — Melhor do que eu.

Alec amava o pai e jamais seria cruel com ele. Então guardou o eu tive que ser para si. Em vez disso, esticou os braços e puxou o pai para um abraço desconfortável, afagando-o no ombro antes de recuar.

— Conversamos depois.

— Quando quiser — disse Robert. — Tenho todo o tempo do mundo.

Alec acenou para o pai e depois correu pelos degraus do prédio. Abriu a porta e encontrou Lily sozinha. A porta do apartamento tinha uma fresta aberta, com luz passando, mas Lily estava nas sombras e parecia lixar as unhas.

— Lily — disse Alec em um tom perigoso —, onde está Rafael?

— Ah, ele. — Lily deu de ombros. — Ouviu Magnus cantando uma canção de ninar em indonésio e correu para dentro. Não pude fazer nada. Caçadores de Sombras. São tão velozes.

Nenhum dos dois mencionou as barreiras protetoras de Magnus, que não podiam ser penetradas por nenhuma magia ou força conhecida por Alec. Mas Magnus não erguia proteções contra pessoas indefesas ou que pudessem precisar de sua ajuda. Claro que uma criança poderia atravessar.

Alec olhou para a vampira com reprovação, mas foi distraído pelo murmúrio profundo e adorável da voz de Magnus através da porta aberta. Seu tom era caloroso e, como sempre, entretido. Alec pensou no que Jem havia dito a Tessa: sua voz é a música que mais amo no mundo.

— Ah, aí está o sorriso — disse Lily. — Faz dois dias e eu já estava com saudades dele.

Alec parou de sorrir e fez uma careta para ela, mas quando a olhou com atenção, percebeu que Lily estava brincando com o zíper da jaqueta de couro. Havia algo na forma de sua boca, como se ela estivesse determinada a não deixá-la tremer.

— Obrigado por ter ido comigo — agradeceu Alec. — Além disso, você é péssima. Isso a fez sorrir. Lily acenou com os dedos em despedida.

— Não se esqueça disso.

Ela se afastou como uma sombra; Alec então abriu a porta e finalmente entrou no apartamento. Sua cafeteira estava na bancada, o gato dormia no sofá.

Havia uma porta aberta para um quarto que ele nunca tinha visto antes, o que acontecia às vezes naquela casa. O quarto tinha um piso marrom-dourado e as paredes brancas. Magnus estava ali dentro com Rafe. O feiticeiro vestia um roupão vermelho e dourado de seda e o

rosto de Rafe estava inclinado observando Magnus enquanto ele falava num espanhol reconfortante. Era um quarto lindo.

Alec percebeu que Magnus sabia que ele estava ali, pois começou a traduzir o que dizia rapidamente para o inglês, alternando línguas com uma fluidez natural para que todos soubessem o que estava acontecendo.

— Vamos guardar a cruz agora e conversar sobre religiões organizadas depois — disse Magnus, estalando os dedos para o crucifixo na parede. — E vamos colocar uma janela para deixar a luz entrar. Você gosta dessa?

Ele gesticulou para a parede e uma janela circular se abriu com vista para a rua, mostrando a árvore que tapava a lua. Então ele acenou de novo e a janela se transformou em um vitral vermelho e dourado.

— Ou prefere essa? — Magnus acenou pela terceira vez e a janela ficou alta e arqueada como

uma janela de igreja. — Ou essa?

Rafe assentia sem parar, com o rosto cheio de sorrisos ansiosos. Magnus sorriu para ele.

— Você só quer que eu continue fazendo mágica, né?

Rafe assentiu novamente, com mais veemência ainda. Magnus riu e colocou a mão na cabeça cacheada do menino. Alec estava prestes a avisar que Rafael era tímido no começo e provavelmente ia desviar, mas Rafe não desviou. Deixou que Magnus afagasse seu cabelo, os anéis em sua mão captando a luz da nova janela. O sorriso do feiticeiro foi de alegre a brilhante. Seus olhos encontraram os de Alec sobre a cabeça de Rafael.

— Estou conhecendo o Rafe — disse Magnus. — Ele me contou que é assim que gosta que o chamem. Estamos fazendo um quarto para ele. Está vendo?

— Estou — respondeu Alec.

— Rafe — disse Magnus. — Rafael. Você tem um sobrenome? Rafael negou com a cabeça.

— Tudo bem. Nós temos dois. O que você acha de um nome do meio? Gostaria de um?

Rafe começou a falar em espanhol. Com tanto gesto afirmativo de cabeça, Alec tinha quase certeza de que ele estava concordando.

— Hum — disse Alec. — Provavelmente temos que conversar. Magnus riu.

— Ah, você acha? Com licença um instante, Rafe.

Ele foi em direção a Alec, depois parou onde estava. As mãos de Rafe estavam segurando com força a borda de seu roupão. Magnus parecia espantado.

Rafe começou a chorar. Magnus lançou um olhar a Alec e depois passou as mãos distraidamente pelo próprio cabelo. Em meio a soluços torrenciais, Rafael começou a formar palavras.

Alec não falava a língua de Rafael, mas entendia ainda assim. Não me deixe vê-los para depois ter que voltar para a solidão que é o mundo sem vocês. Por favor, fiquem comigo. Serei bonzinho se ficarem comigo.

Alec avançou, mas mesmo antes de entrar no quarto, Magnus ajoelhou e tocou o rosto do menino com mãos suaves. Todos os traços lágrimas desapareceram com o brilho de magia.

— Calma — disse Magnus. — Não chora. Sim, claro que vamos, meu querido.

Rafe colocou o rosto no ombro de Magnus e chorou sem parar. Magnus afagou sua cabeça trêmula até que ele ficasse quieto.

— Desculpe — disse Magnus afinal, e balançou Rafe na curva do braço coberto de seda vermelha. — Realmente tenho que falar com Alec. Já volto. Prometo.

O feiticeiro se levantou e tentou ir para a porta, mas logo voltou seu olhar triste para baixo.

Rafe continuava agarrando seu roupão.

— Ele é muito determinado — explicou Alec.

— Certo, completamente diferente de todos os outros Caçadores de Sombras que eu conheço

— disse Magnus, e tirou o roupão. Por baixo ele vestia uma túnica brilhante com fios dourados e um moletom cinza folgado.

— Esse moletom é meu?

— É — respondeu Magnus. — Senti saudade.

— Ah — arquejou Alec.

Magnus ajeitou o roupão nos ombros de Rafe, embrulhando-o de modo que o menino virou um casulo vermelho de seda com um rosto espantado no topo. Em seguida Magnus ajoelhou ao lado de Rafe outra vez e segurou as mãos do menino entre as suas. Nas palmas de Rafael, um pequeno chafariz de purpurina saltou em um loop brilhante. Rafe riu de soltar, surpreso e satisfeito.

— Aí está, você gosta de magia, não gosta? Mantenha as mãos juntas e vai continuar acontecendo — murmurou Magnus, e se esquivou enquanto Rafe observava o chafariz.

Alec pegou a mão do parceiro, puxando-o para fora do novo quarto e atravessando o apartamento em direção ao quarto deles. Fechou a porta e se apressou em dizer:

— Eu posso explicar.

— Acho que já entendi, Alexander — respondeu Magnus. — Você passou um dia e meio fora e nos adotou um novo filho. O que acontecerá se viajar por uma semana?

— Não tive a intenção — explicou Alec. — Eu não ia fazer nada sem perguntar antes. Só que ele estava lá, e é um Caçador de Sombras. Ninguém estava cuidando dele, então pensei em trazê-lo para o Instituto daqui. Ou para Alicante.

Magnus estava sorrindo, mas parou. Alec ficou ainda mais alarmado.

— Não vamos adotá-lo? — perguntou Magnus. — Mas... não podemos? Alec piscou os olhos.

— Achei que fôssemos — disse o feiticeiro. — Alec, eu prometi para ele. Você não quer?

Alec o encarou por mais um instante. O rosto de Magnus estava tenso, concentrado, mas ao mesmo tempo confuso, como se tivesse espantado pela própria veemência. O Caçador de Sombras começou a rir de repente. Ele achava que estava esperando para ter certeza, mas aquilo era ainda melhor, como todas as coisas em sua vida que eram melhores do que em qualquer sonho que ele já tivera. Não por Alec saber imediatamente, mas por ver Magnus sabendo imediatamente. Foi tão bonitinho, e tão óbvio de que era assim que as coisas deveriam ser: Magnus experimentando o amor instintivo e instantâneo que Alec sentira em relação a Max, e Alec aprendendo com Rafael o caminho lento, doce e consciente do amor que Magnus aprendera com seu primeiro filho. Abrir uma nova porta em sua adorada casa, como se ela sempre tivesse estado ali antes.

— Sim — respondeu Alec, sem fôlego pelas risadas e pelo amor. — Sim, eu quero.

O sorriso de Magnus voltou. Alec o tomou nos braços e girou de modo que o feiticeiro ficasse com as costas para a parede. Alec levou as mãos ao rosto do parceiro.

— Me dê um minuto — pediu. — Me deixe olhar para você. Meu Deus, como senti saudade de casa.

Os fascinantes olhos de Magnus estavam ligeiramente cerrados, encarando Alec de volta, e sua boca sorridente estava um pouco surpresa, como sempre ficava, embora Alec não soubesse dizer o que o havia surpreendido. O Caçador de Sombras não conseguia simplesmente olhar para Magnus. Ele o beijou, e aquela boca estava finalmente na sua, o beijo transformando cada músculo exaurido de Alec em uma doçura líquida. Para ele, o amor sempre significava isso: a cidade brilhante da luz eterna. A terra dos sonhos perdidos e recuperados, seu primeiro e seu último beijo.

Os braços de Magnus o envolveram.

— Meu Alec — murmurou. — Seja bem-vindo ao lar.

Agora, quando Alec perguntava a si mesmo se é assim que quer viver toda a sua vida?, ele podia responder que sim, sim e sim. Cada beijo era um sim e também a promessa de uma pergunta que ele faria a Magnus um dia. Beijaram-se outra vez contra a parede do quarto por vários minutos, mas se afastaram com um barulho.

- A... — começou Alec.
- As crianças — concluiu Magnus. — Depois.
- Calma, crianças no plural? — perguntou Alec, e percebeu o que Magnus tinha ouvido: o ruído sorrateiro de pezinhos saindo do quarto de Max.
- Aquele pirralho dos infernos — murmurou Magnus. — Li oito histórias para ele.
- Magnus!
- O quê? Eu posso falar dele assim, você que não pode, pois seria infernalmente insensível. — Magnus sorriu, depois semicerrou os olhos para a própria mão manchada. — Alec, sei que não se importa de fato com suas roupas, mas você normalmente não vem coberto de fuligem.
- Melhor olhar as crianças — disse Alec, fugindo do quarto e da conversa.

Max estava na sala principal, vestido com seu pijama de triceratops e arrastando um cobertor peludo, olhando para Rafe com olhos arregalados. Rafael estava no tapete em frente à lareira, embrulhado no roupão vermelho de seda de Magnus. Seus olhos se estreitaram e viraram o olhar mortal que havia assustado todas as crianças do Mercado das Sombras.

Max, que nunca tinha se sentido ameaçado por nada na vida, sorriu para ele. A careta de Rafe fraquejou.

O pequeno feiticeiro se virou quando ouviu a porta se abrir. Correu rapidamente para Alec, que se ajoelhou para abraçá-lo.

- Papai, papai! — entou Max. — Esse é irmão ou irmã?

Rafael ergueu as sobrancelhas. Falou algo rapidamente em espanhol.

- Não é uma irmã — traduziu Magnus da porta. — Max, esse é Rafe. Diga oi.

Max claramente interpretou como uma confirmação. Ele afagou o ombro de Alec como se quisesse dizer muito bem, pai, finalmente trouxe uma coisa boa. Depois voltou-se novamente para Rafe.

- O que você é? Lobisomem? — chutou Max. Rafe olhou para Magnus, que traduziu.
- Ele disse que é um Caçador de Sombras. Max sorriu.
- O papai é Caçador de Sombras. Eu sou Caçador de Sombras também!

Rafe olhou para os chifres de Max com um ar que sugeria: dá para acreditar nesse cara?

Ele negou com firmeza e tentou explicar a situação.

— Ele disse que você é um feiticeiro — traduziu Magnus fielmente. — E é muito bom ser um feiticeiro, porque significa que você pode fazer mágica, e mágica é muito legal e bonito. — Magnus fez uma pausa. — O que é verdade.

O rosto de Max se contorceu em raiva.

— Sou um Caçador de Sombras!

Rafe balançou a mão, numa postura de profunda falta de paciência.

— Muito bem, meu polvo-de-anéis-azuis — interrompeu Magnus apressadamente. — Vamos continuar com esse debate amanhã, pode ser? Todo mundo precisa dormir. Rafe teve um dia longo e já passou muito da sua hora.

— Eu conto uma história — prometeu Alec.

A irritação de Max se foi tão depressa quanto veio. Ele franziu a testa. Parecia estar pensando profundamente.

— Sem dormir! — discutiu. — Acordado. Com Rafe. — Correu então para perto de um Rafael espantado e o abraçou. — Amo ele.

Rafe hesitou, depois retribuiu com um abraço tímido. Ver os dois juntos fez o peito de Alec doer.

Ele olhou para Magnus, que carregava uma expressão igualmente encantada.

— É uma ocasião especial — observou Alec.

— Nunca fui mesmo muito bom em disciplina — disse Magnus, e se jogou no tapete perto das crianças. Rafe chegou mais para perto e Magnus o abraçou. O menino se aconchegou em seus braços. — Que tal você nos contar uma história de ninar sobre o que aconteceu em Buenos Aires?

— Não foi nada — disse Alec. — Tirando o fato de que encontrei Rafe. Senti sua falta. Voltei para casa. Foi isso. Teremos que ir a Buenos Aires algumas vezes para completar a adoção antes de podermos oficializar e anunciar a todos. Talvez possamos ir todos juntos em algum momento.

Rafe elaborou diversas frases em espanhol.

— É mesmo? — perguntou Magnus. — Muito interessante.

— O que você está falando? — indagou Alec ansiosamente.

— Você não vai escapar com esse, Alec Lightwood. — Magnus apontou para Rafael. — Não dessa vez. Eu tenho um espião!

Alec foi até o tapete, se ajoelhou e fez contato visual com Rafe.

— Rafe, por favor, não seja um espião.

O menino lançou a Alec um olhar de firme incompreensão e explodiu em uma torrente de espanhol para Magnus. Alec tinha certeza de que alguma parte daquilo era Rafe prometendo ser espião para Magnus sempre que ele quisesse.

— Parece que você fez coisas bastante impressionantes em Buenos Aires — falou Magnus, afinal. — Muita gente teria desistido. O que você estava pensando?

Alec pegou Max no colo, virou-o de cabeça para baixo, depois de lado e então o colocou de volta no tapete, sorrindo quando o filho gargalhou.

— Tudo o que fiz foi pensar em ser alguém digno de voltar para vocês — respondeu Alec.
— Não foi nada.

Fez-se silêncio. Alec se virou, um pouco preocupado, e viu Magnus o encarando. O olhar surpreso estava em seu rosto outra vez. E havia também uma suavidade que era muito rara para

Magnus.

— O quê? — perguntou Alec.

— Nada, seu romântico sorrateiro — respondeu Magnus. — Como você sempre sabe o que dizer?

O feiticeiro se inclinou com facilidade para a frente, mantendo Rafe confortável em seu colo, para dar um beijo no rosto de Alec, que sorriu.

Rafe estava analisando Max, e este parecia feliz por Rafael estar se interessando.

— Se quer ser um Caçador de Sombras — disse Rafe, com um inglês cuidadoso —, tem que treinar.

— Não, Rafe — corrigiu Alec. — Max não precisa treinar.

— Eu treino! — exclamou Max.

Alec balançou a cabeça. Seu filho era um feiticeiro. Ele ia treinar Rafe, mas Max não precisava aprender nada daquilo. Ele olhou para Magnus em busca de apoio, mas ele estava hesitante, com o lábio entre os dentes.

— Magnus!

— Max quer ser igual a você — disse Magnus. — Eu entendo. Vamos dizer para ele que não pode ser o que quiser?

— Ele não... — começou Alex, mas parou.

— Não existe nenhuma regra que determine que um feiticeiro não possa lutar fisicamente — falou Magnus. — Usar magia para substituir os atributos dos Caçadores de

Sombras. Pode mantê-lo seguro, porque as pessoas não esperam que um feiticeiro receba esse tipo de treinamento. Não faz mal tentar. Além disso... Encontramos Max na escada da Academia dos Caçadores de Sombras. Alguém podia querer que ele recebesse o treinamento de Caçador de Sombras.

Alec detestava a ideia. Mas ele tinha sonhado poder treinar uma criança, não tinha? Tinha prometido a si mesmo que jamais seria o tipo de pai que faz das paredes de casa uma prisão.

Se você ama, confia.

— Certo — cedeu Alec. — Acho que não vai fazer mal ensinar a ele algumas formas de cair e se levantar. Pode ser que ele fique cansado o suficiente para a hora de dormir.

Magnus sorriu e estalou os dedos. De repente o chão foi coberto por um tatame. Max se levantou. Rafe, com a cabeça deitada no peito de Magnus, parecia desinteressado até o feiticeiro cutucá-lo, e então se levantou suficientemente disposto.

— Talvez eu também possa ensinar uns truques para o Rafe — pensou Magnus. — Ele não pode ser um feiticeiro, assim como Max não pode ser um Caçador de Sombras, mas existem mágicos. Ele pode ser um dos bons.

Alec se lembrou da história de um mágico com sangue de Caçador de Sombras conhecido como Roland, o Surpreendente, que viveu uma vida longa e feliz com sua amada. Pensou no Mercado e no Instituto se misturando nas ruas de Buenos Aires, em Jem e Tessa, no amor e na confiança em um mundo em transformação. E em mostrar para os filhos que eles podiam ser o que quisessem, inclusive felizes. Alec se levantou e foi para o centro da sala.

— Meninos, copiem meus movimentos — falou. — Me acompanhem, agora. Todos juntos.

Através do Sangue,
Através do Fogo

Fantasmas do
Mercado das Sombras

Depois de esperar mais de um século pela união, Jem Carstairs e Tessa Gray estão finalmente juntos. Mas nem tudo está perfeito: uma ameaça parece pairar sobre uma criança do Mercado das Sombras — um Herondale, o mais jovem de uma linhagem que usou o Mercado para se esconder das fadas e dos Caçadores de Sombras. É hora do Herondale perdido ser descoberto. E Jem e Tessa precisam encontrá-lo antes que seja tarde demais.

Era uma vez, em uma terra não tão distante, uma criança que não deveria ter nascido. Um filho de guerreiros desonrados — seu sangue, o sangue dos anjos, seu direito de primogenitura, perdido enquanto ele dormia, sem saber, no ventre de sua mãe. Uma criança condenada à morte pelos pecados de seus ancestrais, uma criança que fugiu da Lei que a condenou e da família que ainda não sabia o quanto um dia poderia precisar dele e de seus descendentes.

Era uma vez, uma criança perdida — ou, pelo menos, essa é a história contada por aqueles que foram tolos o bastante para perdê-la. Ninguém perde a si mesmo.

A criança estava simplesmente se escondendo. Assim como o seu filho, e o filho de seu filho, aprendeu a se esconder, e através das gerações, fugir daqueles que os caçavam — alguns buscando perdão, alguns buscando aniquilação — até, inevitavelmente, o que tinha sido escondido ser revelado. A criança perdida foi encontrada.

E esse foi o fim.

Mais tarde, quando Jem Carstairs tentou se lembrar de como o fim começara, ele se lembraria das cócegas do cabelo de Tessa em seu rosto, quando ele se inclinou, respirou profundamente o aroma dela, que naquele dia carregava um toque de lavanda. Eles estavam em Provence — então, é claro, tudo cheirava a lavanda. Mas Tessa ganhava vida com ela; respirá-la era como respirar em um prado iluminado pelo sol, um mar de flores lilases, a própria primavera. Era disso que Jem se lembraria mais tarde. O desejo que o tempo parasse, congelasse os dois dentro desse momento perfeito; ele se lembraria de pensar, com admiração, que era assim que se sentia perfeitamente satisfeito.

Quando Tessa Gray retornou àquele momento, ao momento anterior, ela se lembraria do sabor do mel que Jem colocara sobre uma fatia de baguete e servira na boca dela. O mel, fresco da colmeia atrás da propriedade, era quase dolorosamente doce. Seus dedos estavam pegajosos, e quando ela os pressionou na bochecha macia de Jem, eles não quiseram soltar. Ela não podia culpá-los.

A memória tem uma tendência a embaçar o mundano. O que Jem e Tessa estavam realmente fazendo: brigando sobre se o queijo que eles haviam comprado naquela manhã era de bode ou vaca, e qual deles era o responsável por comer tanto que seria necessária uma segunda viagem à queijaria. Era uma discussão preguiçosa e amorosa, apropriada para a tarde ensolarada. Eles vinham a este retiro no interior da França para traçar estratégias sobre o Herondale perdido — que, como descobriram recentemente, também era herdeiro das Corte Seelie e Unseelie e, portanto, estava em maior perigo do que qualquer um jamais imaginara. Esta propriedade, cujo uso fora oferecido por Magnus Bane, era um lugar seguro e tranquilo para planejar aonde ir a partir daqui. A Herondale perdida deixara muito claro para Jem que não queria ser encontrada, mas Jem se preocupava porque ela não conhecia as profundezas do perigo em que estava. Eles precisavam encontrá-la. Avisá-la. Agora mais do que nunca.

A urgência era real, mas assim também era a incapacidade de fazer algo a respeito — o que os deixava com muitas horas para preencher, olhando para a encostava iluminada pelo sol — e um para o outro.

Tessa tinha quase decidido ceder e admitir que Jem estava certo sobre a proveniência (cabra), se não estivesse errado sobre quem comeria mais (Tessa), quando uma pequena luz acendeu entre eles, como uma pequena estrela cadente. Exceto que não caiu; ela congelou no ar, ficando mais e mais brilhante, ofuscantemente brilhante, e se transformando em uma forma familiar. Tessa respirou fundo.

— Isso é...?

— Uma garça. — Jem confirmou.

Anos antes, Jem havia encantando um pingente de prata na forma de uma garça e o pressionado na palma de uma jovem com sangue Herondale. Uma jovem em perigo, que firmemente recusou sua ajuda.

Com esse pingente, você sempre poderá me encontrar, ele prometera na voz silenciosa com a qual havia falado uma vez. Jem fora o Irmão Zachariah até então, ainda carregando as vestes e os deveres da Irmandade do Silêncio, mas esta missão — e esta promessa — não tinha nada a ver com a Irmandade. Jem ainda estava ligado a ela: sempre estaria. Espero que você me chame para ajudá-la, se e quando precisar. Por favor, confie que eu sempre responderei.

A mulher a quem ele dera esse pingente era uma Herondale, a última herdeira do Herondale perdido, e a garça prateada significava que, depois de todos esses anos, ela precisava dele. Enquanto Jem e Tessa observavam, o pássaro traçou letras de fogo no ar.

Eu me afastei de você antes, mas por favor me ajude agora. Pensei que poderia fazer isso sozinha, mas os Cavaleiros estão se aproximando. Se você não vier por mim, venha pelo meu filho. Pensei que poderia comprar uma vida para ele com o meu sofrimento. Pensei que seu eu o deixasse, ele estaria seguro. Ele não está. Por favor venha. Eu te imploro. Me salve. Salve meu filho.

Rosemary Herondale.

À luz se apagou. Jem e Tessa já estavam em ação. No século e meio desde que se conheciam, muita coisa mudara, mas essa verdade perdurava: quando um Herondale chamava, eles atendiam.

O tráfego de Los Angeles não era tão ruim quanto todos diziam. Era exponencialmente pior. Seis pistas, todas quase paralisadas. Enquanto Tessa avançava, mudando de pista toda vez que um espaço se abria, Jem sentia como se fosse rastejar para fora de sua pele. Eles tinham viajado da França para Los Angeles, emergindo do outro lado da cidade na fonte do pedido de socorro. Magnus havia contatado sua rede de ajudantes da Costa Oeste e garantiu-lhes transporte pelo restante do caminho. O conversível turquesa não gritava exatamente incógnito, mas era bom o bastante para levá-los a poucos quilômetros do Echo Park até a casa

de Rosemary Herondale, em Hollywood Hills. A viagem deveria ter levado só alguns minutos. Parecia que tinha sido um ano.

Eu me afastei de você antes, mas por favor me ajude agora.

As palavras ecoavam na mente de Jem. Ele havia passado décadas procurando pelo Herondale perdido — encontrando-o, finalmente, apenas para perdê-lo novamente. Mas após ela ter recusado sua oferta por proteção, ele lhe fez uma promessa. Ele viria quando ela chamasse. Ele a salvaria, quando ela precisasse de salvação.

Eu pensei que poderia fazer isso sozinha.

James Carstairs sempre vinha em auxílio de um Herondale. Ele nunca pararia de pagar as dívidas de amor. Ela o convocara, usando o colar, e ele faria tudo ao seu alcance para honrar sua promessa, mas...

Por favor, venha, eu imploro. Me salve.

Havia mais do que apenas uma vida em jogo agora.

Salve meu filho.

E se fosse tarde demais?

Tessa colocou a mão sobre a de Jem.

— Isso não é culpa sua — disse ela.

Claro que ela sabia o que ele estava pensando. Ela sempre sabia.

— Eu a achei, e a deixei ir. — Jem não conseguia parar de imaginar, naquela manhã na ponte em Paris, quando implorou a Rosemary Herondale para aceitar sua proteção. Ele pedira a um Herondale que confiasse nele e fora julgado indigno.

— Você não a deixou fazer nada — Tessa pontuou. — Ela fez a própria escolha.

— O jeito Herondale — Jem disse ironicamente.

— Você fez com que ela soubesse que sempre estaria lá se ela precisasse, e agora que ela precisa...

— Eu estou girando meus polegares a oito quilômetros de distância, sendo inútil.

— Chega — Tessa abruptamente virou para o acostamento da estrada e passou rapidamente pelas ruas entupidas, em seguida, adentrou na primeira rampa de saída que alcançaram. Em vez de diminuir a velocidade, ela aumentou-a ao chegar às ruas laterais, tecendo descontroladamente de pista para pista para calçada. Logo, finalmente, eles encontraram o caminho para as colinas, a estrada se estreitando em uma única faixa de curvas fechadas por um barranco vertiginoso. Tessa não diminuiu a velocidade.

— Eu sei que você tem reflexos sobre-humanos, mas...

— Confie em mim — disse ela.

— Infinitamente.

Ele não podia contar a Tessa a outra razão pela qual ele se sentia culpado — não era simplesmente que ele deixou Rosemary escapar por entre os dedos todos aqueles anos atrás. Foi o que ele fez por ela desde então, que de repente parecia quase nada. Desde que ele se livrou de sua vida como Irmão Zachariah e lutou de volta para James Carstairs — e de volta para Tessa Gray, a outra metade de sua alma, seu coração, de si mesmo — ele se permitira ser feliz. Eles visitaram Mercados das Sombras em todo o mundo, vigiando Rosemary, sempre procurando maneiras de ajudá-la à distância. Até visitaram o mercado aqui em Los Angeles várias vezes, mas não encontraram nenhum traço dela. E se, apesar de suas melhores intenções, Jem tivesse deixado algo passar, uma oportunidade de encontrar e ajudar Rosemary antes que fosse tarde demais? E se, perdido em sua própria felicidade com Tessa, ele tivesse permitido que ela sofresse?

O carro parou em frente a um pequeno bangalô em estilo espanhol. O quintal era uma profusão de cores: flores Mimilus, sábio beija-flor, malva do deserto, flores de jacarandá. Um vaso de girassóis vigiava o caminho até a porta, acenando com a brisa, como se para recebê-los.

— É como uma casa de um livro de histórias — Tessa maravilhou-se, e Jem concordou. O céu era de um azul impossível, pontilhado de nuvens como algodão doce, e as montanhas no horizonte faziam parecer que estavam em uma aldeia nos Alpes, em vez de no meio de uma metrópole extensa. — É tão pacífico — acrescentou ela. — Como se nada de ruim pudesse acontecer aqui...

Ela foi interrompida por um grito agudo.

Eles entraram em ação. Jem abriu a porta da frente, preparando sua espada para encarar o que quer que fosse. Tessa seguiu logo atrás, suas mãos acendendo com uma luz forte. Lá dentro, encontraram um pesadelo: Rosemary deitada em uma poça de sangue. Pairando sobre ela, uma enorme fada, seu corpo coberto de espessa armadura de bronze, uma espada longa erguida no alto. Seu ponta mirada diretamente no coração de Rosemary.

De muitas maneiras, Jem Carstairs não era mais um Caçador de Sombras. Mas das formas mais importantes, ele sempre seria um.

Ele se lançou para frente, um redemoinho de movimento mortal, uma espada de prata borrada enquanto ele cortava a fada com a força completa e justa da fúria de um Caçador de Sombras. Seus golpes desviaram do corpo da criatura sem deixar uma única marca. Tessa levantou as mãos e despachou uma ofuscante onda branca de energia para a fada — ele absorveu sem vacilar, então, quase descuidadamente, agarrou Tessa em uma mão enorme e atirou-a através da sala. Ela acertou a parede com um baque que causou dor física em Jem. Jem se jogou no caminho da fada, chutou, girou, moveu a espada afiada com a segurança do que deveria ter sido um golpe mortal. Qualquer fada comum — qualquer ser do Submundo comum — teria caído. Este apenas riu, empurrou Jem para o chão e o prendeu sob um pé enorme. Deixando Jem impotente para fazer qualquer coisa, exceto observar como a espada longa encontrou seu alvo e atingiu Rosemary no peito.

A fada recuou, liberando Jem para correr para o lado dela — tarde demais. Ele rasgou sua camisa, pressionou-a desesperadamente na ferida de Rosemary, determinado a evitar que sua vida se esvaísse. Tarde demais.

— Eu não tenho nenhuma desavença com você, Caçador de Sombras — a fada disse, então deu um assobio agudo. Um enorme corcel de bronze atravessou as janelas da frente do bangalô em uma chuva de vidro. A fada subiu no cavalo. — Eu sugiro que você se abstenha de lutar comigo. — O cavalo se levantou e saltou no ar.

E assim, cavalo e cavaleiro foram embora.

O rosto de Rosemary estava mortalmente pálido, os olhos fechados. Ela ainda respirava, mesmo que parcamente. Jem pressionou a ferida, desejando que ela aguentasse. Tessa se ajoelhou ao lado dele.

Ele soltou um suspiro agudo, seu coração apertando.

— Você está ferida?

— Estou bem. Mas Rosemary... — Tessa agarrou as mãos de Rosemary e fechou os olhos em concentração. Segundos se passaram enquanto ela convocava a magia de cura. Ele podia ver o esforço escrito em seu rosto, o tormento. Finalmente, Tessa se virou para Jem, um olhar vazio nos olhos. Ele sabia o que ela diria antes de ela falar.

— É um ferimento fatal — ela murmurou. — Não há nada a ser feito.

Tessa se voluntariara como enfermeira durante uma das guerras mundiais mundanas — ela conhecia um ferimento fatal quando via um. E Jem, durante suas décadas na Irmandade do Silêncio, viu muitos Caçadores de Sombras muito além da ajuda. Muitos na Guerra Maligna. Ele também podia reconhecer a morte, em todas as suas formas.

Os olhos de Rosemary se abriram. Seus lábios se separaram, como se estivesse tentando falar, mas ela conseguiu apenas uma expiração rouca. Ainda havia um Herondale que eles poderiam salvar.

— Seu filho — disse Jem. — Onde ele está?

Rosemary balançou a cabeça, o esforço de se mover causando dor óbvia.

— Por favor — ela sussurrou. Havia muito sangue. Em todo lugar, sangue, sua vida se esvaindo. — Por favor, proteja meu filho.

— Apenas diga-nos onde encontrá-lo — disse Jem. — E enquanto eu viver, vou protegê-lo, eu juro... — Ele parou, percebendo que não havia ninguém para receber sua promessa. A respiração trêmula deu lugar ao silêncio.

Ela se fora.

— Nós vamos encontrá-lo — Tessa prometeu a Jem. — Nós vamos encontrá-lo antes que alguém possa machucá-lo. Nós vamos.

Jem não se afastou do corpo de Rosemary. Ele segurou a mão fria dela como se não conseguisse se soltar. Ela sabia o que ele estava sentindo e doía. Essa era a alegria e a punição de amar alguém do jeito que ela amava Jem — ela sentia com ele. Sua culpa, seu arrependimento, sua impotência e fúria: enquanto eles o consumiam, ela era consumida também.

Claro, não era apenas a culpa de Jem, a fúria de Jem. Ela tinha muito de si mesma. Todo Herondale era uma parte de Will e, portanto, uma parte dela. Era isso que significava ser família. E ela se ajoelhou ao lado do corpo frio de muitos Herondales. Ela não podia aguentar outra morte sem sentido.

Eles encontrariam o filho de Rosemary. Eles iriam protegê-lo. Se assegurariam de que esta morte não fosse em vão. Custasse o que custasse.

— Não é apenas ela estar morta — Jem falou em voz baixa. Sua cabeça estava abaixada, o cabelo uma cortina no rosto. Mas ela memorizara seu rosto, cada expressão dele. Ela passou muitas horas, desde o seu retorno, olhando para ele, incapaz de acreditar que ele estava realmente aqui, de volta para a vida — de volta para ela. — É que ela morreu sozinha.

— Ela não estava sozinha. Ela não está sozinha. — Não era a primeira vez que ela e Jem ajudaram um Herondale na eternidade. Uma vez, ela se sentou de um lado de Will, Jem do outro, ambos ansiando por segurá-lo, ambos invocando forças para deixá-lo ir. Ele era o Irmão Zachariah, ou era o que o mundo tinha visto: rosto marcado com runas, olhos fechados, pele fria, coração fechado. Ela só tinha visto Jem. Ainda parecia um milagre que ele pudesse abrir os olhos e vê-la de volta.

— Não estava? — muito gentilmente, Jem soltou o colar de Rosemary. Ele segurou a longa corrente de prata, deixando o pingente da garça girar lentamente, brilhando à luz da tarde. — Pensei que isso seria o suficiente, uma maneira de contatá-la caso ela precisasse de mim. Mas eu sabia que ela estava em perigo por conta das fadas. Eu não deveria ter subestimado esse perigo!

— Eu reconheci aquela fada, Jem — Tessa disse. — A trança de bronze, os desenhos em sua armadura, todas aquelas gravuras do mar, aquele era Fal de Mannan. — Ela estudara os Cavaleiros de Mannan durante seu tempo no Labirinto Espiral, parte de seus esforços para entender melhor o mundo das fadas. Eles eram muito velhos — antigos, até mesmo, de uma era de monstros e deuses — e serviam para o prazer do Rei Unseelie. Não eram fadas comuns. Eles eram mais poderosos; eram feitos de magia selvagem. Talvez, mais terrivelmente, eles pudessem mentir. — Lâminas serafim são inúteis contra os Cavaleiros de Mannan, Jem. Eles nasceram assassinos, uma sentença de morte ambulante. Uma vez que ele a encontrou, nenhum poder na Terra poderia tê-lo parado.

— Então, que esperança há para o menino?

— Sempre há esperança. — Ela arriscou colocar seus braços ao redor dele, então, e suavemente tirou a mão de Rosemary do aperto dele. — Nós encontraremos o garoto primeiro. Então nos asseguramos de que as fadas nunca o encontrem.

— Não até que estejamos prontos para eles, pelo menos — Jem disse, uma nota de aço entrando em sua voz.

Havia aqueles que acreditavam que, porque Jem era tão gentil, tão capaz de bondade e generosidade, porque Jem amava tão abnegadamente, que Jem era fraco. Havia aqueles que suspeitavam que ele não era capaz de violência ou vingança, que assumiram que poderiam ferir Jem e os que ele amava com impunidade, porque ele não tinha aquele cerne para revidar.

Aqueles que acreditavam nisso estavam errados.

Aqueles que agiram dessa forma lamentariam.

Tessa apertou o pingente da garça com força, o bico espetando a carne macia da palma da mão. Ela podia sentir a essência de Rosemary fervendo na prata, e alcançou com sua mente, abrindo-se para os traços da mulher deixada para trás. Era uma segunda natureza para ela agora, transformar-se em outra pessoa. Normalmente, ela só precisava fechar os olhos e deixá-la passar por cima dela.

Isso foi diferente. Algo parecia... não errado, exatamente, mas pegajoso. Como se ela tivesse que se arrancar de sua própria forma e forçá-la a outra. A transformação parecia difícil, quase dolorosa, como em seus primeiros dias em Londres, seus ossos e músculos e carne se rasgando e se distorcendo em forma estranha, corpo se rebelando contra a mente, enquanto a mente lutava sua própria batalha, defendendo seu território contra a colonização forçada de outra. Tessa se forçou a ficar calma, focada. Lembrou-se de que era sempre mais difícil incorporar os mortos. Sentiu-se encolhendo, desvanecendo-se, membros firmes estreitando-se na delicada estrutura óssea de Rosemary e, ao fazê-lo, o horror inundou os últimos momentos. O flash da espada longa. O hálito quente do cavaleiro fada. A impensável dor e dor e dor da lâmina que a penetrou uma vez, duas e, enfim, fatalmente. O terror, o desespero, e abaixo disso, a fúria feroz e amorosa em nome do garoto que tinha, em algum lugar lá fora, que sobreviver, ele tinha, tinha, tinha...

— Tessa!

Então Jem estava lá, firme, os braços nos ombros dela, seu olhar firme e gentil, seu amor uma corda para impedi-la de flutuar. Jem, como sempre, trazendo-a para casa, para si mesma.

— Tessa, você estava gritando.

Ela respirou. Se concentrou. Ela era Rosemary e ela era Tessa, ela era a própria Mudança, a possibilidade de transformação, a inevitabilidade do fluxo, e então, misericordicamente, tudo se desenevoou.

— Estou bem. Tudo bem. — Mesmo agora, depois de mais de um século de mudanças, era estranho ouvir-se falar com a voz de outra mulher, olhar para baixo e ver o corpo de outra mulher como dela mesma.

— Você sabe onde ele está? O menino?

Meu menino. Tessa podia ouvir a maravilha na voz de Rosemary, podia sentir a surpresa da outra mulher que fosse possível amar assim. Eles não vão tê-lo. Eu não vou permitir.

Havia medo, mas principalmente raiva, e Tessa percebeu que ela não quis dizer fadas. Era Caçadores de Sombras. Este era um segredo que ela guardaria para si mesma. Jem não precisava saber que Rosemary tinha morrido da mesma maneira que vivia: convencida de que eles eram o inimigo.

— Deixe-me ir mais fundo — disse Tessa. — Ela passou anos enterrando o que ela sabe sobre ele, mas está lá, eu posso sentir.

Rosemary estava em batalha contra si mesma. Ela tinha sido totalmente consumida com seu filho, com a feroz necessidade de protegê-lo, mas também passou esses anos tentando com toda sua força esquecê-lo, forçar todo o pensamento dele para fora de sua consciência, para sua própria segurança.

— Ela sabia que o maior perigo na vida dele era ela mesma — disse Tessa, horrorizada com o sacrifício que essa mulher tinha feito. — Ela sabia que a única maneira de mantê-lo vivo era deixá-lo ir.

Tessa deixou-se afundar na memória — ela se soltou de Tessa e se entregou completamente a Rosemary. Focada no garoto, nas lembranças mais fortes dele e no que vinha dele, e deixou que elas a possuíssem.

Ela lembrou.

— Eu não entendo — seu marido está dizendo, mas o desespero em seus olhos, o aperto de suas mãos sobre as dela, como se ele soubesse o que vai acontecer quando soltar? Isso soa diferente. Isso significa que ele entende que esse é o fim, que a segurança do filho é mais importante que qualquer coisa. Mais importante até do que os dois, que Rosemary costumava pensar que era tudo.

As coisas eram diferentes, antes de ela ser mãe.

Christopher tem três anos. Ele parece e ao mesmo tempo não se parece com sua mãe, parece e ao mesmo tempo não se parece com seu pai. Ele é o amor deles que ganhou vida, seus dois corações entrelaçados e entregues a uma forma que respirava, bochechas e cabelos dourados e um nariz para beijar e uma testa para acariciar e um corpo perfeito que nunca conheceu a dor ou o horror e nunca deveria. Nunca.

— É sobre ele agora. Isso é tudo o que importa.

— Mas nós já somos tão cuidadosos...

Por um ano, eles se forçaram a viver separados. Em um pequeno apartamento, a quarteirões decadentes da área de Vegas: seu filho e seu marido — que agora se chamava Elvis, mas que já foi Barton e Gilbert, e Preston, e Jack e Jonathan, que mudou não apenas seu nome, mas seu rosto, e de novo, tudo por ela. Em um apartamento ainda menor e muito mais solitário em um triste trecho de deserto atrás do aeroporto: Rosemary, sentindo sua ausência a cada respiração. Ela assombra suas sombras, observa Christopher no playground, no zoológico, na

piscina, nunca deixando que ele a veja. Seu filho crescerá incapaz de reconhecer o rosto da mãe.

Ela se permite encontros mensais com o marido — uma hora de beijos roubados e todos os detalhes de uma infância se passando sem ela — mas isso era egoísmo. Ela vê isso agora. Ruim o suficiente para que os Caçadores de Sombras pudessem chegar tão perto quanto eles. Agora as fadas a farejaram. Ela pôs amuletos ao redor do apartamento, um sistema de alerta — ela sabia que seus emissários estavam lá; sua posição fora comprometida. E ela sabe o que vai acontecer se eles a encontrarem. Se eles o encontrarem.

— Você tem que ir mais a fundo —, ela diz a seu marido. — Você tem que mudar suas identidades novamente, mas desta vez, não sei o que eles são. Se eles me encontrarem... você não pode me deixar levá-los até vocês.

E ele está balançando a cabeça, está dizendo não, ele não pode fazer isso, não pode criar Christopher sozinho, ele não pode deixá-la ir sabendo que nunca poderá tê-la de volta, ele não pode arriscar que ela enfrente o perigo sem ele, não pode, ele não vai, ele não faria.

— Eu tenho a garça, — lembra ela. — Tenho uma maneira de pedir ajuda se precisar.

— Mas não a minha ajuda — diz ele. Ele odeia o colar, sempre o odiou, mesmo antes de ser contaminado pelo encantamento do Caçador de Sombras. Ele tentou vendê-lo uma vez, sem dizer a ela, porque sabe que sua herança só lhe traz dor; ela o perdoou. Ela sempre o perdoa. — E se você precisar de mim?

Ela sabe que ele odeia isso, a ideia de que ela chamaria um estranho ao invés dele. Ele não entende: isso é porque a vida de um estranho não significa nada para ela. Ela deixaria o mundo queimar se isso significasse manter Jack e Christopher a salvo.

— O que eu preciso é que você o mantenha vivo.

O mundo acredita que Jack — pois foi assim que ela o amou primeiro e como sempre pensa nele — é um bandido. Não confiável, mercenário, sem capacidade de confiança ou amor. Rosemary sabe melhor. A maioria das pessoas é esbanjadora com seus afetos, espalhando-os sem discrição. Jonathan ama apenas duas coisas neste mundo: sua esposa e seu filho.

Ela deseja, às vezes, que ele inclua ele mesmo nessa lista. Ela se preocuparia menos com ele, se achasse que ele permitia qualquer preocupação para consigo mesmo.

— Ok, mas e se vencermos? — ele diz.

— O que você quer dizer?

— Digamos que você derrote as fadas do mal e convença os Caçadores de Sombras que você não tem utilidade para eles. E se todos simplesmente pararem de procurar por você e por Christopher, e finalmente for seguro estarmos juntos. Como você vai nos encontrar?

Ela ri, mesmo em seu desespero. Ele sempre foi capaz de fazê-la rir. Desta vez, porém, ele não vê a piada.

— Isso nunca vai acontecer — diz ela suavemente. — Você não pode arriscar que isso aconteça.

— Então vamos até a Clave, todos nós. Vamos nos lançar à sua misericórdia, pedir sua proteção. Você sabe que eles a darão a você.

Isso tira sua risada abruptamente. Os Caçadores de Sombras não têm piedade. Quem sabe disso melhor do que ela? Ela aperta as mãos dele, aperta o suficiente para doer. Ela é muito forte.

— Nunca — diz ela. — Nunca se esqueça de que os Caçadores de Sombras são uma grave ameaça para Christopher como qualquer outra pessoa. Nunca esqueça o que eles estavam dispostos a fazer ao meu ancestral. A um deles. Eles não vão colocar as mãos nele. Prometa-me.

— Eu prometo. Mas só se você prometer também.

Não há outro jeito. Ele não vai fazer o que ela pede, não vai desaparecer para sempre a menos que ela deixe um fio fino entre eles. Uma esperança.

— O lugar em que você me contou quem você realmente era — diz ele. — O primeiro lugar em que você confiou em mim. Se precisar de ajuda, vá para lá. Ajuda vai te encontrar. Eu vou te encontrar.

— É muito perigoso...

— Você não precisa saber onde estamos. Não precisa nos encontrar. Eu nunca vou procurar por você, eu prometo. E Christopher estará seguro. Mas você, Rosemary... — sua voz captura seu nome, como se ele soubesse quão raramente ele se permitiria falá-lo novamente. — Se você precisar de mim. Eu vou te encontrar.

Eles não dizem adeus. Entre eles, não pode haver adeus. Apenas um beijo que deve durar para sempre. Apenas uma porta fechada, um silêncio, um vazio. Rosemary se afunda no chão, abraça os joelhos, reza para um deus que não acredita para ter força suficiente para nunca se deixar ser encontrada.

— Eu sei como encontrá-lo — disse Tessa, já saindo da transformação. Foi, novamente, mais difícil do que deveria ter sido. Uma fricção desconhecida segurando a forma de Rosemary no lugar.

Exceto que não era totalmente estranho, era? Algo fez cócegas no fundo de sua mente, uma lembrança fora de alcance. Tessa a buscou, quase conseguiu — mas que deslizou para longe, se foi.

Parecia errado estar em Los Angeles sem procurar Emma Carstairs. Mas Jem lembrou a si mesmo que envolvê-la nisso poderia trazer perigo à porta dela, e a garota enfrentara o suficiente. Ela às vezes o fazia lembrar-se de si mesmo — ambos órfãos, criados por um

Instituto, adotados por outra família, mas abrigando, sempre, a dor secreta de perder os seus. Eles haviam encontrado a salvação em um parabatai, e Jem só podia esperar que Emma tivesse encontrado em Julian o que ele sempre encontrara em Will: não apenas um parceiro, mas um refúgio. Um lar. Ninguém, nem mesmo um parabatai, poderia substituir o que foi perdido. Mesmo agora, havia um buraco no coração de Jem, um ferimento cru onde seus pais foram arrancados. Este era um membro que não podia ser substituído, apenas compensado. Como tinha sido quando ele perdeu Will. Como seria se ele perdesse Tessa.

A perda era uma inevitabilidade do amor, do preço inescapável da alegria. Todo mundo tinha que aprender algum dia — talvez fosse isso que significava crescer. Ele desejava, por Emma, que a infância dela pudesse ter durado um pouco mais. E desejava que pudesse estar lá para ela quando esta terminasse. Mas era sempre cálculo frio quando se tratava de Emma Carstairs: equilibrar seu desejo de fazer parte da vida dela com as consequências. Quando era um Irmão do Silêncio, ele a teria provocado com algo que ela não poderia ter — sua única família restante, que poderia, no entanto, não ser sua família. Agora, como Jem Carstairs, ele a teria trazido alegremente aos seus cuidados, mas ele não era mais um Caçador de Sombras — e escolhê-lo significaria que Emma teria que desistir de todo o mundo. A Lei era dura — também era, muitas vezes, solitária.

Ele ficava dizendo a si mesmo: em breve. Logo, quando ele e Tessa firmassem seu relacionamento. Logo, quando ele e Tessa tivessem encontrado o Herondale perdido, aquele pedaço de Will perdido para o mundo de Will. Logo, quando o perigo passasse.

Ele se preocupava, às vezes, que essas fossem todas desculpas frágeis. Ele vivera, de um jeito ou de outro, por quase duzentos anos. Deveria saber agora que o perigo nunca passava. Apenas pausava, e só se você tivesse sorte.

— Tem certeza de que este é o lugar? — Jem perguntou a Tessa. Ela se Transformara em Rosemary novamente, e ele mal podia olhar para ela. Às vezes, Jem sentia falta da distância fria que a Irmandade do Silêncio o forçava, da maneira como nenhuma emoção, por mais poderosa que fosse, podia penetrar em seu coração de pedra. A vida era mais fácil sem sentir. Não era vida, ele sabia. Mas era mais fácil.

— Infelizmente, este é definitivamente o lugar.

Cada cidade tinha um Mercado das Sombras e, de certa forma, eles eram todos do mesmo mercado, ramos de uma única árvore — mas isso não impedia que cada mercado assumisse o caráter de seus frequentadores. Pelo que Jem podia dizer, aqueles de Los Angeles eram: bronzeados, conscientes da saúde e obcecados por automóveis. O Mercado das Sombras ficava localizado em um canto de Pasadena, e tudo lá era brilhante, incluindo seus ocupantes: vampiros com presas brancas, fadas fisiculturistas cujos músculos protuberantes eram cheios de suor dourado, bruxas com cabelos cor de néon e roteiros autografados à venda, ifrits apresentando falsos “mapas estelares” que, em um exame mais detalhado, não tinham nada a ver com astronomia, mas eram de fato mapas de atualizados de Los Angeles com uma pequena fotografia de Magnus Bane marcando cada local em que o infame feiticeiro causara algum caos infame. (Tessa comprou três deles.)

Eles entraram na multidão o mais rápido que puderam. Jem ficou aliviado por não usar mais as vestes da Irmandade do Silêncio, a marca inerradicável de seu credo. Havia um gostinho nos limites do Mercado das Sombras, uma sensação de que as regras só se aplicavam aqui na medida em que alguém estivesse disposto a aplicá-las. As fadas se divertiam abertamente com

seus colegas do Submundo; feiticeiros faziam negócios com mundanos que nunca deveriam ser feitos; Caçadores de Sombras eram, por razões óbvias, indesejados.

Seu destino estava além do caos alegre. No limiar entre o Mercado das Sombras e as sombras, havia uma estrutura em ruínas, sem placas e sem janelas. Não havia nada que sugerisse que fosse algo além de uma ruína, certamente nada para marcá-la como um decadente bar do Submundo, um lar longe do lar para os seres do Submundo que achavam que nem mesmo o Mercado das Sombras não era sombrio o bastante. A última coisa que Jem queria fazer era deixar Tessa entrar, especialmente usando o rosto de alguém que a Corte Unseelie pretendia assassinar — mas desde que a conhecia, ninguém deixava Tessa fazer nada.

De acordo com Tessa, Rosemary e seu marido fizeram um acordo. Se Rosemary precisasse dele, ela viria a este lugar, de alguma forma ele saberia que ela precisava dele, e ele apareceria. Era aquela parte do meio do plano que parecia um pouco vaga, mas não havia saída além de seguir em frente, Tessa dissera alegremente, em seguida, beijou-o. Mesmo no corpo de outra pessoa, mesmo com os lábios de outra pessoa, seu beijo era todo Tessa.

Eles entraram. Tessa foi primeiro, Jem seguindo alguns minutos depois. Parecia prudente parecer que não estavam juntos. O bar não era lá muita coisa. Era tão desordenado por dentro como fora. O grande lobisomem da porta farejou-o uma vez, com cautela, grunhiu algo que soou como comporte-se, depois acenou para dentro. As paredes desmoronadas estavam enegrecidas por marcas de queimado, o chão respingado de cerveja e, pelo cheiro, icor. Jem furtivamente observou os outros clientes em busca de uma ameaça em potencial: uma fada de biquíni dançando lentamente sozinha, apesar do silêncio, oscilando bêbada em seus saltos altíssimos. Um licantrope envolto em uma capa de seda esfarrapada, caído de bruços na mesa, seu cheiro sugerindo que estava lá há dias. Jem observou-o tempo suficiente para ter certeza de que ele ainda estava respirando, então se sentou no bar. O barman, um vampiro encarquilhado e careca que parecia estar se escondendo do sol desde muito antes de se transformar, olhou para Jem de cima a baixo, então deslizou-lhe uma bebida. O copo estava manchado, seu conteúdo era verde-claro. O que quer que flutuasse no centro, parecia que poderia estar vivo. Jem decidiu que provavelmente era mais seguro ficar com sede.

A três bancos de distância, Tessa curvou-se sobre o próprio copo. Jem fingiu não notar. A fada se esgueirou entre eles, sua cauda bifurcada acariciando a borda do copo de Jem.

— O que um cara como você e et cetera?

— Desculpe-me?

— Você sabe, todo alto, moreno e bonitos e... — ela disparou um olhar para o homem no canto, agora roncando com tanta força que sua mesa sacudia embaixo dele a cada expiração — tudo em cima. Você não parece o tipo de cara que fica por aqui.

— Você sabe o que dizem sobre livros e capas — disse Jem.

— Então você não é tão sozinho quanto parece?

Jem percebeu que Tessa, fingindo não ouvir, reprimia um sorriso — e só então entendeu que a fada estava flertando com ele.

— Eu poderia ajudá-lo com isso, você sabe — disse ela.

— Eu vim aqui para ficar sozinho, na verdade — respondeu Jem, educadamente, como pôde. A cauda da fada escorregou do copo para a mão dele, percorrendo os dedos. Jem se afastou. — E, hã, sou casado.

— Que pena. — Ela se inclinou, muito perto, seus lábios roçando a orelha dele. — Vejo você por aí, Nephilim. — Ela se afastou do bar, liberando Jem para se concentrar totalmente na conversa que Tessa estava tendo com o barman.

— Eu a conheço? — perguntou o barman.

Jem ficou rígido.

— Eu não sei — disse Tessa. — Conhece?

— Você parece familiar. Um pouco como uma garota que costumava entrar aqui o tempo todo, com o namorado. Má influência, aquele cara, mas ela não ouviria. Caída de amor, como só uma criança pode ser.

Com o canto do olho, Jem pegou o leve sorriso de Tessa.

— Ah, eu não sei se colocaria um limite de idade para se cair de amor.

O barman lançou-lhe um olhar avaliador.

— Se você diz. Não esta menina, no entanto. Ela cresceu para ser do tipo sozinha. Fugiu dele e do filho deles, ouvi dizer.

— Terrível. — Tessa disse secamente. — E o Sr. Má Influência?

— Talvez não seja uma má influência. Fiel o suficiente para voltar para cá depois de todos esses anos. O tipo de cara que um certo tipo pode contar quando se precisa de ajuda, se é que você me entende.

— E como o tipo certo de pessoa poderia encontrá-lo? — Tessa perguntou. Jem podia dizer que ela estava se esforçando muito para manter a ansiedade fora de sua voz.

O barman limpou a garganta, começou a limpar o bar sem entusiasmo.

— O tipo certo de mulher, eu soube, saberia exatamente como encontrá-lo — disse ele, sem olhar para ela. — Porque ele é exatamente o mesmo pássaro que costumava ser, apenas mudou um pouco o look. — Ele colocou ênfase especial nas palavras, e Jem podia dizer pela expressão de Tessa que elas significavam algo para ela. Seu coração pulou.

Tessa ficou de pé e jogou alguns dólares no bar.

— Obrigada.

— Qualquer coisa pela menina tão bela quanto uma rosa. Boa sorte com... — A adaga pareceu se materializar no centro de sua testa. Ele estava morto antes de atingir o chão. Jem e Tessa se viraram para encontrar Fal de Mannan e seu cavalo de bronze trovejando pela porta, avançando sobre eles com velocidade inumana, a espada longa de Fal descendo, o corpo de

Jem reagindo antes que sua mente tivesse tempo de processar, cada segundo de uma vida de treinamento dos Caçadores de Sombras derramado em uma tempestade de ataques, chutes, lutas, pulos — tudo isso em menos de um segundo, tudo isso ineficaz, porque a lâmina já estava descendo, estava derrubando Tessa no chão em uma pilha de sangue e carne, e Fal de Mannan, insensível, já tinha voado no momento em que Jem caiu de joelhos ao lado de sua forma pálida.

— Eu sugiro que você permaneça morta desta vez — a fada aconselhou, e foi embora.

Ela estava tão pálida.

Suas feições estavam derretendo de volta para ela própria. A Transformação era sempre liberada quando ela perdia a consciência, mas algo estava errado desta vez, quase tão inquietante quanto a ferida. Suas feições quase retornaram às de Tessa quando, como um elástico esticado de repente libertado, elas voltaram para Rosemary. E voltaram a ser Tessa, e novamente Rosemary, como se o corpo dela não pudesse decidir quem queria ser. Jem apertou o ferimento, tentando manter o sangue, não se importava com quem ela parecia, só queria que seu corpo escolhesse a vida em vez da morte. A fada do biquíni. O pensamento cortou sua névoa de pânico. Talvez ela tivesse sido plantada lá para espionar para os Cavaleiros, sabendo que este lugar tinha um significado especial para Rosemary e sua família; talvez ela simplesmente reconhecesse “Rosemary” como uma mulher com um alvo nas costas, uma mulher que deveria estar morta, e cumpriu seu dever de fada. Não importava como isso tinha acontecido. O que importava era que Jem a tinha ignorado como uma ameaça, o que tornava isso sua culpa, e se Tessa não...

Mas ele parou o pensamento antes que pudesse continuar. O ferimento teria matado um mundano. Talvez até um Caçador das Sombras. Mas o corpo de Tessa se moldou à forma de Rosemary no momento do ataque, a forma de uma mulher que não era apenas Caçadora de Sombras, mas herdeira do trono das fadas — quem sabia que magia o corpo poderia estar trabalhando em sua luta pela sobrevivência. Talvez fosse por isso que a Transformação não a deixasse — talvez esse fosse o jeito de seu corpo impedir a morte até que ela pudesse se curar. Tessa gemeu. Jem pegou Tessa em seus braços, implorando para ela aguentar.

Ele aprendeu muito sobre cura na Irmandade do Silêncio e fez o que pôde. Pensou em como ela se sentou no que todos pensavam ser o seu leito de morte, seu suprimento de yin fen finalmente acabado, o veneno demoníaco que ultrapassava seu sistema, e lembrou de ter dito a ela que ela tinha que deixá-lo ir. Ele também se lembrava de estar sentado com um Will agonizante, dando-lhe permissão para partir. Ele não sabia se era força ou egoísmo agora, mas ele se recusava a fazer o mesmo por Tessa. Ainda não: esperaram tanto tempo por uma vida juntos. Eles tinham acabado de começar.

— Fique — ele implorou. — Lute.

Ela estava tão fria. Tão leve em seus braços. Como se algo essencial já tivesse fugido.

— Custe o que custar, você fica aqui. Eu preciso de você, Tessa. Eu sempre precisei de você.

Ela não estava morta. Um dia inteiro se passou e ela não estava morta. Mas também não estava acordada, e ela não parava de mudar, de Tessa para Rosemary e vice-versa. Às vezes durava minutos, uma vez até uma hora, em uma única forma.

Às vezes, a mudança passava de uma para a outra tão rapidamente que ela parecia não ter forma alguma. Sua pele estava escorregadia de suor. No começo, estava fria ao toque. Então, quando a febre a atravessou, queimava. Ela recebeu remédios — para estancar a perda de sangue, para lhe dar força, resistência — remédios que Jem, não sendo mais um Irmão do Silêncio, não podia conseguir sozinho. No momento em que Jem a levou para a segurança, ele convocou ajuda.

Ou melhor, porque ele e Tessa não faziam parte da Clave e não tinham direito sobre a Irmandade do Silêncio, nenhum poder com o qual convocar, ele pediu ajuda. Implorou por isso. Agora o Irmão Enoch estava aqui, misturando tônicos, encenando os complicados e secretos rituais que Jem já fora capaz de realizar sozinho. Nunca antes ele se arrependeu de deixar a Irmandade do Silêncio, retornando a terra dos mortais e do perigo mortal, mas para salvar Tessa, ele teria alegremente prometido o resto de sua eternidade àquelas vestes de pergaminho, aquele coração de pedra. Em vez disso, ele podia apenas ficar ao lado de Enoch, desamparado. Sem utilidade. Às vezes, o Irmão Enoch até o fazia sair do quarto.

Ele entendia; ele próprio fizera o mesmo, muitas vezes, se escondendo com o paciente, sem nunca pensar muito na tortura que seu amado poderia sentir do outro lado da porta. Em sua primeira vida, o próprio Jem tinha sido o paciente, Tessa e Charlotte e Will pairando ansiosamente ao redor de sua cama, lendo para ele, murmurando em vozes reconfortantes enquanto ele nadava entre a escuridão e a vigília, esperando que ele ficasse mais forte a cada dia, mas ele não iria.

Exilado no corredor do pequeno apartamento que Magnus — via sua rede sempre expansiva e sempre ambígua de “amigos” — tinha assegurado para eles, Jem encostou-se a parede. Me desculpe, Will, ele pensou. Eu nunca soube.

Assistir a pessoa que você mais ama lutar por cada respiração. Observá-la escapulindo, impotente para ajudar. Ver o rosto que você ama se contorcer de dor, o corpo que você morreria para proteger tremendo, estremecendo, quebrado. Não era que Jem nunca tivesse suportado isso antes. Mas sempre antes, houve um intercessor entre ele e o horror bruto da ausência. Enquanto crescia como Caçador de Sombras, Jem sempre tinha, no fundo de sua mente, consciência do fato de que morreria jovem. Ele sabia que provavelmente morreria muito antes de Will ou Tessa, e mesmo quando Tessa ou Will se atiravam ao perigo — como costumava acontecer — havia uma parte de Jem que entendia que ele não seria forçado a ficar muito tempo em um mundo sem eles. Houve momentos também, na Irmandade do Silêncio, quando ele ficou ao lado de Will ou Tessa, incerto se eles viveriam ou morreriam — mas a dor disso sempre foi atenuada pela mesma distância fria que mitigava todo o resto. Agora, porém, não havia nada em seu caminho, nada para distrair seu olhar da terrível verdade disso. Tessa poderia morrer, e ele viveria sem ela, e não havia nada a fazer a não ser esperar e ver. Suportar isso tomou toda a força que Jem tinha.

Will nunca tinha se esquivado do sofrimento de Jem — repetidas vezes, ele havia suportado. Ele se sentou ao lado da cama de Jem, segurou a mão de Jem, viu Jem nas horas mais negras. Você foi o homem mais forte que conheci, Jem disse silenciosamente para seu amigo perdido, e eu nunca soube da metade disso.

A porta se abriu, e o Irmão Enoch emergiu. Jem ainda se maravilhava com o quão estranho os Irmãos do Silêncio pareciam para ele agora que não estava mais entre eles. Levou algum tempo para se acostumar com o silêncio em sua mente, o coro de vozes que o acompanhara a

cada momento por décadas e desaparecera de repente. Mas agora ele não podia imaginar. Parecia tentar lembrar de um sonho.

— Como ela está?

A ferida não é mais uma ameaça mortal. Suas habilidades de transformação de forma parecem ter impedido que ela tivesse o efeito esperado.

Jem quase desmaiou de alívio.

— Eu posso vê-la? Ela está acordada?

O rosto marcado de runas do Irmão do Silêncio estava imóvel, os olhos e a boca costurados, e Jem ainda podia sentir sua preocupação.

— O que foi? — ele perguntou. — O que você não está me dizendo?

A ferida está cicatrizando. Sua Transformação a salvou, mas temo que agora seja a mudança que representa a maior ameaça. Seu corpo e sua mente estão presos dentro dela. Ela parece incapaz de encontrar seu caminho de volta para si mesma — a Transformação não a deixará ir. É como se ela tivesse perdido o controle sobre o que a faz, essencialmente, Tessa Gray.

— Como podemos ajudá-la?

Houve um verdadeiro silêncio então.

— Não. — Jem se recusou a aceitar isso. — Há sempre alguma coisa. Você tem um milênio de conhecimento para explorar. Deve haver alguma coisa.

Em todos esses anos, nunca houve um ser como Tessa. Ela é uma mulher forte e poderosa. Você deve ter fé, ela encontrará seu próprio caminho para casa.

— E se ela não o fizer? Ela só ficar assim no limbo para sempre?

A mudança tem seu preço, James. Toda transformação requer energia, e nenhum corpo pode sustentar este nível de energia indefinidamente. Nem mesmo o dela.

A voz na cabeça de Jem era tão fria, tão medida, que era fácil imaginar que ele não se importava nem um pouco. Jem sabia melhor. Era simplesmente que o cuidado, por um Irmão do Silêncio, tinha uma forma diferente, estranha. Esse tanto, Jem podia lembrar: a distância fria da vida. A calma inumana com que os eventos eram processados. Palavras como cuidado, necessidade, medo, amor: elas tinham significado; era apenas um significado irreconhecível para qualquer um que não pudesse dormir, comer e falar, que vivesse uma vida de paixões animais.

Ele se lembrava de quão grato ele era pelos raros momentos — quase sempre, um momento com Tessa — no qual ele sentiu uma centelha de verdadeira emoção. Como ele ansiava pelo fogo da paixão humana, pelo privilégio de sentir novamente, até mesmo medo, até tristeza.

Agora ele quase invejava o Irmão Enoch, o gelo. Esse medo, essa tristeza; era grande demais para suportar.

— Quanto tempo, então?

Você deveria ir até ela agora. Fique com ela, até... Até acabar, de um jeito ou de outro.

Tessa sabe e não sabe que isso é um sonho.

Ela sabe que Jem está vivo e então deve ser um sonho, esse cadáver em seu colo usando o rosto de Jem, este corpo em decomposição nos braços, pele arrancada dos músculos, músculo esfolado dos ossos, ossos se dissolvendo em pó. Ele pertenceu a ela, tão brevemente, e agora ele era pó, e ela estava sozinha.

Ele está frio, ele está sem vida, ele é carne, o Jem dela, carne de vermes, e eles eram enxame em sua carne, e de alguma forma ela podia ouvi-los, comendo e devorando, milhões de bocas mordiscando-a até o nada, e ela grita seu nome, mas não há ninguém para ouvir além dos minúsculos vermes contorcidos, e ela sabe que é impossível, mas ainda assim, ela pode ouvi-los rir.

Jem está vivo, seus olhos brilham de rir, seu violino apoiado no queixo, sua música, a música que ele escreveu para ela, o canto de sua alma, e a flecha que navega em sua direção é rápida e segura e coberta de veneno, isso perfura seu coração, a música para. O violino se quebra. Tudo é silêncio para sempre.

Ele se joga entre ela e o demônio Mantid e ela é salva, mas ele é espetado no estômago, e quando consegue recuperar o fôlego o suficiente para gritar, ele se foi.

O demônio Dragonidae bafeja uma nuvem de fogo e as chamas o consomem, um fogo azul e branco ofuscante que o queima de dentro para fora, e ela assiste as chamas dispararem de sua boca, observa seus olhos derreterem com o calor e correrem para baixo nas bochechas, e sua pele estala como bacon, até que, quase misericordiosamente, a luz é brilhante demais, consumindo tudo, e ela se afasta, apenas por um único momento de fraqueza, mas quando ela se volta, há apenas uma pilha de cinzas. Tudo o que era Jem se foi.

Um flash de espada, e ele se foi.

Uma besta grita ao descer do céu, uma garra raspou a pele pálida e ele se foi.

E ele se foi.

Ela está viva e está sozinha e ele se foi.

Quando ela não aguenta mais, quando vê o amor morrer dez vezes, uma centena de vezes, sente seu próprio coração morrer com ele, quando não há mais nada a não ser um oceano de sangue e um fogo que é queimado, exceto a dor excruciante. De perda após perda após perda, ela foge para o único lugar que pode, o único porto seguro do horror.

Ela foge para Rosemary.

O ar da noite é denso e doce com jacarandá. O rugido quente dos ventos de Santa Ana parece um secador de cabelo voltado para o rosto dela. Suas mãos estão arranhadas e

ensanguentadas dos espinhos da treliça, mas Rosemary mal percebe. Ela desce da treliça, excitação que surge através dela no momento em que seus pés tocam o cimento. Ela conseguiu. A mansão brilha perolada ao luar, um imenso monumento ao privilégio e à privacidade. No interior, protegidos por seus alarmes e patrulhas de segurança, seus pais dormem profundamente, ou pelo menos tão profundamente quanto dois paranoicos. Mas Rosemary é livre durante a noite.

Ao redor do quarteirão, um Corvette negro como azeviche está parado no meio-fio, seu motorista na sombra. Rosemary pula dentro e o favorece com um longo e profundo beijo.

— Desde quando você tem um Corvette?

— Desde que encontrei esse rapazinho estacionado atrás do In-N-Out, implorando por um novo dono. Como um cachorrinho perdido — disse Jack. — Eu não poderia exatamente dizer não, eu poderia.

Ele pisa no acelerador. Eles se afastam rapidamente, os guinchos das rodas rompendo o silêncio de Beverly Hills.

Ele está mentindo sobre como conseguiu o carro, provavelmente. Ele mente sobre tudo, seu Jack Crow. Provavelmente está mentindo sobre o nome dele. Ela não se importa. Ela tem dezesseis anos, não precisa se importar, só precisa ver o mundo, o mundo real, o Submundo, o mundo do qual seus pais estão tão odiosamente determinados a mantê-la longe, e ele está feliz em mostrar a ela. Ele é apenas um ano mais velho que ela, assim ele diz, mas já viveu o suficiente por vinte vidas.

Eles se conheceram na praia. Ela estava matando aula; estava sempre faltando na escola; procurando problemas, sem perceber que procurava por ele. Ele apontou para um casal que passeava, bronzeados, de cabelos dourados e brilhantes, como se tivessem saído de um catálogo de Los Angeles, para que ela lhes pedisse informações, distraíndo-os enquanto ele levava a bolsa. Não que ele tivesse dito a ela que esse era o plano. Ele não lhe disse nada antes do tempo, além de confie em mim, e então ela esperou até que eles estivessem sozinhos, compartilhando um burrito comprado com o dinheiro roubado, para perguntar por que ele não estava mais preocupado por roubar de fadas. Não lhe ocorrera que ela tinha a Visão, que ela podia ver a verdade sob o glamour deles. Ela disse, “O que você achou, que eu fosse apenas uma menina rica entediada?” Ele concordou. Ela o informou que era uma menina rica entediada: entediada porque podia ver quão mais interessante o mundo poderia ser. Ele disse, “O que você acha de mim, que sou apenas um bad boy bonitinho que você pode usar para irritar mamãe e papai?” Ao que ela respondeu “Se mamãe e papai soubessem que você existe, eles o matariam. E ninguém disse que você era bonitinho.” Uma verdade e uma mentira: ele era muito, muito bonitinho, com cabelos escuros sobre olhos castanhos encobertos, sorriso esperto que era aberto apenas para ela, o rosto como uma rocha, afiado em todos os lugares certos. Era verdade que, se os pais dela soubessem, eles o iriam querer morto. Que geralmente era tudo o que precisava. Naquele primeiro dia, ele a levou para um café no Submundo em Veneza. Ela sempre teve a Visão, e sua mãe também, claro. Mas seus pais lutaram tanto para mantê-la longe do Submundo, para impedi-la de conhecer suas delícias e terrores. Este era sua primeira prova; literalmente, um sundae que, o que quer que as fadas tivessem infundido, tinha gosto de sol de verão. Quando ela o beijou, ele tinha gosto de chocolate.

Esta noite, ele finalmente, após semanas de súplicas, a levava ao Mercado das Sombras. Ela vive por essas noites com ele; não apenas por causa dele, mas por causa do mundo que ele abriu para ela.

Ele está certo, também, porque ela sabe o quanto isso iria irritar seus pais. Ele a faz esperar com as ninfas vendedoras de pulseiras de algas marinhas enquanto conduz seus negócios, então ela espera e observa e se pergunta sobre o caos mágico rodopiando ao seu redor. Ela não está tão boquiaberta que não percebe a figura encapuzada sombreando Jack, o licantrópe com bigode que o segue quando ele passa, o djinn que fica tenso com a aproximação dele, e lança um olhar para alguém atrás dela, e ela não conhece o Submundo, mas foi ensinada desde a infância a reconhecer o perigo, a sentir os sinais dos inimigos à espreita. Ela foi educada apenas nas hipóteses da batalha, aprendeu a avaliar, lutar, criar estratégias, fugir, tudo no conforto mimado de sua própria casa, e sempre se perguntou se a prática poderia prepará-la para a realidade, se seu treinamento evaporaria na cara do terror. Agora ela sabia a resposta: ela reconhecia uma emboscada quando via uma, e não havia hesitação sobre o que fazer a seguir.

Ela grita. Cai no chão. Agarra o tornozelo. Gritos — Jack, Jack, Jack, algo me mordeu, eu preciso de você, — e como um raio ele está ao seu lado, uma ternura em seu rosto que ela nunca soube que era possível. Ele a pega em seus braços, murmura garantias, até que ela sussurra seu aviso em seu ouvido, — emboscada, — e eles correm.

O Corvette é cercado por três lobisomens. Jack grita para ela correr, se salvar, enquanto ele se lança na luta, mas ela não recebeu todas aquelas horas e anos de treinamento para simplesmente correr. É diferente, lutar contra um inimigo real; mas não tão diferente. Ela gira e pula, tira a adaga de seus coldres de tornozelo, golpes e facadas, e ela pode sentir o calor em suas bochechas, o fogo em seu coração enquanto os lobisomens fogem derrotados e ela e Jack se jogam no Corvette, acelerando, ultrapassando limites de velocidade nas colinas e ao redor das curvas fechadas de Mulholland Drive, sem falar, sem olhar um para o outro, até que ele se vira com dificuldade para um mirante e o carro grita até parar. Então ele está olhando para ela. Deixe-me adivinhar, ela diz, eu nunca pareci mais bonita. Ela sabe que suas bochechas estão vermelhas, seu rosto reluzindo, seus olhos brilhando. Ele disse Quem se importa como você parece. A maneira como você lutou! A maneira como você pensa! Ele pergunta onde ela aprendeu a fazer o que ela faz. Ela não pode dizer a ele que seus pais se certificaram de que ela soubesse se defender, que ela não saía de casa sem uma arma desde os cinco anos de idade. Ela simplesmente disse que há muitas coisas que ele não sabe sobre ela. Ele diz que sabe o suficiente. Ele diz Acho que estou apaixonado. Ela bate nele, diz que é rude dizer isso como uma piada, mesmo para uma garota como ela, dura como adamas. Ele diz, O que a faz pensar que estou brincando?

Seus pais querem se mudar de novo.

Ela se recusa. Não desta vez, não de novo.

Eles querem saber se é por causa dele, Aquele garoto, aquele com quem você foge, e ela não pode acreditar que eles sabem. Eles a estão seguindo. Eles não estão arrependidos. Eles dizem que ela não entende quão perigoso é o mundo, esse mundo, o Submundo, e ela diz que é

porque eles não a deixam. Com dezesseis anos de idade e ela nunca morou em um lugar por mais de um ano, porque nunca param de se mudar.

Quando ela era criança, ela aceitava suas explicações, acreditava no conto de fadas de pesadelo do monstro espreitando no escuro, ansiando por destruí-los. Mas o monstro nunca se mostrou, o perigo nunca se manifestou, e ela começou a se perguntar se seus pais são simplesmente paranoicos, se correr e se esconder tornou-se mais fácil para eles do que ficar parado.

Não é fácil para ela. Ela nunca teve uma amiga de verdade, porque é proibida de contar a alguém quem ela realmente é.

Ela está sozinha.

Ela tem uma coisa: ele. Ela não vai deixar que eles levem isso embora.

A mãe dela diz Você tem dezesseis anos, tem tempo de sobra para preencher sua vida com amor, mas só se a gente a mantiver viva tempo suficiente para fazê-lo. Ela responde que já está enchendo sua vida com amor, ela o ama, ela fica. O pai dela diz: Você é jovem demais para saber o que é o amor. Ela pensa em Jack, no toque da mão dele, o riso silencioso em seu sorriso torto. Ela pensa sobre ele segurando um guarda-chuva sobre a cabeça para protegê-la da chuva, sobre ele pedir para ela ensiná-lo a lutar, para que ele possa se proteger. Ela pensa em treiná-lo, como ele ama que ela seja mais forte, mais rápida, melhor e pensa em sentar com ele, imóvel e em silêncio, observando as ondas.

Ela é jovem, mas ela sabe. Ela o ama.

O pai dela diz que eles estão saindo de manhã, todos eles, uma família. Ele diz que ela não vai mais sair se esgueirando.

Então ela corre para a porta à vista de todos, abertamente desafiando seus pais pela primeira vez, e eles são muito lentos, seus avisos tão familiares, para impedi-la. Ela sai, sem ter para onde ir; Jack está cuidando de algum negócio tipicamente vago em algum lugar vagamente no centro, e então ela caminha pelas ruas desertas, contornando rodovias, derretendo nas sombras de passagens subterrâneas, mata os minutos até ter certeza de que seus pais foram dormir. Ela sabe exatamente como entrar na casa sem acordá-los, mas não há necessidade.

As portas estão escancaradas.

O corpo de sua mãe está na grama, em pedaços.

O sangue de seu pai está acumulando na entrada de mármore. Ele está esperando por ela. Ele diz, Eles nos encontraram. Ele diz Prometa-me que você desaparecerá. E ela promete, promete e promete, mas só tem o cadáver dele para ouvir.

Ela foge sem documentos ou cartão de crédito, nada que possa ser usado para rastreá-la, não que o inimigo use a tecnologia para rastrear, mas essas coisas nunca podem ser contadas, e seus pais estão mortos.

Seus pais estão mortos.

Seus pais estão mortos, porque ela diminuiu a velocidade, porque eles sabiam que era hora de ir e ela insistiu que eles ficassem, ela lutou, ela reclamou e ela se manteve contra eles e agora eles estão mortos.

Ela espera no bar favorito de Jack, aquele do Mercado das Sombras que tenta o seu melhor para parecer que não existe. Ela espera por ele lá, porque ele sempre volta, eventualmente, e quando ele chega, alarmado por vê-la coberta de sangue, ela desmaia em seus braços.

Então ela diz a verdade.

Ela conta a ele que é uma Caçadora de Sombras, por linhagem, e não por escolha. Ela é fada, por espírito e sangue, e não por escolha. Ela conta a ele que ela é caçada, ela é perigosa para todos aqueles que amam, e ela está indo embora para sempre. Ela diz a ele que isso é um adeus.

Ele não entende. Ele quer vir com ela. Ela tenta novamente. Diz-lhe que a Corte Unseelie a quer morta, enviou um antigo grupo fadas assassinas com poderes divinos para matá-la. Permiti-lo ficar com ela significaria assinar sua sentença de morte. Ela diz a ele que ficar com ela significaria desistir de sua identidade, sua cidade, toda sua vida. Ele diz: Você deveria ser inteligente, mas não entende. Você é minha vida. Você é minha identidade. Eu não vou desistir de você. Quanto a tudo mais? Ele encolhe os ombros. Quem precisa disso?

Ela ri. Ela treme de rir. Não pode acreditar que está rindo. Em seguida, sente a umidade em sua bochecha, sente-o pressionar o rosto dela contra o seu peito, envolve os braços ao redor dela, e ela percebe: ela não está rindo, está chorando. Ele promete que sempre a protegerá. Ela diz em voz alta, pela primeira vez na vida: Eu sou um Herondale. Eu protegerei você. Ele diz que é um acordo.

Não parecem viver em fuga. Parecem pedras caindo sobre um lago. Eles mergulham em uma vida, onde quer que eles estejam — Berlim, Tóquio, Rio, Reykjavik — estabelecem identidades, conexões com o Submundo, e quando Jack queima pontes demais ou Rosemary fareja uma fada, ou como uma vez em Paris, eles descobrem um Caçador de Sombras em seus rastros, eles eliminam suas identidades, mudam seus nomes e rostos, ressurgem em outro lugar. Eles consideraram, às vezes, ir à clandestinidade, viver como mundanos, mas essa foi a escolha de seus pais, e isso se mostrou fatal. Eles serão mais inteligentes, mais seguros e, quando criarem novas identidades para si próprios, construirão uma rede de contatos para chamarem, se necessário.

Contatos, mas nunca aliados, nunca amigos, nunca alguém que faria muitas perguntas quando aparecessem ou desaparecessem. Sem obrigações, sem vínculos, sem raízes. Eles precisam apenas um do outro — e então eles tiveram Christopher, e tudo mudou.

Ela insiste em ter o bebê em segredo. Ninguém pode saber que há outro elo nesta corrente amaldiçoada. Mesmo quando estava grávida, ela percebe mais tarde, ela entendia em algum nível o que teria que fazer.

Uma vez que ela tem Christopher, finalmente entende seus pais, suas vidas consumidas pelo medo. Não por si, mas por ela. Ela se recusa a impor isso ao filho. Ela quer uma vida melhor para ele, algo mais que arame farpado e alarmes de segurança. Ela quer que ele tenha um lar. Ela quer que ele conheça a confiança, conheça o amor. Ela quer salvá-lo de se esconder.

Jack odeia isso. Então você quer protegê-lo de ter que manter seu segredo, mantendo-o por ele? Você quer impedi-lo de saber que ele tem um segredo? E ela diz Sim, exatamente, e então ele crescerá sem medo do mundo.

Jack diz que crescer sem medo do mundo é uma boa maneira de ser destruído por ele.

Ela espera até que o bebê tenha idade suficiente para comer comida sólida, com idade suficiente para sobreviver sem ela, ou — mais precisamente — que ela consiga convencer a si mesma de que ele pode sobreviver sem ela. Ela não sabe se pode sobreviver sem ele, sem nenhum deles, mas é hora.

Ela os manda embora.

Ela está deitada no chão. Ela está morrendo. Há estranhos aqui, mas ela está sozinha.

Ela está se escondendo no lugar secreto em sua mente, onde ela mantém suas memórias de Jack e Christopher. Ela pensa, talvez soubesse que isso era inevitável, por que mais voltaria para Los Angeles, onde seria tão fácil encontrá-la?

Ela está tão cansada de ficar sozinha. Está cansada de sentir falta do filho e do marido, cansada de não se obrigar a procurá-los. Pelo menos em Los Angeles, ela pode se sentir perto do passado, da família que está perdida para ela. Esta é a única cidade em que já se sentiu em casa, porque foi onde ela encontrou seu lar nos braços de Jack, e em seus momentos mais fracos, foi onde imaginou um lar para eles, Rosemary e Jack e Christopher, uma família de novo, uma vida de conto de fadas no bangalô. Ela plantou um jardim que achava que Christopher gostaria. Encheu seus dias imaginando-os com ela, e agora, morrendo, os imagina ainda com ela.

Talvez ela tenha vencido. Talvez Fal acredite que a linhagem morreu com ela, e Christopher pode estar seguro. Este é o alívio em morrer. Isso, e saber que, se ela estiver errada, se ela falhar, ela será salva de não ter que vê-lo sofrer. Ela nunca o verá morrer por causa de quem é sua mãe. Este é seu último pensamento, enquanto a dor a leva à escuridão. Ela nunca terá que conhecer um mundo sem Christopher...

E então ela é Tessa novamente, e está ao lado de Will, e Jem está lá, e Will está escapulindo, e ela está tentando entender como vai enfrentar um mundo sem ele.

E então Tessa está em uma ponte, o Tâmbisa abaixo dela, um milagre ao seu lado. O amor despertou, o amor voltou. Jem, o verdadeiro, real, de carne e sangue James Carstairs, voltou para ela do silêncio e pedra, e Tessa, cujo coração permaneceu tão cheio ao longo dos anos e anos de dias vazios, finalmente não está mais sozinha.

E então ela está de pé junto a um grande mar, montanhas imponentes contra um céu cristalino. As ondas batem alto e límpidas contra a praia, e Jem está ao lado dela, seu rosto tão bonito quanto o mar. Ela sabe que esse momento nunca existiu, mas aqui estão eles, juntos. Eu não posso acreditar que isso é real, ela diz, que você está aqui comigo.

Volte para mim, Jem diz.

Mas ela está bem aqui, com ele.

Fique comigo, diz Jem. Por favor.

Mas aonde ela iria?

Ele está envelhecendo, bem na frente dela, pele flácida, cabelos grisalhos, carne murchando dos ossos, e ela o está perdendo, ela vai vê-lo morrer enquanto assiste todos morrerem, ela terá que aprender tudo de novo para sobreviver. Um mundo sem amor.

Ele diz: Por favor, Tessa, eu te amo.

Ele está desmoronando diante de seus olhos, e ela pensa em Rosemary, suportando tantos anos sem os que mais amava; sabendo que sua família vivia, mas não podia estar com ela; e ela é grata, porque Jem está aqui. Agora. Isso é suficiente, ela diz para Jem. Nós temos agora. Nós temos um ao outro.

Jem diz, Por favor, Tessa, fique comigo, eu te amo, e ela se agarra a ele, e vai continuar segurando, enquanto puder, sem medo de...

Tessa acordou e encontrou Jem ao seu lado, sua mão quente na dela, os olhos fechados, a voz baixa, urgente, cantando, "Fique comigo, eu te amo, fique comigo..."

— Aonde eu iria? — ela pergunta fracamente, e seu olhar encontrou o dela, seu rosto se dividiu no sorriso mais bonito que já vira.

Tudo doía, mas a dor era uma lembrança bem-vinda da vida. Os lábios de Jem eram incrivelmente macios contra os dela, com se temesse que ela fosse quebrar. Tessa não reconheceu o quarto em que estava deitada, mas reconheceu a figura encapuzada que deslizou para dentro do quarto por causa do chamado frenético de Jem.

— Irmão Enoch — ela disse calorosamente. — Já faz algum tempo.

Ele tem estado muito preocupado com você, o Irmão do Silêncio falou em sua mente.

Os sonhos febris de Tessa já estavam desaparecendo, mas ela sentia como se vibrasse com amor e desespero. Ela entendeu o alívio do pânico nos olhos de Jem, porque ela tinha vivido dentro de seu próprio terror, assistindo-o morrer de novo e de novo, e mesmo agora, acordada, os sonhos pareciam sólidos demais, muito parecidos com a memória.

Ela sentiu os traços de Rosemary em sua mente, aqueles últimos segundos desesperados da vida dando lugar à morte, quase de bom grado, e entendeu: era mais fácil proteger as pessoas que você ama do que vê-las morrer em seu lugar. Que escolhas horrendas a mortalidade tinha a oferecer.

Essa foi a barganha do diabo do retorno de Jem, a verdade da qual ela tentou escapar.

Ele poderia viver para sempre, mas nunca viver de verdade; nunca amar; ou ela poderia tê-lo de volta, totalmente vivo e completamente mortal, inevitavelmente para perdê-lo para sempre. Não tinha sido escolha dela, é claro. Mas Jem a escolheu. Ela nunca poderia se arrepender disso. O Irmão do Silêncio pediu que Jem saísse e os deixasse a sós por um momento, e Jem, dando um último beijo em sua testa, se despediu. Tessa se apoiou na cama, sua força já voltando.

Você se lembra do que aconteceu? Irmão Enoch perguntou.

— Eu lembro que Fal atacou, e então... havia tantos sonhos, e eles eram tão vividos. E... — Tessa fechou os olhos, tentando recuperar os detalhes das entranhas vidas que ela viveu em sua cabeça. — Eles não eram todos meus.

Você ficou presa por vários dias dentro da Transformação — disse o Irmão Enoch.

— Como isso pôde acontecer? — Tessa perguntou, alarmada. Quando ela primeiro experimentou seus poderes, sempre havia medo ligado à Transformação. Deixar-se afundar no corpo e na mente de outra pessoa era se arriscar. Demorou muito tempo para conseguir confiar na Transformação, acreditar que não importava quantas formas ela se forcesse, permanecia, indelevelmente, Tessa Gray. Se essa fé foi deslocada, então como ela poderia se arriscar a mudar novamente? — Foi algo sobre a arma?

Não foi a arma que causou isso. A causa está em você.

— Você tem certeza de que vai fazer isso? — Jem perguntou quando ele e Tessa se aproximaram do Mercado das Sombras de Los Angeles.

— Pela centésima vez, sim. — Ela girou em uma pirueta muito anti-Tessa, e Jem sorriu, fazendo o seu melhor para disfarçar sua preocupação. O Irmão Enoch lhe atestara a saúde, mas ela estava se esforçando demais para parecer que tudo estava bem. E quanto mais ela tentava, mais Jem suspeitava que não estava.

Ele confiava em Tessa, até os confins da Terra. Se houvesse algo errado, ela diria quando estivesse pronta. Enquanto isso, ele se preocuparia.

— Já perdemos tempo suficiente — disse Tessa. — Rosemary está contando conosco para encontrar seu filho.

Acontece que Jem estava certo em dizer que havia algo estranho no que o barman disse à Tessa sobre como encontrar o pai de Christopher Herondale, o homem que uma vez foi conhecido como Jack Crow.

Ele é exatamente o mesmo pássaro que costumava ser, apenas mudou um pouco o look.

— É um enigma — explicou Tessa, uma vez que ela sacudiu a neblina de seus sonhos febris. — E nem mesmo um particularmente bom. O nome de um pássaro... mudou um pouco o look.

— Um rook, gralha em inglês — Jem percebeu rapidamente. Isso lhes dava, pelo menos, uma pergunta a fazer; e, dada a propensão de Jack Crow para os sombrios habitantes do Submundo e pequenos crimes, o Mercado das Sombras de Los Angeles parecia o lugar óbvio para perguntar. Mesmo no meio da noite e a quilômetros da costa, o Mercado cheirava a sol e mar. Estava lotado naquela noite, com bruxas bronzeadas vendendo pulseiras de cânhamo encantadas, lobisomens vendendo equipamentos de montanhismo de ferro forjado que prendiam armas a carros de luxo, e estandes de sucos artesanais, orgânicos, que pareciam ter uma combinação de antigas poções místicas e banana.

— Garantimos que aumenta os músculos, masculinidade e magnetismo pessoal em 200%? — Tessa leu com ceticismo enquanto passava por um vendedor de sucos feiticeiro.

— Também uma excelente fonte de vitamina C — observou Jem, rindo.

Ambos estavam tentando tanto parecer normal.

Não demorou muito para encontrar alguém que tivesse ouvido falar de um pequeno criminoso com o nome de Rook.

— Estão procurando por Johnny Rook? — perguntou um lobisomem grisalho, depois cuspiu no chão. Rook aparentemente tinha seu próprio estande no mercado, mas não tinha sido visto naquela noite. — Digam a ele que Cassius diz olá, e que se ele tentar me enganar novamente, eu vou arrancar seu rosto com meus dentes.

— Nós faremos isso — disse Tessa.

Eles tiveram uma resposta semelhante de todos com quem falaram — Johnny Rook, aparentemente, havia aberto uma onda de má vontade por toda a comunidade do Submundo de Los Angeles.

— É incrível que ele ainda tenha um rosto para ser arrancado — observou Tessa, depois que uma jovem e bonita bruxa explicou detalhadamente a maneira como ela iria desfigurá-lo se alguma vez conseguisse sua tão esperada chance.

— Ele não é muito bom nessa coisa de se ocultar, não é? — comentou Jem.

— Eu não acho que ele queira ser muito bom — disse Tessa, com o olhar distante que às vezes ela ficava quando ouvia a voz interior de outra pessoa. — Depois de todo esse tempo, todas as identidades, ele volta para casa, faz um nome para si mesmo no Mercado das Sombras; um nome dolorosamente próximo do que Rosemary conhecia por ele? Ele queria que ela viesse encontrá-lo.

— Ela voltou para Los Angeles também. Talvez quisesse a mesma coisa.

Tessa suspirou, e nenhum deles disse o óbvio, que se eles apenas se amassem um pouco menos, Rosemary ainda poderia estar viva, e seu filho poderia ter uma melhor chance de permanecer assim.

Eles vagavam pelo Mercado; ninguém sabia onde encontrar Johnny Rook naquela noite, e a maioria parecia encantada com a perspectiva de que ele pudesse ter desaparecido para sempre. Tessa e Jem ouviram sobre a má atitude de Johnny, más práticas de negócios, acobertamentos ruins, mau hábito fornecer informações a quem quer que pedisse, inclusive – o vampiro que se queixava tinha parado para lançar um olhar assassino para Jem – Caçadores de Sombras imundos. Até que finalmente, quando o sol estava nascendo e os últimos vendedores estavam partindo, eles ouviram algo que eles poderiam usar: um endereço.

Mais uma vez, o tráfego estava terrível. Tessa e Jem finalmente chegaram ao bairro certo, apenas para se encontrar circulando pelas ruas sombrias por um período de tempo alarmantemente longo, incapazes de localizar a casa de Rook. Tessa eventualmente percebeu que isso era devido a feitiços de confundir que rodeavam seu destino, a magia cintilando através de algumas últimas explosões de energia enquanto ela se desvanecia. Por que se desvanecendo? Tessa se perguntou com uma sensação de medo. Pelo menos com a deterioração do feitiço significava que eles poderiam encontrar o marido e o filho de Rosemary.

Mas eles não eram os únicos a procurar. Eles chegaram, novamente, tarde demais. A casa era uma ruína de sangue e icor, demônios Mantid causando destruição sangrenta em batalha desesperada com – os olhos de Tessa se arregalaram – Emma Carstairs?

Não havia tempo para fazer perguntas, não com os demônios insetoides enxameando furiosamente em busca de presas de sangue quente. Os Cavaleiros de Mannan nunca teriam enviado demônios para fazer esse trabalho, mas depois do que Tessa tinha aprendido sobre Rook, ela supôs que não fosse surpresa que ele tivesse mais do que um inimigo para se preocupar.

Embora talvez suas preocupações estivessem no fim: o corpo arruinado deitado em uma poça de sangue era certamente de Johnny Rook. Enquanto entrava em ação, cortando uma pata dianteira afiada, espetando uma órbita saliente, ela dispensou um momento de tristeza por Rosemary, que morrera tão desesperadamente na esperança de que seu marido vivesse.

Mas nem tudo estava perdido. Porque lá, milagrosamente vivo apesar do enxame de Mantids, estava o tesouro que Rosemary havia sacrificado para proteger: seu filho. Enquanto Emma e Jem travavam uma batalha feroz contra os demônios restantes, Tessa se aproximou do

menino. Ela pensou que o teria reconhecido em qualquer lugar; não apenas das memórias de Rosemary de seu filho quando criança, mas das memórias de Tessa sobre seus filhos e netos, suas memórias de Will. A determinação em seus olhos azuis, a maneira feroz e graciosa como ele se mantinha diante do perigo; não havia dúvida, este era um Herondale.

Ela se apresentou. Ele não disse nada. Ele era tão jovem e se esforçava tanto para parecer corajoso. Ela honrou esse esforço, falando com ele como homem, em vez de uma criança que precisava de seus cuidados.

— Levante-se, Christopher.

Ele não se moveu, seu olhar se desviando para o corpo; rapidamente se afastando dele. O jeans do menino estava coberto de sangue, Tessa se perguntou se pertencia ao pai dele.

— Meu pai, ele... — Sua voz tremeu.

— Você deve se lamentar mais tarde — Tessa disse a ele. Ele era pelo sangue, se não por treinamento, um guerreiro. Ela conhecia sua força melhor do que ele próprio. — Agora você está em grande perigo. Mais dessas coisas podem vir e coisas piores também.

— Você é uma Caçadora de Sombras?

Ela se encolheu com desgosto em sua voz.

— Eu não sou — disse ela. — Mas... — Rosemary tentou tanto esconder isso dele. Tinha sacrificado tudo para que ele pudesse viver na ignorância das trevas que o rodeavam. Essa vida estava acabada agora, essa mentira estava morta, e Tessa seria a única a lidar com isso, o último golpe fatal. — Mas você é.

Os olhos do garoto se arregalaram. Ela estendeu a mão.

— Venha agora. De pé, Christopher Herondale. Nós estamos procurando por você há muito tempo.

Jem olhou para uma paisagem perfeita; cristas brancas em um mar ensolarado, os picos das paliçadas cutucando um céu azul de conto de fadas, e ao lado dele, Tessa Gray, o amor de suas muitas vidas; e tentou descobrir porque se sentia tão desconfortável. Christopher Herondale, ou Kit, como ele preferia ser chamado, estava em segurança sob a proteção do Instituto de Los Angeles. Jem e Tessa não tinham falhado com Rosemary, não inteiramente; eles a perderam, mas salvaram seu filho. Devolveram um Herondale perdido para o mundo dos Caçadores de Sombras, onde, esperançosamente, ele encontraria um novo lar. Ele e Tessa logo se separariam; ela havia sido convocada para o Labirinto Espiral para investigar alguns relatos preocupantes de doença na comunidade de feiticeiros, enquanto Jem ia em busca do corpo de Malcolm Fade e do Volume Negro dos Mortos. Ele tinha a sensação de que o que Fade começara aqui em Los Angeles apenas o início de um perigo maior. Todos esses eram motivos amplos para se sentir desconfortável, mas não era isso.

Era Tessa, que ainda estava se mantendo em algum lugar longe dele, como se houvesse algo que ela não pudesse suportar que ele soubesse.

— Este lugar — disse Tessa, parecendo perturbada. Jem colocou um braço em volta dos ombros dela, segurando-a perto. Estes pareciam momentos roubados, antes de se voltarem para suas respectivas missões. Ele respirou tentando memorizar a sensação dela, já se preparando para sua ausência. — Há algo tão familiar sobre isso.

— Mas você nunca esteve aqui antes? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Não é... é mais parecido com algo que vi em um sonho.

— Eu estava lá com você?

O sorriso de Tessa tinha um traço inconfundível de tristeza.

— Você está sempre em meus sonhos.

— O que há de errado? — disse Jem. — É Rosemary? Não posso deixar de sentir que a morte dela está nos meus ombros.

— Não! — Tessa insistiu. — Fizemos tudo que podíamos por ela. Ainda estamos fazendo tudo que podemos; Kit está seguro, no momento, e esperamos que os Cavaleiros de Mannan ainda não tenham ideia de que ele existe. Talvez a Corte Unseelie considere seu trabalho feito.

— Talvez, — disse Jem, em dúvida. Ambos sabiam que era improvável que terminasse aqui, mas pelo menos compraram algum tempo a Kit. — Eu gostaria que pudéssemos fazer mais por ele. Nenhuma criança deveria ver seu pai assassinado.

Tessa pegou a mão dele. Ela sabia exatamente o que Jem estava pensando; não apenas em todos os órfãos espalhados pelo mundo dos Caçadores de Sombras que tinham visto seus pais serem mortos na Guerra Maligna, mas em seus próprios pais, torturados e mortos diante de seus olhos. Jem não havia contado a ninguém além de Tessa e Will todo o horror que suportou nas mãos daquele demônio, e contar a história uma vez foi quase mais do que ele poderia aguentar.

— Ele está em boas mãos, — assegurou Tessa. — Ele tem uma Carstairs ao seu lado. Emma vai ajudá-lo a encontrar uma nova família, como fizemos com Charlotte, Henry e Will.

— E um ao outro — disse Jem.

— E um ao outro.

— Não será um substituto para o que ele perdeu, no entanto.

— Não. Você nunca pode substituir o que perdeu, não é? — disse Tessa. — Só pode encontrar um novo amor para preencher o vazio deixado para trás.

Como sempre, a memória de Will estava entre eles, sua ausência era uma presença.

— Nós dois aprendemos essa lição muito jovens — disse Jem, — mas acho que todos aprendem isso eventualmente. Perda é o que significa ser humano.

Tessa começou a dizer alguma coisa e depois começou a chorar. Jem passou os braços em volta dela, segurando-a com força contra os soluços fortes. Alisou seu cabelo, esfregou suas costas, esperou a tempestade passar. A dor era a dor dele, mesmo quando ele não entendia a fonte.

— Eu estou aqui — ele sussurrou. — Estou com você.

Tessa respirou profundamente, depois encontrou seu olhar.

— O que foi? — ele perguntou. — Você pode me dizer qualquer coisa.

— É... é você. — Ela tocou seu rosto, gentilmente. — Você está comigo agora, mas não estará sempre. Isso é o que significa ser humano, como você disse. Eventualmente eu vou te perder. Porque você é mortal, e eu sou... eu.

— Tessa... — Não havia palavras para dizer o que ele precisava dizer, que seu amor por ela se estendia além do tempo, além da morte, que ele passara muito tempo nos últimos dias imaginando seu próprio mundo sem ela, que mesmo a uma perda inimaginável era possível sobreviver, que se amariam o máximo que pudessem — então, em vez disso, ele a abraçou com força, deixou que ela sentisse seus braços firmes e seguros em volta dela, evidência física: Eu estou aqui.

— Por que agora? — ele perguntou gentilmente. — É algo que o Irmão Enoch falou?

— Talvez eu não tenha percebido o quanto me desliguei da humanidade todos esses anos no Labirinto Espiral — ela admitiu. — Você lutou na guerra, viu tanta violência, tanta morte, mas eu estava me escondendo...

— Você estava lutando — Jem a corrigiu. — Da sua maneira que era tão essencial quanto a minha.

— Eu estava lutando. Mas também estava me escondendo. Eu não queria estar totalmente no mundo até que você pudesse estar lá também. E agora, suponho, estou acordando para ser totalmente humana novamente. O que é assustador, especialmente agora.

— Tessa, por que agora? — ele perguntou novamente, o alarme crescendo. O que o Irmão Enoch disse a ela para puxá-la para essa espiral de pânico?

Tessa pegou a mão dele e apertou-a contra a barriga.

— A razão pela qual eu tive tantos problemas na Transformação, para voltar a mim mesma, é que eu não sou apenas eu mesma agora.

— Você quer dizer...? — ele estava quase com medo de ter esperança.

— Eu estou grávida.

— Sério? — Ele se sentiu como um fio vivo, a ideia disso, um bebê, acendendo suas sinapses em chamas. Ele nunca se permitira esperar por isso, porque sabia melhor do que ninguém quão difícil tinha sido para Tessa assistir seus filhos envelhecerem quando ela não envelhecia. Ela fora uma mãe maravilhosa, amara ser mãe, mas sabia o que lhe custara. Ele assumiu que ela nunca iria querer suportar aquilo novamente.

— Sério. Fraldas, carrinhos de bebê, encontros com Magnus e Alec, assumindo que podemos persuadir Magnus a esperar alguns anos antes de começar a treinar nosso filho para explodir tudo e todas as coisas. Então... O que você acha?

Jem sentiu como se seu coração fosse explodir.

— Eu estou feliz. Estou... feliz não começa nem a descrever o que sinto. Mas você... — Ele examinou a expressão dela cuidadosamente. Ele conhecia o rosto dela melhor do que o próprio, podia lê-lo com um dos livros amados de Tessa, e ele o leu agora: terror, saudade, tristeza e, acima de tudo, alegria. — Você está feliz também?

— Eu não pensei que poderia me sentir assim de novo — disse Tessa. — Houve uma época em que pensei que não havia mais alegria para mim. E agora... — Seu sorriso brilhava como o sol. — Por que você parece tão surpreso?

Ele não sabia como dizê-lo sem machucá-la, tornando a dor novamente, lembrando-a de sua perda; mas é claro, ela podia ler o rosto dele tão bem quanto ele podia ler o dela.

— Sim. Eu posso perdê-los um dia. Como eu vou te perder. Eu não suporto pensar nisso.

— Tessa... Mas nós suportamos tanto que parece impensável. O único fardo verdadeiramente insuportável é viver sem amor. Você me ensinou isso. — Ela entrelaçou os dedos nos dele, apertou-a com força. Ela era tão inimaginavelmente forte. — Você e Will.

Jem segurou o rosto dela com as mãos, sentiu a pele quente contra as palmas das mãos e sentiu-se novamente agradecido pela vida que lhe havia sido devolvida.

— Estamos tendo um filho?

Os olhos de Tessa brilharam. As lágrimas tinham parado e, no rastro delas, havia uma determinação. Jem sabia o que custou a ela perder Will, então perder a família que ela construiu com ele. Jem havia perdido um pedaço de si mesmo quando seu parabatai morreu; Will havia deixado para trás um vazio que nada poderia preencher. Todos esses anos depois, ainda havia dor. Mas a dor era evidência de amor, era um lembrete de Will.

Era mais fácil não sentir. Era mais seguro não amar. Era possível tornar-se silencioso e ainda como pedra, isolar-se do mundo e de suas perdas, esvaziar o coração de alguém. Era possível, mas não era humano.

Não valia a pena perder a chance de amar. Ele havia aprendido isso na Irmandade do Silêncio e, antes disso, com Tessa. E antes disso, claro, com Will.

Os dois haviam tentado tanto se esconder da dor da perda futura, ficar solitários, a salvo dos perigos da conexão. Eles falharam tão lindamente.

— Estamos tendo um filho — Tessa repetiu. — Espero que você esteja pronto para desistir do sono por alguns anos.

— Felizmente eu tenho muita prática nisso — ele lembrou. — Menos quando se trata de fraldas.

— Ouvi dizer que elas melhoraram muito desde a última vez que precisei delas — comentou Tessa. — Teremos que descobrir juntos. Tudo isso.

— Você tem certeza? Quer trazer tudo isso para si mais uma vez?

Ela sorriu como a Madonna de Raphael.

— As fraldas, as noites sem dormir, o choro sem fim, o amor que você nunca imaginou ser possível, como se seu coração estivesse vivendo do lado de fora do seu corpo? O caos e o medo e o orgulho e a chance de colocar alguém na cama e ler para que durma? Fazer tudo isso com você? Eu não poderia ter mais certeza.

Ele a tomou em seus braços, imaginando a vida crescendo dentro dela e o futuro que eles teriam juntos, uma família, mais amor para preencher as ausências deixadas por aqueles que perderam, mais amor do que qualquer um deles jamais imaginou ainda ser possível.

O futuro era tão precário, sombreado por um perigo iminente não totalmente compreendido, e Jem se perguntou em que tipo de mundo seu filho nasceria. Ele pensou em todo o sangue que havia sido derramado nos últimos anos, o crescente sentimento entre os Caçadores de Sombras que ele conhecia de que algo sombrio estava surgindo, que essa Paz Fria após a guerra poderia ser apenas a calmaria no olho do furacão, aqueles momentos silenciosos e parados em que era possível iludir-se imaginando que o pior passou.

Ele e Tessa estavam vivos há muito tempo para se iludirem, e ele pensou sobre o que poderia acontecer com uma criança nascida no olho de uma tempestade dessas. Ele pensou em Tessa, sua recusa em deixar perda após perda endurecê-la contra o amor, sua recusa em se esconder da brutalidade do mundo mortal, sua determinação em lutar, aguentar firme.

Ela também era uma criança nascida de tempestades, ele pensou, assim como ele, assim como Will.

Todos os três se ergueram com paixão através de suas lutas para encontrar a felicidade; e sem luta, a felicidade teria sido tão grande?

Ele fechou os olhos e deu um beijo no cabelo de Tessa. Atrás de suas pálpebras, ele não viu a escuridão, mas a luz de uma manhã londrina e Will ali, sorrindo para ele. Uma nova alma feita de você e Tessa, disse Will. Mal posso esperar para conhecer tal perfeição.

— Você o vê também? — Tessa sussurrou.

— Eu o vejo — disse Jem, e a abraçou ainda mais firmemente, a nova vida que eles tinham criado juntos entre eles.

